

Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Sociais  
Departamento de Antropologia  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

**“Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”: etnografia de  
uma confluência entre a transdisciplinaridade e as águas**

Lucas Alves Amaral

Brasília

2012

Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Sociais  
Departamento de Antropologia  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

**“Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”: etnografia de uma  
confluência entre a transdisciplinaridade e as águas**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme José da Silva e Sá.

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Carla Costa Teixeira – DAN-UnB

---

Profa. Dra. Vera Catalão Lessa – FE - UnB

## SUMÁRIO

<b>Agradecimentos</b> .....	6
<b>Resumo</b> .....	7
<b>Abstract</b> .....	8
<b>Introdução</b> .....	9
<b>Capítulo 1: Uma nova cultura da água na corrente de um novo paradigma</b> .....	23
<b>1.1: O resgate da água</b> .....	28
<b>Capítulo 2: Um encontro divisor de águas</b> .....	41
<b>Capítulo 3: Água, elemento matriz (Estado sólido)</b> .....	56
<b>3.1: As imagens hidrológicas do passado, do presente e do futuro</b> .....	56
<b>3.2: “De onde veio e para onde vai o CET-Água?” ou “Confluências”</b> .....	63
<b>3.3: A política epistemológica da “trandisciplinaridade das águas”</b> .....	77
<b>Capítulo 4: Água, elemento motriz (Estado líquido)</b> .....	91
<b>4.1: “Água mole em pedra dura”</b> ... ..	96
<b>4.2: Circularidades das Águas</b> .....	105
<b>4.3: ... “Tanto bate até que fura”</b> .....	114
<b>4.4: Fim de ciclo: retomando as circularidades</b> .....	120
<b>Capítulo 5: Água, elemento nutriz (Estado gasoso)</b> .....	126
<b>5.1: Vibrações nas águas e “águas que curam”:</b> saberes quânticos complexificando o elemento água .....	128
<b>5.2: Espiritualidade e Multidimensionalidade</b> .....	147
<b>5.2.1: Multidimensionalidade da realidade e complexidade da água</b> .....	148

<b>5.2.2: “Espiritualidade das águas”</b> .....	158
<b>Considerações Finais</b> .....	164
<b>Referências</b> .....	176

Talvez seja a forma pedagógica da água trabalhar. Não é? A água ela trabalha quanto tempo para fazer um canal? E mais outro quanto tempo para fazer uma montanha? É muito tempo, não é?! E essa é a “água mole em pedra dura” - tem um ditado popular - que “tanto bate até que fura”. Eu acho que também a gente não poderia ter outra metodologia para ser coerente com o elemento. Porque não é um Centro de Estudos Transdisciplinares. É um Centro de Estudos Transdisciplinares [ênfase] da Água! (Vera Catalão)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço às águas com reverência. Agradeço a todos os interlocutores do Centro de Estudos Transdisciplinares da Água (CET-Água) e demais interlocutores do trabalho de campo por sua disponibilidade, abertura e cuidado para comigo e para com a pesquisa. Agradeço, também, aos professores e servidores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (UnB), e à UnB, pela estrutura, suporte e pelo ensino de qualidade. Agradeço ao CNPq pelo fomento durante a realização do mestrado. Agradeço ao professor Guilherme José da Silva e Sá pela sua habilidade na orientação desta dissertação, ensinando-me sobre autonomia e apontando-me bons caminhos. Agradeço às professoras Carla Costa Teixeira e Vera Catalão Lessa por seu apoio e contribuições na banca de apresentação desta dissertação. Agradeço à Rosana pelo apoio, pela ajuda nas traduções e na construção de algumas imagens. Agradeço à minha família, aos meus amigos em geral e ao Prem Baba, sem os quais, a gotinha que sou não poderia fluir rumo ao oceano.

## RESUMO

Este texto discute como o Centro de Estudos Transdisciplinares da Água (CET-Água), coletivo formado por instituições públicas e organizações da sociedade civil, situado em Brasília (Distrito Federal), formula e pratica sua política em prol da construção de uma “nova cultura da água”, que chamei de “política epistemológica” da “transdisciplinaridade das águas”. A missão do Centro é construir e divulgar uma ótica ampliada de cuidado dos humanos para com as águas através da percepção mais profunda de que esse cuidado é um auto-cuidado. Para o coletivo a atual “crise da água” é, principalmente, uma crise de valores. A política do CET-Água se dá, principalmente, através do encontro de saberes inspirado pela transdisciplinaridade, epistemologia que visa construir uma percepção que “vá além” da soma de vários saberes reunidos. Esta etnografia configurou-se como um estudo de caso do coletivo, descrevendo e problematizando suas dinâmicas e ações. Estão presentes no Centro as áreas (vetores) da Cultura, Gestão, Saúde, Educação e Ecologia, bem como a Ética e Espiritualidade como âmbitos transversais aos demais. Adentrei neste texto mais especificamente nos vetores Educação e Saúde ao descrever a organização do “1º Seminário Internacional Água e Transdisciplinaridade: Para uma Ecologia de Saberes” (1º SIAT), que ocorreu em Novembro de 2011 na cidade de Brasília, bem como destrinchando questões inerentes ao grupo, tais como a “linguagem hidrológica” acionada por ele, as idéias de circularidade e integralidade do aprendizado, o princípio da multidimensionalidade da realidade e as hipóteses sobre a água como portadora de memória vibracional e suas derivações. A “linguagem hidrológica” é um linguajar que se tornou comum entre os pares do coletivo, construindo identidades e reconhecimentos recíprocos. Demonstro como as metáforas “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura” e “a água é a senhora das brechas”, entre outras, tornaram-se uma metodologia de ação do coletivo durante o nosso contato. A dissertação reflete sobre a implicação do antropólogo em seu trabalho de campo e aborda a “transdisciplinaridade das águas” partindo, ela mesma, de uma postura transdisciplinar, apontando, assim, caminhos epistemológicos frutíferos sobre a metodologia de pesquisa antropológica e uma reflexão sobre a relação entre águas e humanos e entre natureza e cultura.

Palavras-chave: Água, transdisciplinaridade, transdisciplinaridade das águas, nova cultura da água, Centro de Estudos Transdisciplinares da Água (CET-Água)

## ABSTRACT

This text discusses in which way the Center for Transdisciplinary Studies of Water (CET-Water), collective formed by public institutions and civil society organizations, located in Brasilia, formulates and implements its policy in favor of building a "new culture of water", which I called "epistemological politics" of "transdisciplinarity waters". The Center's mission is to build and promote an expanded perspective of human beings to take care of water through the deeper sense that this care is a self-care. For the group the current "water crisis" is mainly a "crisis of values". The principles of the CET-Water occur mainly through the gathering of knowledge inspired by transdisciplinarity: epistemology that aims to build a perception that "go beyond" the sum of various knowledge gathered. This ethnography was configured as a case study of the Center, describing and questioning their actions and dynamics. It is part of the center's some areas: Culture, Management, Health, Education and Ecology. Ethics and Spirituality are areas that cross the other ones. The focus of this paper is the areas of Health and Education throughout describing the organization of the "1st International Seminar on Water and Transdisciplinarity: Towards an Ecology of Knowledge" (SIAT 1), which occurred in November 2011 in Brasilia. It also analyzes issues related to the group, such as: the "hydrologic language" used by its members; the ideas of roundness and completeness of learning; the principle of multidimensionality of reality; and the assumptions that water carries vibrational memory and their derivations. The "language hydrological" is a language that has become common among peers, building identities and mutual recognition. The paper presents some popular sayings about water that became a method for collective action during our contact. The paper reflects the implication of the anthropologist in his field work and discusses the "transdisciplinarity water" from a transdisciplinary approach, pointing thus fruitful epistemological paths on the methodology of anthropological research. The text also reflects the relationship between water and human being and between nature and culture.

**Key-Words:** Water, Transdisciplinarity, transdisciplinarity waters, new culture of water, Center for Transdisciplinary Studies of Water (CET-Water).

## INTRODUÇÃO

Uma nova ética pressupõe uma nova ótica (Dalai Lama).

No ano de 2009 no Distrito Federal (DF) foi construído, por vias obscuras, e sobre pressão contrária da sociedade civil ambientalista local, o novo Plano Diretor de Ordenamento Territorial (PDOT) do território distrital. À época eu estudava a seguinte questão: “Quem é a sociedade civil ambientalista do DF preocupada na defesa das águas?”. E mais: “Como a sociedade civil ambientalista do DF interage entre si e se agrega em ações coletivas em defesa das águas?” Preocupa-me, desde então, o panorama futuro das águas desse território e, também, questiono-me sobre como diferentes grupos, organizações e pessoas interagem entre si em sua atuação política em defesa das águas.

Naquele contexto, um fato que me chamou a atenção - e também a de muitas outras pessoas -, era a regularização e destinação de territórios com alto potencial hídrico – entre esses, belas paisagens naturais - para ocupação urbana. Com aquele delineamento do documento uma série de áreas seriam impermeabilizadas, lençóis freáticos poluídos, áreas de proteção ambiental (APAs) estariam desprotegidas e, assim, destruídas em nome de uma política de ocupação territorial que visa à expansão. De fato, muitas áreas assim já o foram, vide o caso emblemático da construção do Setor Noroeste em Brasília, projeto que carrega o nome de “eco-vila sustentável”, mas que objetivamente se apresenta como um condomínio de alto luxo<sup>1</sup>.

Durante aquela pesquisa, eu observei no discurso de educadores ambientais e ativistas ambientalistas diversos que exemplos como o citado acima não faltam ao redor do mundo; ao contrário, de acordo com um paradigma hegemônico que muitos no universo ambientalista dão o nome de “utilitário” ou “instrumental” (EVANS, 2002), eles são o comportamento padrão atual para com o território urbano no Ocidente e, conseqüentemente, para com a gestão das águas. Os termos “utilitário” e “instrumental” indicam que as ações humanas de poluição, de excesso de uso e abuso, para irrigação, saneamento, lazer, transporte, bem como ações destrutivas para

---

<sup>1</sup> Uma boa crítica ao projeto é apresentada no documentário “Sagrada Terra Especulada: A luta contra o Setor Noroeste”, produção do Centro de Mídia Independente do Distrito Federal, Brasília.

construção de projetos com vistas ao crescimento econômico se baseiam numa visão de que a água é um “recurso” abundante para o uso humano. Falo aqui, principalmente, da água doce no mundo; 2,5% de toda a água do Planeta Terra; esta que, como aponta o excerto abaixo, pode se tornar um recurso escasso para mais de dois bilhões de pessoas em 2020, segundo estimativas das Organizações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

A água é o elemento mais abundante sobre a Terra. Seu volume compreende 1 bilhão e 350 milhões de km<sup>3</sup>, totalizando quase três quartos do Planeta. Esta aparente abundância nos faz esquecer que a reserva total de água doce representa somente 2,5% deste estoque. Entretanto, a quantidade reduzida de água doce não é o único problema: as poluições químicas, físicas e biológicas somadas às perdas e ao desperdício constituem atualmente uma verdadeira ameaça para a vida planetária. No final do século XX, segundo dados da UNESCO, 1,4 bilhões de pessoas não tinham acesso à água potável, estima-se que em 2020, este número pode dobrar. (...) Não podemos apostar na abundância e urge buscar estratégias sustentáveis para os diversos usos de recursos hídricos e investir em pesquisa capaz de gerar novos conhecimentos e tecnologias e nos processos educativos que favoreçam e estimulem a transformação de atitudes e hábitos e a emergência de valores favoráveis à conservação ambiental (Catalão; 2006: 15).

Segundo vários relatórios, estudos e a análise de pesquisadores que estudam as questões sócio-ambientais, o Planeta vive atualmente o que se pode chamar de “crise da água” (Boff, 2003; Avaliação Ecológica do Milênio/Millennium Ecosystem Assessment, 2005; Relatório Planeta Vivo, 2010; Agudo, 2010; Ribeiro, 2010)<sup>2</sup>. A “crise” circula relatórios e análises diversas, campanhas ambientalistas, *slogans* políticos, atividades de redes, grupos e é tema de estudo de diferentes áreas do saber. Alguns atores econômicos e políticos respondem a essas chamadas: “em breve teremos tecnologia suficiente para dessalinizar as águas do mar, não há com o que se preocupar”. No Brasil, por exemplo, muito se escuta e as atitudes de atores sociais

---

<sup>2</sup> É importante não sermos leitores passivos destes documentos oficiais, como bem me lembrou a antropóloga Carla Costa Teixeira na banca de apresentação desta dissertação. Os documentos oficiais trazem dados de realidade para agir no mundo. Todas as referências que aqui utilizo me foram passadas por meus interlocutores e como estou buscando descrever a sua visão sobre o assunto eu as utilizo sem produzir uma reflexão sobre elas. No entanto, podemos perguntar ao próprio CET-Água e a nós mesmos: “É isto mesmo?” “Vivemos mesmo num contexto de “crise d’água”, tal como apontam os relatórios e a opinião dos intelectuais citados?” A minha resposta é que “sim”, apoiando-me, no entanto, no argumento nativo de que a crise da água toma dimensões qualitativas tão sérias quanto as quantitativas. Trata-se de uma crise de valores, fruto da hidroalienação da Cultura hegemônica na relação entre águas e humanos, como veremos adiante. Outra questão que fica no ar é: “o que querem estes relatórios oficiais produzir no mundo?” Talvez eles queiram mesmo construir a idéia de uma “crise” para que sejam destinados financiamentos e empregos relativos à área da conservação das águas, objetivos muito menos altruístas que um olhar raso à primeira vista dos mesmos pode perceber. Vale a atenção aos interesses em jogo e uma leitura crítica dos mesmos.

diversos falam por si o seguinte: “o Brasil é o país que mais tem água no mundo. Não precisamos nos preocupar com escassez”; falácia que somente agrava a “crise”.

Para além do fato objetivo dos problemas de distribuição e escassez, frutos do modelo econômico hegemônico, uma outra variável da “crise” vem sendo agendada e discutida por algumas organizações e instituições, tais como a “Fundación Nueva Cultura del Agua”, sediada na Espanha e o Centro de Estudos Transdisciplinares da Água (CET - Água), localizados no Brasil<sup>3</sup>: a chamada “crise de valores” subjacente ao fenômeno. Essas instituições alegam que são os valores que estruturam a crise da água e propõem a construção de uma “nova cultura da água”<sup>4</sup>, o que para eles significa uma nova ótica e uma nova ética na relação entre humanos e o bem comum<sup>5</sup>.

Neste contexto [de crise], muito além de fomentar mudanças políticas, institucionais e melhorias tecnológicas, requer-se um novo enfoque ético, baseado em princípios de sustentabilidade, equidade e não-violência. Encontramos-nos, portanto, diante da necessidade de promover uma “Nova Cultura da Água”, que recupere, partindo da modernidade, a velha sabedoria das culturas ancestrais baseadas na prudência e no respeito à natureza<sup>6</sup> (Agudo, 2010: 04, tradução do autor).

---

<sup>3</sup> Vera Catalão na banca de apresentação desta dissertação me lembrou o fato de que além do CET-Água e a Fundación Nueva Cultura del Agua, outras experiências que conjugam água e transdisciplinaridade e que se enfocam na crise de valores na relação entre humanos e águas estão sendo levadas à cabo no Brasil e no mundo, cada qual com focos e características diferentes. Um importante exemplo a ser lembrado aqui é o programa “Cultivando Água Boa”, realizado pela Itaipu Binacional (ver em <http://www.cultivandoaguaboa.com.br/>). Vale à pena checar a dissertação de Ribeiro (2012), “Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade na Mudança do Paradigma Instrumental do Uso da Água”, defendida no Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB; trabalho que analisa três casos que vinculam água e transdisciplinaridade, entre os casos está o CET-Água.

<sup>4</sup> A missão do Centro de Estudos Transdisciplinares da Água (<http://cetaqua.org/>) dentro desta proposta de construção de uma nova cultura da água é “contribuir para a construção de um olhar transdisciplinar sobre a água em favor da vida e da evolução da consciência humana” (Relatório de Atividades CET-ÁGUA, 2012), proposta diferente e complementar a missão da Fundación Nueva Cultura del Agua ([www.unizar.es/fnca](http://www.unizar.es/fnca)), que aborda mais especificamente o âmbito da visibilidade dos atores excluídos em situações de conflito e escassez ligados à água com foco na gestão da água e na sua garantia como direito humano universal gratuito para todo ser humano.

<sup>5</sup> Ao longo do texto usarei as seguintes palavras como sinônimas a “água”: elemento, bem, bem comum e recurso; termos usados pelos interlocutores da pesquisa.

<sup>6</sup> “En este contexto [de “crise”], más allá de impulsar cambios político institucionales y mejoras tecnológicas, se requiere un nuevo enfoque ético, basado en principios de sostenibilidad, equidad y no-violencia. Nos encontramos, pues, ante la necesidad de promover una ‘Nueva Cultura del Agua’ que recupere, desde la modernidad, la vieja sabiduría de las culturas ancestrales basadas en la prudencia y en el respeto a la naturaleza”. Observação: O professor Pedro Arrojo Agudo foi o palestrante principal da mesa de abertura do 1º Seminário Internacional Água e Transdisciplinaridade: Para uma Ecologia de Saberes (1º SIAT), que ocorreu em Novembro de 2011 em Brasília e foi organizado pelo Centro de Estudos Transdisciplinares da Água. Discuto o Seminário em seus pormenores no Capítulo 4.

No recorte dado por tais instituições uma das principais facetas desta crise de valores é o declínio do “valor espiritual” das águas. O valor espiritual diz respeito a esta “velha sabedoria das culturas ancestrais baseada na prudência e no respeito à natureza” de que nos fala Agudo (2010) no excerto acima. Mas, como demonstram e afirmam muitos participantes do CET-Água, diz respeito, também, à relação harmoniosa entre humanos e a natureza, que é vista como matriz da vida e à qual o ser humano pode ligar-se emocionalmente e energeticamente de forma profunda adentrando tanto sua interioridade quanto o campo do mistério, ou seja, aquela zona fenomenológica, a qual os saberes instituídos não são capazes de explicar objetivamente. O espiritual, enfim, chama-nos a atenção para o resgate da noção de *religere*, que origina a palavra religião e perdeu seu sentido original, que é o de “religar-se com a fonte da vida”, “sentir-se integrado ao meio circundante”.

Para o CET-Água, desde o advento da modernidade, a água foi restringida a um mero “recurso instrumental”. No entanto, de uma forma geral, a água simboliza para muitas sociedades e culturas um bem de alto valor para além do uso estrito. Isso se reflete, por exemplo, na centralidade dada a seu uso ritual em momentos históricos e culturas diferentes no mundo todo (Eliade, 1949, 1963; 1977).

Um pré-requisito para um efetivo curso prático de ação é a redescoberta numa forma moderna da natureza espiritual esquecida desses elementos os quais sua natureza é fluir [refere-se à água e ao ar]<sup>7</sup> (Schwenk, [1962] 1996:10).

Segundo o Centro de Estudos Transdisciplinares da Água, além do valor espiritual, alega-se que ao enxergar a água apenas de uma perspectiva racionalista, essencializa-se a água. Perde-se, assim, o contato com outras dimensões importantes do elemento: a dimensão simbólico-poética (ou como aponta um interlocutor do campo, a “subjetividade da água”), a dimensão físico-quântica e energética – ou “sutil” -, a dimensão filosófica e a dimensão cultural. Fontes diversas da rede de relações do CET-Água afirmam: “algo mais” se encerra nas águas e está oculto da vida da maioria das pessoas que vivem sob a égide da Cultura hegemônica na relação atual entre humanos e águas.

---

<sup>7</sup> “A prerequisite for an effective practical course of action is the rediscovery in a modern form of the forgotten spiritual nature of those elements whose nature is to flow” (Schwenk, [1962] 1996:10).

O ser humano deve perceber a água não como um meio para alcançar as finalidades produtivas, mas por aquilo que a água é, o Ser que ela é, matéria, emoção e energia (Christofidis, 2006:110).

Um dos elementos que mais me chamou atenção na pesquisa entre ambientalistas do DF que realizei no ano de 2009 era sua “paixão pela causa”, de forma a articular suas trajetórias profissionais à sua prática militante (Amaral, 2009). Profissão unida à ação, unindo-se “o útil ao agradável”. “Algo mais” podia ser vislumbrado na relação que aquelas pessoas que se autodenominavam ambientalistas possuíam com a “natureza”<sup>8</sup>; algo mais que foi definido como um “pertencimento diferenciado”, uma “espiritualidade”, uma “integração”, uma “paixão”. Um fundamento que alguns costumam chamar de “espiritual” ou o que podemos entender como um “encantamento especial” estava presente atrás de sua opção de defesa política da natureza como fundamento que gera identidade pessoal e organizacional, reconhecimentos variados entre pares e ações coletivas, base para orientação profissional e base para construção da vida doméstica e lazeres (muitos de meus interlocutores optavam por morar em “casas no mato”, interessavam-se por permacultura, viajar nas férias para “lugares na natureza” e tinham uma preferência por “hábitos sustentáveis”, que vão desde o vegetarianismo até a separação de lixo, passando pela opção de comprar orgânicos e não utilizar o carro em determinadas situações).

---

<sup>8</sup> Latour (2004) chama-nos a atenção para o fato de que o termo “natureza” contemporaneamente não pode indicar os elementos em seu “estado puro”, ou seja, independentes de suas apropriações científicas e políticas – sociais e culturais. A reificação de sociedade-cultura *versus* natureza como elementos ontologicamente antitéticos é fruto de um processo de purificação epistemológica por parte da “Ciência moderna”, que, na verdade, oculta o fato de que os artefatos sociais e da natureza são “híbridos”; ou seja, natureza e cultura estão misturados em tais “objetos” ou fenômenos. Assim, o buraco na camada de ozônio, por exemplo, é um imbróglio entre observações astronômicas, saberes astrológicos diversos, publicações de cientistas, programas governamentais, mediações, além de toda a emissão de gás carbônico (CO<sub>2</sub>) para a atmosfera e os fenômenos gerais que produzem o buraco física e quimicamente. Os artefatos da natureza contemporaneamente não podem assim ser considerados componentes de uma totalidade una, integrada, pura, ou seja, que se separa daquilo que é criação e ação do humano, artificial, o que comumente chamamos “cultura”. A noção de natureza para indicar água, terra, fogo, ar, plantas, montanhas, rios, mares, bem como para indicar a idéia de uma interação mais harmoniosa, afetiva e sensível do humano para com os ambientes naturais, independente da antropologia das associações levantada por Latour, é, no entanto, um termo nativo poderoso e será utilizado ao longo do texto para expressar o que a teoria nativa de meus interlocutores de trabalho de campo entendem por “natureza”. Assim, a água o sujeito desta pesquisa e das preocupações de meus interlocutores é considerada como um elemento, em essência, próprio da dimensão da realidade físico-biológica, ou comumente chamada de natureza; embora suas características múltiplas e as várias interações onto-epistemológicas com os humanos faça das águas um elemento polissêmico, que é produzido não só na dimensão físico-biológica, mas também na dimensão cultural, na dimensão quântica e na dimensão espiritual, dimensão que não são contraditórias dentro da perspectiva transdisciplinar, como veremos adiante. Ao me munir aqui do termo “natureza”, portanto, não lhes apresento um mononaturalismo, um universo que lida com uma realidade de uma natureza e várias culturas, nem um naturo-centrismo, um universo que entende a realidade a partir da centralidade da natureza, recaindo em certo determinismo.

Considero o “algo mais” de meus interlocutores ambientalistas na pesquisa de 2009 uma questão “boa para pensar”, e tenho a hipótese de que se trata de um fenômeno mais geral no que diz respeito aos atores sociais envolvidos com a preservação da natureza. Planejei, assim, uma pesquisa a respeito de pessoas que “fazem política com as águas”<sup>9</sup>; o quê é a proposta inicial desta pesquisa: ir à procura deste “algo mais” na ação coletiva em defesa das águas no Distrito Federal. Seria a água “algo mais” que um recurso para algum grupo no contexto de uma sociedade complexa, capitalista e ocidental que faz política na defesa desse “recurso”? Se sim, para quem?

Fui buscar respostas para tais perguntas. Em 2010, fui atrás de grupos de defesa da natureza, que são vários e nem sempre somente são grupos que se definem como ambientalistas. Muitos lidam com educação ambiental, outros com ações mais diretas de preservação, outros buscam defender direitos difusos frente a instâncias políticas. Foi nesse contexto que encontrei o Centro de Estudos Transdisciplinares da Água (CET-Água), fruto de um acordo de cooperação técnica entre instituições públicas e organizações da sociedade civil (10 no total) provenientes de - e especializadas em - diferentes áreas disciplinares e âmbitos de atuação<sup>10</sup>. Informalmente, ao longo do processo de execução das ações estabelecidas no acordo, passaram, também, a fazer parte do Centro algumas pessoas não vinculadas a nenhuma instituição ou organização, pessoas intituidas, tal como alguns membros as chamam, de “INGs” (indivíduos não-governamentais) - categoria em que fui enquadrado algumas vezes conjuntamente com a categoria oficial de “pesquisador associado”. O Acordo durou dois anos e se organizou em torno de um Plano de Trabalho que apontava uma série de ações para o tempo de duração do acordo. O Centro articula-se nas áreas da educação, saúde, ecologia, gestão e cultura (chamo-as de vetores) dentro da lógica

---

<sup>9</sup> Faço alusão ao título da obra de Bruno Latour “Fazendo política com a natureza” (2004), na qual a natureza é entendida como sujeito político de direito, uma entidade híbrida com as coisas da cultura e da sociedade e não uma entidade fria, objetiva, advinda do mundo das coisas que não têm agência em suas relações com os humanos, habitantes do universo da cultura. A partir das experiências de campo observei que as águas, ao menos no universo etnográfico desta pesquisa, podem ser entendidas a partir proposta de Latour.

<sup>10</sup> São elas: No campo da gestão e do saneamento, a Agência Nacional de Águas (ANA) e Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (Caesb); no campo da Saúde, o Instituto de Saúde Integral (ISI) e o NUMENATI (Núcleo de Medicina Natural e Terapêuticas Integrativas) da Secretaria de Estado de Saúde (SES) do Distrito Federal (SES-DF); no campo da Educação, o Instituto Calliandra de Educação Integral e Ambiental, o projeto “Água como matriz ecopedagógica” da Fundação Universidade de Brasília (FUB); no campo da Ecologia, a Fundação SOS Pró-Mata Atlântica, o WWF-Brasil, o Instituto Oca do Sol e a Ararazul – Organização para a Paz Mundial. Algumas delas vinculam-se aos campos da Cultura, da Ética e da Espiritualidade transversalmente.

de encontro de saberes e construção de novas perspectivas a que se propõe o pensamento transdisciplinar.

A proposta do Centro é contribuir para a construção de “uma nova cultura da água”<sup>11</sup>. O que se entende por cultura nesta proposta? Uma “nova cultura da água” implica em uma ética de cuidado, que dita uma nova relação entre humanos e água não mais baseada na instrumentalidade apenas. Implica, também, a valorização de múltiplos olhares sobre o bem comum; olhares que contribuam para uma tomada de consciência em prol da preservação do mesmo. Podemos dizer que a “nova cultura”, que pode ser plural e pode ser construída por diferentes grupos, opõe-se à Cultura no singular, que é hegemônica e homogênea. Busca-se reinventar hábitos e práticas, resgatar e construir visões sobre a água que considere o seu “algo mais” além da visão do mero recurso (Wagner, 1975). A “novidade” da proposta não reside em que essa construção deva se ancorar somente em saberes e práticas contemporâneas, novas; a “novidade” reside no contraponto ao atual padrão hegemônico de relacionamento com as águas no Planeta, utilitário, racionalista e orientado por um modelo econômico que visa ao lucro e à competição e que conseqüentemente tem nos levado a (ab)usos e à “crise”; ou seja, a um ponto de risco na disponibilidade futura de água potável para a humanidade como um todo.

Da perspectiva do CET-Água, a visão da Cultura com “C” maiúsculo se naturalizou e foi limitando os quadros criativos e cognitivos de relação do humano com a água, tornando a água um sujeito sem encantamentos, tal como foi – e ainda é - para várias sabedorias e saberes marginais à “Ciência moderna”<sup>12</sup> hegemônica. O grupo percebe a crise atual da humanidade,

---

<sup>11</sup> Iniciei a pesquisa sem delimitação clara de interesses. Bastava um grupo que fazia política com as águas e que tal política reinventasse a “cultura desencantada” da água então predominante. No entanto, em um momento decisivo da pesquisa, onde foi preciso dar sentido em palavras às experiências ali narradas vi que tinha muitas informações e uma dificuldade de delimitação dos objetivos da pesquisa. Numa conversa com uma de minhas interlocutoras de campo ela me sugeriu com um tom de obviedade: “Lucas, o que fazemos aqui, senão uma ‘nova cultura das águas’?” Até então havia escutado o termo “nova cultura da água” em referência a uma rede espanhola que tem o estudioso Pedro Arrojo à frente, personalidade escolhida para abrir o evento que os membros do Centro organizaram durante todo o ano de 2011, 1º Seminário Internacional “Água e Transdisciplinaridade: Para uma Nova Ecologia de Saberes”. A assertividade da fala de minha interlocutora para meu questionamento de como enquadrar o que a rede fazia a partir de um olhar mais ampliado, fez com que eu acatasse seu ponto de vista como central. Pude observar posteriormente não só uma “nova cultura da água”, mas novas culturas, no plural, em diálogo através do “trabalho de formiguinha”, ou seja, de pequeno alcance, como me disse essa mesma interlocutora; trabalho esse levado à cabo por redes, grupos e pessoas isoladas em todo o mundo.

<sup>12</sup> A utilização do termo Ciência com “C” maiúsculo será feita ao longo de todo o texto para referenciar a Ciência moderna de orientação epistemológica racionalista, dualista, objetivista e de orientação ontológica naturalista, ou seja, que considera que o humano possui uma só natureza e várias culturas. Esta Ciência se fecha para outras ontologias, outras formas de percepção do real e da relação natureza e cultura. O termo “Ciência moderna” é uma

antes de uma crise de uso especificamente, tem haver com valores. São os valores e os olhares para com as águas que não fazem os humanos enxergarem a gravidade da crise. Assim, somente “novas culturas” podem gerar “novas práticas”. “É preciso experimentar outras formas sociais para que o próprio modo de vida precipite como algo construído e particular, perdendo o estatuto de dado e universal” (Macedo, 2009: 02).

No Centro que encontrei para realização desta pesquisa aquele “algo mais” que justifica a orientação de sua organização, bem como as trajetórias das pessoas com ela envolvidas, foram os elementos mais marcantes que visualizei em suas definições sobre suas atividades e seus sentidos e, não menos, “o algo mais” que a água representa para eles foi o elemento que mais me chamou a atenção desde o início da nossa relação no meu olhar para os mesmos dentro da sua proposta de construir algo novo onde a água é protagonista. Surpreendi-me pelo fato dos interlocutores do CET-Água apresentarem todas aquelas características que apresentei acima sobre os ambientalistas do DF ligados à defesa das águas e não se considerarem ambientalistas; mas, acima de tudo, “transdisciplinares”. Foi preciso desnaturalizar várias vezes o que entendia por ambientalismo até chegar à conclusão de que não é possível conceituar este movimento a não ser a partir de cada experiência.

Realizei etnografia com os participantes do Centro durante todo o ano de 2011 participando de suas reuniões ordinárias, bem como realizando entrevistas semi-estruturadas com os membros mais ativos nas ações do coletivo. Durante o trabalho de campo acompanhei e participei da organização do “1º Seminário Internacional Água e Transdisciplinaridade: Para uma Ecologia de Saberes” (1º SIAT), que ocorreu no mês de Novembro de 2011 em Brasília, tendo sido a ação mais significativa do Centro durante o seu primeiro acordo de cooperação. Na realização do Seminário vinculei ao Grupo de Trabalho (GT) responsável pela seleção de trabalhos acadêmicos e pela organização da composição das mesas redondas e palestras. Além disso, articulei-me com eventos vinculados ao CET-Água como etapa do trabalho de campo. Participei de dois eventos sobre “Saúde Quântica” e fui aluno das disciplinas “Fundamentos Epistemológicos da

---

miscelânea entre as propostas de Santos (2006) e de Latour (2004) e se refere principalmente neste texto a como esta Ciência construiu um paradigma que, de maneira silenciosa, produz impedimentos para que outros saberes sejam considerados legítimos e que para outras ontologias e epistemologias sejam levadas à sério. Esses poderiam contribuir para repensarmos a cosmologia e ontologia ocidental tradicional. Ciência essa que predominou nos últimos séculos e hoje se vê ameaçada por paradigmas emergentes, apesar de ser este um movimento de curto alcance, como é o caso da transdisciplinaridade.

Transdisciplinaridade” e “Ecologia Humana e Educação Ambiental” na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), ministradas por uma professora que é participante do Centro. Essas experiências contribuíram bastante para o delineamento da pesquisa e ajudaram-me a adentrar os vetores Educação e Saúde do coletivo, como veremos nos capítulos seguintes. Tomei como base, também, a Carta de Princípios, no Plano de Trabalho, atas de reuniões antigas e no grupo de *e-mails* do coletivo. Além disso, foram vários diálogos, entrevistas e outros contextos de interação durante o trabalho de campo nos quais me foram apresentados os princípios que chamo aqui de “transdisciplinaridade das águas”, como se configura a política epistemológica do CET-Água. Por fim, a quase totalidade da bibliografia citada sobre a transdisciplinaridade me foi indicada durante as entrevistas, em conversas paralelas com cada membro nas quais pedi referências, esporadicamente, quando alguém mencionou em algumas das reuniões determinada obra ou autor, e, principalmente, nas disciplinas citada acima.

Esta dissertação foi dividida em capítulos que buscam replicar a natureza cíclica da água em sua travessia pelos estados físicos: sólido, líquido e gasoso. Os estados da água foram utilizados como categorias classificatórias por meus próprios interlocutores na conceituação inicial do 1º SIAT.

Além de recorrer aos estados da água como norte para organização do texto, eu me aproprio, também, dos conceitos basilares do projeto “Água como matriz ecopedagógica”, projeto que representa a Universidade de Brasília (UnB) dentro CET-Água. Segundo as idealizadoras do projeto, a água é, ao mesmo tempo, um elemento “matriz”, “motriz” e “nutriz” da vida. Tais aspectos são associados aos estados físicos da água de uma perspectiva metafórica: o aspecto “matriz” diz respeito à água ser a base (matriz) da vida, e pode ser relacionado ao seu estado sólido, que representa sua faceta mais concreta; o aspecto “motriz” chama a atenção para a natureza dinâmica da água no corpo humano e no Planeta, e é relacionado ao estado líquido, estado pelo qual o elemento mais se movimenta à olho nu pela Terra; e, por fim, o aspecto “nutriz” se relaciona ao estado gasoso da mesma, por indicar uma natureza mais “sutil” ou invisível da água que, segundo a linha de raciocínio do projeto da UnB, “nutre” a espiritualidade de algumas pessoas.

Este texto foi dividido principalmente a partir de categorias provenientes da ecopedagogia das águas do projeto “Água como matriz ecopedagógica” e de teses e reflexões de Vera Catalão,

coordenadora desse projeto, professora de Educação Ambiental da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e uma das participantes do Centro de Estudos Transdisciplinares da Água. Embora sejam os saberes e práticas pedagógicas dentro do Centro apenas um de seus vetores dentro de sua estrutura transdisciplinar composta por outros saberes e práticas, durante o trabalho de campo, o grupo como um todo se comunicou com bastante frequência de acordo com uma linguagem que considero sendo o pilar do projeto de Vera e que chamo aqui de “linguagem hidrológica”. Esse pilar em alguma medida se tornou uma base de orientação nas dinâmicas do Centro, ajudando o grupo a construir e dialogar sobre sua identidade compartilhada, as memórias, as “sincronicidades” de seus encontros e produziu “ressonância” (reconhecimento) entre os pares. Trata-se da linguagem metafórica e poética que se ancora na sensibilidade e nos comportamentos das águas. Essa linguagem é expressão contemporânea de um princípio filosófico milenar de que a água é considerada uma “mestra que ensina a agir”.

Dentro disso, Vera elaborou uma tese de que a água é um elemento, ao mesmo tempo, “matriz”, “motriz” e “nutriz” da vida humana e da natureza como um todo. Em seus textos, comunicações em palestras, em suas aulas ou mesmo em reuniões do Centro de Estudos Transdisciplinares da Água (CET-Água), espaço privilegiado onde se deu o trabalho de campo, a educadora utilizou com frequência esse jogo de palavras para interpretar, argumentar ou se referir a alguma ação, fato passado ou reflexão. Seus pares incorporaram essa linguagem e esta juntamente com as imagens hidrológicas - ou hidrográficas -, que veremos no Capítulo 2, contribuem para a construção de uma identidade comum entre os participantes do coletivo estudado.

A referência ao elemento água como “matriz” diz respeito ao mesmo ser a “base” (matriz) da proposta ecopedagógica do projeto, como o próprio nome diz. Além disso, a referência à água como “matriz” diz respeito ao elemento também representar a base, a matriz da vida, sem o qual nenhum ser vivo pode sobreviver.

A referência ao elemento como “motriz” diz respeito ao seu caráter dinâmico e à sua natureza fluída tanto no estado líquido, quanto no estado gasoso - as duas formas em que mais o elemento é encontrado no Planeta. Ao ser o único elemento presente na natureza que perpassa os três estados físicos (sólido, líquido e gasoso) e sendo um elemento que está sempre em transformação cíclica observamos também o porquê da água ser considerada um elemento motriz.

Além disso, a água move a vida, literalmente, tanto dentro do corpo humano, através de veias, artérias, dos meios aquosos que permitem os processos internos às células, quanto fora através dos ciclos da chuva, nos rios voadores, subterrâneos e terrestres, em mares e lagos. Viver é um fenômeno diretamente relacionado aos movimentos relacionados com as águas, sejam eles ligados à respiração humana, seja eles relacionados à respiração do próprio Planeta Terra<sup>13</sup>.

A criação do neologismo “nutriz” foi feita para indicar o aspecto da água intimamente ligado à nutrição da vida. Ao mesmo tempo em que a água é base de nutrição para o corpo humano, também o é para as emoções e para o “espírito”. A referência ao seu aspecto nutritivo se refere ao caráter sagrado que o elemento oferece para muitas pessoas, independentemente de religiosidade. Ao indicar a água como “nutriz” se diz que ela é capaz de promover a “reliquação” (do latim *reliquare*) com uma vibração sutil, um reencontro com uma energia primordial da vida, que muitos chamam de Deus.

Considerando que a transdisciplinaridade sugere um encontro entre os conhecimentos que produza “algo além” dos próprios saberes independentes ou disciplinas, entendo que, ao me munir dos conceitos ecopedagógicos e das metáforas da água para organizar as descrições etnográficas neste texto, o encontro intersubjetivo entre essas categorias “nativas” através da atividade antropológica que executo aqui produz “algo além” do que são isolados o meu conhecimento antropológico e a prática transdisciplinar de meus interlocutores<sup>14</sup>. Meu objetivo é fazer desta dissertação um exercício transdisciplinar ancorado nas águas e inspirado no que meus interlocutores buscam fazer em seu cotidiano no Centro Transdisciplinares da Água (CET-Água) e após esse exercício refletir sobre como o mesmo pode ser frutífero para o fazer antropológico e vice-e-versa.

Este texto, enfim, organiza-se da seguinte maneira:

---

<sup>13</sup> Um dos vídeos mais marcantes que me foram apresentados por meus interlocutores é o vídeo “She’s alive” (Ela vive). O vídeo demonstra através de uma seqüência de imagens a respiração do Planeta Terra, indicando que ela vive. Suas imagens estão, em sua maioria, relacionadas às águas e sua motricidade cíclica. Este foi um vídeo veiculado no “I Seminário Internacional Água e Transdisciplinaridade: Para uma Ecologia de Saberes”, que ocorreu em Novembro de 2011 em Brasília, Distrito Federal – evento organizado pelo CET-Água. Além disso, o vídeo transitou pelo grupo de *emails* do coletivo e gerou reflexões e mensagens de admiração.

<sup>14</sup> Parte-se do pressuposto nativo de que as metáforas atuam como transporte de sentido nos termos nietzchianos.

O Capítulo 1 é uma breve continuação desta Introdução. Nele, apresento o tema de reflexão da pesquisa de mestrado, a saber, a construção de “uma nova cultura da água” levada a cabo pelo Centro de Estudos Transdisciplinares da Água (CET - Água). Exponho as principais idéias do grupo de pessoas que compõe o Centro sobre a necessidade de construção de um novo paradigma e uma nova ótica relacionados à água, em contraposição ao recorte hegemônico contemporâneo de que a água seria basicamente um “recurso” utilitário. “Algo mais” compõe a experiência de várias pessoas com o elemento água. Além disso, diversos saberes sobre a água, considerados pela Ciência com “C” maiúsculo, nos termos de Latour (2005), marginais ou mesmo não científicos, têm muito a dizer sobre as águas, compondo assim um quadro mais complexo sobre o elemento que contribui para uma ética de cuidado com o mesmo. Entre esses saberes, alguns saberes filosóficos e espirituais provenientes de matrizes culturais orientais e contribuições da física quântica contemporânea chamam a atenção para o um olhar sobre o elemento como um elemento complexo, um “ser especial” dentre os demais. O utilitarismo que tem permeado a relação entre humanos e águas coloca-nos diante de uma “crise”, ética e de escassez. A resposta do CET-Água a essa crise é a construção de um espaço de “confluência” entre diversos saberes sobre a água, que vá além das disciplinas, na construção de uma ótica e uma nova ética.

No Capítulo 2: “Um encontro divisor de águas”, relato como encontrei meus interlocutores de trabalho de campo e fui assimilado pelo grupo. Aciono alguns conceitos nativos tal como o de “sincronicidade”, a “confluência” e a “ressonância” para descrever esses eventos.

No Capítulo 3: “Água, elemento matriz (Estado sólido)”, faço uma descrição do Centro de Estudos Transdisciplinares da Água através do resgate de algumas memórias dos participantes sobre o processo de criação do Centro, retomando suas origens. Esse processo é descrito a partir de suas “imagens hidrológicas”, que acionam os comportamentos das águas para indicar o passado do coletivo, indicam o momento presente e apontam o seu projeto de futuro. As imagens relacionadas às águas fazem da memória do coletivo uma memória dinâmica em analogia ao comportamento de rios, lagos e mares, onde o “fluir” e o “confluir” ditam a interação entre eles. A origem do CET-Água aponta um “encontro das águas” onde cada organização, instituição e pessoa participante do coletivo é visto como uma nascente, um braço de um rio ou um córrego que se encontram em um rio maior, que é o próprio Centro. Desse rio que se tornou o Centro, espera-se, a construção de novas alianças e a fusão com outros rios. Ainda neste capítulo exponho

os fundamentos epistemológicas da “transdisciplinaridade das águas”, através dos quais o Centro se organiza. Como forma de visualizar melhor a composição transdisciplinar do grupo, enxergo o mesmo como um círculo de confluência de saberes que recebe diversos vetores disciplinares (tal como a imagem de um campo de força magnética). Ao se encontrarem, os vetores trocam informações e práticas entre si e, em alguma medida, misturam-se, formando um saber que “vai além” de cada disciplina.

No Capítulo 4: “Água, elemento motriz (Estado líquido)” muno-me de notas de campo e excertos de falas em entrevistas e conversas informais para descrever a teoria do conhecimento inspirada nas águas que percorre o CET-Água e delineou toda a construção conceitual e organizativa do “I Seminário Internacional Água e Transdisciplinaridade: Para uma Ecologia de Saberes” (I SIAT) que aconteceu em Brasília, Distrito Federal, em Novembro de 2011. As dinâmicas do vetor Educação – tanto da educação ambiental, quanto da educação integral - dentro do coletivo como um todo foi bastante relevante nesse processo. Para adentrar mais profundamente neste vetor participei enquanto aluno das disciplinas “Fundamentos Epistemológicos da Transdisciplinaridade” e “Ecologia Humana e Educação Ambiental”, oferecidas no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília pela professora Vera Catalão, uma das criadoras do projeto “Água como matriz ecopedagógica”, projeto que representa a Universidade de Brasília dentro do Centro. Além dessa incursão pela transdisciplinaridade e educação ambiental, dentro do CET - Água há a participação do “Instituto Calliandra de Educação Integral e Ambiental-e Ceia”, organização que trabalha com um tipo especial de pedagogia chamada Educação Integral, para a qual, sinteticamente, o conhecimento perpassa a integralidade do ser humano: as dimensões do corpo, do intelecto, das emoções, a dimensão vital da pessoa e também sua dimensão espiritual. Todo o capítulo gira em torno da organização e realização do 1º SIAT e como todo o processo de construção do mesmo se deu a partir da “transdisciplinaridade das águas” do coletivo, que se mune da transdisciplinaridade, da Educação Integral do Instituto Calliandra e da ecopedagogia das águas do projeto “Água como matriz pedagógica”.

No Capítulo 5: “Água, elemento nutriz (Estado gasoso)” muno-me de notas de campo e excertos de falas em entrevistas, em conversas informais, bem como em notas de campo do “2º Seminário Internacional de Saúde Quântica e Qualidade de Vida”, ocorrido em Recife,

Pernambuco, bem como no 5º Simpósio do Núcleo de Medicina Natural e Terapêuticas Integrativas (NUMENATI), da Secretaria de Saúde do Distrito Federal. Busco aqui descrever e discutir alguns conceitos nativos ligados ao tema da natureza vibracional ou quântica da água, o conceito nativo de “águas internas” que se refere à interação das águas do corpo com ações, palavras, pensamentos e emoções capazes de alterar positiva ou negativamente o bem estar da pessoa. Discuto, ainda, a noção de multidimensionalidade do ser humano e a confluência entre transdisciplinaridade e saberes quânticos. Além disso, discuto o tema da espiritualidade relacionada à água a partir da experiência de meus interlocutores.

Para finalizar, nas “Considerações Finais” busco realizar uma breve reflexão sobre o meu trabalho de campo, a escrita etnográfica e as relações entre antropologia e transdisciplinaridade tendo eu, pesquisador, como ponte.

## **1 UMA “NOVA CULTURA DA ÁGUA” NA CORRENTE DE UM NOVO PARADIGMA**

No Distrito Federal uma experiência de reflexão e defesa de questões concernentes às águas se iniciou em 2009, o Centro de Estudos Transdisciplinares da Água (CET-Água). O CET-Água é um coletivo composto por organizações públicas e privadas que abordam temáticas ligadas à preservação da água a partir de diferentes áreas do saber. Durante meu trabalho de campo com as pessoas que compõem o Centro tive acesso a um universo etnográfico desconhecido, dentro do qual emergem questões como o resgate da “espiritualidade das águas”, que, sinteticamente, expressa-se na percepção de que a água é um “ser especial” – atitude proveniente de tradições milenares advindas de sabedorias tradicionais. Tal espiritualidade contemporaneamente independe de religiosidade e se liga a práticas e saberes diversos que conferem reverência e respeito na relação entre humanos e águas. Além disso, emergem saberes que visualizam as águas em seus múltiplos aspectos: poéticos, sensíveis, quânticos, curativos, compondo um panorama da água como um elemento polissêmico. Esse universo é ditado por questões relativas à “transdisciplinaridade das águas”, epistemologia política do Centro, que me colocou diante da observação e vivência de possibilidades alternativas de interação com esse bem comum, de uma aprendizagem por analogias e metáforas a partir dos comportamentos do elemento na natureza, de uma prática de saúde que o considera agente de cura essencial, seja enquanto medicamento seja no cuidado com o que se chama de as “águas internas”<sup>15</sup> do corpo humano; possibilidades que desnaturalizam a Cultura, com C maiúsculo, que confere um recorte da água enquanto um recurso instrumental.

O enquadramento dado a esta etnografia é a descrição das teorias e das práticas nativas. Essas se pautam na construção de novos olhares e valores para com as águas. Para efeitos de clareza e delimitação do fenômeno estudado denomino tal enfoque e práticas emergentes como a construção de uma “nova cultura da água”, termo inspirado e comunicado pelas referências de meus interlocutores em campo (ver Agudo, 2010). Esses novos olhar e enfoque encontram eco em diferentes lugares do mundo e se ligam a diferentes áreas do saber, áreas que, como vamos

---

<sup>15</sup> Termo cunhado para designar o corpo humano interno; ver capítulo 5.

ver, tem se aproximado de - ou se integrado a - um paradigma de conhecimento emergente que quebra com princípios basilares da “Ciência moderna” (Santos, 2006; Latour, 2004). O CET-Água tem buscado essas referências e construído sua política epistemológica a partir delas. Esse movimento é inspirado, principalmente, pela “transdisciplinaridade”, bem como por saberes inspirados na física quântica, ações e saberes que utilizam a física quântica e relativística como ponto de partida para o entendimento dos fenômenos e que têm revelado paralelos com visões de mundo que se reportam a tradições espirituais milenares de matrizes culturais tais como a taoísta, a budista, hinduístas e ameríndias sobre dinâmicas da realidade física, da multidimensionalidade da realidade humana e da relação ética entre humanos e natureza (Capra, 1975).

É importante dizer, no entanto, que não encontrei referência de outras redes e grupos que realizam suas atividades sob o signo da “transdisciplinaridade das águas” tal como é realizada pelo CET-Água. E as referências aos cientistas quânticos fazem parte do conjunto de referências dos membros do Centro e que os mesmos têm se munido para construir suas teorias, reflexões e justificar suas ações. Considero-os parte do que chamo de “rede de reflexões do Centro”. Vale ressaltar o fato de que, ao que tudo indica, redes e grupos mobilizados somente pelas águas dentro dessa ótica de um novo paradigma e em prol de uma “nova cultura” são poucos e as novas propostas de cultura das águas se observam não em atividades de atores sociais que se autodenominam a partir desse signo, mas estão dispersas na atuação de grupos diversos mundo afora. Um caso que tomei conhecimento é o caso do campo da Saúde quântica (Ver capítulo 5), uma área ligada às terapêuticas integrativas que se mune dos princípios basilares da física quântica e de suas congruências com conhecimentos milenares sobre saúde. O campo político e etnográfico do projeto de “uma nova cultura da água” está, portanto, por se fazer. Trata-se de um campo aberto, e, ao que parece, em disputa, dada a predominância do paradigma utilitário da água enquanto recurso.

Esse exercício emergente, no qual o CET-Água e sua rede de alianças permeia, e com passos curtos vai tateando e construindo uma “nova cultura da água”, tem sido promovido a partir de marcos paradigmáticos não dualistas, mais subjetivos, mais integradores de saberes antes ocultos, marginalizados ou considerados supersticiosos, bem como mais afetivos, integrativos e intuitivos, nos quais a espiritualidade das pessoas tem bastante importância. Trata-se, portanto, de um movimento político-epistemológico aliado, no caso do CET-Água, a uma defesa ecológica.

Muitos grupos e autores afirmam que estamos vivendo em plena transição paradigmática, saindo da visão racionalista moderna para uma visão mais integral, complexa e responsável para com a relação entre humano e natureza; os mesmos contribuem, assim, com a construção desse novo paradigma de conhecimento, que não visa o “controle”, mas “a compreensão” da natureza. É possível traçar um paralelo com a própria antropologia contemporânea. Uma série de antropólogos, embora não existam amplos consensos, em certa medida, têm advogado e praticado sua antropologia a partir desse paradigma emergente, que busca solapar noções como imparcialidade e objetividade do pesquisador, separação entre natureza e cultura, separação entre sujeito e objeto de conhecimento, abertura e simetria dos conhecimentos considerados científicos para com outras ontologias e epistemologias. Os antropólogos Eduardo Viveiros de Castro e Márcio Goldman denominam essa antropologia de pós-social (Macedo, 2009). Alguns exemplos são o próprio Eduardo Viveiros de Castro; Alfred Gell; Tim Ingold; Phillipe Descola; Isabelle Stengers; Bruno Latour; Roy Wagner, Donna Haraway, Félix Guatarri, Gilles Deleuze, Marylin Strathern. Tosta (2010) chama esse momento de “virada epistemológica”, definindo-o como uma abertura antropológica para com saberes, ontologias e epistemologias diversas excluídos do rol da Ciência com “C” maiúsculo sobre as diversas culturas e saberes humanos (Latour, 2004; Santos, 2006).

O que esta “virada epistemológica” vem demonstrando não só na antropologia é que a Ciência moderna (entenda-se o paradigma científico moderno) estruturada sob uma visão dualista no qual espírito e matéria são considerados entidades separadas vem perdendo seu *status* de explicação hegemônica da realidade, principalmente, no que concerne à relação entre humanos e elementos da natureza, entre humanos e não-humanos. (Latour, 2004). No contexto etnográfico do CET-Água se observa, por exemplo, que práticas de saúde consideradas superstições ou tomadas com preconceito como charlatanismo pela comunidade Científica e pela medicina alopática, tais como a meditação, a homeopatia e os florais, têm demonstrado capacidade de produzir atualmente curas consideradas “milagrosas” há uma década atrás, através da percepção da multidimensionalidade do ser humano. Elas buscam tratar o humano não somente a partir do *bios*, do corpo, da dimensão físico-química, mas a partir de sua constituição vital, mental, emocional e de sua realidade espiritual, dimensões humanas essenciais segundo tais práticas e os saberes quânticos que vêm buscando as explicar (Liimaa, 2011).

Alguns intelectuais e cientistas afirmam que algumas descobertas e novas hipóteses em áreas do saber como a neurociência, a genética e, principalmente, a física quântica revolucionou o pensamento científico no século XX (Liimaa, 2011). Uma mudança de percepção, e, nos termos de Kuhn (1962), de paradigma científico, vem ocorrendo no seio da filosofia e epistemologia da ciência. Essa mudança se reverberou em diversas áreas disciplinares desde então; áreas essas que tomam emprestado a visão de uma realidade mais complexa e de pressupostos de observação mais integrais, tais como a proposta dos conhecimentos *inter* e, atualmente, *transdisciplinares* (Nicolescu, 2000) e do pensamento complexo, pensamento que busca entender os fenômenos dentro de uma compreensão sistêmica, em rede e religando os campos psicológico (interno), sociocultural (externo) e biológico – anterior (Morin, 2002).

No que concerne à física quântica, segundo alguns intelectuais, desde que a disciplina demonstrou que: (1) matéria e energia são unidades da realidade indissociáveis e que, em verdade, tudo que existe no Cosmos e na Terra é energia e está interligado, sendo a matéria constituída em sua maior parte por fragmentos de “vazio”; (2) do princípio da incerteza de Heisenberg, um enunciado de mecânica quântica que impõe restrições à precisão das observações físicas, derivou-se as limitações e o reconhecimento da imprecisão do conhecimento humano frente aos mais variados fenômenos físicos; (3) foi afirmada a hibridez dos fenômenos observados com a presença do observador proposta pelo físico dinamarquês Niels Bohr; o pensamento científico mudou e não pára de mudar com as cada vez mais novas deduções que surgem a partir dessas hipóteses originais (Liimaa, 2011).

Esta pesquisa dialoga mais abundantemente com a proposta ontológica e epistemológica da transdisciplinaridade. No entanto, pela própria atitude transdisciplinar do CET-Água de buscar e incluir saberes, também atravessa uma área chamada “Saúde Quântica” com quem alguns profissionais das chamadas “Práticas Integrativas de Saúde” ligados ao Centro vem dialogando<sup>16</sup>. Tais práticas foram legitimadas pela Secretária de Saúde do Distrito Federal desde 1986, mas formalmente institucionalizadas no Brasil como um todo em 1989 através do Programa de

---

<sup>16</sup> Participei do 2º Simpósio Internacional de Saúde Quântica em Setembro de 2011 em Recife (PE), bem como do 5º Simpósio do Núcleo de Medicina Natural e Terapêuticas de Integração (NUMENATI) em Outubro de 2011 em Brasília (DF). Como será mais bem explicada adiante, este pesquisa foca-se nas visões sobre a água e suas derivações para o campo da saúde. Um trabalho futuro poderá dar conta de uma reflexão mais profunda sobre as práticas integrativas e o paradigma da saúde quântica.

Desenvolvimento de Terapias não Convencionais (PDTNC) que institucionalizou a época a acupuntura e a homeopatia e hoje conta com dezenas de atividades “alternativas” à medicina alopática, entre elas a meditação. Ambos os campos, o da transdisciplinaridade e o campo da saúde quântica, estão em diálogo na prática no coletivo estudando durante 2011, como foi possível observar durante o 1º Simpósio Internacional Água e Transdisciplinaridade: Para uma Ecologia de Saberes, que ocorreu em Novembro de 2011, em Brasília, Distrito Federal, organizado pelo Centro.

O conceito de transdisciplinaridade foi desenvolvido na década 1990 pelo físico quântico Basarab Nicolescu conjuntamente com uma comunidade de pensadores de diferentes áreas, dentre eles o sociólogo francês Edgar Morin, considerado o pai do pensamento complexo<sup>17</sup>. Trata-se da proposta de uma visão integral do conhecimento humano, buscando aliar e incluir saberes marginalizados pela Ciência hegemônica e incluir na produção de conhecimento a espiritualidade, que produz conhecimentos de uma forma mais sensível e intuitiva.

A transdisciplinaridade, sucintamente, é a construção de um horizonte acadêmico onde é possível legitimar a produção dos conhecimentos emergentes e assegurar o resgate e a inclusão de outros saberes. Ouvi em campo algumas vezes que a transdisciplinaridade é uma síntese desse processo de transição citado acima, ou, como sugeri, “virada epistemológica” para uma produção de conhecimentos que busca ser mais inclusiva. Os saberes transdisciplinares pressupõem o pensamento complexo, ou sistêmico, como base de suas reflexões, lógicas não necessariamente lineares e coerentes, tais como a “lógica do terceiro incluído”<sup>18</sup> e busca entender a multidimensionalidade da realidade, ou seja, a interconexão entre os planos biológico, social, cultural, espiritual, entre outras escalas ou níveis de realidade em que o humano se insere.

Dentro da proposta transdisciplinar há, também, o reconhecimento de que várias tradições milenares espirituais nos legaram conhecimentos complexos sobre a realidade, os quais

---

<sup>17</sup> Quem cunhou o termo foi Piaget, embora sem tê-lo desenvolvido.

<sup>18</sup> A lógica do terceiro incluído é uma lógica não cartesiana que aceita o que a lógica linear considera contradição, pois entende que questões aparentemente contraditórias num nível de realidade não o são a partir de um outro nível; inclui-se, assim, um terceiro elemento T que integra toda relação entre dois elementos, A e A1, a partir de um outro nível de olhar (Nicolescu, 2000).

conhecimentos atuais vêm concluindo como verdadeiros. O objetivo é levá-los à sério, ou seja, horizontalizar os saberes, para, enfim, integrá-los, sem que se perca a sua diversidade. Ao resgatar os saberes marginalizados a proposta passa a ser uni-los aos conhecimentos atuais, produzir um saber que é, ao mesmo tempo, transcultural, integrado e plural, que respeita as diferenças e interage com diferentes saberes a partir de diferentes dimensões da realidade (Santos, 2006). Assume-se também que as verdades da existência têm várias formas de serem apreendidas, entre elas formas corporais e intuitivas, além da razão, do plano da mente, e toma-se a integração das diferentes disciplinas e saberes humanos como produtora de um saber que “vai além” e consegue dar conta da complexidade e da multidimensionalidade da realidade de maneira mais completa; embora se reconheça que há uma zona limite do saber, zona do mistério, a qual cabe ao humano se deparar para, no máximo, romper limites, reconhecendo, enfim, sua incapacidade de tudo saber e tudo controlar, tal como os mitos renascentistas e iluministas plantaram no pensamento moderno.

## 1.1 O RESGATE DA ÁGUA

O elemento água, que frequentemente foi habitado por seres divinos em diversas mitologias, foi possuído e reduzido pela visão materialista de mundo como um mero “recurso hídrico”, um produto a ser transformado em energia elétrica e a ser utilizado para as atividades humanas voltadas para um modelo de desenvolvimento tributário da economia capitalista, como transporte, irrigação, saneamento e, em geral, para atividades orientadas para o lucro. Por outro lado, visões concorrentes e complementares foram marginalizadas. Para a tradição milenar taoísta expressa no *Tao Te Ching*, obra maior desta, por exemplo, a água é uma mestra que ensina a viver bem. Ela reflete a temporalidade, a fluidez da vida, ensina a persistência, o não apego aos resultados, à entrega ao *Tao*, fonte de tudo, energia cósmica original, e também a própria porta para a transcendência, o que muitos, numa visão simétrica, chamariam de Deus no Ocidente. Água e *Tao* são uma coisa só e, ao mesmo tempo, não são, pois o *Tao* é algo superior a que não se pode descrever em palavras. A água é tida também como pólo energético feminino, a energia da paciência, do deixar ir, o *yin* do duo *yin* e *yang*, que são as energias complementares que em tudo participam segundo o taoísmo - a energia da ativação e a energia da aceitação, respectivamente, do masculino e do feminino.

Para algumas tradições esotéricas ocultistas a água é morada dos seres elementais chamados “Ondinas”, energias ou espíritos que têm inteligência cósmica e podem proteger a quem os invoca. Assim como essas formas de entendimento das águas, muitas outras cosmologias enxergam-nas com um “ser especial”, habitado por forças superiores, conferindo ao elemento não só uma relação utilitária, mas também, e principalmente, uma relação poética, mítica, mística onde as manifestações simbólicas e rituais para com elas apresentam uma potente eficácia sociológica.

Melhor ser como a água  
 Que faz bem as dez mil coisas  
 E não briga  
 Ela se acumula onde os humanos não querem se deter  
 Junto ao *Tao*

More num bom lugar  
 Mantenha a mente profunda  
 Trate bem os outros  
 Cumpra sua palavra  
 Crie normas justas  
 Aja com correção  
 Trabalhe na hora certa

Só não entre em conflito,  
 E não poderá errar.

(Lao-Tzu, Preceito 8, *Tao Te Ching*)

O desencantamento do mundo por que passa a modernidade (Weber, 1920 [2005]; Moscovici, 2007) se traduz pela redução das explicações mágicas da vida e pela exclusão da visão anímica e antropomórfica da natureza, na qual os seres da natureza são possuidores de *anima*, de espírito e há uma profunda ligação e reverência entre o humano e esses seres.

Para resumir o que é desencantamento do mundo, eu direi que ele é um processo de desmagificação, visando liberar a natureza do animismo, que povoa o universo de almas angélicas ou demoníacas, como também do antropomorfismo, que concebe toda a imagem do homem, a fim de dissipar toda a sua aura feérica ou grotesca e expô-lo em plena luz, impessoal e indiferente aos homens. Eles esperaram assim esse ponto culminante donde eles poderão dizer, como Nietzsche: “A ciência nos ensinou que o universo é uma máquina e que não precisa de nós”. Ele não duvida, a meu ver, que desencantar o mundo é, primeiramente e sobretudo, desencantar os saberes do mundo. (...) Podemos imaginar uma desordem mais radical que o desencantamento do saber que submete toda a razão em busca de verdade? O método a descobre, as matemáticas a possuem e separam o joio dos erros. E na medida em que a razão é uma e os erros são múltiplos, a ciência moderna se arroja o monopólio da verdade e desqualifica todas as outras formas de conhecimento, do senso comum à filosofia, às artes, às religiões, dos saberes práticos às tradições. Ela lançou o descrédito sobre os conhecimentos, julgando-os dominados pela paixão, indigentes ou mágicos, tolerando-os somente até o ponto em que pudessem ser substituídos por uma ciência ou outro saber racional. (Moscovici, 2007: 85-86).

A separação da visão interconectada entre humanos e água, que se reflete na alienação dos comportamentos das águas nos rios, mares, na terra, nos céus, no corpo humano, que é constituído em sua maioria por água, foi um processo paulatino e violento para os saberes espirituais de diferentes povos. O desencantar do mundo assumiu a forma de um desencantar dos saberes.

Os seres humanos gradualmente perderam seu saber e experiência da natureza espiritual da água, desde pelo menos quando começaram a tratá-la como uma mera substância e um meio de transformar energia<sup>19</sup> (Schwenk, [1962] 1996: 9, tradução do autor).

Tal processo referido como um processo de perda da espiritualidade da água, da transformação deste elemento em um “recurso hídrico” é fruto de uma “crise de percepção”, segundo os participantes do CET-Água, que retomam uma visão atual, complexa, multidimensional e espiritual das águas<sup>20</sup>. Para essas pessoas, a crise contemporânea da água, em primeiro lugar, é uma crise de percepção. Essa última diz respeito não só a relação entre humano e natureza, na qual o primeiro se vê apartado da segunda e a submete ao seu modelo de desenvolvimento hegemônico, mas também a relação entre os humanos entre si. Esse fenômeno se reflete, por exemplo, nos altos índices de fome no mundo, nos quais a água é um dos fatores

<sup>19</sup> “Human beings gradually lost the knowledge and experience of the spiritual nature of water, until at last they came to treat it merely as a substance and a means of transmitting energy” (Schwenk, [1962] 1996: 9).

<sup>20</sup> A seguir algumas das referências me indicadas por meus interlocutores sobre o assunto: Bachelard, 1942; Schewnk, 1962 [1996]; Emoto, 2004.

cruciais de tal escassez; escassez considerada crescente pelo Programa Mundial de Alimentos (PMA) das Nações Unidas (Catalão, 2008). Aquele fenômeno se reflete no fato de a água não ter sido até recentemente considerada um bem comum gratuito por direito humano por governos nacionais e organizações internacionais, tais como a Organização das Nações Unidas. Além disso, reflete-se nas apropriações privadas do uso do recurso em algumas partes do mundo que já geraram as chamadas “Guerras da Água”, tais como o caso emblemático da luta entre a sociedade civil local e o consórcio multinacional Água de Tunari, em Cochabamba na Bolívia (Pfrimer, 2008); bem como a região do Oriente Médio, onde os conflitos étnicos e religiosos tomam forma de conflitos por recursos diversos, principalmente, os hídricos.

Dentre outras coisas, o Centro busca chamar a atenção para o fato de que uso da água enquanto “recurso” estrito passou a ser o recorte da relação humano e água no Ocidente. Desde a invenção das rodas d’água que empregavam a técnica de uso da força hídrica para produção de energia mecânica que, estima-se, data do século I a.C. até o emprego de hidrelétricas se levou tempo e foi necessária uma mudança de olhar para a natureza, não como parceira e híbrida com o humano, mas uma entidade separada a qual cabe ao humano utilizar, possuir para aumentar seu conforto e para participar das dinâmicas capitalistas voltadas para o lucro.

Argumenta-se que houve uma quebra de uma visão espiritual e encantada que tem a ver com a emergência do capitalismo como modelo econômico, sendo o princípio básico o da acumulação e da competição, e a visão iluminista do humano possuidor da natureza. A antropóloga Verônica Strang (2012) diz que ocorreu transformação-chave na mudança histórica desencadeada pelo processo colonial em relação às cosmologias naturais. Essas perderam espaço para o que ela chama de cosmologias humanizadas. Houve nessa transição um processo de desespiritualização do ambiente. Assim, uma

“mudança crítica na balança de poder envolvendo os seres humanos e seus ambientes: a perspectiva colaborativa entre diferentes forças da natureza na conformação do meio cedeu lugar à agência espiritual humanizada e, assim, abriu caminho para práticas materiais e formas de uso de recursos mais diretivas” (Teixeira & Quintela, 2012: 19).

Em 1987 entrou em funcionamento a primeira hidrelétrica do mundo nos EUA, chamada “Niágara Falls”. Posteriormente seriam inúmeras. Estima-se atualmente que a produção de energia hidroelétrica corresponde a 20 % da energia do Planeta Terra. A água se tornou aos

poucos basicamente uma fonte energética para produção. A visão da água como “um ser especial” foi, portanto, sendo marginalizada, cada vez mais, no imaginário social de forma generalizada. O imaginário produzido pela água na criatividade humana, o simbolismo das águas e dos rios sagrados foi também substituído pelo elemento civilizatório através de práticas de higienização (Teixeira & Quintela, 2012: 19).

O elemento ficou relegado aos saberes espirituais que continuaram vivos ao longo dos tempos, mas à custa de sua invisibilidade diante da Ciência. Como chama a atenção Santos (2006), para se tornar hegemônica a Ciência moderna precisou ocultar outros saberes que punham em cheque tanto o sistema econômico sobre a qual esteve acampada e para o qual é serva, e também porque se tratam de saberes que têm formas múltiplas de apreender a realidade que não só os seus critérios de racionalidade, objetividade e imparcialidade, dirigindo, assim, um verdadeiro “epistemicídio”, nos termos do autor; ou seja, um assassinato de outras epistemologias e ontologias possíveis que tem a capacidade de fazer a nossa ontologia e epistemologia tradicional ocidental refletir sobre si mesma e demonstram que outros sistemas de saber produzem verdades.

Ainda no século XIX, dentro de uma visão ocidental, na Alemanha dos tempos de Goethe, a filosofia naturalista e o movimento romântico alemão conferiam à água e aos demais elementos da natureza um olhar contemplativo, espiritual e poético.

A Filosofia Natural na época de Goethe e do Romantismo reconheceu a água como arquétipo de todos os líquidos e a determinadora dos processos formativos da vida. Alguns experienciaram o elemento fluido como um elemento universal, ainda não solidificado, que permanece aberto a influências externas, o não formado, indeterminado, pronto para receber uma forma definida; eles o perceberam como o “caos sensível” (Casa Sri Aurobindo *apud* Novalis, *Fragments*<sup>21</sup>)

O elemento era visto como o portador dos processos formativos da vida e por isso era respeitado e poetizado. A natureza cíclica da água era comparada à constituição do espírito humano. Cada vez mais, no entanto, o elemento perderia seu *status* de ser encantado, mestra que ensina, fonte da vida (Catalão, 2008)<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> <http://cetagua.org/biblioteca/textos/>

<sup>22</sup> [Desde os] “poetas e artistas renascentistas encontramos uma nostalgia referente ao crescente domínio da razão na cultura e ao começo de um movimento de cisão interior e unilateralidade da consciência humana que se acentua na

A alma do homem  
 É como a água:  
 Do céu vem,  
 Ao céu sobe,  
 E de novo tem  
 Que descer a terra,  
 Em mudança eterna  
 (Goethe, Canto dos Espíritos Sobre as Águas)

Cada vez mais essa visão encantada para com as águas se tornou menos uma realidade objetiva e mais uma descrição do mundo própria das artes, das religiões e de filosofias consideradas esotéricas ou “transcendentalistas”, e de outros saberes espirituais, que foram, de várias formas, marginalizados e considerados menores à Ciência, detentora da produção de verdades, já que possuidora de métodos e pressupostos objetivos para ocupar esse papel. “O relacionamento sensível, inventivo e interpessoal entre natureza e cultura foi substituído por uma dominação científica, legitimada politicamente pela sua eficiência e pelo sucesso da tecnologia” (Catalão, 2008: 5).

Quanto mais as pessoas aprenderam a entender a natureza física da água e a usá-la tecnicamente, mais seu conhecimento sobre a alma e o espírito desse elemento se desvaneceu. Isso representou uma mudança básica de atitude, agora não se olha profundamente para o ser da água, mas apenas para seu valor físico. As pessoas aprenderam gradualmente a sujeitar a água às necessidades de suas grandes conquistas técnicas. Hoje elas são capazes de subjugar o seu poder ao, artificialmente, acumular grandes quantidades de água atrás de barragens e enviar isso para baixo através de tubos enormes como fluxo de energia para as turbinas das usinas. Sabem como usar sua força física com eficácia surpreendente. Os crescentes pensamentos técnicos e comerciais, apontados apenas para a utilidade, tomaram conta de todas as esferas da vida, em consequência, valorizando-as somente dessa forma<sup>23</sup> (Schwenk, [1962] 1996: 10).

---

Idade Moderna e atinge seu ápice na sociedade industrial contemporânea. O progresso da civilização ocidental tem caminhado lado a lado com a separação irreconciliável entre natureza e cultura, sujeito e objeto, sentimento/razão, corpo/mente, imanência/transcendência” (Catalão, 2008: 6, grifos meus).

<sup>23</sup> “The more people learned to understand the physical nature of water and to use it technically, the more their knowledge of the soul and spirit of this element faded. This was a basic change of attitude, for they now looked no longer at the being of water but merely at its physical value. People gradually learnt to subject water to the needs of their great technical achievements. Today they are able to subdue its might, to accumulate vast quantities of water

No século XX se acelerou a devastação de matas, florestas, a poluição dos ares, das águas por petróleo e resíduos sólidos e líquidos provenientes das produções industriais e agrícolas; o desperdício das águas fruto do mito da abundância confrontado com a escassez em uma série de países pobres onde a situação ficou crítica; o crescimento do agronegócio e, conseqüentemente, o incremento do uso de químicos na produção de alimentos; o aumento de situações de fome em um planeta tão vasto para subsistência; intensificaram-se as mudanças climáticas e houve aumento no buraco da camada de ozônio; aconteceram guerras por água, entre outras formas de prejuízo ao ambiente e à relação do humano com a natureza. A partir de tantas reações que, de alguma forma, geram encargos à política e à economia, inicia-se um movimento crescente de resgate de cuidado e, principalmente, uma busca por equilíbrio para com a natureza no seio da sociedade capitalista ocidental, à princípio, e, posteriormente, nas demais partes do Planeta. Observa-se de modo generalizado, pela primeira vez, que o Planeta Terra se trata de um grande sistema no qual, por exemplo, as conseqüências de liberação de CO<sub>2</sub> nos Estados Unidos são sentidas no Brasil ou na Índia. A ecologia política, ou, como se convencionou chamar no Brasil, posteriormente, o movimento ambientalista, surge como corrente preocupada com a devastação física do planeta.

Anterior a ecologia política foi o surgimento da própria noção de ecossistema que busca dar entendimento a uma visão sistêmica das relações da natureza e das relações entre humanos entre si e para com a natureza, por analogia aos comportamentos biológicos. Segundo Catalão (2008) tal visão foi um divisor de águas na visão ambientalista contemporânea, dando força ao entendimento globalizado da necessidade de preservação dos recursos. Em 1981 James Lovelock e Lynn Margulis elaboraram a “Teoria Gaia” que considera a Terra um grande ser vivo e seus rios, mares suas correntes sanguíneas, propondo, ao mesmo tempo, uma ética de cuidado e uma conscientização da integralidade e interligações da natureza. Cada ação para com a natureza gera reações sistêmica. Nesse sentido, todos nós somos responsáveis e sofredores desse processo, segundo aqueles autores. Por outro lado, à época, faltava ainda uma visão de que o modelo de desenvolvimento hegemônico era produtor da crise ambiental por parte de governos e estudiosos preocupados com o tema.

---

artificially behind gigantic dams, and to send it down through enormous pipes as flowing energy into the turbines of the power stations. They know how to utilize its physical force with astonishing effectiveness. The rising technical and commercial way of thinking, directed only towards utility, took firm hold of all spheres of life, valuing them accordingly” (Schwenk, [1962] 1996: 10).

Na Conferência de Estocolmo promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1972 se concluiu que a crise ambiental era um problema de escassez de recursos, o que não representava a situação completa. Foi somente após a Conferência mundial Eco-92 ocorrida no Rio de Janeiro em 1992, no entanto, que a ecologia política assumiu que os problemas relativos à natureza não se tratavam de meros problemas de escassez. Assumiu-se que o problema ecológico do Planeta é, em primeiro lugar, um problema proveniente do modelo de desenvolvimento econômico e se atestou a necessidade da sustentabilidade ambiental: um equilíbrio da exploração da natureza com vista à qualidade de vida das gerações futuras. De uma forma geral, muitos atores sociais assumiram: “Sofremos de uma crise de valores”.

Segundo Latour (2004) para se entender a ecologia política há que se entender o imbróglio epistemológico entre ciência, política e natureza. De certa forma o ambientalismo foi seqüestrado por uma visão Científica de mundo, operando uma clara separação entre natureza e cultura, respectivamente, objetivo e subjetivo, o que é certo e o que é variável. Pouco se deu atenção à agência dos artefatos da natureza nos “coletivos” formados por humanos e não-humanos que são as cidades (visíveis e invisíveis) e seus subsistemas numa visão ambientalista; e mais se esteve preocupado com a fatídica visão da escassez de recursos, proveniente das primeiras conferências internacionais sobre meio ambiente na década de 1960 e 1970. Ou seja, mais se esteve preocupado com a forma com que os recursos faltam ao ser humano para suas atividades produtivas e de sustento. Implícita está aqui a noção do humano como o centro e o dono das suas relações com a natureza.

A noção de coletivos para Latour (2004) refere-se, em oposição à noção de “sociedade”, associações formadas por humanos e não humanos. Na sociologia e antropologia das associações proposta por Latour não se é possível enxergar o social composto por duas câmaras separadas, a câmara dos humanos, e a câmara dos não-humanos. Por isso o autor sugere uma nova Constituição que se sintetiza na noção de coletivo: humanos e não-humanos entrelaçam-se, não-humanos têm agência nos coletivos humanos; natureza, política e ciência entrelaçam-se. O CET - Água é aqui referido como um coletivo pois múltiplas agências das águas, através de conhecimentos científicos atuais sobre o comportamento vibracional das mesmas, bem como uma série de notícias e decisões políticas sobre a gestão dessas em determinado local ou sua escassez em determinado local, agem sobre os humanos do coletivo e os humanos do CET-Água agem a

partir dessas múltiplas agências das águas. Outra noção também é utilizada para referenciar o CET-Água: a rede. Refiro-me a uma rede de pessoas, organizações, grupos e, principalmente, saberes; assim, além de águas e humanos, esse coletivo é composto por múltiplas referências que percorrem sua rede construindo “a transdisciplinaridade das águas”.

Recentemente, no campo das ciências sociais, a água tem sido compreendida como um sujeito político que fala nos debates públicos através das ciências (Latour & Weibel, 2005; Gramaglia, 2005), o quê a antropologia e sociologia das ciências vêm buscando demonstrar. Ora, a partir do momento em que a escassez de água potável se torna uma questão científica e matemática, tal “crise da água” começa a transitar em relatórios internacionais, câmaras públicas de discussão, nas mídias e entre outros meios; e rios, lagos, mares começam “a falar” em comissões ou câmaras públicas através de relatos científicos e embates sociais<sup>24</sup>.

Não é à toa que as Nações Unidas declararam os anos de 2005 até 2015 como a Década da Água com o lema “Água, Fonte de Vida”<sup>25</sup>; pesquisas sobre o tema das águas emergiram e ganharam volume, não somente no âmbito das ciências ditas biológicas, químicas e físicas, que “naturalmente” pesquisam questões relacionadas ao elemento, mas também no âmbito das ciências sociais. Além disso, os financiamentos para pesquisas sobre os recursos hídricos, considerados o “ouro azul” ou o “novo petróleo” de nossos tempos (Barbier & Pineaut, 2001). No campo da antropologia, a “American Anthropological Association” (AAA) lançou dois números dedicados ao tema “antropologia das águas” em 2010. No Brasil, Teixeira & Quintela (2010) apresentaram um dossiê com o tema antropologia e águas no qual descrevem o estado da arte do tema em Portugal (Bastos, 2003; Quintela, 2001, 2004), França (Wateu & Cressier, 2006 e Schneier-Madanes, 2010), Reino Unido e Austrália (Strang, 2004, 2005, 2009, 2010, 2011). A antropologia das águas tornou-se, portanto, um signo temático da antropologia contemporânea emergente. Há uma década, o tema e o signo eram praticamente inexistentes no discurso antropológico no que concerne ao estudo da relação entre humano e natureza em contexto de

---

<sup>24</sup> A natureza aqui se tornou uma permutação entre política e ciência. Formou-se, assim, um novo híbrido que “permanece não-humano, mas não apenas perdeu seu caráter material e objetivo como adquiriu foros de cidadania” (Latour, 2001b:232).

<sup>25</sup> “Neste documento, a ONU tem como objetivo tornar acessível a água a todos os povos e em condições de potabilidade” (Teixeira E Quintela, 2012: 10). A partir dessa meta da ONU, as autoras percebem nos estudos antropológicos uma ênfase nos temas da governança, da governamentalidade e da sustentabilidade.

sociedades complexas (Ver o Volume 51, números 1 e 2 da revista “Anthropology News” da AAA, “Water Governance and Management” e “The Meaning of Water”).

O termo “antropologia das águas” é utilizado nesses títulos lançados pela AAA. Tal termo foi cunhado recentemente por alguns antropólogos, tais como Strang (2004), Overlove & Caton (2010) para designar o estudo de universos etnográficos nos quais a água tem centralidade, podendo ser entendida não apenas como um recurso, mas a partir de suas múltiplas relações com o humano. Nesse sentido, numa linguagem antropológica clássica, a água pode ser entendida como um “fato social total”, nos termos de Mauss (1990).

Antropólogos contribuem ao ver a água não apenas como recurso, mas também como uma substância que conecta vários campos da vida social (...). Apesar da tendência de reduzir a água a um fato biológico, quando pensamos sobre sua natureza, ela é integral, mesmo essencial, para muitos, senão para maior parte dos domínios e instituições da sociedade – economia, política, religião, lazer – como Strang (2004:05) reconhece em seu discurso sobre a essencialidade da água. Dessa forma, água é social e total, precisamente no sentido abrangente que Mauss tinha em mente. Ao mesmo tempo, água como um fato social toma formas concretas, apesar do fato de que física e abstratamente nós a concebemos como uma substância contínua e homogênea. Quando lavamos nossos corpos, nós pensamos em higiene pessoal e nós ainda pensamos que a água seja trazida por uma torneira numa banheira ou por um chuveiro em um Box, ainda que o jato d’água seja forte ou fraco, afiado ou gentil; isso sem chegar perto das nuances culturais da temperatura e suavidade da água. Nessas formas concretas, a água é totalmente conectada com os domínios da saúde pública, nas noções populares d’água como revigorante, assim como uma substância sensualmente prazerosa, como um ritual social matutino e como uma política – economia estética (como vista em acessórios de chuveiro, luminárias de metal, azulejos de banheiro, espelhos, etc.) (Overlove & Caton, 2010:401, tradução do autor).<sup>26</sup>

Embora a água seja “produtora de paisagens, identidades e sentidos” (Teixeira & Quintela, 2010), no campo antropológico clássico o bem comum também transita nos estudos a

---

<sup>26</sup> Anthropologists contribute by seeing water not only as a resource, but also as a substance that connects many realms of social life. (...) Although we have the tendency to reduce water to a biological fact when thinking about its nature, it is integral, even essential, to many if not most domains or institutions of society— economic, political, religious, leisure, etc., as Strang (2004: 05) recognizes in her discussion of the “essentiality” of water. In this way, water is social and total in precisely the encompassing sense that Mauss had in mind. At the same time, water as a social fact takes concrete forms, even though physically and in the abstract we conceive of it as a continuous and homogeneous substance. When washing our bodies, we think of personal hygiene, and yet it matters to us whether water is delivered by a spigot into a bath or by a shower head into a stall, whether the spray is strong or weak, sharp or gentle; and let us not even approach the cultural nuances of water temperature and softness. In these concrete forms, water is totalistically connected to the domains of public health, popular notions of water as an invigorating as well as a sensually pleasurable substance, as a morning social ritual, and as a political-economic aesthetic (as seen in accessories of showerheads, metal fixtures, shower stalls, bathroom tiles, mirrors, etc. (Overlove & Caton, 2010:401).

partir da visão mágica de povos considerados exóticos e ou marginais sobre sua relação com ambientes aquíferos, nos quais as visões sobre as águas são vistas estritamente enquanto representações humanas, ou seja, imagens, arquétipos, conceitos e não agência. Nessa relação de conexão entre ambientalismo, ciência e política se perdeu a dimensão do diálogo da dinâmica e comportamento dos elementos da natureza com os humanos e da hibridez da relação dos humanos com certos elementos da natureza. Perdeu-se, com isso, o sentido da dimensão espiritual da água para grupos não exóticos e pertencentes à própria sociedade do pesquisador.

Esta etnografia busca demonstrar que o elemento não somente adquiriu foros de cidadania, mas também outras interconexões emergentes: como veremos, entre saberes diversos, transdisciplinaridade e espiritualidade. A “transdisciplinaridade das águas” nativa do CET-Água e a saúde quântica com as quais interagi em trabalho de campo, por exemplo, resgatam a idéia de que a água é ser um “ser especial”.

É importante nos atentarmos para o fato de que lidamos com muitas qualidades de águas diferentes, no plural.

Com a disciplinarização da ciência e da química em particular, o líquido água se transformou em H<sub>2</sub>O, concepções que conviveram e convivem em simultâneo com noções ‘não científicas’ da água e das águas, classificadas e hierarquizadas de acordo com critérios sensoriais (Strang, 2004, 2006), do domínio da experiência e do contato com este elemento, denominado e percebido como líquido, substância, virtude, remédio, medicamento (Durand, 2003; Quintela, 2001, 2004; Marraas, 2004) em todos os seus estados materializáveis (Martel, 1989) (Teixeira & Quintela, 2012: 09).

Numa interpretação filosófica e sociológica, a água no singular guarda em si uma potencialidade múltipla de muitas composições de águas. Em potência, podemos afirmar, dentro da concepção monista filosófica de Gabriel Tarde<sup>27</sup>, dentro de cada molécula de água está contida

---

<sup>27</sup> Retomar Tarde hoje significa retomar “o que tem sido perdido pelo caminho” (Vargas, 2000: 173) das ciências sociais. Tarde propõe um olhar micro-sociológico e relacional para a vida, tomada em seu sentido amplo. Seu pensamento parte de uma postura onde as hipóteses devem ser múltiplas, análogas e levadas ao seu mais alto grau em termos quantitativos (ou seria ao seu plano mais infinitesimal possível?). Tendo isso como pressuposto, o autor retoma “as mônadas, filhas de Leibniz” (Tarde, 1893 [2007]: 53) como princípio último de todas as coisas. O autor afirma, assim, o continuum elementar e invisível entre os seres e desestabiliza a unidade aparente de todas as coisas, inclusive do ser humano. Segundo ele, o estado da arte das ciências no século XIX revela uma tendência ao infinitesimal, de onde é possível antever uma sociologia infinitesimal, ou monadológica.

As mônadas são os elementos últimos de tudo o que existe. Elas são o ponto geométrico final de tudo caso utilizarmos um zoom crescente em direção ao nível profundo da natureza das coisas. Nas mônadas é possível encontrar “a chave do universo inteiro” (IDEM: 58). Ao olhar para o infinitesimal, Tarde busca, assim, exercer uma

todas as possibilidades infinitas de constituição de águas com plurais adjetivações: água enquanto recurso natural, água misturada aos artefatos do corpo e transformada em sangue ou líquidos - tais como o “lícouer”, líquido que percorre o cérebro -, água potável, água do mar, água dessalinizada, gelo, vapor d’água, chuva, água do rio, água da cachoeira, “água estruturada”, categoria nativa importante (discutida no capítulo 5). A hierarquia das plurais águas se define em seu caráter relacional com o humano, seu sentido e sua função. Por exemplo, a água é uma num contexto de lazer e outra num contexto de escassez. O elemento, assim, não pode ser compreendido como uma categoria única, separada de seu sentido relacional e de seu meio de atuação. Além disso, de acordo com a teoria nativa da “transdisciplinaridade das águas”, essas devem ser compreendidas sob a luz de qual o nível de realidade de onde são vistas. Sua própria realidade física contribui para isso, perpassando os estados líquido, sólido e gasoso, apresentando alta plasticidade, resiliência, entre outras tantas características peculiares do elemento.

Como dito acima, o CET-Água está construindo sua política epistemológica afirmando, a partir de saberes que se confrontam com a Ciência hegemônica, que o humano é água, que o corpo é composto pelas “águas internas”, que a água é um ser especial, dotada da capacidade de captar e transmitir memória vibracional, que a água é um elemento de alto valor espiritual e que através da sensibilidade do seu comportamento é possível enxergá-la como uma mestra que pode guiar o comportamento humano rumo ao equilíbrio, a paz e a integração. A água é metáfora de muitos aspectos da vida, principalmente na educação. Além disso, tais saberes, através do comportamento das águas, buscam dar explicações sobre fenômenos considerados misteriosos para a Ciência, tais como a sincronicidade dos encontros, chamados por meus interlocutores de “confluências”, as “ressonâncias” (a conectividade entre pessoas, grupos e idéias) e também para curas consideradas surpertiesções pela Ciência. Ocorre nesta experiência do CET-Água a busca por uma reunião entre objetivo e subjetivo numa lógica não linear, tal como a lógica do terceiro incluído, tem sido operada visualizando na água, assim, um “sujeitobjeto”. Por quê? Observa-se a

---

ciência inversa, dos fatos contrários, ou seja, que olha do micro ao macro e do interior ao exterior. Ele está preocupado com o movimento da vida, com a agitação interna de cada ser, orgânico e, sublinhe-se, inorgânico; agitação essa que interage com os seres que a rodeiam. O movimento é agência e a agência é relacional. Tudo age, pois em tudo há movimento.

“Seja como for, seriam então os verdadeiros agentes esses pequenos seres que dizemos serem infinitesimais, seriam as verdadeiras ações essas pequenas variações que dizemos serem infinitesimais” (IDEM: 61).

relação entre objeto e sujeito num nível acima da linearidade lógica, nível presente numa circularidade entre os fenômenos do mundo e a presença do observador. Nesse nível acima se cria uma nova entidade híbrida: sujeito interfere no objeto, o objeto atua sobre o sujeito, em alguma medida, sujeito e objeto estão entrelaçados. Na linguagem transdisciplinar o ambientalismo se abre para uma visão mais espiritualizada, bem como a espiritualidade se abre para uma visão mais científica da realidade; trata-se de saberes que se unem e constroem uma visão “além”, transdisciplinar. Observa-se, então, um fenômeno emergente que ocorre no contexto da relação com as águas e que faz dialogar ciência, política e natureza de uma maneira inesperada à primeira vista.

## 2 UM ENCONTRO “DIVISOR DE ÁGUAS”

O outro não é um espelho para o eu, mas um destino (Castro, 1986:25-6)

Meu primeiro contato com o Centro de Estudos Transdisciplinares da Água (CET-Água) se deu no ano de 2009, numa palestra do renomado pesquisador japonês dos cristais de água Masaru Emoto. A conferência dada por Emoto ocorreu no auditório do Museu da República de Brasília e foi organizada pelo grupo que formava o Centro naquele contexto. Estive ali fortuitamente por um convite que recebi de um amigo da Universidade de Brasília (UnB) naquela época. Meu olhar para a palestra de Emoto naquela ocasião o enquadrado como uma personalidade da auto-ajuda que discursava mensagens de otimismo, e havia nesse olhar um julgamento que rebaixava seu saber a um saber não-científico, não rigoroso e menos sério que os aprendidos na Universidade; olhar influenciado pela forma que seu trabalho foi divulgado na mídia<sup>28</sup>. Na *internet* há menções em tom pejorativo chamando-o de “guru das águas”, que tentam indicar que seus saberes são “esotéricos”, “crendices” ou “superstições”. Os conteúdos de seus livros e palestras são disponibilizados em *sites* autodenominados como esotéricos e, além disso, alguns *sites* e fóruns da *internet* questionam a replicabilidade de seus experimentos e a “Cientificidade” de suas pesquisas.

Com o auditório cheio, com aproximadamente 700 pessoas, Emoto falou que atitudes, orações, músicas e palavras (as quais deu enfoque especial) possuem “vibrações quânticas”, e essas vibrações são captadas pelas, e transferidas para, as águas. Na ocasião, ele apresentou algumas fotografias de cristais de água com formas variadas. Alguns cristais eram disformes, com traços negros ou amarelados. Os mesmos haviam sido expostos a poluições materiais ou a palavras e pensamentos considerados negativos e, ainda, a músicas ou a ruídos considerados desarmonicos por conterem letras com palavrões ou que propagandeiam atitudes negativas para

---

<sup>28</sup> Um de meus interlocutores em entrevista apontou o fato de que Emoto foi agenciado pejorativamente no Brasil através de grupos de *emails*, *blogs* e pela mídia virtual tendo sido pouco divulgadas informações mais precisas sobre suas pesquisas. Além disso, o próprio pesquisador divulga em suas obras que não pretende fazer Ciência com “C” maiúsculo dentro dos padrões hegemônicos atuais. Seu trabalho foca o saber advindo da espiritualidade da água, principalmente, de saberes budistas, aliados às recentes descobertas em física quântica, que quebram com o paradigma de conhecimento hegemônico, atuando numa lógica muito próxima a transdisciplinar. Esses fatores são utilizados pelos críticos do pesquisador japonês à cientificidade do seu trabalho e geram reações por parte daqueles que defendem o saber estabelecido.

com as pessoas, os animais e outros elementos da natureza. Seu formato disforme e a ausência de brilho indicavam não somente sua “feióra”, mas, principalmente, sua desarmonia e negatividade, que indicam, também, a ausência de vibração, energia de vida, segundo o pesquisador japonês. Outros cristais apresentados demonstravam um formato hexagonal harmônico, ora todo esbranquiçado, ora dourado, e eram bastante reluzentes. Esses cristais possuíam formatos com alguns desenhos minúsculos bastante simétricos, parecidos com mandalas hexagonais.



Figura 1: Fotografia em alta resolução de um cristal harmônico de água exposto às “boas vibrações” das palavras “Amor e Gratidão”. Fonte: Hado Institution (Laboratório de Emoto no Japão)

A principal tese de Masaru Emoto, que guardei naquela palestra, foi a de que esses cristais de gelo estão nos comunicando mensagens, “as mensagens da água”, de que podemos viver em harmonia tal como indicam as vibrações que são transferidas e captadas pelas águas e sintetizam-se em belos cristais. Essas palavras, pensamentos e emoções são captados pelas águas e, se nos conscientizamos disso, temos o poder de atuar positivamente sobre nossa realidade, modificando-a para uma realidade com mais sentimentos e atitudes positivas, já que o corpo humano é constituído em sua maioria por água, que o Planeta é constituído em sua maioria por água, que o bem a é fonte da vida em todos os ambientes da natureza e que interagimos com o elemento a todo o momento, seja em seus estados mais visíveis ou então invisivelmente, já que o mesmo é o único elemento da natureza a apresentar os três estados físico-químicos: gasoso, líquido e sólido.

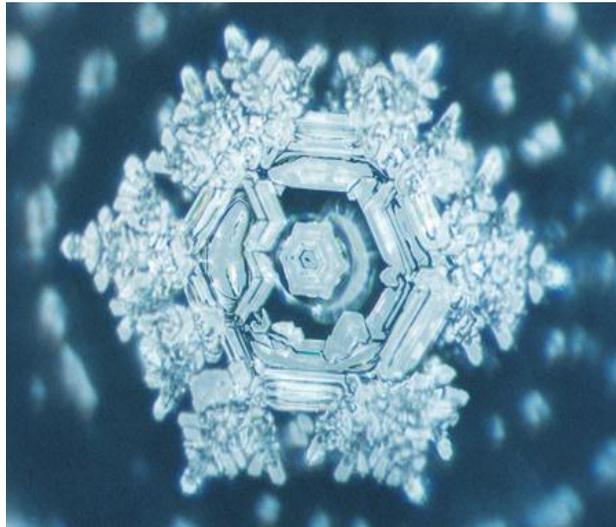


Figura 2: Fotografia em alta resolução de um cristal harmônico de água exposto às “boas vibrações” da palavra “Obrigado!”. Fonte: Hado Institution (Laboratório de Emoto no Japão)

Numa outra ocasião, no mesmo ano, percorrendo os corredores da UnB, deparei-me com uma exposição sobre as imagens dos cristais. De fato, algumas imagens são muito belas e causam uma atração visual. Fiquei com aquelas formas semi-apagadas guardadas na memória e não dei muito relevância à exposição nem à pesquisa de Emoto mais uma vez. Interessava-me o tema água como “objeto” de pesquisa. No entanto, dentro de uma perspectiva que eu enquadrava como sendo “política”, ou seja que lidasse diretamente com as questões sobre escassez, desperdício, mercantilização e a governança (atuação da sociedade civil na gestão pública) das águas.

Muito posteriormente, já durante a realização do trabalho de campo em busca do entendimento de olhares emergentes para com o elemento a partir do CET-Água, eu iria me recordar que havia assistido o filme-documentário “What the Bleep Do We Know?” (Mark, V.; Chasse, B.; Arntz, W., 2004), nomeado no Brasil com o nome “Quem somos nós?”, filme que me foi indicado a assistir por meus interlocutores durante o trabalho de campo. Esse filme foi amplamente assistido no mundo. No filme, a pesquisa sobre os cristais de Masaru Emoto e a hipótese de que as propriedades da água captam e transferem informações vibracionais positivas ou negativas tomaram bastante visibilidade e relevância. Ao vê-lo, já durante o trabalho de

campo, recordei-me, de que, mais de uma vez, muito antes de iniciar a pesquisa o havia assistido. Quando me lembrei disso refleti sobre o fato de que eu havia tido contato com a pesquisa de Emoto no passado e não havia dado importância à mesma. Parecia-me uma questão de crença e não de saber. Não acreditava naquilo. Aos poucos fui desconstruindo meu preconceito. Fiquei sabendo à época dessa descoberta que o japonês ficou famoso mundialmente por comunicar as mensagens da água contidas em cristais de gelo que o mesmo fotografou em alta resolução desde 1994 principalmente por ter demonstrado essas fotos e teses nesse filme-documentário.

O filme demonstra teses de uma série de intelectuais, entre eles físicos quânticos, mestres espirituais e filósofos sobre a “realidade quântica”, que, ao que tudo indica, é uma realidade microfísica permeada por vibrações energéticas infinitesimais que têm agência sobre nós invisivelmente. A realidade quântica se baseia na hipótese da multidimensionalidade da realidade, demonstrando que a realidade não é majoritariamente física, mas, pelo contrário, a realidade que chamamos de física é composta em sua grande maioria de energia e vazio. Existem várias dimensões nessa realidade onde tudo está interligado energeticamente desde a matéria física até as energias mais sutis da vida. Sendo assim, a energia invisível, ou vibração, altera as dimensões mais densas da realidade como o corpo humano, o corpo emocional e o corpo vital das pessoas. O filme busca, assim, demonstrar o poder que palavras, pensamentos, ações, que são e geram “vibrações quânticas”, têm sobre nossa realidade material, que é invisivelmente constituída, em sua maioria, por vibrações, energias e vazio.

Nesses eventos narrados marcadamente tive contato com as imagens dos cristais de águas das pesquisas de Emoto e com sua tese central acerca da água ser capaz de transmitir e guardar informações vibracionais positivas ou negativas influenciando, assim, nossa realidade vivida, tese essa que viria saber mais tarde que é comum a um campo emergente de estudos que se denomina “estudo da água estruturada”, desenvolvidos pelas assim chamadas “ciências quânticas”. A “água estruturada” é uma água que tem sua estrutura molecular modificada a partir de vibrações diversas, compondo-se assim numa estrutura “harmônica” ou “viva”, pois se carrega de mais energia. Experimentos com aparelhos que provocam o efeito *kirliam*, que é o resultado da ionização dos gases nas superfícies dos corpos, demonstram que as águas expostas a boas vibrações ou a águas retiradas de fontes puras da natureza, praticamente sem a influência

humana, apresentam-se extremamente vibrantes, como que permeadas de descargas elétricas, portanto, “vivas”.

Apesar de estar apresentando um pouco das idéias de Emoto aqui, que foram a porta de entrada no campo mais vasto em que esta pesquisa se situou, à época dos meus encontros com o estudioso japonês, suas idéias e imagens não me chamaram muito a atenção e não lhes encaixava como um saber legítimo ou “Científico”. Posteriormente a esses encontros aparentemente fortuitos, já na fase inicial do mestrado em antropologia social no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UnB, em 2010, minha intenção foi naquele momento a de buscar estudar um coletivo que tivesse as águas como temática de atuação central, exercesse sua “política” em prol das águas, mas que saísse do circuito hegemônico estrito da gestão no Distrito Federal (DF) ou que estivesse sendo excluído do mesmo. Esta preocupação derivava-se de pesquisa anterior, que realizei durante a graduação em Ciência Política, também na UnB.

A monografia de graduação havia lidado com tema da agregação da sociedade civil ambientalista do DF em prol da governança das águas no respectivo território. Para o mestrado, a princípio, pensei em grupos rurais que realizavam trabalhos de educação ambiental e de resolução de conflitos sobre uso da terra, e tinha em vista alguns grupos com que tive contato durante pesquisa de monografia situados no Núcleo Rural Pípiripau II, um era um acampamento do Movimento dos Sem Terra (MST) e outro era um grupo de professores da escola rural local. Minha preocupação naquele momento se enquadrava na sua exclusão dos espaços de representação política constituídos para serem espaços de governança da água no DF, onde a sociedade civil, em tese, deveria ter voz para decisões diretas sobre a gestão. Durante a monografia havia percebido a heterogeneidade que carregava a noção de “sociedade civil ambientalista” e me preocupava, portanto, em me aprofundar no estudo daqueles grupos menos visíveis nas pesquisas, pois não eram facilmente encontrados nos espaços mais corriqueiros da política de gestão, nem tinham estratégias de atuação específicas para isso, compunham a categoria de sociedade civil ambientalista, porém não eram reconhecidos como tais. Preocupavam-se, antes de tudo, como uma política do cotidiano, com a resolução de conflitos locais e com a solidariedade e conscientização locais, temas que não geram muita publicidade e os fazem ficar fora dos estudos sobre o tema e, principalmente, fora dos próprios espaços de governança.

Academicamente, eu acabava de adentrar o campo antropológico. Estava eu ainda em dúvida quanto à definição de um tema e minhas preocupações teóricas no campo da antropologia giravam, cada vez mais, em torno de questões ligadas a epistemologia das ciências sociais e às temáticas ligadas a ações coletivas em defesa de questões ambientais, bem como à educação ambiental. Foi nessa época, antes, portanto, da definição de tema de pesquisa para o mestrado, que participei de um seminário de apresentação do Centro de Estudos Transdisciplinares da Água (CET - Água) durante a Semana de Extensão da UnB que ocorreu em Novembro de 2010 movido pela curiosidade. Um amigo que trabalhava na época no *World Wildlife Fund* (WWF) me chamou a atenção para o evento que seu colega de trabalho, Sérgio, quem eu já conhecia nominalmente, por se tratar de uns dos técnicos responsáveis pelo Programa de Águas dessa instituição, estava ajudando a organizar. Além disso, eu morava à época na região do Córrego do Urubu onde se situa a ONG Oca do Sol, instituição-membro do Centro, e havia conhecido recentemente o local, uma chácara muito bonita. Sua representante, Soledad Udry, a “Sol”, estava presente na apresentação. Esses fatos me aproximaram de alguma maneira ao evento do grupo, além de se tratar de um centro de estudos sobre as águas, contato que muito me interessava no contexto. Fui checar a apresentação.

Ali cheguei com a expectativa de ouvir falarem um discurso ambientalista comum em prol da defesa das águas e o enfoque na gestão dos recursos hídricos, que foi praxe nos meus contatos nos circuitos ambientalistas durante a monografia. Desconhecia a noção de transdisciplinaridade e preconcebia que o Centro se tratava de uma instituição com vistas à defesa das águas e conscientização em prol deste recurso dentro de uma visão naturalizada que carregava comigo sobre o ambientalismo. No entanto, havia no discurso daquelas pessoas alguns diferenciais: informações sobre “a natureza misteriosa das águas”, um encantamento e uso de uma linguagem metafórica e afetiva para com o elemento, uma junção entre concepções físicas e filosóficas sobre a constituição do mesmo na vida humana, aliada a uma política de conscientização em prol de uma mudança de valores para com a água contemporaneamente, tudo isso sob o signo da transdisciplinaridade.

Ali, naquela apresentação do Centro a mim, iniciava-se o que considero um “divisor de águas” no que concerne meu interesse por grupos que fazem política com a natureza e nas minhas pré-noções sobre os mesmos. Como uma espécie de prelúdio ao meu rito de iniciação na

antropologia começava inicialmente por desconstruir algumas pré-noções sobre o que é fazer política ecológica e sobre o que posso chamar de “realidade da água” nos campos dos saberes contemporaneamente. Além disso, iniciava meu contato com os pressupostos da transdisciplinaridade, que apresenta, a meu ver, uma boa crítica aos pressupostos ideológicos da Ciência moderna contemporânea.

Ali seriam apresentados os conceitos basilares da ideologia do CET-Água, que não só justificam sua existência, como apontam a sua linha de atuação. Foi ali que escutei pela primeira vez o termo “águas internas” referindo-se às águas do corpo humano, por Maria do Socorro Ibañes, professora do Departamento de Ecologia, que disse aos presentes que se apaziguamos nossas águas internas geramos uma cultura de paz fora de nós<sup>29</sup>. O técnico da Agência Nacional de Águas (ANA), Maurício Andreas, chamou a atenção para a necessidade de construção de novos olhares para a água, uma mudança de “cultura da água”, termo que ouviria muitas vezes mais tarde para designar o paradigma e os olhares para o elemento. Segundo ele, a sociedade capitalista em que vivemos sofre de uma “hidroalienação”, por desconhecer por completo os caminhos por que passam as águas dos rios até nossas torneiras e mesmo desconhecer uma série de carências e conflitos hídricos por quais hoje vários povos no mundo passam. Além disso, no caso brasileiro, principalmente, a hidroalienação se dá devido a uma crença no mito da abundância de água potável, o que gera uma série de distorções e exageros no seu uso e debilidade nas políticas de conscientização do consumo. Sol, diretora do ONG Oca do Sol, chamou a atenção para as pesquisas do japonês Masaru Emoto, declarando que “a água é um ser especial”. Segundo ela, a água não é assim considerada somente por várias tradições psico-espirituais, mas tal noção tem sido demonstrada em hipóteses de pesquisas sobre a natureza vibracional da água, tal como demonstravam as mensagens dos belos cristais de gelo divulgados pelo trabalho do pesquisador japonês Masaru Emoto em seus livros, palestras, cursos e pela

---

<sup>29</sup> “A professora do Instituto de Biologia da UnB, Maria do Socorro, finalizou a discussão lembrando a similaridade que existe entre o percentual de água existente no corpo humano e na Biosfera. Ela fez uma analogia entre o cuidado com nossas águas corporais e a forma como nos relacionamos uns com os outros, e mesmo entre nações: “Se as nossas águas internas estão em harmonia nós também seremos menos belicosos” (RAMALHETE, C., 2009. Encontrado em: <http://www.ana.gov.br/aguaecultura/>)

*internet*, como pude perceber mais tarde interagindo com sua obra, a obra de seus seguidores e em conversações diversas. Escutei alguns termos novos para mim de Vera Catalão, professora da área de Ecologia Humana e Educação Ambiental da Universidade de Brasília, com quem teria a felicidade futuramente de ser seu aluno em campo. Termos tais como “sensibilidade das águas”, que indica a materialidade da água como recurso simbólico e norte para ações de aprendizagem, e a noção de que as águas indicam as principais metáforas dos processos de aprendizagem e da própria transdisciplinaridade, recurso ecopedagógico do projeto “Água como matriz ecopedagógica”, projeto que representa a UnB no CET-Água. Iniciava ali meu contato com o caminho que o Centro encontrou para construir uma “nova cultura da água”, que chamo de “transdisciplinaridade das águas”, uma confluência entre a transdisciplinaridade e a temática transversal das águas.

No mesmo encontro, Sérgio, o interlocutor inicial para entrada neste campo, técnico da WWF, chamou a atenção para a noção de “subjetividade das águas”, para indicar a frente de trabalho “Água e Cultura” com que a tanto a Agência Nacional de Águas (ANA), quanto a WWF vinham iniciando um trabalho conjunto e paralelo à época. Esse trabalho visava, entre outras coisas, tombar hidropaisagens naturais, como é o caso, por exemplo, dos rios Negro e Solimões como paisagens hídricas de valor cultural e simbólico inestimáveis para a humanidade e fomentar pesquisas sobre costumes e usos das águas por diferentes grupos, etnias e povos brasileiros. O termo “subjetividade das águas” indica a olhar para os aspectos subjetivos, simbólicos e culturais sobre as águas e territórios aquáticos para diferentes populações: como as águas são vistas por diferentes grupos humanos, tradições culturais, religiosas, filosóficas? Na visão do CET-Água conhecer esses saberes pode contribuir em muito na conservação das águas. Essa visão mais “subjetiva” que se foca em diferentes saberes e olhares sobre o bem têm muito a complementar a noção atualmente hegemônica no meio ambientalista sobre a preservação deste, uma visão mais “objetiva” baseada em dados e estatísticas e que entende a água enquanto um recurso para uso humano.

Maria Ângela, representante do Instituto de Saúde Integral (ISI), no qual se reúnem muitos homeopatas, e ela mesma homeopata, comunicou no contexto aos presentes informações sobre a história e os métodos da homeopatia e a importância da diluição de diversos solutos nas águas, concluindo que as pesquisas que buscam comprovar que as águas possuem memória quântica

podem ajudar a explicar melhor o fenômeno da homeopatia. Além disso, tais pesquisas podem ajudar a trazer mais credibilidade a sua área, que já é reconhecida como uma prática integrativa da saúde em lei e está presente, inclusive, no Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro. Ela falou, ainda, da importância da água para a qualidade de vida e da importância da homeopatia para tratamento de uma série de doenças como recurso a uma prática terapêutica menos invasiva do que a medicina alopática.

Naquela ocasião, havia ali a presença de algumas organizações ligadas especificamente à área da Educação e participantes do CET- gua, tais como o “Instituto Calliandra de Educação Integral e Ambiental e - Ceia”, a Universidade de Brasília, representada pelo projeto “Água como Matriz Ecopedagógica”. Havia também a presença de outras instituições e pessoas, essas ligadas à área da Saúde e também participantes do coletivo. No que tange a Saúde essas pessoas e instituições estão ligadas especificamente à área das práticas integrativas da Saúde, tais como a meditação, no caso do Núcleo de Medicinas Alternativas e Terapêuticas de Integração (NUMENATI) da Secretaria de Saúde do DF e da Homeopatia através do ISI. Havia ali uma diversidade de enfoques e de instituições e organizações com estruturas organizacionais bastante distintas e provenientes de diferentes áreas disciplinares: ANA, WWF, Oca do Sol, ISI, NUMENATI, Instituto Calliandra, Água como matriz ecopedagógica, entre outras. A proposta epistemológica de um Centro ser transdisciplinar atenta-se para o fato de o mesmo ser um coletivo “que une e não separa”, nas falas de um dos interlocutores de campo. Dessa forma, instituições públicas e organizações da sociedade civil foram levadas por pessoas participantes das mesmas a se aliar em um acordo de cooperação técnica com uma proposta inovadora: promover ações em defesa – e reflexões sobre - as águas de acordo com uma perspectiva transdisciplinar.

Além do caráter diverso, através das falas de meus interlocutores, naquela salinha do Departamento de Ecologia da UnB, onde acontecia a apresentação, foi apresentado ao público presente o filme-documentário “Água: O Grande Mistério” (*Water - The Great Mystery*, Medvedeva, S., 2008), filme que o CET-Água traduziu e pretende veicular em breve. Nesse material audiovisual, relatos de uma série de pesquisadores de várias partes do mundo (russos, indianos, norte-americanos, chineses) sobre pesquisas que demonstram a capacidade da água de memorizar informações vibracionais tanto de elementos materiais diversos, como é o caso de desejos de lixo, metais, quanto de elementos não materiais, tais como a energia das palavras, de

pensamentos, orações – pesquisas que seguem uma lógica parecida com as pesquisas de Masaru Emoto, mas com métodos, instrumentos e conclusões distintas. Segundo a narração do filme, trata-se de experimentos que se baseiam na física quântica e suas evidências resgatam a sacralidade da água perdida nos saberes filosóficos e espirituais milenares. Ao que tudo indica, a partir de uma linguagem científica e contemporânea a física quântica pode demonstrar que o elemento água é especial dentre todos os outros presentes na natureza, um mediador de vibrações infinitesimais e que tem a capacidade de guardar e transmitir informações. Os interlocutores do Centro disseram que o filme sugere que há um vasto campo de estudos no mundo atualmente que se interliga por afirmar a ontologia vibracional ou quântica do mundo, “a realidade quântica”, e por afirmar uma mediação privilegiada do elemento nessa realidade.

Meses mais tarde, eu iria ressignificar uma série de pré-noções sobre o fazer política com as águas a partir do contato com o CET-Água. Pude observar que a “política” que o coletivo realiza não se trata de uma política ambientalista comum, que busca problematizar e denunciar os problemas de escassez, mau uso, mudanças climáticas, mercantilização que envolvem as águas. Logo após decidir iniciar um estudo de caso sobre o Centro sobre sua construção de uma “nova cultura da água” questionei Sérgio, sobre o fato de o CET-Água não me parecia ser uma organização ambientalista comum. Ele me disse que o ativismo ambiental em prol das águas é apenas uma entre as várias “caras” do grupo, o vetor Ecologia. As pessoas que compõem o coletivo realizam atividades variadas com o tema das águas e não necessariamente estão preocupadas com o rótulo de “ambientalistas” nem se reconhecem como tal. “O ambientalismo é uma das visões presentes no Centro”, disse ele. “Mas há várias outras, como é o caso da saúde, que visa enxergar a água como elemento de cura, ou da educação integral e ambiental que visa construir uma linguagem baseada na ‘sensibilidade da água’ para contribuir com atitudes mais éticas. Havia ainda o lado cultural ou “subjetivo” das águas. Sintetizar essas várias visões como ambientalistas não fazia sentido para o grupo. Dentro do que meus interlocutores entendem por ambientalismo, como se articular com a sociedade civil, defender direitos frente ao Estado, realizar campanhas de mobilização e conscientização da população o Centro é ambientalista, mas sua política não se restringe nisso. Conclui que é a “transdisciplinaridade da água” a principal bandeira do coletivo.

Percebi posteriormente, mas, principalmente, a partir deste encontro inicial com o CET-Água que a atuação política do grupo se dava muito mais no âmbito de uma “política epistemológica” que se alia a uma defesa das águas a partir da integração dos saberes sobre as mesmas, que busca unir olhares, saberes e práticas, e busca reconhecer a sacralidade das águas, para a construção de novos valores e hábitos, uma cultura responsável para com o elemento e uma relação de paz entre os humanos. Quebra-se, assim, com a ótica de que a água é estritamente um recurso utilitário, ampliam-se os olhares, constrói-se uma relação mais ética entre humanos e águas. “Política epistemológica” por quê? Porque a transdisciplinaridade é uma epistemologia. Ela defende uma atitude de tolerância e de abertura para com culturas e saberes marginalizados pelo paradigma predominante da “Ciência” moderna e uma quebra com o saber utilitarista estrito. Mas, também, “política epistemológica” que é ao mesmo tempo uma “epistemologia política”, ou seja, uma epistemologia que fundamenta ações políticas, tal como unir e horizontalizar saberes, ter uma atitude de inclusão para com outras culturas, afirmar que o conhecimento científico é limitado e que há uma zona de mistério que só o sentir, o intuir, a espiritualidade pode entender, não de uma forma racional. Além disso, porque se trata da construção de um conhecimento que reconhece o imbróglio entre saberes, política e a preservação da água e se produz através da união de organizações públicas e privadas e pessoas com diferentes especializações em prol de tal preservação e em prol da construção e valorização de hábitos e valores que corroborem para o uma relação de pertencimento entre humano e água. Enfim, trata-se também de uma “epistemologia política” no sentido que indica novos fundamentos para a produção de conhecimento sobre a temática da água, os fundamentos da transdisciplinaridade.

O argumento central para a existência do Centro é o de que a gestão de recursos hídricos tem lidado com a água de acordo com os mesmos valores do paradigma hegemônico, que é capitalista, dualista, cartesiano e utilitarista produzindo especializações disciplinares e institucionais entre os setores público e privado que não se comunicam e, assim, contribuindo com a “hidroalienação”. Isso obscurece a heterogeneidade e a multiplicidade de olhares para o elemento e dificulta a discussão, a reflexão e a construção de valores que contemplem a realidade complexa do elemento num contexto de sociedades igualmente complexas, ajudando, assim, na transformação das atuais práticas sociais para com as águas: poluição, uso exagerado, conflitos hídricos - inclusive guerras -, escassez de água potável e mercantilização de água potável.

É comum na antropologia clássica, predominantemente, mas na antropologia contemporânea também, etnografias que se caracterizam por lidar com “alteridades radicais” (Peirano, 1999). O *métier* de formação antropológico clássico passa, entre outras coisas, pelo ideal de vivenciar realidades distantes da sociedade do antropólogo, fato não menos criticado por seu exotismo. Meu encontro com o CET-Água e a sua proposta de uma “nova cultura da água” foi um encontro que se afasta desse costume antropológico, um encontro com um grupo não familiar a partir de um contexto e de possuímos afinidades bastante familiares, como por exemplo a reciprocidade entre o Centro e eu no que diz respeito ao nosso engajamento com a temática da água e a propensão as discussões epistemológicas; nosso contexto de produtores de saber e nosso encontro dentro da Universidade de Brasília, pelo menos num primeiro momento.

O encontro com o grupo, no entanto, colocou-me diante de alteridades bastante complexas, tais como a transdisciplinaridade e sua proposta de construção de pontes entre os saberes, as linguagens da física quântica e o uso de metáforas para indicar a ação humana que partem da materialidade da própria água e uma associação desses elementos com a “espiritualidade” ligada à água (espiritualidade aqui indica um sentimento especial, uma reverência as águas, tê-las como sagradas, independentemente de adesões religiosas). Mas acima de tudo, foi o encontro de minhas afinidades pessoais sobre a necessidade de conscientização ambiental para com as águas, de meu interesse pelas discussões epistemológicas e de minha preocupação antropológica na agregação entre instituições públicas e privadas, organizações marginais e organizações capitalizadas que derivava da pesquisa sobre a interação da sociedade civil ambientalista na governança das águas no DF, que me conectou com o grupo com preocupações tão similares e, ao mesmo tempo, tão distintas, de maneira profunda desde o início. Foi um encontro de um pesquisador com pesquisadores que se afetam politicamente pela preservação das águas no Planeta.

Durante o ano de 2011 fui sendo, paulatinamente, incorporado como um “membro” do Centro. Durante o “1º Seminário Internacional Água e Transdisciplinaridade: Para uma Ecologia de Saberes” (1º SIAT), evento realizado pelo CET-Água em Novembro em Brasília, DF, fiz parte do grupo que compôs a comissão científica do evento; durante todo o ano de 2011 fui chamado de “pesquisador associado” em várias ocasiões por meus interlocutores, em algumas reuniões me pediram para que eu fizesse a ata; em determinada época, meus interlocutores

encaminharam a mim toda as atas de reuniões que tinham consigo para que eu organizasse sua memória.

Posso dizer, em termos nativos, que uma lei de atração das águas possibilitou uma “sincronicidade” de eventos até meu encontro no contexto descrito acima. Além disso, aconteceu entre o grupo e eu, enquanto pesquisador, uma “ressonância” significativa. Tive contato aos poucos, respectivamente, com a educação ambiental, com o ambientalismo, com o tema de pesquisa da gestão das águas e, conseqüentemente, com os circuitos pessoais das águas no Distrito Federal durante minha graduação e durante o ano anterior a incursão no mestrado. Paralelamente, tive contato com as imagens dos cristais das pesquisas de Emoto, e, por fim, com as teses acerca da memória da água até encontrar as “pessoas transdisciplinares”, como uma de minhas interlocutoras costuma dizer, do Centro de Estudos Transdisciplinares da Água. Tanto a sincronicidade e quanto a ressonância são termos bastante comuns na linguagem de alguns de membros do Centro. Tais conceitos explicam bem o encontro que considero “divisor de águas” que tive com o Centro. “Ressonância”, de um ponto de vista da física, indica vibração numa mesma “onda” ou “energia”. De modo genérico, digamos que quando um material que ressoa numa vibração encontra outro, ambos passam a vibrar numa mesma sintonia. Assim o foi entre eu e o CET-Água.

Logo depois de ter participado da apresentação do Centro durante a Semana de Extensão da UnB dialoguei com Sérgio sobre a possibilidade de eu participar das atividades do Centro e enquanto antropólogo estudar sua proposta transdisciplinar para com a temática das águas. No início a indefinição do “objeto” de pesquisa foi um fator positivo na agregação para com o grupo. Disse eu a eles: “Quero participar e observar as atividades do grupo”. Não sabia lhes dar maiores informações sobre minhas perguntas, pois eu adentrava um campo inexplorado por mim. E ofereci minha ajuda para com o que precisassem nas atividades que viriam pela frente. Partindo da proposta de inclusividade de saberes e olhares que tem a transdisciplinaridade a proposta, eu, representante da antropologia no Centro, tive minha proposta logo acatada pelo grupo em minha primeira reunião com os mesmos, embora não sem certo estranhamento e incômodo de pessoas que são, no geral, acadêmicos e pesquisadores acostumados a pesquisar e pouco acostumados a serem “pesquisados”.

Preocupado antes com definições sobre diferentes políticas em prol da natureza, encontrei no Centro um “divisor de águas” em minha trajetória. Este “divisor de águas” que foi encontro de minhas águas com as águas do grupo descobri, observei e vivenciei teses sobre a memória da água, um universo de saberes, práticas e pesquisas emergentes muito mais amplo, bem como visualizar uma diversidade de olhares, poéticas, metáforas e valores em construção para com o elemento água emergindo com a pretensão de conscientização. A reinvenção da Cultura com “C” maiúsculo da água e o entendimento do caráter relacional entre humano e água, faz das águas para mim, do encontro com CET-Água em diante, constituir-se enquanto um elemento sempre plural e polissêmico e, principalmente, “misterioso”.

Vera, já nos fins de meu trabalho de campo, escreveu para mim afetuosamente a seguinte dedicatória do livro “Água como matriz ecopedagógica”: “Para Lucas. Pelo encontro das nossas águas que tanta alegria me trouxe. Vera”.

O encontro das águas é o encontro de trajetórias com afinidades. Um foi levado ao outro nessa concepção. Há aí sincronicidade e ressonância. Há aí uma confluência. O “encontro das águas”, na natureza, nos remete ao comportamento dos rios de suas nascentes até a foz. Articular esse encontro aos encontros de trajetórias de vida constrói uma poética para a confluência entre saberes e utopias que se tornou o coletivo, bem como promove identidades e reconhecimentos intersubjetivos entre os participantes do Centro. Além disso, contextualiza os conceitos de ressonância e sincronicidade ao comportamento das águas.

“Jung define sincronicidade como sendo ‘coincidências plenas de sentido que não podem ser compreendidas mediante o princípio da causalidade’” (Jung, 2007 *apud* Catalão, 2006: 94). Em alguns momentos o termo foi utilizado para descrever a conjunção de fatores aparentemente não lógicos para alguns encontros que ocorreram na trajetória do Centro. O próprio Centro seria fruto dessa sincronicidade, do encontro de pessoas com abertura e tolerância para saberes que tinham a água como elemento transversal e para com a proposta transdisciplinar de integração dos saberes terem se encontrado e seu encontro ter ressoado o bastante em cada um para que uma parceria fosse tomada. A minha presença como “pesquisador associado” ao coletivo, categoria que foi cunhada nos primeiros contatos com o grupo de modo mais amplo em suas reuniões ordinárias, culminaria na minha conseqüente integração ao coletivo, até mesmo, futuramente, sendo reconhecido como um “membro”, processo que envolveu a construção de laços afetivos e

compartilhamento de tarefas durante a organização do 1º SIAT. A sincronicidade dos encontros culmina na ressonância dos propósitos. A ressonância diz respeito à vibração numa mesma frequência, num encontro das nossas águas e na mistura das mesmas que passam ambas a fluir num mesmo rio. Em relação às pessoas o termo é usado para descrever uma afinidade.

Desta forma, a antropologia que realizei com o CET-Água, não se trata apenas de uma antropologia engajada, no sentido de preocupada politicamente com o agendamento da necessidade de construção de olhares e valores de cuidado para com as águas do Planeta ou com a reinvenção da Cultura da água a partir de um reencantamento das águas, mas de uma “antropologia da aproximação” (Sá; 2005), ou melhor, para honrar a teoria nativa que estrutura este texto, uma “antropologia das confluências”, informada por profunda vivência no universo conceitual e afetivo de meus interlocutores e na confiança de nossas afinidades. Lembro-me de Vera falando-me certa vez para mim: “todo conhecimento é auto-conhecimento. A ciência é autobiográfica”. Na antropologia das confluências possível no trabalho de campo realizado com o CET-Água essa fala de Vera vibrou bastante na minha prática de pesquisa, a qual esta dissertação é o resultado, depois de “ondas”, “remansos” e “turbulências”.

### 3      **ÁGUA, ELEMENTO MATRIZ (ESTADO SÓLIDO)**

Este capítulo busca descrever algumas características “matrizes” do Centro de Estudos Transdisciplinares da Água (CET - Água) que possibilitaram ao coletivo sua “solidificação”. Este capítulo performa o estado sólido do Centro, descrevendo algumas de suas matrizes, tal como: (1) as imagens hidrológicas e hidrográficas utilizadas pelos membros para recorrer, por um lado, a memória passada do coletivo e, por outro, para descrever os eventos do presente e seus projetos para o futuro. Tais imagens são uma extensão da “linguagem hidrológica” do grupo, que utiliza características e padrões de comportamento da água como metáforas capazes de orientar ações humanas, classificar e descrever eventos e fenômenos, e que também se tornaram uma metodologia de trabalho. Além disso, (2) buscou-se aqui resgatar eventos que compõem a trajetória do Centro antes mesmo dele acontecer, resgate baseado nas figuras mais ativas do coletivo durante o ano de 2011. Apresento, também, (3) as bases da “política epistemológica” do CET-Água, que chamo de “transdisciplinaridade das águas”, formada por fundamentos epistemológicos e políticos que aplicam a transdisciplinaridade à temática da água em sua complexidade, multidimensionalidade e multirreferencialidade com vistas à construção de um enfoque ético e responsivo na relação entre humanos e águas. Como diriam os interlocutores desta pesquisa: “Sem o solo a água não pode correr”. Vamos, portanto, à estrutura do CET-Água.

#### 3.1    **AS “IMAGENS HIDROLÓGICAS” DO PASSADO, DO PRESENTE E DO FUTURO**

Então... assim... a gente foi vendo que tinha um... É como se tivesse... a gente até se comparou como se fôssemos várias nascentes e que vão se confluindo. Então, é como se a gente tivesse caminhando para um encontro das águas, assim, dentro desse olhar [refere-se à transdisciplinaridade], sabe? (Marly, em entrevista)

Como relatei no capítulo 2, conheci o Centro de Estudos Transdisciplinares da Água (CET-Água), primeiro, através das divulgações do trabalho do pesquisador japonês Masaru Emoto sobre os cristais de água. Fui saber, posteriormente, conversando com o grupo que tais divulgações de pesquisas diversas sobre a memória vibracional da água, entre as quais estão a de

Emoto, representam, dentro da estrutura do Centro, apenas uma das “ramificações” ou “braços” com qual o “rio maior” que é o próprio CET-Água trabalha. Aos poucos fui tendo contato com a memória do coletivo de pessoas, organizações e instituições que compõe o mesmo e pude observar, também, que além de enxergar sua estrutura analogamente à dinâmica de um rio, em “braços” ou “ramificações”, os participantes enxergam, também, as trajetórias de encontros que possibilitaram no passado recente a existência do Centro a partir da imagem de um “encontro” ou “confluência” entre várias nascentes ou rios menores formando um “rio maior”. Esta imagem não permanece no tempo pretérito apenas. Esse “rio CET-Água” é enxergado em movimento e “flui” devagar, em sua dinâmica do passado até o presente, e do presente até o futuro, visando seu propósito ou objetivo maior, que é “se fundir ao mar”, o que simbolicamente significa espalhar a mensagem do Centro e difundir a “transdisciplinaridade das águas” visando uma nova cultura da água.

Nessa dimensão, o CET-Água se ramifica algumas vezes no caminho até sua foz e encontra-se com outros rios, córregos e nascentes. Assim, num mesmo sentido que uma “linguagem hidrológica”, baseada nos aspectos sensíveis da água, é utilizada entre os membros para orientar ações diversas, há no olhar para a história do coletivo a influência de “imagens hidrológicas” que funcionam, ao mesmo tempo, como uma “memória” dos movimentos que levaram a existência do mesmo e como um “projeto” para o futuro. Essas imagens – das nascentes, córregos e rios se encontrando e de um fluir rumo ao mar -, conferem motricidade aos seus eventos e fazem com que os participantes se compreendam dentro de um “fluxo” de ações contínuas, enxergando-se como a própria água.

Durante o ano de 2011, tempo em que aconteceu meu trabalho de campo, observei nas entrevistas que realizei que com frequência essas “imagens hidrológicas” foram usadas pelos interlocutores de campo como um norte ou um lembrete momentâneo de que o Centro tem um caminho a traçar. O projeto considerado “alternativo” de se “fazer política com as águas” por meio da transdisciplinaridade é visto por alguns de meus interlocutores como uma “utopia” – sendo tal termo utilizado positivamente. Durante o trabalho de campo uma entrevista com o escritor uruguaio Eduardo Galeano foi transmitida na *internet* e divulgada amplamente em vários meios. Uma de minhas interlocutoras, Maria Ângela, em determinado momento enviou para o grupo de *e-mails* do CET - Água tal entrevista chamando a atenção do grupo para a fala do

escritor sobre o sentido da utopia. “É isto o que fazemos no CET-Água” – escutei ela falar numa reunião seguinte. Vários membros concordaram. A fala do escritor é a seguinte:

Vou dizer algo sobre o direito ao delírio a partir de algo que me aconteceu em Cartagena, Índia, quando eu estava dando uma aula com um amigo, diretor de cinema argentino, Fernando Birri e os estudantes faziam muitas perguntas. Então os estudantes faziam perguntas, às vezes a mim, às vezes a ele. E lhe tocou a mais difícil de todas. Um estudante levantou e perguntou a ele: “Para que serve a utopia?” Eu olhei com lástima a ele na hora. Que pergunta difícil. E ele respondeu da melhor forma possível. Ele disse que a utopia está no horizonte. E disse: “Eu sei muito bem que nunca a alcançarei, que se eu caminho dez passos ela se distanciará dez passos. Quanto mais eu procurar menos eu a encontrarei, porque ela se distancia quanto mais eu me aproximo”. Boa pergunta, não? Para que serve a utopia? Pois a utopia serve para isso: para caminhar! (“El Derecho al Delírio”<sup>30</sup>, Eduardo Galeano, transcrição do autor)

A utopia do CET-Água é promover uma nova cultura da água, fazendo novas alianças com outras “águas” - entendam-se grupos, pessoas, instituições e organizações -, e expandindo ações com vistas à mudança no relacionamento humano para com o elemento água de acordo com uma “ecologia de saberes”, ou seja, de um relacionamento de trocas e encontros harmoniosos entre diferentes tipos de saber. Vi Vera, uma das representantes da Universidade de Brasília (UnB) no Centro, falar, dentro e fora do grupo, para as pessoas visualizarem a idéia da utopia a partir da imagem de uma gota d’água como fonte de inspiração para seus projetos. A gota d’água de onde nasce uma nascente é a primeira gota de inúmeras outras que se seguem e formam junto um pequeno córrego, que se expande ou se encontra com outros, até se tornar um rio maior. Esse rio pode chegar às vezes a ter imensas proporções até chegar ao mar - imagem última de quando finda o ciclo da gotinha, simbolizando sua fusão com todas as outras gotinhas, uma união, uma intercomunicação com as demais gotas de água que existem sobre o que seria a finalidade inicial da gotinha, sua utopia: “um mundo melhor”. De um pequeno ser, a gota, nasce um grande rio.

Em grande medida, esse tipo de “imagem hidrológica”, como é o caso da utopia da gota d’água dá motricidade à memória passada do coletivo e constrói planificações futuras. Como o recurso a tais imagens e linguagem é bastante usado pelo grupo não é possível estabelecer um retrato fixo do Centro com o objetivo de descrevê-lo sem traí-lo; cabe-nos antes olhá-lo a partir dessas imagens. Talvez seja mais fácil elaborar uma “filmagem”, uma colagem dinâmica dessas imagens, sobre seus eventos passados que se movem em direção a seus projetos futuros. Ou seja, há um dinamismo tanto no discurso sobre a memória quanto no discurso sobre os projetos futuros

---

<sup>30</sup> Fonte: Youtube

do coletivo, pois ambos estão ancorados no comportamento “motriz” da natureza. Dentro dessa dinâmica não há caminhos fixos para o futuro. Os planos podem mudar dependendo do “fluir” das atividades. Como diz o poema de António Machado: “caminhante, não há caminho, faz-se caminho ao caminhar”. De modo análogo é o que Ingold (2000) diz no trecho seguinte ao falar sobre a relação entre o mundo ao nosso redor e o movimento:

O mundo de nossa experiência é um mundo suspenso, em movimento, um contínuo ‘vir a ser’ no qual nós – através de nossos próprios movimentos – contribuímos em sua formação<sup>31</sup> (Ingold, 2000:242, tradução do autor).

As imagens, também, funcionam também como construtoras de identidade coletiva. Ao enxergar-se como “gotinha”, “nascente” ou “rio” as pessoas, os grupos de pessoas, as organizações e as instituições do Centro relembram-se da causa pela qual se propuseram a construir o projeto inovador baseado na transdisciplinaridade: as próprias águas. Visualizar-se como água é se reconhecer como ser vivo composto em sua maioria por ela, é relembrar-se que a Terra é composta em sua maioria por água, é relembrar-se que a mesma é um elemento complexo, não apenas “um recurso” instrumental. Em alguma medida, como disse Anna Luiza, representante da ONG Ararazul, numa ocasião em que o grupo participou de um grupo focal para discussão epistemológica, ao ser perguntada sobre o quê para ela era a água: “a água somos nós e nós somos a água”. Em sua visão, visualizar as águas dessa forma tão próxima ou “interna” contribui para um maior cuidado para com o elemento – acima de tudo um “auto-cuidado” -, pois cuidá-las e protegê-las se torna um cuidar de si mesmo. Ao se cuidar das águas se está cuidando da sobrevivência da própria humanidade.

Para o grupo, essa visualização produz um reconhecimento intersubjetivo entre os participantes, as instituições e organizações presentes no Centro: “estamos unidos pelas águas”. A temática transversal que possibilita o encontro entre as várias áreas do saber, o encontro transdisciplinar, é a das águas. É o elemento que os une, e que promove essa experiência de união de saberes baseada na transdisciplinaridade. Daí a noção de “transdisciplinaridade das águas”, pois a água se torna a liga, o elemento transversal, entre os diversos saberes unidos por sua causa.

---

<sup>31</sup> *“The world of our experience is a world suspended in movement, that is continually coming into being as we – through our own movement – contribute to its formation”* (Ingold, 2000:242).

Observei nas dinâmicas comunicativas entre os participantes do CET-Água um encontro dessas “imagens hidrológicas” com outras linguagens provenientes de alguns saberes, tais como a cibernética e as ciências quânticas - encontro transdisciplinar prático. O “circuito” e a “rede” são termos próprios de uma linguagem cibernética, bem como a “sincronicidade” ou “ressonância”, noções próprias de explicações ligadas a uma ontologia multidimensional da realidade, proveniente tanto de saberes que bebem das ciências quânticas, quanto de visões de mundo oriundas de saberes tradicionais filosóficos e espirituais.

Segundo alguns de meus interlocutores, o movimento das águas na natureza aponta para uma dinâmica de redes. A bacia hidrográfica é um desenho bastante significativo dessa relação entre águas e redes. Esse olhar que busca as “similitudes” é um recurso transdisciplinar que indica que alguns fenômenos podem ser explicados e enxergados a partir de diferentes saberes ou enfoques, mas ter significados iguais ou análogos. A imagem de uma bacia hidrográfica é análoga a uma rede.



Figura 3: Imagem da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco (Fonte: Wikipédia). Nascentes e córregos se integram ao rio maior que segue até sua foz.

A Educação Integral, presente no Centro através do Instituto Calliandra de Educação Integral e Ambiental – e CEIA, também trabalha bastante com a busca de similitudes entre conceitos ou fenômenos. Tal didática procura não somente padrões similares em diferentes

fenômenos, mas também a aproximação entre saberes aparentemente distintos, numa lógica de inclusão. Numa vivência realizada pelo Instituto com os integrantes do CET-Água como preparação das discussões do Planejamento Estratégico (PE) para 2012, Yara, coordenadora do mesmo, discutiu e promoveu reflexões com o grupo sobre os atos de “dar e receber”. Tratava-se de uma vivência interna do grupo que objetivava fazer a relação das capacidades de dar e receber dos membros com as dinâmicas da natureza. Ela comparou o movimento de dar e o de receber com a respiração, que é um ato de receber oxigênio e doar gás carbônico e está interligada com o processo de respiração e fotossíntese das próprias plantas. As plantas recebem gás carbônico e produzem oxigênio nesse processo produzindo seu alimento ao mesmo tempo em que o oxigênio, o que permite a existência de toda a vida animal. Dessa forma, humanos e plantas doam e recebem uns aos outros recíproca e harmoniosamente, fato que nos faz refletir sobre o quanto e como podemos dar aos outros, o quanto e como podemos receber dos outros e como isso pode acontecer de modo “nutritivo” para as partes envolvidas. Tal dinâmica sugeria uma auto-reflexão dos participantes sobre suas possibilidades de doação para o CET-Água e reflexão sobre suas atitudes em relação uns aos outros.

Num primeiro momento da vivência Yara chamou a todos a realizar uma reflexão, adentrando o domínio do “mental”. Mental, pois a reflexão se baseou no discurso e em argumentos lógicos. No segundo momento, e é onde pretendo chegar, ela forneceu uma série de imagens aos participantes para que o mesmo tema do “dar e receber” fosse apreendido, de forma simbólica, a partir da dimensão emotiva do aprendizado. Ela pediu para que todos escolhessem figuras, símbolos, que mais lhe provocassem emoções, reações (não importa de que teor) e que explicassem aos demais, um de cada vez, sua ligação com o tema do primeiro momento da reflexão sobre “dar e receber”. A fala que mais me chamou a atenção e que se liga com que venho discutindo até aqui foi a de Vera. Ela escolheu a imagem de uma bacia hidrográfica e, em seu relato, disse aos demais que tal imagem lhe chamava a atenção pelo fato da natureza circular da água ir promovendo novos e novos canais, ramificações e encontros até uma abertura completa para o encontro com o mar em sua foz. Vera então comparou a bacia hidrográfica com os vasos sanguíneos e artérias do corpo humano, indicando que as nascentes, córregos e rios seriam as veias e artérias do corpo do Planeta Terra. Essa natureza ramificada por vários

encontros e trocas, segundo ela, indica a presença de “vida”; esta que, por sua vez, é um processo constante de dar e receber.

Tal relato foi feito para continuar a reflexão sobre a similitude da bacia hidrográfica com as redes, e, agora, também, relacionando-as ao sistema circulatório do corpo humano que é uma complexa rede de trocas e fluxos. Essas similitudes indicam que o comportamento das redes, da bacia hidrográfica e do sistema circulatório humano forma padrões de processos dinâmicos onde ocorrem confluências, bifurcações, ramificações. Ao promover a relação entre tais imagens se traz “vida” ou motricidade para as “imagens hidrológicas” acima discutidas, além de interconectar dinâmicas que são internas ao humano às dinâmicas que são externas. No caso das águas, como veremos, indica-se que o corpo humano é um microcosmo que funciona de modo análogo ao macrocosmo que é o corpo da Terra.

Mas para a presente discussão o que mais me interessa é a relação da “imagem hidrológica” - ou “hidrográfica” - da “bacia hidrográfica” e sua dinâmica de rede com o discurso de meus entrevistados sobre a memória dos encontros entre os pares que originaram o CET-Água. A ressonância da imagem da bacia especificamente me chamou bastante a atenção no discurso e nas práticas de meus interlocutores durante o processo de realização de entrevistas. Como, nos primeiros meses do trabalho de campo, minhas dinâmicas de interação com o grupo estavam restritas, pelo menos nos primeiros meses, às reuniões ordinárias que ocorriam de 15 em 15 dias, bem como havia uma grande dificuldade de coletar informações sobre as instituições e organizações que compunham o Centro em outros contextos, já que meu diálogo com os interlocutores se restringia bastante ao momento das reuniões ditado pelas atas, optei pela realização de entrevistas com as figuras centrais no grupo como um todo para me aprofundar e conhecer a história do coletivo. Nas entrevistas, majoritariamente, a imagem da memória do Centro é de um encontro das águas entre várias nascentes e rios, alguns encontros respondendo à dinâmicas da “ressonância” e “sincronicidade”, como veremos abaixo.

Num mapa hidrográfico, um rio principal está interligado a outros afluentes e rios principais formando, assim, uma bacia hidrográfica. Esta por sua vez, está conectada a outras bacias e todas juntas em algum momento encontram-se com os mares. A proposta do Centro é percorrer esses caminhos. Como veremos no Capítulo 4, algumas das metodologias com vistas a isso são: “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, indicando a necessidade de constância, persistência,

flexibilidade e obstinação para fazer da utopia a realidade, bem como a “água é senhora das brechas”, indicando a necessidade de trabalhar nas brechas dentro da visão hegemônica divulgando e agendando uma nova cultura da água por esses espaços possíveis, permeando os espaços públicos e divulgando a “transdisciplinaridade das águas”.

Então, eu tava falando do Planejamento Estratégico é... que foi bem interessante esta coisa que surgiu assim... meio que todo mundo ficou pasmo de ver as sincronias e as confluências, né. Todos tinham alguma idéia da trajetória do outro, mas nunca tínhamos pensado nesta questão da confluência. Então, enfim, tinham alguns grupos mais consolidados como esse da Yara que há muitos anos estudava a questão da água junto com a Vera, né. Tinha o Demétrios que há muitos anos fazia pesquisa e palestras no Brasil todo sobre a questão dos cristais da água do Emoto. Então era esse meio que uma vertente. O Demétrios era meio que o outro, mas que conversava com essa. A Ângela já era outra vertente pela questão da saúde, da homeopatia, da questão da importância da água como veículo de cura. E ela que levantou essa bandeira da coisa da homeopatia aqui no DF, na Secretária de Saúde, junto com a Marly também que é uma “supermédica” e ambientalista. E com essa sincronia também dessa proposta, que eu também, já tinha um tempo que estava trabalhando com essa questão de água. Eu estou aqui no WWF há 7 anos. E aí, né, tinha essa experiência. Teve uma outra fonte muito legal também, que é o próprio professor Casali, né, que já está muito anos também trabalhando esta coisa da homeopatia para a água (Sérgio, em entrevista).

### **3.2 DE ONDE VEIO E PARA ONDE VAI O CET-ÁGUA? OU “ENCONTRO DAS ÁGUAS”**

Em 2005 um coletivo de amigos que se já encontrava a alguns anos em grupo de estudos e de meditação em Brasília resolveu se reunir para formar uma organização não-governamental (ONG) com a seguinte missão: promover a “cultura de paz”, através de diálogos, seminários e outras atividades informativas e reflexivas no Distrito Federal (DF). O grupo partia das caminhadas individuais e em grupo há anos, tendo, assim, através de projetos executados criado identidade, reconhecimento e afetividade interna entre seus participantes. Eventualmente novos membros se integravam ao grupo e a participação no mesmo se mantinha num nível de interação não-formal e não obrigatório. Trata-se da ONG “Ararazul – Organização para a Paz Mundial”, sediada em Brasília. A Ararazul teve como uma das primeiras atividades públicas o encontro chamado “Sementes para a Paz Mundial” ocorrido na Universidade de Brasília (UnB) numa noite de chuva muito intensa em Setembro de 2005, mês em que se celebra o Dia Mundial da Paz. O encontro contou com a palestra da Monja Coen, monja budista internacionalmente conhecida por proferir mensagens de sabedoria, paz e cuidado para com humanos e de preservação da natureza.

Marly é uma das participantes e idealizadoras da Ararazul e também é coordenadora das práticas de meditação no Núcleo de Medicinas Naturais e Terapêuticas de Integração (NUMENATI) da Secretaria de Saúde do Distrito Federal (DF), ambas as instituições participantes do acordo de cooperação técnica que forma o CET-Água. Em seu relato sobre a Ararazul ela me disse que para o 2º encontro promovido pela ONG, um ano mais tarde, foi pensado o tema da paz em relação com o meio ambiente. A proposta partia de uma reflexão que se funda na noção de que se o humano se apazigua internamente ele pode se apaziguar com o seu meio circundante, tendo, assim, uma vida mais sustentável para com os recursos que utiliza para viver e, conseqüentemente, tendo uma visão de proteção da natureza. Numa meditação Marly teve a idéia de articular o tema da “cultura de paz” com o tema da “ética para com as águas”. À época fazia pouco tempo que ela tinha tido o primeiro contato com os conhecimentos divulgados por Masaru Emoto acerca das mensagens da águas transmitidas pelas fotografias em alta resolução tiradas dos cristais de gelo. Marly se encantou com a beleza dos cristais e a harmonia das formas de cristais expostas às palavras como “Paz”, “Amor” e “Obrigado”. Ela conheceu Emoto através de Demétrios, de quem falamos adiante.

Mas o Demétrios ele fazia uma formação na Universidade Holística da Paz (UNIPAZ). E aí eu também já tinha feito a formação holística da segunda turma. E tinha amigas que trabalhavam na Secretaria de Saúde que também faziam e estavam terminando e eram colegas do Demétrios. Aí elas comentaram, uma delas, lá no hospital que eu tava trabalhando sobre este trabalho da pesquisa dos cristais e aí a gente convidou o Demétrios em 2003 numa das atividades do grupo de humanização para ele vir contar um pouco da gente sobre essa história da pesquisa dos cristais. E desde então isso tem me atraído muito. Então quando a gente foi fazer o 2º evento da Ararazul aí nos juntamos esse mote da promoção da cultura da paz juntando a paz no ambiente. E pensando na exposição dos cristais. Aí a gente pegou... conversamos de novo com o Demétrios, aí pegamos um livro que ele tinha que o Emoto tinha... ele tinha comprado diretamente do Emoto que era das fotografias dos cristais. E fizemos todo um trabalho de escampar as fotos e montar a exposição. E nesta oportunidade foi que eu me aproximei do Sérgio (Marly, em entrevista).

No contexto do encontro promovido pela Ararazul, ela ajudou a organizar uma exposição das fotografias das pesquisas de Emoto. Ela iniciaria um processo de articulação junto de outro interlocutor do trabalho de campo, Sérgio, membro da organização ambientalista *World Wildlife Fund* (WWF) em prol da criação de um Laboratório dos cristais de água, a mesma tecnologia utilizada por Masaru Emoto no Japão, no Distrito Federal. Esse processo acabaria culminando na criação do Centro de Estudos Transdisciplinares da Água (CET-Água), por algumas mudanças de

rotas no meio do caminho, tal como o fluxo das águas, alterando-se a idéia original. Veremos adiante como.

Marly fazia parte até recentemente da equipe do NUMENATI como responsável pela prática da meditação. Na rede da “família NUMENATI”, como o núcleo é chamado, também encontramos Maria Ângela, que está aposentada do Núcleo desde 2007, mas continua fazendo parte da “família”, participando de eventos, através dos laços de amizade criados no passado e dado o reconhecimento profissional em relação aos pares do Núcleo, já que ela foi uma das precursoras do movimento pelas práticas integrativas no DF<sup>32</sup>. Médica homeopata, Maria Ângela foi umas das pessoas que ajudaram a criar o Núcleo na década de 1980 e uma das precursoras na organização e inclusão no Sistema Único de Saúde (SUS) do Distrito Federal de práticas de saúde consideradas “alternativas” (por cuidar as várias dimensões da saúde humana). Tais práticas eram e são consideradas assim, devido a alegação de profissionais da medicina alopática de não terem comprovação Científica (com “C” maiúsculo), tais como a homeopatia e a acupuntura. Maria Ângela também seria uma das precursoras do Instituto de Saúde Integral (ISI) na década de 1990, organização formada por amigos homeopatas que inicialmente criaram um grupo de estudo, posteriormente, organizaram cursos juntos até que institucionalizaram seu coletivo num espaço de cursos, reflexões e atendimentos em homeopatia. Mais tarde, em 2009, ela foi convidada por Marly a integrar o CET-Água junto com o ISI.

Marly e Maria Ângela percorreram uma trajetória comum na relação com a saúde, advogando em prol de um cuidado integral do humano, que incorpore suas múltiplas dimensões. Ambas vinculavam-se a construção de uma cultura de cuidado e sustentabilidade da saúde humana. Segundo elas, a água, de uma forma ou de outra, perpassava suas experiências como elemento de cura e espiritualidade na Saúde e é esse seu papel dentro do CET-Água, advogar em prol dessa ótica sobre as águas.

Nesta mesma época, por volta de 2002, num segundo afluente do circuito das águas de onde iria surgir o Centro, do outro lado da cidade de Brasília, no Lago Norte, um coletivo de pessoas se reunia todas as terças à noite para estudar e discutir sobre o livro *Sensitive Chaos*, de

---

<sup>32</sup> Tal como veremos durante o texto o termo integral ou integrativo é utilizado para designar uma prática que aborda várias dimensões. No caso das práticas integrativas de saúde elas abordam as dimensões física, mental, emocional e espiritual do ser humano.

Teodor Schwenk (1962), na casa de Yara Magalhães. A obra do alemão Teodor Schwenk segue os princípios da ciência espiritual de Rudolf Steiner, o criador da Antroposofia<sup>33</sup>. Na obra o autor descreve os padrões de movimento das águas, bem como a tendência dos elementos fluídos – água e ar – a manter movimentos espiralares e circulares; tendência essa que se observa não só em rios e mares, mas na formação de órgãos, ossos e veias de animais e humanos. Além disso, entre outras coisas, Schwenk busca resgatar a noção científica de que a água tem uma realidade espiritual que vem sendo esquecida desde a modernidade no Ocidente. Para o autor, utilizando as palavras de alguns de meus interlocutores falando sobre sua obra e seu impacto em suas vidas: “a água é um ser especial”.

Yara Magalhães é uma educadora que segue os princípios da Educação Integral ensinados por Sri Aurobindo - filósofo, pensador, poeta e um dos mestres indianos mais conhecidos no Ocidente - e Mira Alfassa, artista plástica e educadora francesa e, também, colaboradora de Aurobindo. Aurobindo e Mira Alfassa foram criadores da cidade de Auroville, na Índia, uma cidade universal que prega pelo diálogo pacífico entre todos os povos, entre outras coisas<sup>34</sup> e tem habitantes oriundos da grande maioria de países do Planeta. Yara também participou muitos anos de formação com Rolf Gelewski em Fortaleza, Ceará. Rolf foi dançarino, educador e pesquisador em Educação Integral e um dos primeiros a trazer os ensinamentos de Aurobindo para o Brasil nas décadas de 1970 e 1980. Yara se mudou de Fortaleza em 1997 para Brasília. Desde então foi construindo uma rede de contatos diversos ligados em geral às artes, à espiritualidade e à educação integral, pedagogia essa que busca integrar, como o próprio nome diz, tanto artes como espiritualidade, quanto aspectos essenciais para uma educação de qualidade que se oriente por uma visão multidimensional do ser humano, levando em consideração as várias dimensões do saber: mental, física, emocional e espiritual –, na linha da filosofia da educação de Aurobindo.

Sua casa, aos poucos, foi se tornando um espaço de convivência de várias pessoas, muitas delas ligadas ao meio ambiente, gestores, artistas contemporâneos regionais e de reconhecimento

---

<sup>33</sup> “A Antroposofia, do grego "conhecimento do ser humano", introduzida no início do século XX pelo austríaco Rudolf Steiner, pode ser caracterizada como um método de conhecimento da natureza do ser humano e do universo, que amplia o conhecimento obtido pelo método científico convencional, bem como a sua aplicação em praticamente todas as áreas da vida humana” (Fonte: Sociedade Antroposófica; site: <http://www.sab.org.br/antrop/>).

<sup>34</sup> Ver informações sobre pensamento filosófico-educacional de Sri Aurobindo e Rolf Gelewski em: <http://www.casasriaurobindo.com.br/>. Veja também o site oficial da cidade de Auroville: <http://www.auroville.org/>.

mais amplo, como é o caso do artista e ambientalista Bené Fonteles, educadores do Departamento de Educação da Universidade de Brasília, como é o caso de Vera Catalão, vindos da geração da primeira turma de pós-graduação do mesmo departamento e que transitavam em redes de militância ligadas à conscientização ambiental, bem como participavam de projetos de educação que dialogavam com a inter e a transdisciplinaridade. A casa de Yara, localizada numa bela área próxima ao Lago Paranoá, no Lago Norte de Brasília, como ela me disse em entrevista, foi aos poucos se tornando um espaço para a *ágape*, termo grego, que se refere à afeição ou amor a uma família ou a uma atividade pessoal, à fraternidade entre comuns. Havia um trânsito de pessoas ligadas a esses eventos, à construção de pequenos projetos educacionais e artísticos conjuntos, ao compartilhamento de valores humanos e práticas espirituais, ao intercâmbio de conhecimentos ou produtos culturais diversos advindos de várias regiões do Brasil e do mundo, enfim, à *ágape* comunitária e solidária que constituiu sua rede de amizade e afinidade.

As reuniões do grupo de estudos do livro *Sensitive Chaos* se iniciaram por volta dos anos 2000, a pedido de Vera Catalão, então amiga de Yara e freqüentadora da rede de amigos que eventualmente se encontrava nos eventos na casa. Vera iniciava naquele momento seu doutorado que tinha o objetivo de construir uma metodologia de educação ambiental e uma tese sobre ecologia humana baseadas e inspiradas nas águas, visando a construção de uma ética de cuidado para com o elemento. Sua pedagogia aborda, ao mesmo tempo, aspectos poéticos e filosóficos advindos da relação entre humanos e águas, ancorando-se nos comportamentos dessas na natureza - o que ela chama de “sensibilidade das águas”. Sua pesquisa utilizou uma metodologia de pesquisa-ação, uma espécie de observação participante, mas que tem caráter prático e interventivo, sendo construído juntamente com os interlocutores, e foi orientada pelo pedagogo, poeta e sociólogo René Barbier no pós-doutorado na Universidade de Paris IV, França, tendo sido realizada em algumas áreas do DF (Catalão, 2002). O livro marcou profundamente o grupo e foi obra de referência na tese de Vera contribuindo para a construção de metáforas da educação inspiradas no comportamento das águas, seus vários padrões de movimento e pelo foco em sua beleza dado pelo próprio autor.

Então foi uma coisa assim de muito amor, de muita garra. Desde a hora de caçar esse livro em algum lugar do mundo. E nós lemos esse livro três vezes. Terminava e lia de novo. E ele foi ao longo da pesquisa [de Vera] sendo todo, ele era o caminho. Então essa é a história da nossa aproximação da água como foco, havia como elemento, mas água como foco na educação veio com esse grupo de pesquisa que a Verinha formou e a

partir da aí a gente nunca mais conseguiu se separar da água como matriz, porque foi muito forte. Ia junto com o estudo a pesquisa. Então foi fortíssimo, foi uma marca que a gente nunca mais, é indelével (Yara, em entrevista)

Neste grupo de estudos transitaram algumas pessoas vindas de outros “córregos” que mais tarde se “desembocariam” no CET-Água, tais como Sol e Demétrios. Além disso, seria neste grupo que Vera e Maria do Socorro, professora do Departamento de Ecologia da Universidade de Brasília (UnB), conheceram-se e formaram juntas o projeto “Água como matriz ecopedagógica”. Yara contou-me que num dos eventos que ocorreu em sua casa aconteceu um encontro de um técnico do Instituto (IBRAM), um político da cidade e alguns educadores e ali se iniciou um projeto em defesa do Rio São Francisco que teve grandes dimensões. O projeto levou por dois anos consecutivos artistas, intelectuais, cientistas, políticos, educadores e profissionais da saúde de todo o Brasil em um barco pelo rio São Francisco. O barco parava em algumas cidades e cada grupo de pessoas realizava um tipo de ação em prol da defesa do rio que, à época, era ameaçado de ser transposto pelo governo brasileiro. Algumas reuniões públicas de avaliação do projeto foram realizadas após a viagem e foi numa dessas reuniões que a professora Maria do Socorro conheceu Yara. Como diz Yara: pelo rio São Francisco Maria do Socorro encontrou o afluente da casa de Yara por onde confluíam tantas pessoas.

Quando nós chegamos, depois da viagem. Quando a gente chegou, nós fizemos um Seminário de avaliação e eu não sei, assim, como é que a Socorro soube desse Seminário e foi para lá. Eu não conhecia a Socorro. E ela ficou muito encantada com toda a experiência que foi vivida no São Francisco e escolheu a mim para se aproximar. Então se sentou junto de mim e me perguntou: “Podemos conversar?” E ela me fez muitas perguntas e pediu para vir aqui [na casa de Yara]. São das tais pessoas que a casa atrai. Vem porque vem. E desde esse dia que ela veio por conta das águas do São Francisco, ela também é uma bióloga que o foco é a água, né. Só que ela trabalha na área de Liminologia, mas ela tem mestrado e doutorado. Acho que doutorado até no Japão até. E, mas o tema São Francisco atraiu, e por esse rio ela chegou aqui. Então ela também veio no fluxo das águas, a Socorro. Então ela e Verinha, como sempre aqui, se formam parcerias, né. Ela encontrou a Verinha e as duas escreveram o projeto Água Matriz e aí está (Risos) (Yara, em entrevista).

Graças ao acúmulo de vivências na rede que se formou ao redor de Yara, e através da conectividade crescente que foi acontecendo junto à mesma, principalmente entre os envolvidos com o grupo de estudos do livro Schwenk, criou-se, com sede na casa de Yara, o Instituto

Calliandra. Abaixo Yara relembra como aconteceu o Instituto que, segundo ela, é fruto de uma rede ao redor da Educação Integral no DF:

Nesse contexto eu vim para Brasília e formou-se em torno, posso dizer, em torno da Educação Integral, porque foi o que eu trouxe mesmo. Eu não trazia uma militância, a militância eu deixei em Fortaleza. Até porque a gente não milita só, né, e aqui eu cheguei sozinha. Mas aos poucos foi chegando gente da militância mesmo. Começou com Bené Fonteles e Bené trouxe a turma. Bené tem muita gente atrás dele. E foi chegando gente das Universidades, foi chegando gente interessado em arte, também arte-educação que é forte na Educação Integral, e muitas pessoas da área de Filosofia, e vinha gente da área da Sociologia, da Antropologia. Laís Mourão foi das primeiras pessoas que chegaram. Isabel Zanetti foi das primeiras pessoas. Vera Catalão. Então, a gente foi construindo assim quase sem perceber as bases de suporte para uma rede. Daí as pessoas vinham... era, assim, como um viveiro aberto. Vem convive, se abastece, sai, desaparece, nunca volta, volta 10 anos depois. Mas daí a gente vê que o elo é perfeito, nunca, mesmo não se vendo não se desfez. Na minha concepção até onde eu posso entender rede é isso. Não depende de carteirinha, de nome, nem de presença, mas a gente se separa, depois de um bom tempo volta e a gente vê que estava caminhando junto, só que fisicamente estava nas paralelas. E assim se formou a rede. Num dado momento, por conta de a gente estar sempre convivendo iam aparecendo projetos, idéias de trabalhos que a gente podia fazer junto e a gente tinha algumas dificuldades, porque não podíamos interagir com as instituições, porque não tínhamos nada. Era uma rede, era virtual, né. Então houve a necessidade do Instituto Calliandra. Isso foi amadurecendo e chegou o dia que a gente constituiu o Instituto Calliandra (Yara, em entrevista).

Uma das pessoas que participavam da rede em torno da Educação Integral no DF era Soledad Udry, a “Sol”, presidente da ONG Oca do Sol, instituição localizada na região do Córrego do Urubu, área de proteção ambiental do DF, local onde mora junto a uma pequena comunidade de pessoas que comungam de valores comuns ligados à espiritualidade e à conservação do meio ambiente - princípios indissociáveis, segundo ela. Sol conjuntamente com Demétrios, de quem falo adiante, ajudou a trazer à Brasília pela primeira vez no ano de 2003 o japonês Masaru Emoto. O pesquisador deu uma palestra no auditório da Embrapa à época. A Oca do Sol realiza trabalhos de preservação e educação ambientais principalmente no Córrego do Urubu.

Além de Sol nessas reuniões de estudo do livro “*Sensitive Chaos*” se encontrava também Shirley, amiga de Yara que se aproximou aos poucos ao grupo que constituiria mais tarde o “Instituto Calliandra de Educação Integral e Ambiental –e Ceia”, devido a seu trabalho de organização da biblioteca vinculada à época a casa de Yara. Shirley era professora de uma escola pública na 411 Norte e conheceu Bené Fontelles, artista e ambientalista e membro do Instituto Calliandra, numa dada ocasião que o mesmo foi convidado a realizar um trabalho artístico com

os estudantes da escola. Bené a convidou para participar das reuniões de terça-feira do grupo de estudo na casa de Yara. Segundo ela esse foi um encontro muito importante na sua trajetória. Ela iria passar um ano após esse encontro trabalhando como contadora de histórias na mesma escola, onde teve que aprender como organizar livros de uma biblioteca. Um ano mais tarde, ao se aposentar, foi ajudar Yara a organizar a biblioteca vinculada ao Instituto Calliandra que tem a missão de ser um centro de referência em educação integral e ambiental. Desde então se tornou participante do Instituto e hoje é uma das representantes do Calliandra no CET-Água.

Demétrios se conectou com o grupo ligado a Yara por volta de 2003. Sua história com as águas é longa – toda sua formação da graduação até o pós-doutorado tem as águas como tema central. Ele é engenheiro e atua no setor público na área ambiental. Segundo o mesmo, sempre teve uma paixão pelas águas e orientou sua formação segundo essa. Seu encontro com a obra de Emoto se deu em 2000 e foi avassalador. Num dado momento de suas pesquisas ele teria visualizado uma imagem de um cristal de água, um floco de neve. Mais tarde viria saber que existia um japonês fazendo pesquisas com cristais de gelo e lhe foi dada a fotografia de um cristal. Demétrios se encantou com a sincronicidade entre sua visão e a pesquisa do japonês. O encontro de Demétrios com o grupo é, também, marcado pela sincronicidade, ou seja, aconteceu dentro de uma cadeia causal coincidente que o grupo entende mais como um encontro vibratório e espiritual do que como uma simples coincidência. Como podemos ver no excerto de entrevista que realizei com Yara no qual ela conta como o grupo de estudo da obra de Schwenk conheceu Demétrios e este o grupo.

Yara: Sim, aí passou a fazer parte de tudo, né [fala da obra de Schwenk inserido nos projetos pessoais de cada um dos participantes do grupo]. E foi interessante quando a gente viu que precisava partir para outras coisas, que não podia ficar até o fim da vida no *Sensitive Chaos*, porque dá, viu? Se você quiser ler até morrer você descobre coisa. Mas a gente viu, assim: “Pronto, chegou. Agora a gente vai ver como é que a gente vai fazer.” Nesse dia me mandaram, antes da gente ter essa conversa, me mandaram um *e-mail* sobre o Emoto. Eu imprimi e terça à noite, quando o pessoal chegou, a Verinha colocou da necessidade da gente ver para onde a gente ia. Eu disse: “Olha me mandaram esse *e-mail*, eu imprimi e coloquei em cima da mesa [o e-mail indica a obra de Masaru Emoto]”. Aí todo mundo achou que seria uma coisa interessante, mas tinha o óbice que era em japonês, como que a gente ia adquirir? Ficamos assim naquela dúvida. “Muito bom, mas atualmente ele não está em nosso alcance.” Nisso bate uma pessoa na porta, um homem. Disse: “É aqui que se faz um estudo da água, dia de terça-feira?” Eu disse: “É, sim”. Aí ele disse: “Eu gostaria de participar. Eu posso entrar?” Eu disse: “Pode sim.” Era o Demétrios (Risos).

Lucas: Ele não conhecia vocês?

Yara: (Risos) Não. Aí esse homem trazia dois livros debaixo do braço. Aí ele disse, chegou, assim, muito tímido. Aí ele disse: “Eu gostaria de participar e eu trouxe aqui uma contribuição, estou chegando do Japão, aí eu vi uma coisa muito interessante sobre o Emoto, aí estou trazendo.” Colocou os dois livros junto com o *e-mail*.

Lucas: Como ele soube de vocês?

Yara: Isso é as coisas da rede, né. A Tereza, não estou lembrando do sobrenome dela agora, mas é uma pessoa nossa, afim, que é muito amiga dele e falou de nós para ele. Aí ele resolve ver. A Tereza tinha estado algum dia aqui no estudo, assim, porque ela não mora aqui, né, ela mora em Pirinópolis. Ela faz... a pesquisa da Tereza é sobre florais do Cerrado, né. E ela tem uma chácara em Pirinópolis em que ela faz isso. Então a Tereza falou da gente e falou aqui. E lá vem ele, no mesmo dia em que a gente tinha falado do *e-mail*, ele botou ali os dois livros. A gente tinha perguntado: “Como é que a gente vai fazer?” E ele entrou com os dois livros.

Tal sincronicidade indica para os interlocutores de que a continuidade com a obra de Emoto era necessária, além do fato de que tal encontro gerou o reconhecimento imediato de Demétrios enquanto um parceiro. E assim se fez. Na palestra de Emoto em 2003 todos estavam presentes.

Num outro afluente encontrava-se Sérgio, técnico ligado a ONG *World Widelife Fund* (WWF) desde 2003. Ele ajudou a construir a campanha “Água Para a Vida, Água para todos”, uma campanha que tinha o objetivo de promover reflexões, debates e ações diversas em todo o Brasil sobre a questão do cuidado com a água, dada o contexto de crise. A partir dessa campanha Sérgio começou a articular um movimento chamado “Movimento Nascentes do Brasil”. Nesse momento havia três pilares de preocupação, um mais ligado a conservação de áreas degradadas, outro mais propriamente dito ligado à reflexão, de onde surgiriam as articulações com Agência Nacional de Águas (ANA) no Programa Água e Cultura e outro pilar mais ligado à mobilização da sociedade civil. O pilar ligado às reflexões sobre a água objetivava fomentar outros olhares para a água a partir do contato de saberes diversos. Foi dentro desse pilar que Sérgio foi em busca de novos conhecimentos sobre a água e conheceu Marly em 2005. Ambos se conheceram no 2º evento realizado pela Ararazul “Sementes para a Paz Mundial”, no qual aconteceu uma exposição dos cristais de gelo das pesquisas de Masaru Emoto. Sérgio também se encantou com a obra do pesquisador japonês quando a conheceu. Logo através de Marly e Sérgio a Ararazul e a WWF realizaram uma parceria e iniciaram alguns projetos.

Fizemos umas canecas em parceria, Ararazul e WWF, com a mensagem da água Amor e Gratidão dentro da caneca. É... A gente queria por o cristalzinho, para que

as pessoas na hora de tomar vibrassem ali no amor e gratidão. Ai as canecas foram presenteadas, dadas para as pessoas que foram no evento. Aí isso foi em 2006. 2007 ou 2008 a gente fez novamente esse encontro com esse mesmo tema, só que ao invés de fazer aqui nos fizemos em Salvador. Aí o Sérgio foi convidado. Ele foi fazer uma palestra lá em Salvador. E aí nesse ano, em 2008, a gente acabou conversando, assim, o Sérgio... E aí a gente começou a trocar umas idéias sobre essa parceria que tinha começado ali em 2005 em 2006. Que ele pensando... A idéia era que a gente fizesse acontecer um laboratório da pesquisa dos cristais aqui em Brasília, no Brasil, mas aqui em Brasília (...) E aí nos começamos neste momento, que foi de outubro de 2008 [sic], começou um movimento de atração por outras instituições. E assim foi... de forma que em menos de 1 ano, praticamente em 1 ano, a gente tinha um grupo de 10 instituições juntos com pessoas [para formação do CET-Água]. (Marly, em entrevista)



Figura 4: Caneca ecológica com os escritos “Amor e Gratidão” elaborada em parceria pela WWF e pela Ararazul para o evento Sementes para a Paz Mundial. Fonte: Ararazul

O movimento de articulação em prol da criação de um Laboratório de cristais no Distrito Federal com a tecnologia japonesa se iniciou, portanto, entre Sérgio e Marly que levaram para suas instituições o projeto aos poucos, conforme a idéia ia se tornando viável. No ano de 2008 ambos iniciaram um processo de articulação para encontrar parcerias. Marly e Sérgio tiveram conhecimento de um projeto situado na Universidade de Brasília chamado “Água como matriz ecopedagógica”. A professora Maria do Socorro Ibañez, coordenadora do projeto, era professora

dos filhos de Marly que fizeram a ponte de contato entre ambas. Sérgio e Marly foram visitar a aula final do projeto de extensão que o projeto realizou em 2008 com universitários e então conheceram Vera e Maria do Socorro. Ali ficaram sabendo que ambas também conheciam Demétrios e que haviam participado de um grupo de estudos sobre a água, no qual os últimos desdobramentos lhes havia levado até a obra de Masaru Emoto. Iniciou-se uma parceria informal, à princípio, entre Ararazul, WWF e “Água como matriz ecopedagógica” através das pessoas de Sérgio, Marly, Vera e Maria do Socorro.

Primeiramente, o grupo recém formado pensou que o Departamento de Ecologia da Universidade de Brasília poderia acolher o Laboratório, mas em diálogo todos concordaram que o melhor seria entrar em contato com a Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (Caesb). Sérgio fez o contato com a Caesb e a instituição lhes sugeriu que participassem de um projeto de responsabilidade social da Companhia do qual poderiam receber financiamento. Os mesmos fizeram contato com o Laboratório *Hado*, coordenado pelo pesquisador Masaru Emoto no Japão, e os mesmos lhes enviaram uma lista de equipamentos e da tecnologia necessária para a implantação do mesmo no Distrito Federal, como fala Marly abaixo:

Nos inscrevemos no projeto de responsabilidade social da Caesb que eles acolhem uma vez no ano na intenção de que a gente levantasse o recurso para montar o laboratório. Aí neste momento a gente entrou em contato com o Japão. Escrevemos lá para o Masaru Emoto. Fizemos uma explanação que a gente tava querendo fazer um laboratório aqui. Aí eles mandaram uma lista de material do que a gente precisaria, como seriam os treinamentos, como seria a supervisão e o valor disso. Aí a gente viu que não daria para poder concorrer ao prêmio lá da responsabilidade social, que o custo era maior do que o prêmio propunha. Aí curiosamente nesta pesquisa do *site* do Emoto eu acabei me deparando com um trabalho que ele vinha fazendo dentro de um projeto que ele chama de “Emoto para a Paz”. Onde que ele em 2003, se não me engano, ele ficou avô e ele começou a ver esse olhar como é essa educação para a paz para as crianças dentro do aspecto com os cuidados com a água nessa visão que ele trazia, aonde a água tinha uma mensagem, onde ele tava fotografando e registrando as mudanças que a água mostrava dependendo do estímulo e como isso podia chegar até as crianças. Então a forma que ele encontrou foi de escrever sobre a pesquisa para uma linguagem infantil (Marly, em entrevista).

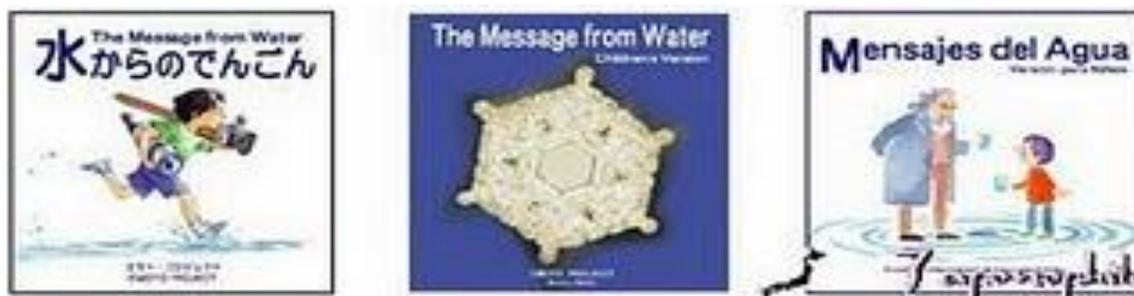


Figura 5: Versões da capa do livreto infantil “A mensagem da Água” de Masaru Emoto em diferentes línguas; projeto que o grupo inicialmente formado por Sérgio, Marly, Vera e Maria do Socorro realizou no Brasil. Posteriormente, o a impressão, distribuição e divulgação do livreto estaria entre as atividades do Acordo de cooperação que institucionalizou o CET-Água, inclusive, o seu lançamento foi o 1º evento oficial do Centro em 2009. Fonte: *Hado Corporation*.

Ligado a atuação de Sérgio via a ONG WWF se articulava Maurício Andrés, o Dr. Dalvino Franca e sua assistente Maria do Socorro, técnicos da Agência Nacional de Águas (ANA). O Dr. Dalvino junto de Maurício iniciavam dentro da ANA um programa intitulado “Água e Cultura”. Segundo este projeto:

“A dimensão cultural da água deve ser considerada seriamente nas decisões políticas, o que requer um exame mais profundo para a obtenção de soluções sustentáveis e igualitárias na gestão dos recursos hídricos.” (Franca & Ribeiro, 2011 *apud* Koichiro Matsuura, Diretor-geral da UNESCO)

Raros são os elementos que, tal como a água, influenciaram – e influenciam – os valores simbólicos, rituais e metafísicos da humanidade. Ela está profunda e emblematicamente enraizada nas tradições culturais de todos os povos do planeta. A cultura é a percepção pelo homem de seu ambiente natural. Como afirmou o ex-ministro da Cultura, Gilberto Gil, “Cultura é item da cesta básica; é alimento”. (Franca & Ribeiro, 2011)

Desde 2006 através do Programa “Água para a vida, Água para todos” junto da WWF a ANA havia criado uma vertente chamada “Água e Cultura”. Sua missão era tombar paisagens hídricas como patrimônio cultural junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), bem como divulgar a história da água no Brasil, através do recurso à cultura de diferentes povos e etnias brasileiros sobre a água, bem como resgatando como se deu a gestão da mesma desde a instalação da corte de Portugal no país.

A ANA criou em 2006, quando houve aquela... o ano internacional da água, né, e o tema foi água e cultura, a ANA criou uma ação programada de água e cultura. Então, o Dalvino Franca é o diretor que cuida desse tema e eu o assessoro nesse assunto, que é

Água e Cultura. E aí foi nesse contexto que a gente criou um portal aqui no site da ANA sobre Água e Cultura, né, que tem lá uma série de informações e que tem sido bem consultado por escolas, estudantes e tal, e foi nesse contexto que a ANA entrou no CET-Água, foi a partir desse viés da questão cultural ligada a água. Porque a ANA tem um enfoque muito mais assim prático, de engenharia, de gestão, de recursos hídricos, né. O dominante aqui na ANA é essa visão e é a visão institucional dela, né (Maurício, em entrevista).

A ANA se articulou com o grupo que buscava a formação do CET-Água. Neste momento, por volta de 2008, havia um entendimento entre os pares que estavam se juntando da necessidade de construção de um “laboratório transdisciplinar das águas”, já que a hipótese de importar a tecnologia de Emoto não era viável no momento, bem como havia a presença no grupo de instituições e organizações de diferentes áreas que abordavam a temática da água sob diferentes ângulos. Outras instituições, tais como a Caesb, a ONG SOS Mata Atlântica, o NUMENATI representando a Secretária de Saúde do DF, a Agência Nacional de Águas (ANA), o Instituto de Saúde Integral (ISI), o Instituto Calliandra de Educação Integral e Ambiental –e Ceia e a ONG Oca do Sol adentraram o projeto, juntando-se com WWF, o projeto “Água como Matriz Ecológica” representando a Universidade de Brasília (UnB) e a ONG Ararazul. Tanto a Unesco através de Celso Shenkel quanto a Secretária de Recursos Hídricos do Ministério do Meio Ambiente através de Franklin Jr. participaram ativamente do processo, embora não puderam, por questões institucionais e burocráticas, assinar o acordo. Alguns representantes de cada instituição começaram a se reunir e pensar num formato institucional para o grupo. A idéia original de um laboratório de cristais foi se transformando conforme os parceiros foram sendo definidos e acatando o projeto.

A gente queria um laboratório, que inicialmente iniciou como laboratório de cristais, mas com a chegada dos pares, este laboratório já tinha uma conotação de que fosse um laboratório transdisciplinar, que fosse um laboratório que abrangesse olhares de diversos pesquisadores, diversas outras pesquisas relativas a água, entendeu? (Marly, em entrevista)

Após algumas discussões e encontros se chegou à conclusão de que mais que um laboratório a natureza do grupo que era a heterogeneidade de áreas disciplinares e o projeto de união para a ação comum na defesa das águas seria mais bem configurada no formato de um Centro de estudos do que de um laboratório. A missão seria refletir, reunir referências de saberes diversos, agendar a noção da transdisciplinaridade das águas mais do que realizar pesquisas sobre

a água. Configurou-se uma natureza de ação em defesa da água e de reflexão mais do que de pesquisa de laboratório. No trecho abaixo Maurício justifica a existência de um Centro de Estudos:

É eu acho que foi tentando valorizar esse lado da produção e disseminação de conhecimentos sobre a questão da água nessa perspectiva transdisciplinar, né. Que acho que, aliás, é um enfoque interessante, porque atualmente, cada vez mais, para gente tomar decisões e adotar certos comportamentos, até políticas mais responsáveis em relação a água, em relação ao ambiente, um elemento básico é conhecimento, é romper um pouco a ignorância sobre esses assuntos. Então estudar isso, um Centro de Estudos ele tem, ele dá essa conotação, de uma coisa mais de gerar e disseminar conhecimento, difundir sobre as abordagens que são mais, assim, às vezes até pouco valorizadas, mas que precisam ter maior difusão, né. Então, eu acho que essa foi a motivação para se criar um Centro com essa característica (Maurício, em entrevista).

Uma série de reuniões foi realizada junto ao departamento jurídico da ANA para se encontrar meios formais de se estabelecer o Centro de Estudos. Em 2009 o evento organizado anualmente pela Ararazul, Sementes Para a Paz Mundial, tornou-se o palco da assinatura formal do acordo de cooperação técnica que formalizou o CET-Água com o lema “Água cura, água educa, água preserva, água é cultura”, que já apontava a natureza transdisciplinar do Centro. “Em 26 de março de 2010 o act nr. 024/2009 foi Publicado no Diário Oficial da União. (pg. 165 do processo nº. 1030/2009 da Agência Nacional de Águas) com vigência de dois anos, contados a partir da data de sua assinatura” (Relatório de Atividades do CET-ÁGUA, 2012). Reuniões de discussão sobre a transdisciplinaridade, sob a coordenação do Instituto Calliandra, foram feitas durante um semestre no ano de 2010 para que o grupo fosse capaz de se reunir numa oficina de Planejamento Estratégico e traçar as ações e rumos do Centro, bem como produzir uma Carta de Princípios com a mensagem própria do Centro. A oficina de Planejamento Estratégico aconteceu em outubro de 2010 e culminou num Plano de Trabalho com uma série de ações que já estavam sendo realizadas e que ainda seriam realizadas pelo acordo de cooperação técnica entre as 10 organizações e instituições do Centro.

Existem hipóteses, mas ainda não tem isso de uma forma ainda muito comprovada entre aspas para a nossa linguagem científica atual. Mas eu... estou dizendo isso para falar que nesta visão que aí eu acho que tem um olhar transdisciplinar também as pessoas passam a se encontrar dentro de um processo vibratório. Então assim dentro dessa linguagem da física quântica, da ciência quântica, em que os semelhantes vão se atraindo, eu penso que tenha sido um pouco disso, né. Então a gente meio que foi encontrando pessoas e instituições, né, que tinham um pensamento e atitudes ou ações semelhantes, mas que é uma pequena amostra dentro de um grupo maior. Isso falando

nas instituições que a gente agregou, que são quatro instituições públicas e seis ONGs (Marly, em entrevista).

### 3.3 A “POLÍTICA EPISTEMOLÓGICA” DA “TRANSDISCIPLINARIDADE DAS ÁGUAS”

O momento histórico atual pede, por diversas razões, que seja dada uma atenção especial à relação humana com a água, em prol da emergência de uma cultura de cuidado e sustentabilidade. (...) Vivencia-se um contexto em que mudanças climáticas geram múltiplos impactos, tais como a redução da disponibilidade da água em algumas regiões e o aumento em outras, com conseqüentes danos à saúde, agricultura e economia.

Ciente desse contexto, a fim de valorizar o elemento em seus aspectos simbólico, artístico, ritual e religioso, a ONU [Organização das Nações Unidas] e o governo brasileiro declararam o decênio 2005-2015 como a Década da Água, dedicada às discussões, estudos e pesquisas sobre a água e sua gestão de forma não-utilitarista. A ONU declarou também, no período de 2000 a 2010, a DÉCADA DA PAZ, que impulsionou ações com vistas à geração de uma sociedade sustentável, fundada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica, na cultura da paz, nas mudanças fundamentais dos valores, necessidades e modos de vida. Esses princípios são compartilhados também pela Comissão da Carta da Terra.

Essas coalizações nacionais e internacionais impulsionaram em todo o mundo movimentos sociais, avanços de processos educativos e a produção de conhecimentos técnico-científicos relacionados à promoção da cultura da paz e do cuidado com a água e o meio ambiente. Entre esses estudos, destacam-se os avanços ocorridos nos últimos anos na compreensão das propriedades moleculares da água, assim como na sua capacidade de transmitir informações. Abre-se campo para diversos e novos saberes ligados à água, em especial nas áreas de Educação, Saúde, Cultura, Ecologia e Gestão. Considerando que, assim como a superfície da Terra, o corpo humano é composto, aproximadamente, de 70% de água, defendemos que o cuidado da saúde dos sujeitos deve contemplar aspectos multidimensionais, desde a relação consigo mesmo, com a sociedade e com o meio ambiente” (Carta de Princípios do CET - Água, 2010).

No fragmento da Carta de Princípios do CET-Água acima está exposta as principais diretrizes da política epistemológica do Centro. A primeira diz respeito a preocupação política da ausência de uma relação de cuidado para com a água e o recorte minimalista da água como um recurso utilitário ou instrumental, discussão que foi tema do Capítulo 1. A segunda diretriz importante dessa política diz respeito ao contexto em que organizações internacionais, movimentos sociais no exterior, campanhas e documentos têm apontado para a primeira década do século XXI como um momento estratégico para ações em prol de uma cultura de paz e cuidado com a natureza. Como foi apontado na Introdução, de acordo com a UNESCO, estima-se

que em 2020 a população sem acesso à água potável pode chegar a quase três bilhões de pessoas, o dobro do que foi constatado no final do século XX, segundo a organização. Tal estimativa vem demonstrar o quê os interlocutores desta pesquisa chamam de “crise da água”, crise que, para os mesmos, tem sua raiz na crise de valores na relação entre humanos e natureza. Essa diretriz convoca à ação. Portanto, a política do CET-Água se enquadra informada por este contexto internacional de ação e se elabora visando alianças futuras e como ação local que visa ampliar-se ao âmbito internacional. A terceira diretriz e mais importante base da política epistemológica do Centro diz respeito à própria transdisciplinaridade, a qual vamos nos debruçar de modo mais detalhado nesta sessão. O advento de novas descobertas científicas, o resgate de saberes tanto de culturas marginalizadas pela Cultura com “C” maiúsculo, quanto de filosofias espirituais milenares se encontram na transdisciplinaridade com vistas à integração entre a diversidade de conhecimentos humanos. Tal encontro de saberes não se faz com o objetivo de elaboração de um saber universal, ou um monismo radical, mas com vistas à troca e à construção de cenários mais complexos, multidimensionais e multirreferenciais (ou seja diversos) a respeito da água, considerada temática transversal à várias áreas disciplinares e especializações do conhecimento humano.

Tal como aponta o excerto de introdução desta sessão, a água é o elemento da natureza mais predominante tanto no corpo humano quanto no corpo do Planeta Terra. A água, sim, é considerada um elemento de importância universal, “sujeito de direitos” (Latour, 2005; Gramaglia, 2005) em prol do qual se vale à pena contribuir para a difusão de uma nova ótica planetária do ser humano em relação ao bem. Tal como expressa o relatório de atividades do Centro no *slogan*: “Água educa, água cura, água preserva, água é cultura” (Relatório de Atividades, CET-Água, 2012). Os interlocutores da pesquisa costumam falar que a água é um tema “transversal” a todos os saberes, por isso faz sentido uma prática transdisciplinar, ou seja, que une vários saberes. Transversalidade e transdisciplinaridade se complementam. A noção de transversalidade, segundo alguns deles, foi elaborada pelo educador francês René Barbier (1997).

A transversalidade em Ciências Humanas surge como uma abordagem do real que reconhece a estrutura em rede e a dinâmica em circuitos constitutivas da vida humana. Barbier (1997) define a abordagem transversal como uma teoria psicossociológica multirreferencial que parte da existencialidade interna dos sujeitos e dos grupos. Esta existencialidade interna é constituída de um magma de sensações, de representações, de idéias, de símbolos, de mitos, de valores, de crenças que determinam a orientação das práticas sociais dos sujeitos e comunidades envolvidas. A abordagem transversal tem

como objetivo elucidar essa pluralidade de perspectivas, de referenciais e de espaço-tempo presentes na vida das pessoas, dos grupos e conseqüentemente nas pesquisas em Ciências Humanas (Catalão, 2006: 05).

As organizações e instituições que formalizaram o acordo de cooperação técnica do CET-Água possuem cada uma sua especialização disciplinar ou interação com determinados âmbitos dos saberes de forma mais direta. Quando o grupo de pessoas se uniu para planejar as ações possíveis, foi necessário analisar quais eram as áreas e atividades que cada organização e instituição já elaborava independentemente antes do acordo com a qual cada um poderia adentrar o coletivo. As seguintes áreas foram definidas como norteadoras das ações do mesmo: Educação, Saúde, Ecologia, Cultura e Gestão. Além dessas áreas, considerou-se a Espiritualidade e a Ética como eixos transversais a todos as áreas e ações. Tais temas estratégicos foram definidos na oficina de Planejamento, temas que guiaram as ações do grupo até 2012. Conforme o Relatório de Atividades do Centro são eles:

#### 1. Educação

Ecopedagogia da Água; Educação Ambiental; Abordagem Integral e Ecológica; Mensagem da Água como Paz; Divulgação em Redes Sociais.

#### 2. Saúde

Água que Cura (estrutura da água – indutora de saúde); Práticas Integrativas em Saúde; Água e processo de auto-cura; Memória da Água (Laboratório de Pesquisa).

#### 3. Ecologia

Ecologia Humana; Ecologia Profunda; Estudos Quânticos e Moleculares da Água; Pesquisa sobre a Estrutura / Função Sistêmica da Água – Ecologia da Água; Água e Mudanças Climáticas; Laboratório da Água; Memória da Água.

#### 4. Cultura

O Papel das Águas nas Culturas Tradicionais; Símbolos, Ritos e Tradições; Força do Pensamento Positivo; Olhares e Saberes sobre a Água; Cultura da Paz; Tombamento de Áreas Aquáticas; Água como Bem Comum – Patrimônio da Humanidade.

#### 5. Gestão

Gestão Participativa e Solidária da Água; Gestão Institucional para Acesso Universal à Água; Agenda Ambiental na Administração Pública (A3P); Gestão de Bacias Hidrográficas; Gestão Sustentável da Água na Agricultura; Água Virtual e Pegada Hidroecológica; Soberania Alimentar e da Água.

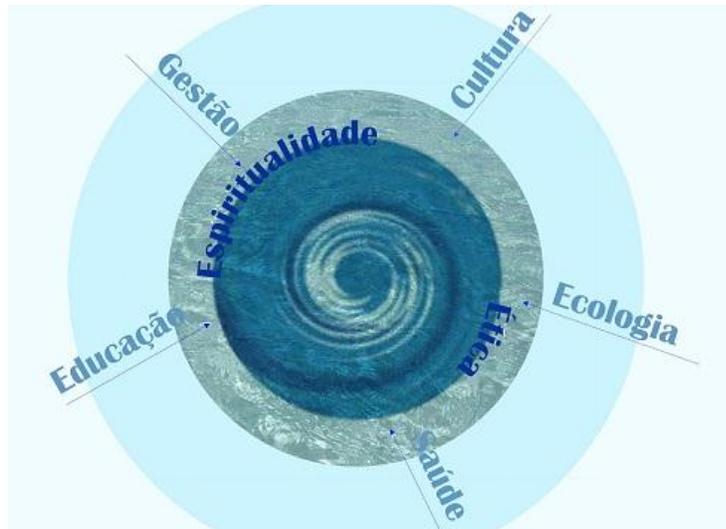


Figura 5: Círculo de confluências de saberes. Vetores disciplinares do CET-Água e os eixos transversais aos mesmos.

Para visualizar a composição transdisciplinar do Centro, enxergo o mesmo como um círculo de confluência de saberes que recebe diversos vetores disciplinares (tal como a imagem de um campo de força magnética). Os vetores obedecem à força centrípeta do círculo e se encontram no vórtice de água, unindo-se, trocando informações e formando, unidos, um saber novo. O símbolo central da figura 1 foi a marca oficial do 1º Seminário Internacional Água e Transdisciplinaridade: Para uma Ecologia de Saberes (1º SIAT), abordado no Capítulo 4. Após o evento o símbolo foi escolhido para representar a marca oficial do Centro. Tal figura aponta para a “circularidade do saber”, pedagogia presente na “comunidade de aprendizagem” tal como é chamado o Centro por alguns dos membros. A circularidade aponta para a hipótese de que o aprendizado perpassa os níveis físico, emocional, mental e espiritual de modo circular, um nível leva ao outro, e também aponta para o padrão de movimento das águas que é o vórtice, indicando a mistura, o encontro de saberes que gera um saber transdisciplinar.

Nesta dissertação me aprofundi mais nos vetores Educação e Saúde, já que durante o ano de 2011 as ações do coletivo tiveram como foco os mesmos. No entanto, o vetor Gestão ganhou grande importância no 1º SIAT e é considerado por meus interlocutores de campo como central na atual conjuntura da água no Planeta. Ao afirmar que a água é “algo além” do que um recurso instrumental, o CET-Água não relega que a água é, também, um recurso para uso e, mais do que isso, é um direito humano gratuito de todo ser humano. Por isso afirma que a gestão é um importante aspecto sobre o qual se deve olhar a água. Qual o uso mais responsável? Quais

mecanismos de inclusão a política das águas deve seguir? Como respeitar a necessidade de desenvolvimento econômico se desenvolvendo de acordo com os princípios da sustentabilidade? Essas perguntas são fundamentais para o coletivo. No entanto, segundo o grupo devemos ampliar os horizontes da água. Além da visão para a democratização e eficácia da gestão, tema muito importante no universo ambientalista como um todo, deve-se atentar para a complexidade do elemento água em seus vários níveis de realidade, pois somente a partir de uma ética de respeito, cuidado e reverência na relação entre humanos e águas poderá substituir a crise de valores atual. Sérgio expôs de forma bem objetiva a posição do Centro no excerto de entrevista abaixo:

A gestão é parte do cuidado com a água, mas o cuidado vai além. O cuidado com a água vai além da gestão, vai além da governança. Isso é parte, é fundamental, tem muito que avançar, tem que ser estimulado fortemente por todos os lados, mas que vai além, o cuidado, a relação que o homem tem com a água é muito mais complexa, né. E não só que o homem tem com a água, porque isso ainda é antropocêntrico, né, mas que a água é, do ser da própria água. Então aí surgiu esta proposta de um Centro mesmo, né, que traga uma abordagem transdisciplinar (Sérgio, em entrevista).

Muitos olhares sobre a transdisciplinaridade são constantemente elaborados pelos participantes do Centro, já que a transdisciplinaridade é um conceito amplo e aberto para interpretações e apropriações pessoais. Não existe uma normatividade sobre o quê deve ser a transdisciplinaridade, mas um horizonte que a define em termos bem simples. Somente a prática pode desvendar os obstáculos e os resultados positivos da proposta epistemológica. Apresento abaixo algumas dessas visões de meus interlocutores e as faço comunicar com as teorias da transdisciplinaridade. Maria do Socorro, representante da Universidade de Brasília no Centro, disse-me uma boa definição da transdisciplinaridade, contrapondo noção de transversalidade e de transdisciplinaridade às especializações disciplinares presentes no paradigma hegemônico. Tal definição é transdisciplinar ela mesma, já que usa uma linguagem comum da física e da culinária para defini-la.

A transdisciplinaridade é como a luz branca que passa no prisma e que se decompõe em várias cores. Então se nós fizemos o contrário: todas as cores unidas formam a luz branca, a Luz. Esse exemplo do prisma para mim é muito revelador. E também o disco de Newton, que é um disco com várias cores. Quando você gira, ele se torna branco. Esse é um exemplo bem interessante da transdisciplinaridade. E as disciplinas, o nosso conhecimento, que eu considero ainda muito encastelado... é um grande desafio que eu vejo hoje, onde ainda temos os congressos de física, os congressos de biologia, os congressos de matemática, os congressos de química e assim a troca de saberes, eu espero, poder ouvir mais e presenciar mais, congressos transdisciplinares, tal

como é o nosso Seminário. Eu confesso para você que eu não tenho visto chamadas para eventos com essa característica. Pode ser uma ignorância minha, uma desatualização na busca dessas informações. Eu acredito que o conhecimento é ainda muito setorizado. Que ele possa trocar as experiências! É claro que nós sabemos o quanto a física adentrou na biologia, o quanto a medicina trabalha com a física, o quanto a medicina trabalha com a biologia, a química, mas a gente ainda precisa experimentar mais essas inter-relações. Então, as nossas disciplinas ainda... as disciplinas devem ser a uva cristalizada ou a uva passa num bolo. Quando você comer o bolo, você vai perceber que existe a fruta cristalizada, que vai dar um diferencial e que harmoniza com o todo. Alguns bolos que nós estamos ainda degustando é como se tivesse uma pedrinha. Você dá uma mordida ali e vê que ainda não harmonizou. Então, nós precisamos caminhar para que haja maior intercâmbio entre as disciplinas, na vivência concreta do cotidiano. A transdisciplinaridade acontece no saber local e com vivências. As vivências tornam o processo mais internalizado (Maria do Socorro Ibañez, em entrevista).

Uma referência importante na definição da “transdisciplinaridade das águas” é o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2006) com o conceito de “ecologia de saberes”. Tal conceito é sinônimo de transdisciplinaridade para muitos de meus interlocutores. Inclusive, o nome do Seminário Internacional Água e Transdisciplinaridade tem seu desfecho como esse conceito: “Para uma Ecologia de Saberes”. O termo se refere à união e interação de saberes e epistemologias alternativos aos saberes legitimados pela Ciência com C maiúsculo.

A ecologia de saberes é um conjunto de epistemologias que partem da possibilidade da diversidade e da globalização contra-hegemônicas e pretendem contribuir para as credibilizar e fortalecer. Assentem em dois pressupostos: 1) não há epistemologias neutras e as que clamam sê-lo são as menos neutras; 2) a reflexão epistemológica deve incidir não nos conhecimentos em abstrato, mas nas práticas de conhecimento e seus impactos noutras práticas sociais. Quando falo em ecologia de saberes, entendo-a como ecologia de práticas de saberes (Santos, 2006: 154).

Essa definição nos ilumina melhor a “transdisciplinaridade das águas”. O primeiro aspecto importante é a possibilidade da diversidade e da globalização contra-hegemônica. Apropriando-se do conceito revolucionário gramsciano de contra-hegemonia, o sociólogo português aponta a existência de uma Cultura e uma Ciência, ambas com “C” maiúsculo, que invisibilizam e marginalizam a diversidade de saberes. Além disso, o paradigma hegemônico, no qual se encontra o princípio de instrumentalidade da natureza dita as regras sobre o conhecimento indicando o que deve ser considerado verdadeiro e o que é falácia ou senso comum. Várias

experiências que se munem dos princípios da física quântica, tal como as pesquisas sobre a estrutura molecular da água são consideradas charlatanismo pelos cientistas “oficiais”. Além disso, saberes de matrizes culturais que não correspondem aos princípios capitalistas e ocidentais por excelência são ocultados e invisibilizados dos meios de comunicação e das possibilidades humanas de construção de panoramas complexos sobre os fenômenos. Com isso, muitas epistemologias e ontologias que obedecem a outras leis na relação entre humanos e não-humanos passam ao largo da grande parte dos meios de produção científica oficiais. E, para completar esse quadro, uma série de filosofias e visões de mundo milenares sobre a relação entre humanos e natureza são assassinadas, destruídas, perseguidas e consideradas nada mais, nada menos que romance. Como aponta Fritjot Capra (1975), dessa forma, perde-se o conhecimento da experiência de outras realidades bastante interessantes. Santos (2006) nos chama a atenção com a idéia sistêmica de ecologia: um sistema orgânico que contém sua diversidade própria, mas que vive das trocas recíprocas podendo formar um quadro de referências mais complexo. E como ele mesmo diz, os saberes visam às práticas. Por isso, o CET-Água se originou: para contribuir com uma nova cultura da água, que se faz na prática da transformação da relação entre humanos e águas. A função social dos saberes é atendida na sua união e nesta posição política, que não é neutra, da necessidade de um novo paradigma que gera uma nova ótica - e ética - para com água. Vejamos o seguinte trecho no qual Vera fala a respeito do tema e define a “política epistemológica” do Centro.

Mas existe um saber, que é o saber acadêmico, que julga os outros saberes. Ele é o saber de referência para julgar todos os saberes. Então isso numa abordagem, quer dizer, ao mesmo tempo, que é uma abordagem transdisciplinar, ela precede uma posição política e que eu acho que a própria carta da transdisciplinaridade fala: “Não existe um lugar privilegiado de onde se possa julgar outros saberes, outras culturas”. Porque, se você tem isso, você já parte exatamente de uma hegemonia, de um saber hegemônico. (...) E a gente não percebe como muitas vezes, o domínio do saber acadêmico, que é um saber que conta com uma forte legitimação social, ele, na verdade, ele comete, na fala do Boaventura de Sousa Santos, um “epistemicídio”, em relação a muitos outros saberes. Esses saberes são, digamos, sufocados, senão silenciados, vamos dizer assim, e mesmo a partir de certo momento, os detentores desse saber consideram o seu saber menor, tentando fazer esse subordinado ao saber dominante. (...) Então, dentro de uma perspectiva transdisciplinar, você tem uma posição política, ainda que algumas vezes ainda não esteja muito explicitada (...) Afirmamos [o CET - Água] que outros saberes são legítimos. Defendemos o direito que quem depende da água para viver. E isso nos une. (Vera, em entrevista)

A reflexão epistemológica do CET-Água sobre a Cultura hegemônica da água, a redução da água a uso instrumental, a crise da água, a ecologia de saberes através da transdisciplinaridade e transversalidade constitui, portanto, sua “política” em prol da água. Considero a política do Centro, nos termos de Latour (2004), não só uma ação política de defesa das águas, no sentido ecológico do termo, tal como se definem muitas organizações ambientalistas (AMARAL, 2009). Considero-a, acima de tudo, uma “política epistemológica”, que se contrapõe às bases cognitivas da Cultura hegemônica da água. O combate político do grupo é contra o predomínio da visão utilitarista ou instrumental. Assim, acima de tudo, a política do Centro é uma “política epistemológica” que se afirma contra a “epistemologia (política)” entre parênteses, ou policial, nos termos de Latour (2004), presente na Cultura hegemônica da água. Tais termos Latour usa para designar o paradigma de conhecimento moderno, que deixa entre parênteses, oculta, sua posição política de desconsiderar outros saberes e de obter o domínio dos meios de legitimação de verdades, sendo, por vezes, até policial, no sentido de perseguir saberes alternativos que concorrem na produção de conhecimento.

Na Carta de Princípios do CET-Água, a visão do Centro é definida assim: “Ser um espaço significativo de confluência da diversidade e dos saberes sobre a água” (CARTA DE PRINCÍPIOS, CET - Água, 2010). Dentro disso, sua missão é: “contribuir para a construção de um olhar transdisciplinar sobre a água em favor e da evolução da consciência humana” (IDEM, 2010). No Plano de Trabalho do CET-Água, documento que delineou as atividades práticas do acordo de cooperação que instituiu o Centro o mesmo objetivo é traçado em sua Introdução:

Considerando que a atual crise ambiental, social e econômica mundial requer abordagens amplas para os desafios humanos e desperta a necessidade do pensar e viver na “ótica da transdisciplinaridade”, *uma visão de mundo geradora de uma ecologia de saberes que busca legitimar outras formas de conhecimento além dos saberes científicos*. O conhecimento transdisciplinar considera: a existência de *diferentes níveis da realidade*; a *complexidade do conhecimento e da realidade* e a *lógica do terceiro incluído*, que transcende a lógica cartesiana que exclui o pensamento divergente e dissocia os pares de opostos complementares propostos pelas abordagens dialéticas (Plano de Trabalho CET - Água, 2009).

Como explicitado no trecho acima a transdisciplinaridade para o grupo é vista como uma visão de mundo, uma ótica, uma racionalidade, o que em outros contextos de interação, também foi chamado de “paradigma” e de “política”. Nos dizeres de Dalai Lama, que escutei algumas

vezes no trabalho de campo: “Uma nova ótica pressupõe uma nova ética”. No caso da relação com as águas, o coletivo busca o resgate de uma visão complexa que sobre o elemento, na qual saberes espirituais, filosóficos e de povos tradicionais que o consideram um “ser especial” são incluídos e conectados.

Dentro disso, outra referência importante para o grupo no que tange a sua “política epistemológica” é o que Santos (2002) chama de “sociologia das ausências e sociologia das emergências”. O projeto “A reinvenção da emancipação social” coordenado pelo autor no âmbito do Centro de Estudos Sociais explicita esses termos:

“propôs-se a estudar as alternativas à globalização neoliberal e ao capitalismo global produzidas pelos movimentos sociais e pelas organizações não governamentais na sua luta contra a exclusão e a discriminação em diferentes domínios sociais e em diferentes países” (Santos, 2002:2).

Algumas conclusões importantes do projeto são:

"Em primeiro lugar, a experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que o que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante. Em segundo lugar, esta riqueza social está a ser desperdiçada. É deste desperdício que se nutrem as idéias que proclamam que não há alternativa, que a história chegou ao fim e outras semelhantes. Em terceiro lugar, para combater o desperdício da experiência, para tornar visíveis as iniciativas e os movimentos alternativos e para lhes dar credibilidade, de pouco serve recorrer à ciência social tal como a conhecemos. No fim de contas, essa ciência é responsável por esconder ou desacreditar as alternativas. Para combater o desperdício da experiência social, não basta propor um outro tipo de ciência social. Mais do que isso, é necessário propor um modelo diferente de racionalidade” (Santos, 2002: 2).

Tais conclusões dão base para o que o Centro pensa sobre os saberes a respeito das águas. Em alguma medida, a transdisciplinaridade das águas afirma que “em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que o que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante”, ou seja, trabalha-se uma sociologia das ausências, buscando demonstrar saberes marginalizados ou invisíveis diante da Cultura hegemônica na relação águas e humanos. A política epistemológica do grupo também afirma que os vários saberes sobre as águas estão sendo desperdiçados diante de uma hidroalienação e uma predominância da visão instrumental do uso do bem comum. Por fim, o Centro se propõe a exercer uma sociologia das emergências dando visibilidade e incluindo saberes aos saberes já legitimados e, através dessa ação, dando luz à sua proposta alternativa de visão de mundo sobre a relação entre águas e humanos.

Nas origens da transdisciplinaridade o termo foi utilizado a partir de sua raiz “trans” que indica além das partes. O termo foi usado pela primeira vez por Piaget, como um estágio possível “para além” da interdisciplinaridade. Basarab Nicolescu, físico teórico, junto com Morin e Randon, foram os primeiros a desenvolver a noção na década de 1990, partindo de uma proposta de juntar as maiores descobertas advindas da física no século XX para se construir um novo paradigma do conhecimento em contraposição ao paradigma de conhecimento moderno<sup>35</sup>. Vários intelectuais juntaram-se a Nicolescu e contribuíram com a proposta que culminou na “Carta da Transdisciplinaridade” adotada no Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, que ocorreu em Arrábida, Portugal, em 1994. A Carta é também um manifesto e é composta por 15 artigos que orientam a visão de mundo transdisciplinar e apontam para um novo paradigma. Como era de se esperar a transdisciplinaridade foi pouco reconhecida pela comunidade científica de um modo geral, tendo ressoado, no Brasil, mais na área da Educação desde então. Atualmente, aos poucos a transdisciplinaridade é incorporada pela área da Saúde na busca de legitimação de pesquisas sobre práticas de saúde alternativas.<sup>36</sup>

Para Edgar Morin (2001), pai da teoria de conhecimento da complexidade - um dos pilares da transdisciplinaridade e que implica uma visão sistêmica e geral dos fenômenos do saber -, os postulados implícitos em todas as disciplinas que contribuem para uma concepção geral de ciência, essa justamente que Latour (2004) chama de Ciência com “C” maiúsculo e Santos (2006) de ciência moderna hegemônica, colocaram-nos diante de um enclausuramento disciplinar e num reducionismo objetificante. Para ele, a proposta interdisciplinar não é suficiente. Ela promove um delineamento inicial de fronteiras para, somente a partir da especialização, propor-se a algumas trocas disciplinares, o que acaba contribuindo para o fortalecimento da separação entre saberes ao invés de construir algo que vá além das próprias disciplinas. Ele propõe um paradigma que faça distinções, mas sem a separação de saberes.

---

<sup>35</sup> A partir dos desdobramentos das pesquisas de Nicolescu, Morin e Randon foram criados centros de pesquisa transdisciplinares que continuaram a elaborar o tema, tais como, na França, o Centre International de Recherches et Etudes Transdisciplinaires, CIRET (<http://basarab.nicolescu.perso.sfr.fr/ciret/>) e, no Brasil, o Centro de Educação Transdisciplinar, CETRANS (<http://www.cetrans.com.br/>).

<sup>36</sup> Ver em Bignardi (2011) um exemplo de estudo sobre a importância da meditação partindo-se de uma perspectiva transdisciplinar.

O paradigma que sustenta o conhecimento científico hegemônico se reforça, em primeiro lugar, na exclusão do sujeito em prol da superafirmação da objetividade. Ignora-se, assim, o fato de que as teorias científicas não são o puro reflexo das “realidades objetivas”. O conhecimento científico hegemônico está assentado num paradigma mais geral de separação e redução, que sustenta a separação sujeito *versus* objeto. “Assim, a física, biologia, antropossociologia tornaram-se ciências totalmente distintas, e quando se quis ou quando se quer associá-las é por redução do biológico ao físico-químico, do antropológico ao biológico” (Morin, 2001:138). O autor sugere que se faz necessário um paradigma que faça separações, mas ao mesmo tempo opere associações entre os níveis de emergência da realidade, tais como o nível micro-físico, o nível biológico e os níveis social e cultural. O autor sugere uma comunicação em circuito entre os níveis:

Primeiro movimento: há que enraizar a esfera antropossocial na esfera biológica, porque não é sem problema nem sem consequência que somos seres vivos, animais sexuais, vertebrados, mamíferos, primatas. De igual modo, há que enraizar a esfera viva na *physis*, porque, se a organização viva é original em relação a toda organização físico-química, é uma organização físico-química, saída do mundo físico e dele dependente. Mas operar enraizamento não é operar redução: não se trata de reduzir o humano a interações físico-químicas, mas de reconhecer os níveis de emergência (Morin, 2001: 138).

A ciência transdisciplinar só se faz possível, portanto, a partir das comunicações entre as ciências que lidam com diferentes níveis de realidade<sup>37</sup>. Ao se falar em níveis de realidade se fala nos contextos ou dimensões em que a realidade pode ser apreendida, o que compreende os níveis físico, biológico, social e cultural, infinitesimal ou quântico, psicológico, mental, vital, cósmico. A comunicação se dá em circuito e cada nível se enraíza em outro nível de realidade. Assim, por exemplo, deixa-se de considerar que a ciência física é reflexo do mundo físico, mas se considera que a mesma é uma produção cultural e sociologicamente contextual, pois está enraizada num

---

<sup>37</sup> “Um novo princípio de relatividade emerge da coexistência entre a pluralidade complexa e a unidade aberta: nenhum nível de Realidade constitui um lugar privilegiado a partir do qual somos capazes de compreender todos os outros níveis de Realidade. Um nível de Realidade é o que é porque todos os outros níveis existem ao mesmo tempo. Esse princípio de Relatividade dá origem a uma nova perspectiva na religião, na política, na arte, na educação e na vida social. E quando nossa visão de mundo muda, o mundo muda. Na visão transdisciplinar, a Realidade não é apenas multidimensional, é também multirreferencial” (Nicolescu, 2000: 135).

nível sócio-cultural de realidade. Para Morin (2001), portanto, o conhecimento da ciência, por si só, não é reflexo da realidade.

A história que daí a água nesta experiência [fala da época em que foi coordenadora da área de educação ambiental e cultura no Governo Cristóvão no Distrito Federal], para mim ficou muito evidente, ser a água o tema mais propício para fazer o diálogo entre as dimensões, as realidades da cultura e da natureza. Isso ficou muito evidente o potencial desse tema para trabalhar todos os aspectos do conhecimento científico, todos os aspectos dos conhecimentos tradicionais, da espiritualidade, e também da mediação entre o mundo exterior, o mundo interior, o local e o global. A água se revelou assim como um tema capaz de nos permitir dentro do currículo, sem problema, transversalizar a questão, a discussão sócio-ambiental. A guerra da água, os que vivem sem água potável, a água como bem econômico, a água como bem comum. Isso ficou muito interessante. E ao mesmo tempo a noção de pertencimento, “isso tem haver comigo”, a água ela se mostrou extremamente propícia para isso. O fato de 70% de o nosso corpo ser água e essa similaridade da nossa circulação sanguínea e a circulação planetária e todas essas coisas permitiram emergir metáforas extremamente sensibilizadoras, metáforas educativas de grande valor para ser trabalhado na educação formal, especialmente porque era um tema, a área que eu trabalhava na ocasião” (Vera, em entrevista).

Internamente a ciência transdisciplinar vai se constituindo a partir de uma teoria da complexidade, ou seja, que não simplifica a realidade em prol da objetividade. A objetividade da Ciência com “C” maiúsculo, segundo Morin e Nicolescu, é dualista, unidimensional, predominantemente matemática. Na proposta transdisciplinar, não se trata da busca de um princípio unitário subjacente a todos os saberes, trata-se, isso sim, de um método de comunicação com base em um sistema complexo, que não ignora vazios, incertezas e aporias provocados pelo desenvolvimento do conhecimento. Procura-se, acima de tudo, um olhar que não entenda que o real se esgote num sistema coerente de idéias apenas, mas um pensamento sistêmico e comunicante, que esteja sempre aberto e em contínua transformação.

Além disso, importante para a discussão proposta aqui, a transdisciplinaridade se apóia numa dimensão sensitiva do saber para a compreensão do mundo, na qual em muitas situações não há separação entre sujeito e objeto<sup>38</sup>, própria do pensamento cartesiano, mas um saber que pressupõe uma articulação sujeito-objeto. O corpo, as emoções e intuição, nesse sentido, também produzem

---

<sup>38</sup> “A teoria da complexidade e transdisciplinaridade sugere a superação do modo de pensar dicotômico das dualidades (sujeito-objeto, parte-todo, razão-emoção etc.) proveniente da visão disseminada por Descartes, estimulando um modo de pensar marcado pela articulação” (Santos, 2008: 72).

saber. Tal projeto pode ser chamado de integrativo ou integral, tal como propõe a Educação Integral de Sri Aurobindo praticada pelo Instituto Calliandra de Educação Ambiental e Integral, organização-membro do CET-Água. Maurício, da Agência Nacional de Águas, fala sobre isso:

Agora isso aí [a transdisciplinaridade], do meu modo de ver, é uma palavra, assim, relativamente nova para designar o que Sri Aurobindo já tratava como ‘Yoga Integral’, uma visão integral da vida. (...) O transdisciplinar é como se fosse o integral. É uma coisa que você vê o mesmo tema por “n” abordagens. Inclusive a ‘abordagem transc científica’ vamos dizer assim, né, de que a ciência não é tudo. Tem outras formas de conhecimento: a arte, filosofia, as tradições espirituais, têm outras maneiras de apreender a realidade que não são limitadas aí ao campo da ciência (Maurício, em entrevista).

No excerto de entrevista abaixo Joselita, também, relaciona transdisciplinaridade e o projeto de Educação Integral. Ela diz que junto de Yara reconheceu no Manifesto da Transdisciplinaridade os princípios da Educação Integral e ela vê a transdisciplinaridade como um recurso que contribuiu para levar a perspectiva da integralidade para dentro do universo acadêmico.

E então quando eu te falei que tinha esse princípio do Yoga Integral, considerar físico, mental, psíquico, espiritual, né. (...) O Rolf Gelewski conheceu a Mãe e ele era dançarino, fundou a Escola de Dança na Bahia. Então ele transformou esses princípios numa educação para a dança, filosofia da dança aí e educação para a dança mesmo. E depois com o crescimento do grupo e tal, então tinha muitas pessoas do nosso grupo. (...) Então quando a gente viu depois, eu e a Yara vimos o Manifesto da Transdisciplinaridade dizemos: “Ah, descobriram!” (Risos). “Agora que eles descobriram!” (Risos). Para a gente foi um se reconhecer. E a Yara sempre teve muito essa idéia de levar isso para a academia, levar esse conhecimento [da Educação Integral], talvez não conhecimento, mas essa forma de lidar com o conhecimento, para a academia. Então, em torno dela se formou esse grupo: a Verinha, a Laís, a Ozanetti, que é da Católica, né, foi se formando esse grupo. E quando a Verinha foi fazer o mestrado dela lá na França, aí a tese dela foi em cima daquele livro do Teodor Schwenk, que eles estudavam juntos lá na casa da Yara (Joselita, em entrevista).

Para finalizar, a transdisciplinaridade das águas se configura como a noção de reunir numa perspectiva circular e integrativa os vários saberes, incluindo saberes marginalizados, com o objetivo de construir de elaborar um panorama complexo (que seja sistêmico ou ecológico), multidimensional (que integre os níveis físico, emocional, mental e espiritual da relação humanos e águas) e multirreferencial (diversificado) sobre as águas. Tal proposta aparentemente assentada no campo das idéias, é, na verdade, a base de uma política epistemológica que enxerga que tal

panorama pode ampliar a ótica sobre a qual a água é enxergada e transformar a realidade prática da relação entre humanos e água, ou seja, construir uma “nova cultura da água”.

#### 4      **ÁGUA, ELEMENTO MOTRIZ (ESTADO LÍQUIDO)**

A água não se impõe. Ela percorre os espaços que são possíveis, nas brechas, mas além disso ela promove a diversidade. Assim é o educador, que encaminha seus “aprendentes” a um projeto original (Vera, em entrevista).

De modo genérico, os meus interlocutores entendem por epistemologia os fundamentos teóricos sobre o que é e como se dá o conhecimento. Esse conceito aponta para o pano de fundo da atividade de produção de conhecimento, os fundamentos que indicam como o sujeito de conhecimento entende o que é conhecer e sobre quais bases faz isso. Os fundamentos epistemológicos da transdisciplinaridade, como discutido no Capítulo 2, são a multidimensionalidade da realidade, a complexidade e o princípio do terceiro incluído. Além desses três pilares fundamentais dessa teoria sobre o conhecimento encontramos o princípio de abertura para o pensamento diferente e divergente, a tolerância, o rigor, o diálogo transcultural, entre uma série de derivações daqueles fundamentos basilares.

A junção do saber transdisciplinar com a transversalidade da temática da água é o fio condutor da proposta de existência do CET - Água. A princípio a transversalidade da água diz respeito somente ao fato de que diferentes âmbitos do saber estudam a água sob ângulos diferentes. A proposta é unir esses diferentes ângulos e fazê-los trocar conhecimentos e experiências, numa lógica de cooperação entre as áreas do conhecimento. O Centro, como proposta ainda tímida no sentido de unir poucas áreas do saber, foi desde suas origens se tornando um espaço de trocas de saberes sobre as águas entre pessoas de diferentes áreas. Seu vetor Educação, através do projeto “Água como Matriz ecopedagógica” e do Instituto Calliandra, tendo, portanto, seus rios percorridos por caminhos mais longos, trouxe para a vivência interna do Centro duas práticas que aos poucos se tornaram uma linguagem comum entre os participantes do mesmo e subjazem ao processo de construção de seus conceitos, constituindo assim a meu ver uma epistemologia das águas do próprio Centro. Isso somente foi possível pela abertura que a transdisciplinaridade apregoa e pela ressonância dessas práticas junto aos membros das demais áreas de saber.

São dois, a meu ver, os principais pilares da “transdisciplinaridade da águas” do CET - Água. O primeiro diz respeito a tese de que a água é o elemento, por excelência, que abarca as

principais metáforas do processo de aprendizagem. São metáforas vivas, pois estão baseadas nos padrões (ou arquétipos) de movimento das águas, que repercutem nas dinâmicas humanas referentes ao aprender<sup>39</sup>. Dessa noção derivam muitas didáticas, valores e práticas do vetor Educação presente no CET - Água. Essa concepção epistêmica compõe a ação das educadoras do Centro e tem uma força e presença bastante significativas na vida do coletivo como um todo, através, principalmente, de uma linguagem comum compartilhada por todos e usada como norte na organização das dinâmicas internas do grupo.

Foi partindo do olhar sobre a materialidade das águas e seu comportamento que as metáforas foram sendo construídas e aos poucos se tornaram um meio de diálogo interno para apontar fenômenos, resolver conflitos e problemas e estruturar as atividades do CET - Água. O interessante dessa forma de ver a relação entre as águas e os humanos é que essas metáforas não são estáticas, estão sempre mostrando novas características e poéticas; além disso, novas linguagens estão sempre por vir, pois a água está sempre em movimento e os detalhes de seu movimento não são exatos; a capacidade humana de interpretar seu comportamento e sua materialidade é bastante ampla. É preciso atenção, reflexão, interpretação para de esse movimento extrair uma metáfora que seja passível de orientar uma ação humana.

Abaixo algumas das metáforas mais relevantes para meus interlocutores:

- “A água é senhora das brechas”;
- “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”;
- “A água gosta de movimento”;
- “Água é senhora da informação”;
- “A utopia de uma gota d’água é se encontrar com outras gotas d’água”.

A antropóloga Verônica Strang em sua obra *The Meanings of Water* (2004) tece alguns comentários sobre a recursividade entre natureza e cultura na interação humana com as águas. Algumas associações do comportamento das águas a símbolos culturais, segundo a autora,

---

<sup>39</sup> O aprender aqui não está restrito a locais tradicionais de aprendizado como escolas, mas diz respeito a todas as dinâmicas de interação entre os humanos, formais e não-formais. Segue-se uma concepção freiriana do aprender na qual “aprender é viver e viver é aprender”.

apresentam certa regularidade transcultural (*cross-cultural*), aparecendo em diferentes culturas e épocas distintas. Uma associação clássica do pensamento ocidental é entre o fluir do rio e o tempo da vida, associação que nos remete ao filósofo grego Heráclito<sup>40</sup>. Outras associações do comportamento ou materialidade das águas ao comportamento ou traços humanos são menos óbvias, porém amplamente difundidas, tais como algumas associações homólogas com a água e o corpo humano, por exemplo: os braços do rio e os corpos d'água.

Porque o compromisso com o meio ambiente é dialético, as pessoas também desenham nas coisas que elas observam para criar metáforas para descrever elas mesmas, seus processos físico, emocional e mental. Nos termos aquosos, elas talvez sejam “dançarinas fluidas”, “inundadas”, com emoções “pantanosas” com o trabalho, ou “geladamente” desprezíveis, (o pensamento talvez não permita isso de uma vez). (...) Assim, as pessoas se referenciam para descrever o mundo e o mundo para descrever a elas mesmas (...). Interações sensoriais com água são relações recursivas, onde a natureza e a cultura literalmente se interpenetram<sup>41</sup> (Strang, 2004: 61).

Abaixo descrevo a interação entre processos do Centro a partir do diálogo com as metáforas inspiradas pelas águas que mais marcaram sua ação durante o trabalho de campo. Principalmente aquelas presentes no conceito do “1º Seminário Internacional Água e Transdisciplinaridade: Para uma Ecologia de Saberes” (1º SIAT), ocorrido em Novembro de 2011 em Brasília, Distrito Federal (DF). A natureza obstinada e flexível da água sempre contornando obstáculos, as relações entre água represada e o seu fluir relacionadas a corporeidade envolvida no processo de aprendizagem; enfim, a noção crucial de circularidade como arquétipo do movimento da água e como metáfora do aprender, e, por fim, como apêndice desse último há a natureza vivencial do aprender.

---

<sup>40</sup> Heraclito de Éfeso foi um filósofo grego que afirmava a inconstância das coisas na vida. É famosa a expressão desse filósofo de que nunca se pode banhar duas vezes no mesmo rio, pois nem o rio, nem a pessoa são os mesmos a cada tempo que passa. O fluxo da água e do tempo se interpenetram para ele.

<sup>41</sup> “Because engagement with the environment is dialectical people also draw on the things they observe to create metaphors to describe themselves and their own physical, emotional and mental processes. In watery terms, they may be ‘fluid dancers’, ‘flooded’ with emotion, ‘swamped’ with work or ‘icily’ contemptuous (thought perhaps not all of these at once). (...) Thus they use themselves to describe the world, and the world to describe themselves (...) Sensory interactions with water is a recursive relationship in which nature and culture literally interpenetrate each other” (Strang, 2004: 61).

O segundo pilar da epistemologia comum do CET - Água dialoga diretamente com o primeiro devido a noção de circularidade, mas tem existência independente. Trata-se do fundamento principal da Educação Integral: o processo de aprendizagem deve passar pelas várias dimensões do ser humano - o físico, o vital, o mental, o espiritual – para ser um conhecimento incorporado, afetivo e cognitivo ao mesmo tempo, por isso integral. A multidimensionalidade do aprendizado que nos fala a Educação Integral é, portanto, este segundo pilar. Para essa pedagogia somente essa experiência integral (ou seja, que perpassa as dimensões física, vital, mental e espiritual das pessoas) possibilita um aprendizado profundo, que “toca” as pessoas e “reverbera” através delas para outras e outras pessoas sucessivamente, como uma gota de chuva que cai na água cristalina e cria uma flor d’água que reverbera do ponto onde a água tocou pela primeira vez até o leito do rio.

É importante para a vida comum de meus interlocutores do CET - Água perguntar para as águas o que fazer e se inspirar nelas recorrentemente de modo a incorporar na sua ação a identidade de sua existência enquanto coletivo, concretamente, pelas águas. À medida que o grupo vai experienciando novas metáforas e observando os resultados das ações inspiradas pelas mesmas se constrói uma maior confiança nesse agir. Os movimentos do elemento inspiram e ancoram os movimentos humanos a partir de uma visão complexa, que pode ser chamada de ecológica ou interdependente, ou seja, que entende que o comportamento da água se faz dentro de padrões harmônicos com o seu meio circundante, gerando vida e cooperação. A busca por repetir seus comportamentos, aprender com a água, traz à tona uma dimensão do pertencer recíproco entre água e humanos, bem como faz emergir por parte do agente um reconhecimento e uma reverência ao valor deste elemento para a vida humana e a vida em geral. Por isso a água é tida como uma mestra. Essa atitude é observada em algumas tradições filosóficas orientais, tais como o taoísmo, o budismo e o xintoísmo. Além disso, é tida como fonte de inspiração no Ocidente no movimento romântico, em sua fase naturalista, utilizada para referir estados humanos ou exaltada como fonte de beleza. É no horizonte da transdisciplinaridade, que visa a ponte entre saberes, que o grupo de estudos do livro “Sensitive Chaos” de Theodor Schwenk (1962), posteriormente o projeto “Água como matriz ecopedagógica” e, por fim, o grupo que compõe o vetor Educação do CET - Água, resgataram a dimensão da sabedoria da água como fonte de inspiração para ação humana ligada a uma ética de pertencimento humano-água e água-humano. No horizonte

transdisciplinar foi possível resgatar um valor proveniente de outras culturas e tempos históricos e colocá-lo em diálogo com teorias da aprendizagem e com o universo acadêmico, bem como ao dispor da *práxis* organizativa do Centro. Em alguma medida, o saber transcultural, pilar da transdisciplinaridade é o pano de fundo dessa prática aparentemente tão corriqueira durante o contato que tive com meus interlocutores. A força desse conhecimento e dessa prática faz permear as ações do CET - Água e ajuda aos poucos a construir o conceito de “transdisciplinaridade da água”.

Durante o trabalho de campo, a princípio visualizei a “linguagem hidrológica” de meus interlocutores como um recurso de produção de reconhecimento entre os pares e reconhecimento desses com o tema da preservação da água dentro de uma forma poética de valorização do elemento. À medida que participei ativamente do processo de organização do Seminário e principalmente de vivências com Joselita Santos do Instituto Calliandra, e disciplinas com a coordenadora do projeto “Água como matriz ecopedagógica”, Vera Catalão, experienciei uma alteração de meu olhar e de meu ouvir, podendo então observar a eficácia prática e simbólica das metáforas da água no comportamento dos membros do CET - Água, nas reuniões e principalmente durante o evento. Como atividade mais significativa de meu trabalho de campo, dou ênfase neste capítulo ao processo de organização do Seminário, seus obstáculos e seus conceitos, e também descrevo alguns momentos significativos do evento.

As categorias utilizadas por meus interlocutores aqui discutidas me foram mais bem apresentadas nos contextos do trabalho de campo que mais demandaram tempo de interação de minha parte. Trata-se dos contextos os quais colocaram-me diante de noções do processo de aprendizagem inspiradas nas vivências ecopedagógicas construídas pelos membros do grupo ligados ao vetor Educação do Centro<sup>42</sup>. Muito observei, vivenciei, conversei e refleti sobre essas noções. Nos meus movimentos de campo pude interagir continuamente com a professora Vera Catalão em duas disciplinas ministradas por ela na Universidade de Brasília (UnB) (“Fundamentos Epistemológicos da Transdisciplinaridade” e “Ecologia Humana e Educação

---

<sup>42</sup> Como referido no capítulo 2, o Centro de Estudos Transdisciplinares da Água é formado por profissionais que atuam em diferentes campos disciplinares. Entre eles destaca-se a Educação Ambiental e Integral, especificamente o trabalho do projeto “Água como Matriz Ecopedagógica” e do Instituto Calliandra de Educação Integral e Ambiental e - Ceia.

Ambiental”), em vivências, palestras e conversas sobre a educação ambiental voltada para as águas. Além dessas experiências, participei de vivências com, e entrevistei, Joselita Santos, Yara Magalhães e Shirley Altoé, coordenadoras do Instituto Calliandra de Educação Integral e Ambiental – e Ceia, bem como entrevistei a professora Maria do Socorro Ibañez, também coordenadora do projeto “Água: Matriz Ecopedagógica” juntamente com Vera.

#### **4.1 ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA...**

A água é considerada a senhora da paciência, é referência no valor de vencer os desafios. O ditado “água mole em pedra dura tanto bate até que fura” é popularmente usado para se referir ao comportamento da água em percorrer seus caminhos desviando e vencendo obstáculos como modelo para a ação humana. As pedras representam os obstáculos diversos. O ditado qualifica assim a “paciência”, a “persistência”, a “flexibilidade”, a “constância” e a “obstinação” como qualidades da água a serem apreendidas pelos humanos.

Atento a linguagem hidrológica dos membros do Centro de Estudos Transdisciplinares da Água ouvi bastante a referência a esse ditado para indicar o processo de organização do “I Seminário Internacional Água e Transdisciplinaridade: Para uma Ecologia de Saberes” (I SIAT); evento que, desde o início de meu contato com o grupo, é considerado uma de suas ações mais significativas, por ser considerado a principal estratégia de publicização da perspectiva da transdisciplinaridade na construção de uma nova cultura da água, missão do coletivo. Rotineiramente é comum se escutar esse ditado em outros contextos e grupos. Poderia descartar o mesmo como uma categoria significativa do CET - Água, considerando sua dispersão em tantas outras esferas, locais, contextos na linguagem popular brasileira. No entanto, ao se considerar a frequência do recurso as metáforas na descrição de alguns acontecimentos do grupo, bem como na percepção de meus interlocutores das mesmas como um “ensinamento” e um “norte de ação”, o “água mole em pedra dura...” se constitui como uma metáfora bastante representativa para a descrição do processo de organização do Seminário.

O Seminário justificou-se pela necessidade de abordagem da complexidade do elemento água e do diálogo entre as diversas realidades das águas em busca da construção de valores de

cuidado e preservação para com o elemento em suas variadas formas. Transcrevo abaixo um breve texto de apresentação do evento elaborado por alguns membros do CET - Água:

O Seminário contará com mesas e oficinas que levarão ao público novos conhecimentos e pesquisas sobre a água, suas propriedades de retenção de informação, os caminhos de conservação ambiental, os desafios para a educação e para a promoção da saúde. (...) O evento também visa à reflexão sobre a água do futuro e sobre os modelos de gestão que podem emergir da ressignificação desse elemento para a preservação da biodiversidade e da diversidade cultural. (Retirado da página virtual do evento em 08de Janeiro de 2011).

Abaixo descrevo as etapas desse processo, narrando algumas etapas de organização do evento a partir das metáforas da constância, da obstinação, da flexibilidade e da capacidade de contornar os obstáculos.

Como experiência recente, muitas dinâmicas e boa parte da estruturação do sentidos de ação do Centro estão sendo construídos “no andar da carruagem”. A abertura para o diferente, para o novo e para o diálogo são valores importantes para a prática transdisciplinar e os membros do Centro valorizam bastante isso. Desde que os conheci, a pauta que se tornou predominante em suas ações e discussões foi a construção do 1º SIAT. E desde o início das discussões sobre o mesmo um obstáculo se apresentou: como e com quem obter financiamentos para a execução do evento? Além desse obstáculo, um adjacente ao mesmo: como traduzir para parceiros e financiadores os conceitos da transdisciplinaridade e transversalidade da água de forma que os mesmos confiassem na proposta e financiassem o evento?

Uma das limitações do Centro diz respeito às sua fontes financeiras. Até o início de 2011 não se tinha meios financeiros para contratação de pessoas que pudessem estar responsáveis pela organização do evento, nem recursos para a realização do mesmo. O CET - Água, formalmente, é um acordo de cooperação técnica entre organizações públicas e privadas e tem um plano de ação com várias atividades, mas não há compromisso obrigatório por parte das organizações membros de sustentar as ações do grupo com meios econômicos. Em alguma medida, para o Centro obter sucesso na realização de suas metas deve buscar financiamentos externos e se auto-gerir financeiramente.

Ao longo dos meses iniciais de organização do evento, a solução foi buscar profissionais para sua organização que pudessem contribuir com a busca de financiamentos, aceitando o risco

de, em caso da não obtenção de financiamentos, não obter algum pagamento de suas atividades, prática que incomodava o grupo, mas foi vista como a única forma de iniciar a organização do Seminário. A confiança do grupo no evento foi alta. O evento foi considerado muito importante estrategicamente para a missão do Centro de agendar uma discussão pública sobre a complexidade da água e sobre a necessidade de uma “nova cultura da água” diante de um paradigma hegemônico utilitário. Sabe-se que a escassez de água é um tema muito em voga na atualidade, o que, em alguma medida, faz com que muitas instituições forneçam financiamentos para eventos científicos, pois há a necessidade de agendamento do tema para conscientização pública e vários agenciamentos públicos e privados do tema. Além disso, alguns dos membros do grupo estão acostumados com a busca por financiamentos para projetos de suas organizações, o que traz o conhecimento de como e onde ir buscar os recursos.

Os motivos que justificavam a realização do evento, bem como a capacidade “de correr atrás” dos financiamentos fazia o grupo crer apostar que obteriam os recursos necessários. Caso conseguissem, Helena, a primeira pessoa que foi cogitada para ajudar na realização do evento, depois de diálogo com a mesma, receberia uma porcentagem negociada com o grupo pelos serviços prestados. Foi dentro dessa estratégia que Helena foi contratada pelo grupo. Alguns recursos de uma das ONGs-membro pagariam a profissional para um período e algumas atividades específicas, mas, posteriormente, o grupo e ela dependeriam dos financiamentos. Um dos motivos que tornava a relação “harmônica”<sup>43</sup> entre Helena e o grupo era a de que havia “ressonância” da formação e experiência profissional dela com os propósitos do grupo. Ela já havia trabalhado na WWF, organização-membro do Centro, e atuava com questões ligadas a preservação ambiental e práticas sustentáveis, além de ter experiência no ramo de organização de eventos.

No processo inicial havia urgência da construção de um projeto com datas, local, palestrantes, orçamentos e com o conceito do evento. Esse documento foi considerado o cartão de visitas para diálogos com possíveis financiadores. Para realização desta atividade, além de Helena foi feito contato com Pati, pessoa com ampla experiência em organização de eventos. Com Pati havia o mesmo problema: como remunerá-la?

---

<sup>43</sup> “Harmônica” no sentido de uma relação com vibrações que provocam simetria e sintonia, tal como acontece com os cristais de gelo das pesquisas de Masaru Emoto, tal como expressam as figuras 1 e 2, nas páginas 37 e 38.

Foram necessárias algumas discussões sobre a coerência das ações do Centro para o grupo definir uma posição respectiva a quem recorrer para obter financiamentos. A questão dos financiamentos no universo das práticas sustentáveis mostra muitos paradoxos. É comum empresas que provocam um grande impacto ambiental buscarem financiar atividades de grupos interessados em preservar a mesma categoria de recursos que a empresa explora sistematicamente, como prática de compensação ambiental. Além disso, é comum que marcas e organizações famosas que simbolizam valores contrários às propostas das organizações ambientalistas, tais como, por exemplo, o consumismo e a Coca Cola, costumem financiar eventos e ações de organizações ambientalistas, práticas de Educação Ambiental (EA), encontros científicos para discutir novos conhecimentos com o intuito de construir uma imagem de sustentabilidade e de ser uma instituição “politicamente correta”. A partir de várias conversas o grupo entendeu que não era possível obter recursos “limpos”, ou seja, financiamentos de entidades que não tem passivo ambiental ou que não simbolizam valores contrários a sustentabilidade ambiental. “Não é preciso ser radical” foi uma fala que sintetizou as discussões que iam se acumulando aos poucos sobre o tema. A seguinte fala de Marly deu o tom para a primeira conversa sobre o assunto que presenciei: “Devemos trabalhar nas brechas, assim como faz a água”. Ela se referia ao fato de que os possíveis parceiros eram poucos e que haveria necessidade de encontrar caminhos, mesmo que pequenos, para obtenção dos meios financeiros. Além disso: “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, escutei algumas vezes; ou seja, era preciso flexibilidade e obstinação.

Fato interessante é que o grupo já havia feito um ano antes, em maio de 2010, uma reunião de planejamento com a pauta específica sobre qual seria a posição das pessoas e organizações envolvidas no Centro sobre os financiamentos, como pude observar em ata e saber em entrevistas. À época haviam concluído a seguinte posição a partir da síntese das posições das diferentes organizações-membro sobre financiamentos: não receber de empresas fabricantes de armas e munições; de bebidas alcoólicas; de produtores e fabricantes de tabaco; aquelas que utilizam mão de obra escrava ou trabalho infantil; evitar empresas que fomentem pornografia e empresas com grande passivo ambiental; restrições de captação com empresas do ramo do petróleo, automobilístico e aviação; restrições a empresas cujos produtos causem mal a saúde e gerem dependência (Ata de 5 de maio de 2010); isso sem contar com instituições que utilizam as águas para fins comerciais. O princípio da coerência buscado com a discussão tem haver com o

fato de o CET-Água se definir como uma ação alternativa ao modelo hegemônico (que lida com a água enquanto um recurso utilitário), ação essa que objetiva construir uma visão sobre a água a partir de sua complexidade apreendida do encontro de vários saberes. Um objetivo como esse requer diálogo e interação com parceiros que não tem o interesse de se apropriar da causa do grupo em prol de seu *marketing* financeiro ou político de forma oportunista. Além disso, o coletivo critica ações de uma série de instituições consideradas insustentáveis para a água e socialmente e que não geram uma cultura de paz, por isso nega articulação com essas. “Mais vale realizar um evento para poucas pessoas e com os recursos que somos capazes de ter do que realizar um evento com parceiros que fazem justamente aquilo que criticamos”, disse Marly na ocasião da discussão; o restante dos presentes concordou em uníssono.

Em janeiro, fevereiro e março de 2011 o tema tornou a ser amplamente discutido. Uma forma de discuti-lo foi tomar como modelo experiências de outras organizações que têm princípios próximos ao Centro. Demétrios trouxe o exemplo de um Comitê de Bacia no Brasil que, em relação a algumas corporações de cerveja, tem restrições. Essas se munem da água para uso que pode gerar dependência, ação criticada por muitos grupos ambientalistas. No entanto, as mesmas têm doado recursos para atividades de sustentabilidade. A atitude do Comitê em relação à obtenção de financiamentos dessas instituições é não utilizar a logomarca da corporação na atividade financiada, aceitando, no entanto, o recurso financeiro. O Comitê entende que se a corporação doa o valor demonstrando não ser seu maior objetivo o *marketing* a mesma indica, assim, seu compromisso prioritário com a sustentabilidade por um princípio de responsabilidade social e não somente com sua visão de lucro e propaganda. Havia naquele momento, no início de fevereiro, a possibilidade do CET-Água receber um bom financiamento de uma empresa desse ramo e então foi sugerida a ação nos mesmos moldes desse Comitê. Ângela negou veementemente a proposta e então se iniciou um debate entre os presentes numa das reuniões ordinárias do Centro sobre coerência. A dimensão ética da discussão que veio à tona foi a questão de que mesmo sem a logomarca, caso o grupo aceitasse o financiamento dessa ordem, estaria se aliando a uma empresa que utiliza a água a partir de um paradigma de exploração, e o simbolismo dessa empresa sendo ligado à dependência e ao consumismo é contrária ao cuidado para com as águas. Isso vai de encontro à visão do grupo, que é a preservação das águas, a construção de consciência ambiental e de valores de sustentabilidade. Ao aceitar esse tipo de financiamento, segundo alguns dos membros, eles estariam fluindo para caminhos que não são os

seus. Surgiu desse debate uma nova restrição do Centro em relação a financiamentos que diz respeito à não obtenção de financiamentos de organizações que atuam no ramo das bebidas em geral. Outras questões como a descrita surgiram e restrições anteriores foram rediscutidas e novas restrições emergiram ao longo das reuniões e das reflexões que cada membro trazia a cada encontro.

Quando Pati começou a participar com frequência das reuniões do grupo no início de fevereiro, ela, profissional com ampla experiência no ramo de eventos, ficou bastante incomodada com a dinâmica do coletivo, para ela, “ineficiente”. A mesma estranhou o fato de o grupo já ter uma posição anterior a respeito de financiamentos e estar sempre retornando ao tema, de modo que não definia com eficácia as questões relativas aos principais aspectos necessários à construção do projeto de pedido de financiamento e, assim, os prazos se encurtavam para a profissional “ir atrás” dos recursos. Sua postura era pragmática, pois a mesma é produtora de evento acostumada a trabalhar com prazos maiores para realização de eventos como o Seminário proposto, enquanto a atitude do CET-Água era reflexiva, pois a natureza do grupo é o debate aberto dentro da complexidade ética dos fenômenos com que lida. Dessa forma, no início da relação entre Pati e o Centro houve um choque de perspectivas. Ela era acostumada a tomar decisões com mais rapidez e agilidade para produção dos documentos necessários para diálogo com financiadores e também acostumada a procurar alguns financiadores com quem o grupo optou por não dialogar. O grupo esforçava-se para manter um diálogo aberto, sempre passível de revisão, assim, como acontecia agora com o tema dos financiamentos, que voltava à tona e gerava grandes debates. Esse diálogo aberto e flexível é um princípio condizente com a transdisciplinaridade e que o grupo toma como prática na elaboração de seus problemas; além do mais, parte-se do fato de que esse processo de auto-reflexão constante ajuda a construir saber e traz maturidade às ações do Centro para que essas tenham uma eficácia em longo prazo no que diz respeito a sua proposta de existência. Neste momento, logo após alguns debates e reuniões no início de 2011, Helena não pode continuar no processo e cabia ao grupo o diálogo exclusivo com Pati no sentido de gerar comunhão entre a dinâmica de trabalho dela e sua equipe e a dinâmica com que o Centro vinha se desenhando. O assunto sobre quem recorrer a financiamentos e a relação profissional com Pati cruzavam-se e foram precisos algumas conversas e ajustes de ambas as partes para o processo fluir.

Abaixo, a professora Maria do Socorro fala sobre a dinâmica de discussão com que o CET-Água, para ela, define suas diretrizes de ação.

O CET-Água... eu vejo uma profundidade e uma seriedade muito grande nas discussões. E nós tivemos que... temos a nossa linha do tempo, temos as nossas metas, mas sempre que surge um fato novo ou um elemento novo que merece discussão, então nós paramos e vamos em direção a esse ponto. Um deles, né. Isso nos dá a sensação de que o cronograma está atrasado, mas eu não vejo assim. E eu diminuí muito a minha ansiedade, né. Porque, por exemplo, a professora Vera Catalão e eu... o nosso fazer no CET-Água ele está muito atrelado à formação. Existe um outro grupo que tem muita ênfase no Laboratório, que o Laboratório que um dia exista. O Laboratório... eu já vejo algo muito desafiador. Porque tem que ter controle de qualidade, precisa de equipamentos, quem vai manter esses equipamentos? Qual linha de pesquisa? Então, eu vejo que os anseios são diferenciados no grupo, mas que o grupo está tendo a sabedoria e a parcimônia de aguardar que um dia essa linha venha a ser discutida. Só para você ter uma idéia nós estávamos na nossa linha do tempo, nas nossas metas, quando surgiu a questão “De quem vamos receber recursos?”. Isso demandou de nós pelo menos 3 reuniões. Então, nós tivemos que aparentemente parar o carro aqui. Agora vamos trabalhar essa questão para depois voltar. Então isso demanda tempo. Isso demanda esperar dos demais, mas a cada discussão dessas nós vamos nos fortalecendo e vamos construindo saber. E o Maurício uma vez falou uma frase que aquilo mexeu muito comigo. Quando a pessoa vem muito apressadinha ele questiona. Aí eu entendi que o CET-Água é um espaço para que construamos com muita paciência essa questão sobre a água. Então nós entendemos que nós não podemos avançar, vamos dizer assim, avançar suprimindo etapas. Nós não nos permitimos fazer assim. Então isso pode gerar por parte de alguns alguma inquietação, ou achar que o seu anseio está sendo deixado em espaço secundário, eu acho que não, eu já tranqüilizei minha mente em relação a isso, entendeu? (Maria do Socorro, em entrevista).

Na entrevista acima, a professora Maria do Socorro chama a atenção para o ritmo de decisões lentas e uma construção de posições do grupo a partir de discussões que às vezes se repetem ou demoram. Isso tem relação com o que Sérgio e Vera comentaram algumas vezes comigo. Ao longo tempo, o CET-Água foi se constituindo como uma “comunidade de aprendizagem” que enxerga em cada obstáculo um tema propício para debate, partilhas, confronto e sínteses, que permanecem abertas até surgirem novas questões.

É engraçado que a gente não consegue decidir rápido. Tem hora que eu digo: “Eita, mas porque será que somos assim?” Mas não é, é porque tem que ser assim mesmo. Tem que conversar, aí a gente vai, aí pensa, aí volta. Essa solidariedade, essa ação comunicativa - vamos dizer - é que a gente quer criar esses consensos, para que não tenham opiniões vencidas. Não é isso que a gente pensa. A gente pensa em criar esses consensos para quê? Por aquele tempo, por aquele momento, aquela razão comunicativa nos permitiu chegar a uma determinada decisão, que pode nos ajudar a chegar em outra decisão em outras circunstâncias. (...) E sendo assim um grupo muito reflexivo o grupo do CET-Água, sendo um grupo que tem uma noção de *práxis* muito grande - faz uma ação e reflete sobre essa ação -, as coisas não podem ser tão rápidas como poderia ser, como seria em outros grupos, vamos dizer (Vera, em entrevista).

No entanto, Pati trouxe novas questões que diziam respeito ao modo de funcionamento desse ramo de eventos e a necessidade de ordem e agilidade, bem como a flexibilidade no que tange a quais instituições solicitar financiamento, caso contrário não seria possível “batalhar por recursos” e o evento não iria acontecer. Aos poucos, a partir desse contato com Pati e com os frutos das ações que ela empreendia com algumas possíveis organizações financiadoras, as possíveis parcerias do evento, bem como com os possíveis locais para o evento acontecer foi ocorrendo um descompasso entre as posturas teóricas do grupo, como é o caso dos impedimentos para financiamentos, e as possibilidades práticas. E foi preciso debate, reflexão e habilidade para se encontrar um meio-termo coerente com os valores éticos do Centro e a necessidade estratégica de acontecimento do evento. O evento representava um passo importante para o Centro, um agendamento público do tema de uma “nova cultura da água” se fazia crucial para a própria razão de ser do coletivo. Por fim, um espaço como o do Seminário era visto pelo grupo como estratégico para o reconhecimento de potenciais parceiros e a construção de novas alianças. O acordo de cooperação do CET-Água se estenderia até março de 2012 e, posteriormente, haveria a realização de um balanço dos primeiros anos de existência e um novo planejamento estratégico, dentro do qual se previa a “gestação” da Rede de Estudos e Ações Transdisciplinares da Água (REATA), daí a grande importância das alianças dentro do Seminário, e, claro, o aspecto estratégico da realização do evento. Algumas vezes as conversas pareceram levar alguns membros do grupo ao desânimo, mas a obstinação das águas era lembrada e um voto de confiança cada vez maior era dado ao Seminário.

Em março de 2011 se iniciou um diálogo com a Comissão de Meio Ambiente do Senado dirigida pelo senador Rodrigo Rollemberg com a intenção de obter recursos para o Seminário através de emendas no orçamento da União. No ano de 2011 a questão ambiental em âmbito nacional ficou muito evidente. A agenda ambiental no cenário político estava em voga: por um lado, a votação do novo Código Florestal que afrouxou as regras em áreas de proteção ambiental interferindo diretamente na qualidade das coberturas vegetais, do solo e das águas; por outro, o anúncio da construção da usina hidrelétrica Belo Monte na Amazônia, a terceira maior hidrelétrica do mundo, que envolve o alagamento de grandes áreas, territórios de povos indígenas e comunidades ribeirinhas, além de gerar um grande impacto ambiental e necessitar de um amplo investimento financeiro que, alegam os ambientalistas, poderia ser revertido em fontes renováveis

de energia. Diante desse contexto, o diálogo no Senado para obtenção de financiamento para o Seminário sobre as águas dentro de uma perspectiva de diálogo de saberes foi considerado bastante relevante pelos interlocutores políticos.

Nesta época, o grupo foi interpelado pelo Senado e por uma das entidades-membro, a Agência Nacional de Águas (ANA), organização com a qual também se dialogava a possibilidade de financiamento de alguma parte dos custos do Seminário, sobre a apresentação do conceito do Seminário, com a indicação dos palestrantes, data, local e orçamento, documento que Pati já vinha construindo juntamente com um Grupo de Trabalho (GT) dentro do Centro criado para execução dessa fase de programação. A discussão entre os aspectos, nas palavras de meus interlocutores, “objetivos” e “subjetivos” no conceito do Seminário dentro do diálogo com os possíveis parceiros trouxe novos obstáculos e necessidades de mais flexibilidade por parte de meus interlocutores, sem que os mesmos perdessem de vista a obstinação na fluência de um caminho orientado pelos valores e princípios mais caros ao grupo. Para os parceiros alguns conceitos do 1º SIAT eram demasiado “subjetivos” e não deveriam orientar a organização do evento. Um exemplo disso diz respeito à divisão temática dos temas e palestrantes nos três dias do evento de acordo com os estados da água, usados no Seminário como categorias classificatórias: um dia de evento destinado ao estado líquido, outro ao estado sólido e outro ao estado gasoso. Outro exemplo diz respeito à própria categoria “transdisciplinaridade”, que é uma proposta de união de saberes e construção de um horizonte mais inclusivo e isonômico, mas, segundo alguns parceiros, o conceito não reflete sobre como objetivamente realizar isso, daí sua “subjetividade”. Na verdade, como alguns dos teóricos que construíram o conceito e meus próprios interlocutores a transdisciplinaridade, mais do que “subjetiva” ou “objetiva”, é um projeto alternativo ao modelo de conhecimento hegemônico, por isso causa estranhamentos diversos, é enxergada como fora do campo das possibilidades concretas à priori. Diante desse contexto, foi preciso encontrar brechas e reconhecer diante das realidades apresentadas como as metas do grupo acabavam encontrando seu rumo por caminhos antes não pensados.

Mas peço licença ao leitor para adentrar num córrego menor da discussão elaborada até aqui neste capítulo. Realizo aqui uma pausa na narração dessa fase inicial de organização do Seminário para descrever alguns conceitos relevantes do evento e no seu processo de criação, de modo a contextualizar o leitor e poder continuar a narrar o processo de organização do 1º SIAT, bem como sua realização. Retomarei o assunto no item 4.3 na página 109.

## 4.2 CIRCULARIDADES DAS ÁGUAS

Todo líquido tende a se mover em um princípio esférico de circulação. Além disso, obedece a ciclos. Ou seja, todo líquido presente na natureza se move em ritmos, de acordo com altas e baixas marés, de acordo com as estações do ano, mesmo as águas subterrâneas e não somente as de rios e mares. O movimento circular é um arquétipo da água. Na obra de Teodor Schwenk (1962), “Caos Sensível”, o qual o grupo que compõe o vetor Educação do Centro (Vera, Yara, Joselita, Maria do Socorro e Shirley) estudou por muito tempo, uma das demonstrações mais marcantes do autor é como a água percorrendo qualquer meio, seja em tubos, nas árvores, em rios, mares movimenta-se de forma espiralada. A água possui forte tendência a realizar um movimento circular em vórtice, movimento que é contraposto à força da gravidade e então forma uma espiral. Desde o grupo de estudos do livro de Schwenk, para essas educadoras vinculadas ao CET-Água, o arquétipo de circularidade da água foi visto como uma marca do elemento importante de ser explorada em processos de aprendizagem. Essa metáfora reverberou no grupo como um todo desde que apresentada ao mesmo pelas educadoras nas fases iniciais do Centro, constituindo-se, posteriormente, o principal símbolo na construção dos conceitos do 1º SIAT.



Figura 6 : Imagem do vórtice da água retirada de Sensitive Caos (Schwenk, 1962).

Dito isso, nos reportamos à reunião de 8 de fevereiro de 2011, que foi uma espécie de marco para o Seminário. Houve naquela ocasião uma extensa discussão sobre os conceitos do Seminário, sendo ali lançados tópicos que seriam acionados em outras situações fora das reuniões e durante o Seminário. Isso se iniciou com uma conversa provocada por Helena. Ela perguntou aos participantes do Centro como os mesmos demonstrariam a transdisciplinaridade no evento, já que este é um conceito novo, alternativo e pouco conhecido.

A definição de local conjuntamente com o espaço para oficinas foram os temas iniciais da conversa. Para Vera, um dos critérios de escolha de local de realização do evento deveria estar ligado a possibilidade de se fazerem “rodas de diálogo”, “círculos” entre os participantes nas salas. Para o princípio pedagógico acionado por Vera, as rodas promovem um contato de igualdade entre as pessoas, geram a circularidade das informações que são ditas, fazem uns aos outros olharem-se nos olhos. O conceito por trás da escolha do local me fez observar com mais atenção a dinâmica de interação do grupo entre si em suas diversas atividades. De fato, meus interlocutores sempre se dispuseram em círculos em todas as suas atividades coletivas. A maior parte das reuniões ordinárias se deu ao redor de uma mesa redonda na salinha de Educação Ambiental da Universidade de Brasília<sup>44</sup>. Vera nos disse, ainda, que as rodas colocam-nos diante da circularidade do processo de aprendizado; o relacionamento interpessoal a partir dos círculos gera a sensação de unidade entre os participantes do mesmo e não um clima de separações hierárquicas. As rodas ensinam que é possível circular o conhecimento. Segundo Vera, a posição das pessoas promove uma escuta e um olhar de maior qualidade entre os seus participantes. Mas o que chama mais atenção é a associação das rodas e círculos das pessoas com a circularidade da água. Em alguma medida se busca replicar nas ações humanas a inteligência e harmonia presentes no elemento.

Não à toa o símbolo do evento seria a reprodução do arquétipo de movimento circular das águas. O símbolo do evento, inspirado pela água, é uma espécie de síntese da grande maioria dos conceitos do evento. Um aspecto importante extraído do mesmo é a capacidade da água de em movimento se tornar a imagem de uma unidade. Inspirada em Morin (2002), Vera trabalha com frequência em suas aulas a idéia de que no círculo a diversidade se torna unidade e a unidade se sabe diversa. A diversidade vai se tornando unidade dinâmica, segundo o autor. Ainda dentro

---

<sup>44</sup> No centro da mesa, uma garrafa com água. Abaixo da garrafa, um papel com os escritos: “Amor e Gratidão”. A agência dessas palavras e dessas águas são discutidas no Capítulo 4: Água, elemento nutriz.

desse princípio considera-se que a humanidade é uma só, uma unidade, e somente através da aceitação e interação da diversidade - no caso da transdisciplinaridade, a diversidade de saberes – podemos reconhecer essa unidade humana transcultural. A idéia é que o movimento circular da água tudo mistura formando uma unidade, assim como se buscava que as rodas de diálogo e as vivências provocassem nos participantes do 1º SIAT.



Figura 7: Símbolo do “I Seminário Internacional Água e Transdisciplinaridade: Para uma Ecologia de Saberes”.

Dentro disso, mais uma questão foi levantada na discussão sobre o “conceito do evento”: deveria haver espaços para oficinas além das palestras e conferências. As oficinas ajudam na assimilação do conhecimento dito e escutado, pois elas “incorporam” o conhecimento pelo corpo, pela emoção e pela intuição. A circulação entre o corpo, a emoção, a intuição e a razão seria fundamental para um evento como este que se pretende transdisciplinar, pois o saber não se produziria somente no plano da razão, da fala e da escuta tradicionais.

De fato as oficinas viriam a ser elementos-chave do evento. Em determinado momento de agosto de 2011, o Seminário já havia sido divulgado por meios eletrônicos, mas o local até então reservado para o mesmo não poderia mais ser utilizado, como anunciou Pati ao grupo à época. Ela alegava que o espaço anteriormente agendado havia lhe avisado tardiamente sobre um cruzamento de datas com outro evento previamente agendado e que impossibilitava o Seminário ocorrer ali. Houve preocupação geral de não se conseguir um outro local a tempo. Um dos

critérios que não se poderia abrir mão, para o grupo, na realização do evento era, necessariamente, a possibilidade de o evento contar com espaços para as oficinas e as vivências.

A oficina nos remete à “prática” como um complemento ao processo teórico a que se propõe um processo de aprendizagem, tal como foi enxergado o 1º SIAT pelo coletivo. Sem contemplar o importante espaço para oficinas e vivências o grupo não teria realizado o evento. O aspecto vivencial do aprender foi um conceito crucial para escolha do local do Seminário. Tal aspecto é importante, pois permite que os sujeitos do conhecimento “encarnem” o saber, ou seja, tragam à “carne”, ao corpo e às sensações físicas a experiência do conteúdo que se está discutindo<sup>45</sup>. Além disso, a vivência coloca os sujeitos de aprendizado em contato com uma experiência de coletivo, na qual é possível trocar e aprender mais com o outro, gerando comunhão e partilhas, o que os leva à dimensão afetiva das emoções, além da dimensão corporal. As oficinas também favorecem o acesso às dimensões vital e espiritual, como poderemos ver a partir da narração de experiências práticas ao final deste capítulo.

Dito isso, para descrever a importância do aspecto vivencial para o grupo, retorno um pouco no tempo. Saio da reunião de 8 de fevereiro de 2011 e retorno a um movimento do Centro que ajudou muito na sua dinâmica de construção. Voltamos, primeiramente, à reunião de 5 de abril de 2010, momento no qual ainda não conhecia o grupo, mas sobre o qual tive acesso através das atas e entrevistas. Chama a atenção o seguinte excerto da ata desta reunião.

[Yara] destaca a importância de se introduzir como preâmbulo das oficinas, atividades que favoreçam o despertar dimensões mais sutis para a concretização das tarefas do grupo de forma cada vez mais harmônica, respeitada a visão do todo e a essência da transdisciplinaridade. Yara coloca que a experiência e o trabalho desenvolvido pelo Instituto Calliandra permite que possam assumir esta tarefa. (Fragmento da ata da reunião de 05 de Abril de 2010)

Ao ter resgatado a memória do grupo através das entrevistas pude constatar que o excerto se refere à discussão de oficinas preliminares ao Planejamento Estratégico (PE) do Centro, vivenciadas por meus interlocutores, com a coordenação de Yara e do Instituto Calliandra. O PE ocorreu em outubro de 2010 e marcou um momento importante para a construção da identidade

---

<sup>45</sup> A idéia de conhecimento encarnado se remete ao conceito de Maturana & Varela (1997): “mente encarnada”. Para este autor a mente não diz respeito somente ao cérebro, mas o todo o corpo humano. Ver Maturana & Varela (1995, 1997).

do CET-Água. Houve ali um resgate de sua memória. Naquele momento criou-se também um espaço para o delineamento de seus princípios, suas metas e a construção da linha do tempo de seus projetos, tendo como produto final o seu Plano de Trabalho (PT). O PE foi um evento vivencial de três dias que produziu esse documento que serviu como base para todas as ações do coletivo durante o tempo de duração de seu acordo de cooperação técnica. Nos seis meses que antecederam o PE houve oficinas (vivências) de preparação ao evento ministradas por Yara para discussão sobre aspectos da transdisciplinaridade, como podemos ver abaixo:

A Educação Integral tem uma atuação interessante, porque nós trabalhamos com estimulação de potenciais. Não é porque a gente acha o pensamento sistêmico bom e bonito é que a gente vai ter um pensamento sistêmico. Tem quem pode. Então a gente tem que ter a condição, tem que se colocar para. E tem que trazer essa condição de olhar tudo como Um para fora. E isso a Educação Integral faz. Tem uma didática para estimular essa visão circular. Então foi por isso que nós fomos escolhidas para fazer a formação, porque a gente trazia textos do próprio Nicolescu [teórico da transdisciplinaridade] e a gente fazia uma vivência daquele material que estava sendo estudado, experimentava em outros níveis: no nível físico, no nível mental, no nível espiritual por vivências. Então a gente via, a coisa aprofundou, porque a gente viu de forma intelectual, que é um extrato da mente mais simples, menos complexo o intelecto; mas a gente via com a mente mais profunda, a gente via com o corpo, a gente via com a vida, emoção. Então com a questão rítmica que está dentro de nós também.

Então com essa estimulação que a Educação Integral oferece fica mais fácil você tirar os bloqueios que não deixam você ver o todo, mas só partes. Na medida em que esses bloqueios vão sendo retirados pela experimentação, você começa a circularizar. Foi isso que foi feito. E depois dessa preparação, foi feita com os membros do grupo. E essa preparação, essa necessidade de chegarmos a uma mesma linguagem já era preparando para um outro Seminário, que é o Planejamento Estratégico (Yara, em entrevista).

No trecho acima é possível enxergar um paralelo entre a metodologia de aprendizado que Vera defende para o “conceito do 1º SIAT”, a saber a ocorrência de oficinas com caráter vivencial, nas quais se possa promover um aprendizado que perpassa os planos físico, emocional, mental e espiritual com o que Yara define na entrevista como sendo a essência da Educação Integral e Ambiental. As didáticas como a roda para o diálogo, a vivência de um conhecimento não somente no plano racional, mas nos vários planos que compõem a integralidade do ser humano, a demonstração de conexões entre diferentes textos, filosofias, olhares são práticas que visam o despertar de noções mais sutis antes das atividades de diálogo. Todas essas são formas de abordagem de uma teoria do saber circular, ou seja, que busca a integração, a unidade – nas palavras de Yara “essa condição de olhar tudo como Um”. Inicia-se por uma etapa, que leva à outra, retorna-se à etapa inicial. Retoma-se o conteúdo nos diferentes planos da multidimensionalidade

da pessoa. O símbolo do evento (figura 7, página 102), assim, dialoga diretamente com essas idéias. Segundo as interlocutoras do vetor Educação do CET-Água, na água estão contidas essas informações sobre a circularidade do aprender.

Nesse processo de aprendizagem integral que liga os vários níveis ou dimensões do ser humano, a água ocupa um lugar especial como portadora de informação, segundo as educadoras do Centro. Numa das aulas de Vera no mês de Setembro de 2011, durante a disciplina “Educação Ambiental e Ecologia Humana”, a professora convidou os estudantes a se inscreverem no 1º SIAT. Uma das primeiras coisas que mencionou sobre o evento é que no começo de cada dia do encontro realizar-se-iam algumas práticas relacionadas ao corpo, tal como acontece no início de suas aulas, fazendo menção às nossas “águas internas”. “A água gosta de movimento”. Se nossos corpos são compostos por maioria de água, de 60 a 80%, ao nos movermos estamos dialogando com a natureza desse elemento que nos compõe e com certeza despertando os sentidos para melhor bem estar e para maior atenção, aspectos sem os quais não é possível aprender com qualidade – disse ela.

Não podemos excluir o corpo num evento como esse. A gente acha que é um “cabeção” [dimensão mental e intelectual]. Os estudiosos do processo de aprendizagem dizem que após 01h30minh você começa a fugir. Quem aprende é a água no âmbito das células. E a água não gosta de ficar parada. Depois do movimento é preciso remansar para refletir (Vera, em aula).

Nas disciplinas que Vera ministra na Universidade de Brasília (UnB) em todo início de aula há uma prática corporal e aos intervalos um lanche coletivo. Ambas as práticas se justificam pelos conceitos acima explicitados, pela circularidade do saber, que traz à tona o aprender com os sentidos do corpo, bem como o despertar de nossas águas internas. Além disso, o lanche aos intervalos convida as pessoas a conversarem sobre outros assuntos pessoais, tornarem-se mais próximas e conviverem umas com as outras com mais espontaneidade, fator que contribui no processo de apreensão dos conhecimentos e deixa as pessoas mais à vontade para exporem suas opiniões durante os debates<sup>46</sup>. Algumas das experiências mais interessantes que conheci nas aulas de Vera foi o que ela chama de “alongamento taoísta das 9 dobras do corpo”. Muitas vezes fizemos, juntos com os demais estudantes da turma, uma roda na qual cada um respirava profundamente tendo os pés no chão. Faziam-se sete movimentos repetidos em cada uma das

---

<sup>46</sup> Um dos objetivos da transdisciplinaridade é o “aprender a conviver”, além do “aprender a conhecer” das instituições de ensino tradicionais. Considera-se também o “aprender a ser” como muito importante.

nove dobras do corpo: nos dedos do pé, nos tornozelos, nos joelhos, na cintura, nos ombros, no pescoço, nas dobras do braço - contrárias aos cotovelos -, nos punhos e, por fim, nos dedos das mãos. Os movimentos são circulares e têm a função de retirar os bloqueios energéticos retidos nas dobras do corpo. Ao exercitá-los a pessoa traz sua atenção para o seu corpo. Vera sempre falou também que o movimento nos ajuda a movimentar as nossas “águas internas”.

Até aqui discutimos a importância do aspecto vivencial e sua ligação com a noção de que o conhecimento deve perpassar as dimensões física, vital, mental e espiritual do humano. Voltamos agora à reunião de 8 de fevereiro de 2011 na qual se discute o conceito do 1º SIAT. Após a discussão sobre a escolha do local vinculada à necessidade de espaços para vivências, inicia-se uma discussão sobre a composição inicial de temas e palestrantes para o evento. Vera lembrou aos demais presentes o fato de que a água é o único elemento com três estados físicos: sólido, líquido e gasoso. “Como essa qualidade sensível da água poderia estar agregada ao Seminário?” A pergunta trouxe grande animação aos presentes. Reportar-se às características da água para a construção do conceito do evento era uma atitude coerente com a própria prática do grupo segundo as metáforas da água. Logo se iniciou uma reflexão sobre a relação de cada estado da água com as características dos temas a serem tratados no Seminário. Assim, o grupo buscou, a partir das características da água em seus três estados, classificar os temas e palestrantes cogitados para o evento. Levantou-se a proposta da realização de um evento que durasse três dias, cada dia do evento correspondendo a um estado da água. As características de cada estado da água indicariam as características dos temas a serem discutidos, dentro da perspectiva da linguagem hidrológica, na proposta inicial.

Dessa forma, o grupo teorizou o tema da seguinte maneira: o estado gasoso corresponderia ao etéreo, ao espiritual, aos temas mais “sutis”. O estado gasoso é o estado invisível aos olhos e, em alguma medida, mais disperso. Entre os aspectos mais sutis da água foram cogitados trabalhos sobre a natureza quântica do elemento, bem como a religiosidade e a espiritualidade vinculadas às águas. Masaru Emoto (2004, 2009) e sua pesquisa sobre os cristais de gelo também foi citado como correspondendo ao aspecto energético, vibração sutil da água. Citou-se ainda a necessidade de inclusão de algum palestrante que falasse sobre a homeopatia relacionando-a às pesquisas contemporâneas em física quântica sobre a memória vibracional do elemento. No estado líquido surgiu a idéia da inclusão do tema da governança na gestão da água, ou seja, dos movimentos que buscam uma gestão mais democrática, por se tratar do estado

líquido o estado onde as águas, de uma forma geral, estão em movimento mais dinâmico à olho nu e superando obstáculos. Além disso, ligado ao aspecto motriz das águas, no estado líquido estavam previstas a discussão de experiências sustentáveis de preservação e cuidado com as águas, tais como a permacultura e outras experiências de preservação, ou seja, ações em defesa da água provenientes de origens diversas, bem como a discussão sobre o papel das florestas. Por fim, relativamente ao estado sólido os temas sugeridos foram aqueles que correspondem a reflexões e pesquisas sobre aspectos mais “sólidos” das águas, tal como alguns problemas concretos relativos ao uso humano, por exemplo, as inundações e o desperdício de água na produção agrícola. A vinculação desses temas com o aspecto sólido teria haver com a idéia da natureza concreta dos problemas ambientais, bem como das disciplinas que lidam com esses temas para movimentos inter ou transdisciplinares, ou seja, sua maior densidade ou “hermetismo” disciplinar. A idéia ressoou no ambiente. Houve uma excitação por parte de alguns presentes. Várias falas se sobrepuseram umas às outras e todos os presentes riram da empolgação com a proposta, animados com o Seminário que estava por vir. “A proposta alimentou nossa alma”, concluiu Ângela após o debate.

A idéia por trás dos estados da água é de que não podemos enxergá-la só a partir de um estado, de que a água é um elemento complexo; e que devemos expandir nosso conhecimento para acabar com a “hidroalienação” generalizada sobre sua abundância, os conflitos no mundo que têm a água como centro ou mesmo sobre a multiplicidade de olhares espirituais culturais sobre o elemento. Trata-se de uma alienação sobre os aspectos quânticos do elemento que dão um *status* renovado ao mesmo, sendo a água a partir desse olhar portadora de memória vibracional. Retorna-se aqui ao princípio de geração do CET-Água, discutido na Introdução, de que a água não é apenas um recurso hídrico, de que outros saberes e olhares compõem um quadro mais complexo numa perspectiva integrativa e transdisciplinar.

Posteriormente a relação entre os estados da água e as temáticas relacionadas seria aprimorada em outras discussões e reflexões. Nestes excertos retirados de uma das primeiras versões da Programação do Seminário fica exposta a primeira definição do mesmo:

(1) O estado gasoso: “Foco nas abordagens sutis da água que contemplem as suas dimensões quântica, simbólica e sensível”; (2) O estado líquido: “Foco nas manifestações culturais e nas tradições que abordam a água como matriz e “nutriz” da vida, em sintonia com as

suas qualidades sensíveis de flexibilidade, acolhimento e fluxo”; (3) O estado sólido: “Foco nas representações científicas e nas experiências concretas de gestão e conservação da água” (Retirado do projeto inicial do 1º SIAT).

Ainda na reunião sobre o Seminário, a partir da sugestão da relação dos estados da água com a programação do evento, muitas propostas vieram à mesa de modo desordenado. Discutiuse a presença de alguns pesquisadores no evento, a inclusão de temas importantes que deveriam ser abordados partindo da idéia de integração de saberes e de inclusão do pensamento divergente, bem como possíveis nomes para o Seminário. Ângela sugeriu que o Seminário se chamasse: “Os estados da água: um olhar transdisciplinar”. Sérgio sugeriu que o nome do evento fosse: 1º Seminário Internacional Transdisciplinar da Água: os estados da água”. Na ocasião a idéia foi aceita e a sugestão de Sérgio acatada pela maioria. Posteriormente, como veremos adiante o nome do evento deveria mudar, o CET - Água deveria encontrar suas brechas para a realização do mesmo, os estados da água permeariam o evento de um modo subliminar. O Seminário passaria a se chamar: “I Seminário Internacional Água e Transdisciplinaridade: Para uma ecologia de saberes”.



Imagem 1: O nome final do Seminário. Cartaz do evento colocado no Senado Federal durante a realização do 1º dia do 1º SIAT.

### 4.3 ... “TANTO BATE ATÉ QUE FURA”

Retorno aqui, após o leitor já ter em mente alguns aspectos conceituais do evento, à descrição do processo de organização do 1º SIAT. Fiz questão de explorar esses aspectos para demonstrar mais um obstáculo que o Centro enfrentou diante da organização do Seminário: como traduzir para os possíveis parceiros esses conceitos que se estruturam a partir de um paradigma transdisciplinar da água, no qual a água é considerada “algo mais” que um recurso hídrico? Havia no projeto do CET-Água uma linguagem “alternativa” e a opção por temas que são considerados “marginais” na maioria das agendas ambientalistas de organizações tradicionais, embora os temas de discussão das palestras envolvessem também temas considerados centrais pela maioria dos ambientalistas atualmente, tais como o debate sobre as mudanças climáticas e o debate sobre o novo Código Florestal.

O olhar transdisciplinar sobre a água traz uma visão deste não apenas enquanto recurso hídrico dentro de um paradigma utilitário. A missão do grupo é ajudar a ampliar os olhares sobre a água para o público em geral. No entanto, as questões mais prementes para os parceiros no Senado eram as questões concretas de conservação e escassez de recursos, uma preocupação que também está incluída na agenda do CET-Água dentro da sua visão sobre o cuidado com o elemento, que inclui a agenda da água ser reconhecida como direito humano gratuito para todos por agências internacionais como as Nações Unidas. Mas o Centro complementa essa visão do cuidado com outras visões que vão desde as propriedades quânticas da água, passa pelas relações entre água e cultura, abordando os saberes medicinais da Amazônia, mães de santo do candomblé, de povos indígenas, até questões mais geofísicas e espaciais da água como foi, no caso do Seminário, a discussão sobre as pesquisas sobre rios voadores<sup>47</sup>. Para o grupo todas essas discussões tinham a mesma importância, já para os parceiros do Senado existiam temas mais estratégicos do ponto de vista político que outros. Além disso, a proposta de divisão metafórica dos dias do Seminário entre os aspectos sólidos, líquidos e gasosos das temáticas da água tendo a referência a esses estados como representando diferentes dimensões das questões ligadas à água

---

<sup>47</sup> “Rios voadores são cursos de água atmosféricos, invisíveis, que passam em cima das nossas cabeças transportando umidade e vapor de água da bacia Amazônica para outras regiões do Brasil” (<http://www.riosvoadores.com.br/>).

não foi compreendida com abertura por alguns parceiros. Em meados de maio de 2011 essas conversas tomaram à frente das discussões.

O Comitê de Meio Ambiente no Senado ofereceu um amplo auditório para a realização de um dia do evento, além de mais alguns outros recursos para o Seminário. O grupo considerou interessante a idéia de iniciar com um dia no Senado e dois outros dias em outro lugar; tratava-se de um bom trânsito para a diversificação do público do evento, além de uma economia considerável, em um momento em que não se tinha notícias de financiamentos, apesar das insistentes tentativas de Pati junto aos possíveis financiadores e do contínuo diálogo do grupo sobre a flexibilidade de se aceitar realizar parcerias com algumas instituições que em diálogos anteriores não se cogitava como possíveis. Mas, em contrapartida, os parceiros do Senado não concordaram com a totalidade da programação do 1º SIAT. Na primeira proposta, as palestras ligadas aos temas mais “gasosos” eram previstas para serem realizadas no primeiro dia no Senado. Alguns de meus interlocutores envolvidos no Grupo de Trabalho do Seminário acreditavam que seria interessante que esses temas fossem agendados no auditório cedido dentro do Senado, como proposta de encontro de saberes. No entanto, para os interlocutores do Senado junto ao grupo não fazia sentido agendar temas como a memória vibracional da água ou o comportamento de rios voadores - temas previstos para o Seminário -, naquele espaço político. O evento foi considerado “alternativo”. Foi preciso que Vera, juntamente com Sérgio, defendesse a “objetividade” do evento e a necessidade de uma ampliação de olhar sobre a água como um aspecto concreto em reunião com os interlocutores do Senado, pois os últimos acreditavam ser o mesmo demasiado “subjetivo”. Do ponto de vista político, qual a importância da água ser portadora de memória vibracional? Foi preciso argumentar a necessidade da construção de uma visão mais complexa da água em prol da mudança de valores para com os então considerados recursos hídricos. O GT de organização do Seminário defendia que os temas políticos fossem tratados no último dia do evento, que até aquele momento se projetava que seria na Universidade de Brasília. Os temas que diziam respeito às pesquisas em ciência quântica sobre a água ou sobre os saberes da homeopatia dos florais, o GT defendia que fossem discutidos no primeiro dia no Senado. “Discutimos política na universidade e educação no Senado para o diálogo com o diferente”. Diante do obstáculo que se apresentava à proposta do CET-Água, houve resistência pela não alteração dos temas e palestrantes da programação sugerida. No entanto, diante do

pensamento divergente e considerando a importância do espaço e dos recursos que o Senado podia oferecer, o grupo optou, após discussão, por agir, mais uma vez, como a água, contornando o obstáculo e adotando uma atitude flexível, sem deixar de dialogar a relevância de sua proposta. Ao invés de se alterar os temas e palestrantes o grupo optou por alterar a dinâmica dos dias da programação, migrando-se o dia que lidaria com os aspectos enquadrados como mais sutis e que o CET-Água propunha para ser realizado no Senado para o último dia do Seminário, que seria realizado em outro local ainda a definir até aquele momento. A dinâmica do Seminário estruturado a partir dos estados da água foi mantida até esse momento. Como regra cerimonial do Senado, ainda seria necessária a inclusão de uma mesa de autoridades políticas para a abertura do evento. O grupo entendeu ser relevante chegar a um meio-termo com os parceiros, dada a importância de adentrar o espaço político com a sua proposta paradigmática inovadora. A inclusão do Senado como espaço do primeiro dia do evento foi vista como a entrada da transdisciplinaridade da água por uma brecha.

Durante maio, a Agência Nacional de Águas (ANA), membro do CET-Água, ofereceu-se para tomar a frente da Secretária geral do evento, como forma de contribuir com alguns serviços que demandariam recursos, que Pati ainda não havia conseguido captar até aquele momento. Diante do diálogo com alguns técnicos da ANA a respeito da programação do evento, os mesmos entenderam que a divisão do Seminário a partir dos estados da água não era oportuna, já que na proposta do coletivo se considerava a concepção do estado sólido com aqueles temas e discussões mais concretas da água, onde se encaixava a entrada de palestrantes e temas ligados à gestão da água. O parceiro entendeu que alguns palestrantes poderiam não gostar de serem enquadrados em determinado “estado” e que a interpretação metafórica dos mesmos havia deixado os temas mais emergenciais da água ligados ao tema “sólido” para indicar seu hermetismo frente a outros temas, o que não seria prudente. Os técnicos da Agência sugeriram a mudança de nome do Seminário para um nome mais genérico que chamasse a atenção para a proposta geral do evento sobre a junção da transdisciplinaridade com a temática da água. A divisão metafórica dos dias temáticos do evento de acordo com os estados da água, que antes havia “ressoado na alma” dos participantes do Centro durante reunião de definição de conceitos, agora era colocada em cheque por membros de uma instituição membro do Centro e que se comprometia com a colaboração do serviço da secretaria geral do evento, responsabilizando-se por gastos importantes, além de

questões práticas como a construção de um *site*. Mais uma vez a flexibilidade da água foi colocada como um norte para a resolução da questão. Mudou-se o nome. O Seminário passou a se chamar: “1º Seminário Internacional Água e Transdisciplinaridade: Para uma ecologia de saberes” (1º SIAT). No entanto, as categorias de divisão dos estados da água para referenciar temas e palestrantes continuaram sendo usadas por alguns de meus interlocutores para descrever o Seminário entre si. Eu mesmo não consegui mais não olhar para o Seminário sem as categorias classificatórias dos estados da água.

Em junho e julho de 2011, com o Seminário marcado para Novembro do mesmo ano, o tema dos financiamentos ainda gerava a impressão da possibilidade do evento não ocorrer. Numa reunião decisiva, na qual Pati pediu ao grupo um acompanhamento por parte de alguns membros mais ativos na articulação com possíveis financiadores, o grupo definiu que se até 15 de agosto não houvesse definições o evento seria adiado. Alguns acreditavam que não seria mais possível este acontecer sem a obtenção do restante do financiamento que ainda faltava para custear passagens, aluguel de local para dois dias, alimentos, entre outras coisas. Em agosto, enfim, houve a definição do restante do financiamento e foi possível caminhar para a execução do mesmo. Naquele momento, no entanto, o local que havia sido requisitado para hospedar o Seminário nos dois dias seguintes após o dia inaugural no Senado comunicou a Pati que não poderia ceder mais o espaço, dado outro evento que estava agendado anteriormente para ali acontecer antes do agendamento do CET-Água. Faltando três meses para o evento foi preciso “correr atrás” de outros locais. Em uma das últimas reuniões de organização que participei em meados de setembro ao final da mesma os participantes do GT responsável pela organização do evento deram-se as mãos em roda e vibraram para que o “Universo” os ajudasse a encontrar um local adequado para realização do Seminário. Ao se referir ao “Universo” tudo me leva a crer que os mesmos falavam das boas vibrações, de uma inteligência maior que governa os fenômenos da vida ou Deus. Sincronisticamente, no dia seguinte foi confirmado o espaço do Museu da República na Esplanada dos Ministérios para a realização do evento.

Numa reunião ordinária do Centro em Setembro de 2011 mais uma rodada de discussão para finalizar acordos relativos ao Seminário de Novembro foi marcada com Pati, pessoa responsável pela organização do evento. Na ocasião, uma discussão polêmica veio à tona no tocante a posição política que o grupo deveria tomar no tocante a sua vinculação a outras

organizações e eventos que de alguma forma concorrem com sua proposta inclusiva de saberes e ética de sustentabilidade para com as águas. Alguns técnicos da ANA sugeriram a Sérgio que o evento concorresse ao selo de evento preparatório do Fórum Mundial das Águas que ocorreria em Marselha, França em março de 2012 e o mesmo repassou a sugestão ao grupo. O Fórum é organizado por uma ONG internacional e tem apoio de uma série de organizações financeiras ligadas à privatização da água, que têm orientação pouco focada na sustentabilidade ambiental, mas que utilizam o Fórum como estratégia de angariar o selo de “sustentável”, segundo alguns de meus interlocutores. Alguns participantes eram contrários a essa estratégia de vinculação do evento ao Fórum, pois poderiam acontecer agenciamentos das propostas do CET-Água por grandes empresas de saneamento que têm grande poder no mesmo, segundo alguns. Para outros, justamente pelo Fórum ter uma visão empresarial predominante era necessário demonstrar ali alternativas e dar visibilidade ao olhar do Centro poderia ser um passo nesse sentido. Segundo alguns, o Fórum é um espaço de debate que reúne não somente empresários, mas a sociedade civil organizada e é importante a participação do grupo, se o mesmo puder contribuir com a definição de que é importante a água ser definida enquanto bem comum para toda a humanidade. Gerou-se um impasse: seria necessário ser o 1º SIAT um evento preparatório ao Fórum para o CET-Água participar do mesmo? Foi necessário adiar decisão e consultar todos os membros do Centro sobre a questão até se chegar a uma definição. Foi preciso aguardar, deixar o tema, como dizem meus interlocutores, “remansar”, para refletir. Ao final, o grupo optou pela posição de o 1º SIAT ser um evento preparatório ao Fórum Mundial na confiança de sua participação no evento internacional ajudar a agendar temas relevantes, como é o caso de a água ser considerada como um direito humano e gratuito para todos os seres humanos.

Quando o Seminário finalmente aconteceu, pensei comigo depois de acompanhar o processo: “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”. Escutaria mais tarde a mesma frase numa reunião realizada já em meados de dezembro para discussão final do grupo sobre o evento. Neste trecho da entrevista Vera sintetiza bem esse processo.

Vera: Esta é uma questão que a gente se pergunta: Será que o CET-Água poderia ter uma representação institucional nomeada pelos dirigentes das instituições, independente dos sujeitos que vão representar? Eu acho que é impossível isso, porque essa dimensão subjetiva ela dialoga com a dimensão objetiva. E o CET-Água é um espaço de inter-subjetividades em diálogo e ao mesmo tempo trazendo consigo as suas instituições a que pertencem, com os limites de cada instituição. Eu me lembro que quando nós tivemos a questão de Belo Monte aqui no CET-Água se criticou muito a decisão de construção da usina, etc. E se queria fazer uma posição do CET-Água em relação a isso. E isso ficou

claro que não poderia ser feito, porque existiam instituições, como, por exemplo, a própria ANA, a Universidade nem tanto, mas a ANA sim, que não poderia assinar uma coisa desta. Porque a o governo brasileiro e a ANA parte disso aí tinha fechado a questão sobre a Usina de Belo Monte. São os limites institucionais. Possivelmente também na Universidade de Brasília a gente tem limites institucionais, no NUMENATI na questão da saúde, não é? Então a gente vai. De repente se a gente quisesse tomar uma posição sobre toda forma de tratamento convencional e toda parte da farmacopéia alopática que nós sabemos que deixa seqüelas, não é? Efeitos colaterais extremamente violentos e ao mesmo tempo também economicamente... é uma... trabalha dentro dos moldes de uma sociedade de mercado e dentro de uma visão, de uma ótica do capital e poucos...você toma remédios que geram outras doenças. Mas a gente tomar uma posição dessa a gente não poderia também. A gente pode manifestar isso individualmente. Ou invés de negar isso aí, afirmar o quê a gente trabalha, não é? Mas não podemos fazer uma negação, nenhum denúncia formal, porque a gente tem essas amarras institucionais.

Lucas: Trabalhando nos limites?

Vera: É. Trabalhando nos limites. Talvez. E como a transdisciplinaridade trabalha com a questão da inclusão, eu acho que não é incoerente isso. Acho que isso faz parte. Talvez a gente não tenha conseguido agora, mas talvez um dia a gente consiga. Por exemplo, quando a gente tem um Seminário agora organizado que trás pessoas que trabalham com água estruturada, a água como elemento da informação e memória da água, tudo isso vai estar neste Seminário, e este Seminário tem uma coordenação, por exemplo, geral da ANA, dentro da diretoria; isso foi discutido. Eu acho que a gente avança muito. E talvez seja a forma pedagógica da água trabalhar. Não é? A água ela trabalha quanto tempo para fazer um canal, e mais outro quanto tempo para fazer uma montanha? É muito tempo! Não é? E essa é a “água mole em pedra dura” - tem um ditado popular - que “tanto bate até que fura”. Eu acho que também a gente não poderia ter outra metodologia, para ser coerente com um elemento. Porque não é um Centro de Estudos Transdisciplinar. É um Centro de Estudos Transdisciplinar (ênfase) da Água!

O grupo concordou que o processo teve muito a ensinar sobre como lidar com questões práticas ligadas aos financiamentos, contratação de pessoal, articulação com parceiros e sua avaliação foi de que mesmo tendo passado por tantos percalços no caminho o Seminário foi bem sucedido em sua missão de agendar uma discussão e um olhar transdisciplinar sobre o elemento água. Em breve os anais do evento serão lançados no Comitê de Meio Ambiente no Senado e haverá um a divulgação do mesmo durante o lançamento distrital da Rede de Estudos e Ações Transdisciplinares da Água (REATA) que deve ocorrer no segundo semestre de 2012. A avaliação geral do grupo sobre o evento foi de que o mesmo foi muito bem sucedido e a água os guiou durante o processo de realização do mesmo.

Nós fomos capazes de contornar bastante. Fizemos uma programação mais palatável para os parceiros. A própria materialidade simbólica do elemento guiou nossa própria forma de guiar isso (Vera, em reunião).

#### 4.4 FIM DE CICLO: RETOMANDO AS CIRCULARIDADES

Para finalizar, continuo aqui a discussão dos conceitos do 1º SIAT a partir do relato da oficina ministrada por Vera e Joselita no terceiro dia do evento, bem como do cortejo final do Seminário dirigido por uma mãe de santo e uma mestra em florais da floresta amazônica. Essas duas experiências - acredito eu - nos permitem interligar os dois pilares da epistemologia das águas discutidos acima (as metáforas da água e a educação integral) e entender melhor como o Seminário foi tecido a partir dos dois. O que vim demonstrando até aqui é a interconexão entre as experiências práticas do grupo e os conceitos sobre sua teoria do conhecimento que são o pano de fundo comum dessas experiências. No que tange à organização do evento a metáfora “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, indicando a paciência, constância, flexibilidade e obstinação da água em percorrer seus caminhos, representa a síntese do seu processo de organização, segundo meus interlocutores, que se comportaram, eles próprios, como a água em situações importantes narradas acima, conseguindo gerir o Seminário como a água flui no rio. A água foi, portanto, a mestra na condução do processo.

No que tange aos principais conceitos do evento, busco aqui dar continuidade à sua apresentação. Como foi dito, a circularidade da água é vista como uma imagem da circularidade do aprender, processo que atravessa as dimensões física, vital, mental e espiritual. Dessa circularidade advém o aspecto vivencial do aprender, muito importante na construção do Plano de Trabalho do CET-Água, bem como na organização do 1º SIAT. Não pude experienciar muitas dinâmicas nem oficinas com o grupo, pois quando os conheci a maior parte de suas atividades (reuniões) foi usada para organização do Seminário. Aconteceram, então, muitas reuniões comuns, nas quais os participantes se sentaram ao redor de uma mesa para dialogarem. A dimensão mental foi norteadora do processo, embora a dimensão espiritual não tenha ficado de fora, se consideramos que enxergar a água como uma mestra para as ações humanas é um aspecto espiritual na fala da maioria de meus interlocutores.

A oficina ministrada por Vera e Joselita no Seminário reúne os dois pilares da epistemologia da águas. A oficina se chamou “Os rios das nossas vidas: religar-se à nascente, abrir-se ao fluxo, projetar a foz”. Abaixo o excerto que descreve a oficina aos participantes do 1º SIAT na programação do evento:

Vera Catalão e Joselita Santos propõem um olhar sobre a vida como o curso do rio: descobrir o sentido do próprio curso, ver as tessituras simbólicas de histórias de vida, as redes hidrográficas e o espírito dos vales” (Excerto extraído da programação complementar do 1º SIAT).

No início da prática, as facilitadoras convidaram os presentes a fazer uma roda, todos em pé. Ao fundo, foi colocado um som instrumental com sons de água. Os participantes foram convidados a realizar uma série de movimentos de ritmo em diálogo com o som, como bater um dos pés no chão a cada vez que a batida de um tambor ocorria na música. O foco na respiração era lembrado de tempos em tempos. O intuito era coordenar movimentos e respiração com as batidas da música que indicavam o ritmo. Os participantes dançavam em movimento circular e seu movimento pulsava de dentro para fora e de fora para dentro da roda imitando também o movimento da respiração do corpo de cada pessoa. Formava-se, assim, um corpo coletivo com a junção dos corpos individuais. Os movimentos corporais acompanharam algumas músicas. Foi feita uma ciranda e todos dançaram juntos. Após algumas músicas todos foram convidados a se sentar ao longo de uma grande cartolina retangular. Todos foram convidados a fechar seus olhos e imaginar o rio de sua história, trazendo à tona lembranças da relação de infância com as águas. Para aqueles que não se sentiam a vontade de lidar com as lembranças foi sugerido construir a imagem criativa de um rio, de uma cachoeira, de um lago, ou outro, relacionando-os a aspectos da sua infância.

Posteriormente, foi dado lápis de colorir e giz de cera para cada participante. Na cartolina havia um rio desenhado que ia desde sua nascente até se abrir rumo ao oceano. Cada participante deveria desenhar seu rio desembocando no rio maior e se quisesse poderia colorir seu rumo no rio maior, encontrando-se ou não com os demais rios, desenhando florestas, cidades, fazendas ao longo do rio, o que sua imaginação lhe pedisse. A idéia era não pensar, simplesmente fazer, deixar a criação acontecer. A vivência durou cerca de 30 minutos. Após a experiência a cartolina estava toda colorida e desenhada e cada um dos participantes foram convidados a fazer um relato da experiência e também dizer em poucas palavras o que cada rio busca levar para o encontro com o mar, entendendo cada rio como a trajetória de cada pessoa e o mar a vida de cada um. Ao final, foi sugerido aos participantes que quisessem falar aos demais os que gostariam de levar desta vivência para o rio de suas vidas ao encontro do mar. A vivência buscou despertar seu lado lúdico, e perpassou o corpo, as emoções, o silêncio representando o aspecto meditativo. Todos

escreveram em pequenos papéis o que gostariam de levar para o rio de suas vidas (confiança ou união, aprender a ser criança novamente ou aprender a deixar a vida levar) e pregaram esses papéis onde quiseram no rio desenhado a várias mãos na cartolina. Este papel foi colocado na frente da mesa onde os palestrantes fizeram suas palestras durante todo aquele dia de evento.



Imagem 2: Oficina “Os rios das nossas vidas: religar-se à nascente, abrir-se ao fluxo, projetar a foz”, 1º SIAT.

Nos trechos abaixo Joselita aborda o tema do aspecto vivencial do aprender.

Eu trabalho muito com o aspecto vivencial da água. Como as pessoas vivenciam? Porque a gente parte no “Água Matriz”, já desde a primeira versão do “Água Matriz”, e aí tem haver com Capra [Fritjot Capra], muitos autores trabalham. Que você... E aí eu via os depoimentos lá no “Água Matriz”, né. Eu não sei se você teve acesso aquele relatório que a Verinha fez agora para o pós-doc dela. Ela fez esse relatório esses depoimentos. A gente parte desse princípio assim. Teve o depoimento de uma aluna, acho que ela é do Ibama. E ela dizendo que trabalhava na área de fiscalização. E ela

estava muito frustrada porque fiscalizava, multava e a pessoa voltada a cometer a mesma infração de novo. Então ela tava muito frustrada com essa profissão dela. Por quê? Porque você percebe assim que se a pessoa não se sente pertencendo ao meio ambiente. Se a pessoa não percebe que ela própria é água. Não é informação teórica. Mas ela perceber, ela vivenciar. Ela não vai cuidar. Porque a questão fica claro que as multas precisam existir. Mas para a maioria das pessoas se elas não se sentem pertencendo, se ela não percebe que ela é água, ela não vai cuidar. Então precisa mudar esse anterior a isso. E aí o trabalho que eu faço tanto no “Água Matriz”, quanto no “CET – Água”. Nesse Seminário agora eu estou na equipe das oficinas. Então é trazer isso para o nível vivencial usando principalmente a arte como instrumento. O movimento, a pintura, a dança, para a pessoa vivenciar o que está, né. A gente traz sementes, a gente faz um exercício de respiração junto a árvore. A gente escuta sons de água, entende? Faz movimentos que correspondem aos movimentos básicos da natureza (Joselita, em entrevista).

Joselita aponta para a vivência do pertencimento, do sentir na pele que somos água, uma das principais motivações para as vivências com a natureza. Abaixo ela continua a tratar do tema falando também da relação entre o “sentir-se pertencendo à natureza” ou “sentir-se sendo feito de água” a partir da espiritualidade da água, o que na transdisciplinaridade se chama aspecto “sagrado”, aquilo que a Ciência não consegue explicar, mas que “toca” as pessoas e as convida a reverenciar a natureza.

A mãe, companheira espiritual de Sri Aurobindo, ela tem um trecho que fala para você observar uma árvore. Então você tem o movimento da seiva da árvore. Como ela vai da raiz, ela sobe pelo tronco, ela vai para as folhas, até encontrar a luz, que na verdade é onde ela se alimenta. Ela alimenta da luz. É a fotossíntese, né. Você sentir esse mesmo processo em você. As suas raízes na terra. Essa coluna, né. A coluna, a energia que sobe pela coluna e esse eixo com o Sol, com a luz. Quando você faz isso você vê que é a mesma coisa, você vivencia isso. É a mesma coisa. E são todas as tradições. Os chineses falam a mesma coisa. Eu fiz essa formação em Tikun. Esse mesmo. Os chineses trabalham muito com isso. Essa percepção entre você e natureza, você perceber essa espiritualidade que tem. Que está em tudo na verdade. É uma espiritualidade que está em tudo. (...) Então é isso, o vivencial, né. Você trazer o tema para você mesmo, para o seu corpo, para o seu dia-a-dia. Você perceber que é uma coisa só (Joselita, em entrevista).

Essa experiência de unidade pode ser experienciada no 1º SIAT em outra ocasião, considerada bastante especial para meus interlocutores. Além das oficinas, houve a cerimônia do cortejo final do evento. Ao final do evento os participantes foram convidados a saírem em cortejo do Auditório do Museu Nacional em direção ao espelho d’água próximo ao local. A princípio o Grupo de Trabalho que organizou o evento havia pensado em uma cerimônia das águas realizada na beira do Lago Paranoá. No entanto, durante os dias do evento choveu muito e não seria

possível organizar um espaço na beira do lago no qual os participantes não se molhassem. O GT falou com as duas pessoas convidadas para realizar a cerimônia, a mãe de santo Railda de Oxum, representante da comunidade africana Água de Oxalá, e a mestra em florais da Amazônia e membro do Conselho das 13 Avós Nativas, Maria Alice Freire elas sugeriram que a cerimônia fosse feita no espelho d'água ali mesmo. A cerimônia foi pensada enquanto um ato simbólico de bênção sobre as águas do Distrito Federal e reverência ao aspecto sagrado desse elemento.



Imagem 3: Cortejo de encerramento do 1º Seminário Internacional “Água e Transdisciplinaridade: Para uma Ecologia de Saberes”, ocorrido em Novembro de 2011, em Brasília, Distrito Federal. Local: Espelho d'água em frente ao Museu da República. Ao centro a mãe Railda de Oxum. De costas de branco, a mestra em florais da Amazônia e membro do Conselho das 13 Avós Nativas Maria Alice Freire, ambas abençoando as águas do Distrito Federal.

Os participantes do evento seguiram as duas mulheres que cantaram cantos para as águas. A mãe de santo cantou pontos para Oxum, a orixá conhecida por ser a mãe das águas doces, das cachoeiras, sendo a orixá a própria expressão dessas águas. Maria Alice cantou hinos do Santo Daime que falavam das águas. Foram dadas velas aos participantes e todos cantaram com as velas acesas nas mãos, apesar de o vento forte ter apagado a maioria delas. Ao final todos se juntaram ao redor do espelho d'água, deram-se as mãos e cantaram juntos para Oxum. Foi um momento em que alguns dos participantes e dos organizadores ficaram bastante emocionados e alegres. Durante todo o evento um recipiente com água ficou no centro da mesa dos palestrantes.

Ele foi levado ao Senado e posteriormente ao Museu da República. Nesse recipiente foram colocadas águas de vários locais do Planeta. Maria Alice despejou águas de uma cachoeira da Amazônia. Outras pessoas despejaram água do mar e também águas de uma região do Distrito federal chamada Águas Emendadas. Havia ali água do rio Ganges também. O recipiente com água no centro da mesa era um símbolo da reverência às águas, elemento pelo qual o Seminário existiu. Além disso, os participantes do Centro lembraram aos demais das pesquisas sobre água estruturada. Foi dito que a água do recipiente teria sua estrutura alterada durante as palestras e seria despejado em outras águas com a memória da mensagem de uma cultura de cuidado para com esse bem de alto valor.

A valorização do aspecto sagrado das águas, o encontro de uma mãe de santo do candomblé com uma mestra em florais da Amazônia, proveniente do Santo Daime, no encontro de diferentes pessoas participantes do Seminário cantando em passeata e formando um círculo ao redor do espelho da água do Museu da República compõem a imagem final do evento. Em correspondência à circularidade da água, ao seu aspecto vivencial do aprender, à valorização do sagrado e da espiritualidade da água e do encontro de saberes, à observância da multidimensionalidade do aprender, bem como à experiência de unidade na diversidade se encontraram naquela roda final do evento.

## 5. ÁGUA, ELEMENTO NUTRIZ (ESTADO GASOSO)

Em uma única gota de água encontramos o segredo do oceano sem fim (Kalil Gibran).<sup>48</sup>

Em movimento cíclico, geralmente a partir do estado líquido, a água evapora e assume seu estado mais “sutil”, o estado gasoso. Nesse estado ela é praticamente invisível a olho nu. Em perspectiva análoga, o invisível é o campo das vibrações quânticas, das energias que governam o Universo e do vazio, que, segundo os físicos quânticos, preenche a matéria em sua maior parte. Diante desse enquadramento das características do estado gasoso da água, os interlocutores da pesquisa destinaram um dia inteiro do “1º Seminário Internacional Água e Transdisciplinaridade: Para uma Ecologia de Saberes” (1º SIAT) para o que se pode chamar de “temas gasosos”, também chamados por eles de “sutis”, de acordo com a linguagem hidrológica já discutida. Tais metáforas se tornaram categorias classificatórias para os participantes do Centro de Estudos Transdisciplinares da Água (CET - Água). Portanto, um dia do Seminário foi destinado ao tema dos estudos que têm influência da física quântica sobre a estrutura molecular da água, bem como à discussão sobre a ligação desses estudos com as terapêuticas integrativas de saúde, especificamente a meditação, a homeopatia e a medicina dos florais – os temas mais gasosos diante do leque de definições a que o grupo chegou após ampla discussão sobre a composição do Seminário. Nesse dia também o tema da espiritualidade das águas permeou os debates e a programação.

Na “ecopedagogia das águas” com que o projeto “Água como matriz ecopedagógica” da Universidade de Brasília (UnB) trabalha<sup>49</sup>, o elemento água é considerado, além de matriz e

---

<sup>48</sup> Excerto retirado da fala de um dos palestrantes do “II Simpósio Internacional Saúde Quântica e Qualidade de Vida”, evento que ocorreu em Setembro de 2011 em Recife (PE). Essa etapa de campo buscou compreender os saberes com influência da física quântica e saberes espirituais sobre as águas elaborados, discutidos e praticados no âmbito do CET-Água.

<sup>49</sup> “Ecopedagogia das águas” é o nome dado pelo projeto “Água como matriz ecopedagógica” para a pedagogia e filosofia inspirada no comportamento das águas. Essa pedagogia educa os planos mental, físico, emocional e espiritual do ser humano – ou seja, é uma educação integral, além de ambiental. O objetivo dessa pedagogia é conscientizar as pessoas para a preservação desse bem precioso que é a água e contribuir para a construção de uma ética de cuidado para com o elemento. O projeto até hoje formou professores e estudantes de áreas rurais do Distrito Federal (DF), bem como desenvolveu cursos de extensão para a comunidade acadêmica da Universidade de Brasília. Além disso, as coordenadoras do projeto são as representantes da Universidade de Brasília no Centro.

motriz, um elemento “nutriz”, neologismo usado para indicar o termo “nutrição”. Tanto em termos literais, quanto em termos simbólicos e espirituais, para o projeto da UnB, o elemento é uma das principais fontes de nutrição, não somente do ser humano, mas de todo ser vivo. Além disso, o termo “nutriz” inclui o aspecto sagrado ou o que eu chamo de “espiritualidade das águas”. Escutei algumas vezes em trabalho de campo, que aquilo que é “alimento para a alma” se refere a esse sagrado e a essa espiritualidade. Para o “Água Matriz” e os interlocutores da pesquisa em geral, o elemento é tido como um “alimento para a alma”. Tal concepção independe de vinculações religiosas, embora a água seja fundamental para muitas instituições e ritos religiosos: por exemplo, no batismo católico, no passe e na “água fluidificada” do espiritismo kardecista, ou na cosmovisão ameríndia sobre rios como um habitat para seres divinos, e, também, em culturas de matriz oriental, como é o caso, por exemplo, da significação do rio Ganges para os hindus, considerado a Mãe Divina, “Divine Ganga”. Ao se considerar a água o elemento “nutriz” da vida eles a enxergam não somente como alimento para o corpo, mas também para as emoções, para a mente e para o espírito. Além disso, o bem comum é visto como um mediador entre os universos físico e as dimensões quânticas, dimensões povoadas por vazio e por energias infinitesimais que obedecem a leis consideradas contraditórias e complexas em relação às leis da física clássica (Liimaa, 2011).

Este capítulo, enfim, destina-se aos temas do aspecto “nutriz” desta etnografia da confluência entre a transdisciplinaridade e as águas levada à cabo pelo CET-Água. Fecha-se, portanto, aqui o ciclo que busquei desenvolver neste texto, inspirado pelas teorias nativas. Tal como a organização de temas do 1º SIAT, descrevo e discuto algumas categorias ligadas ao tema da natureza vibracional ou quântica da água, como o conceito de “águas internas”, bem como a noção de multidimensionalidade da realidade. Além disso, discuto aqui sobre o tema da espiritualidade das águas para os participantes do coletivo.

É importante deixar claro ao leitor que os componentes do grupo não são sujeitos passivos aos saberes com que interagem transdisciplinarmente. Acima de tudo, trata-se de pessoas para as quais, a transdisciplinaridade ensina a valorizar os saberes diversos. Eles buscam, por ideologia, horizontalizar os saberes. Esse princípio é praticado concretamente. Eles não valorizam mais, por exemplo, um conteúdo fruto de experiências em um laboratório científico ou um conteúdo fruto de experiências místicas de um sábio. Como me disse uma de minhas interlocutoras em conversa

informal, os participantes do CET - Água são, eles mesmos, “pessoas transdisciplinares”, as quais têm exercitado a ótica transdisciplinar e construído canais de comunicação entre esse exercício pessoal em suas trajetórias de vida e as instituições e campos disciplinares com os quais trabalham ou que representam<sup>50</sup>. Assim, durante a organização do 1º SIAT eles buscaram usar os diversos saberes disponíveis e acessíveis sobre as águas para compor um horizonte conceitual que fosse “além” da soma dos conteúdos das disciplinas. Tais “pessoas transdisciplinares” trazem em sua bagagem na relação com as águas uma ótica multidimensional, espiritual e que valoriza esse bem comum em sua complexidade. Para eles é muito importante entender a água como um elemento complexo que é “algo mais” que um recurso utilitário. Além disso, a relação pessoal, afetiva e espiritual com que a grande maioria dos membros do CET - Água têm para com o elemento fazem deles pessoas receptivas aos saberes inspirados na física quântica, os quais os mesmos dizem adentrar na “zona do mistério”, ou seja, em fenômenos complexos e não facilmente explicáveis. Esses saberes me pareceram correlatos às próprias percepções pessoais da realidade de alguns interlocutores; munindo-se, no entanto, de uma outra linguagem e métodos de aferição.

## 5.1 “VIBRAÇÕES NAS ÁGUAS” E “ÁGUAS QUE CURAM”: SABERES QUÂNTICOS COMPLEXIFICANDO O ELEMENTO ÁGUA

Logo no início do trabalho de campo Sérgio me mostrou o documentário “Água – O Grande Mistério”, título em inglês “*Water – The Great Mystery*” (Medvedeva, 2008), um dos

---

<sup>50</sup> O conceito de “pessoa transdisciplinar” será discutido em artigo específico sobre o tema. Reconheço a importância da discussão sobre o conceito de pessoa para a teoria antropológica, no entanto, por opção opto por não desenvolver o tema aqui. De forma breve e sumária, o termo indica um grau de abertura para o diferente, uma espiritualidade transversal em várias áreas da vida e uma não vinculação filosófica, espiritual ou religiosa a nenhum campo específico que limite ou comprometa a pessoa a se relacionar com saberes alternativos, invisíveis ou marginais. Acima refiro-me as pesquisas do pesquisador japonês Masaru Emoto, o qual reivindica estatuto científico, mas causa certo incômodo na comunidade acadêmica por isso. Os interlocutores do CET-Água, em sua maioria vinculados ao ambiente acadêmicos e alguns eles próprios acadêmicos, relacionaram-se com as idéias e a pessoa de Emoto de forma bastante inclusiva, horizontal, sem elevá-lo a categoria de produtor de verdades universais, porém sem subjuga-lo a um estatuto não-científico, ou seja, uma atitude transdisciplinar por excelência. Ao falar sobre o caso recordei-me da fala de uma de minhas interlocutoras ao descrever o grupo indicando seus membros como pessoas transdisciplinares. Ao falar sobre o assunto ela indica a não filiação a correntes e saberes por parte do grupo, a não ser os próprios princípios da transdisciplinaridade de abertura, inclusão, tolerância, rigor, entre outros. Resta avaliar como esses princípios transdisciplinares permeiam a atitude dos interlocutores da pesquisa.

materiais que ele me emprestou para eu “conhecer o universo misterioso das águas” – de acordo com suas palavras. No vídeo pesquisadores russos, indianos, chineses e japoneses falam sobre a alteração da estrutura molecular da água suscitada por vibrações de palavras, imagens, músicas, pensamentos e emoções humanas. Em tese, esta alteração indica que tais elementos transmitem vibrações sutis que são recebidas pelas águas como informação energética infinitesimal. A estrutura molecular da água se transforma de acordo com o conteúdo dessas informações que são chamadas no documentário de “quânticas”. Não se sabe com exatidão como isso acontece. Para se falar do caso das palavras especificamente, de alguma maneira, algumas delas produzem na água uma reorganização estrutural, o que acontece por uma misteriosa ação vibracional invisível, de forma a produzir uma “estrutura harmônica” ou produzir uma nas moléculas d’água “atingidas” uma irradiação energética maior do que a água possuía anteriormente, ou seja, “criando” energia.

Vários nomes e conceitos foram dados a esses fenômenos. Um deles diz que a “água é portadora de memória vibracional”, pois ela guarda os conteúdos quânticos que lhe foram passados anteriormente. O nome mais usual dado a água que teve sua estrutura molecular alterada é “água estruturada”. Encontra-se ainda o termo “água viva” para aquela água que ao ser estruturada apresenta uma alta irradiação de energia.

Os pesquisadores que realizam tais experimentos baseados nos princípios da física quântica estão buscando demonstrar que esses fenômenos realmente acontecem, embora eles encontrem dificuldades de saber e demonstrar “como”. Seus achados coadunam com saberes filosóficos e espirituais milenares, tal como os do hinduísmo e do budismo, que entendem a água como uma mestra que transmite ensinamentos, considerando-a morada de divindades e a usando como meio especial na realização de rituais. Essa é uma correlação que o filme procura transmitir através da narração e outros autores que escrevem sobre o tema também a fazem, tais como os clássicos no universo das discussões sobre física quântica Fritjof Capra (1975) e Amit Goswami (2010).

O filme “*Water*” foi uma grande surpresa para meus interlocutores, segundo eles me disseram<sup>51</sup>. Nele é possível visualizar que há uma comunidade de pesquisadores engajada com a tese sobre a “memória da água”, bem como um resgate de uma ótica de tradições espirituais que conferem ao elemento um *status* especial. Segundo alguns interlocutores, esse saber pode ajudar na construção de uma “nova cultura”, fazendo as pessoas lidarem com o elemento com uma ética de cuidado; como dizem, com “reverência e gratidão” ao se reconhecer sua importância e papel na promoção de bem estar corporal, vital, emocional e espiritual. “A água pode nos ensinar a alterar nossa própria realidade para uma realidade de paz” (Medvedeva, 2008); é uma das lições finais do filme. Analogamente, para os interlocutores do CET-Água a promoção de uma cultura de paz está intimamente ligada com a promoção de uma cultura de cuidado com a natureza. Tal promoção parte do princípio que cuidar do outro (considerando-se esse “outro” não só o humano, mas também a natureza) é cuidar de si mesmo<sup>52</sup>.

A “água estruturada”, ou seja, a água que teve sua estrutura molecular reorganizada a partir de vibrações diversas é nomeada também pelo termo “água viva” por alguns pesquisadores<sup>53</sup>. O termo “viva” se refere à quantidade de energia disponível em suas ligações, bem como a natureza harmônica de sua estrutura molecular. Pode-se nomeá-la, por exemplo, de “água superenergizada”. A “água morta” é, em consequência, aquela água sem vibração ou com sua estrutura molecular com ligações frágeis ou desestruturadas, às vezes com resquícios de poluição, às vezes carregando uma memória vibracional considerada “negativa” (o exemplo paradigmático disso é a água exposta à poluições diversas, seja sonora ou material, bem como à “palavrões”).

---

<sup>51</sup> O filme foi traduzido pelo CET-Água e está sendo apresentado ao público pelo Centro em algumas oportunidades. Recentemente foi lançado o filme “*Water – The Great Mystery 2*”, o qual alguns de meus interlocutores já tiveram acesso. Planeja-se traduzi-lo e divulgá-lo assim como está sendo feito com o número 1. O primeiro filme, ao que tudo indica, será transmitido durante o evento paralelo à Conferência ambientalista Internacional “Rio +20”, a Cúpula dos Povos, que acontecerá em junho de 2012 na cidade do Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>52</sup> Meus interlocutores me lembraram ao ler este texto que para eles a dimensão do cuidado com as águas “vai além” de sua dimensão espiritual, tal como as lições do filme “*Water*” indicam e acabo enquadrando aqui. Essa visão do cuidado é importante para eles, mas não podemos parar por aqui. Segundo eles, o cuidado das águas tem uma grande discussão política concreta, envolvendo a água enquanto recurso instrumental. Trata-se do direito humano à água. Nas palavras de uma de minhas interlocutoras: “A gente usa o Leonardo Boff e o Heidegger. O humano é humano porque ele cuida, o que vem com a emergência da consciência reflexiva”. Retomo este ponto nas Considerações Finais.

<sup>53</sup> A água estruturada também se define pela mudança do PH da água que se percebe após as experiências realizadas.

Ao que tudo indica, considerando-se esse conhecimento válido, através de palavras, pensamentos, músicas, entre outras coisas, podemos alterar a estrutura das águas com as quais interagimos, inclusive, e principalmente, nossas “águas internas”. O termo “águas internas” é uma forma nativa de se referir ao corpo humano no âmbito de suas células. O corpo humano é composto de 60 a 80% de água dependendo da idade da pessoa. A célula, uma das menores unidades fisiológicas do corpo, que é um microcosmos à parte, é formada em sua maioria por líquidos. Através de trocas no sangue acontecem descargas de hormônios, de dopamina, adrenalina e outras substâncias e ocorre boa parte dos processos digestivo e respiratório. Todas essas “águas internas”, segundo alguns os pesquisadores do filme “Water” e outros que conheci em campo<sup>54</sup>, podem estar sendo alteradas constantemente, “positiva” ou “negativamente” – considerando o critério aqui de harmonia ou desarmonia da estrutura molecular e energização ou não por parte da molécula de água medida por *photo kirliam* -, por palavras, ações, músicas, ou mesmo pela água já “estruturada”, “viva” ou “morta” que bebemos. As células portadoras de uma determinada memória vibracional transferem as informações para porções das “águas internas” do corpo. O pano de fundo importante dessa idéia é que há comunicação entre o ambiente externo e o interno ao corpo, que altera nossa própria vibração como um todo. Portanto, nessa linha de raciocínio, pensamentos e palavras harmônicas não agiriam em nossa vida somente num plano psicológico ou emocional isolado do corpo, mas, em primeiro lugar e infinitesimalmente, em uma dimensão sutil ou quântica, em nossas águas internas, sendo que essas intermedeiam e comunicam às demais dimensões do humano tais mensagens.

No filme “Water” foi demonstrado um experimento do pesquisador russo Konstantin Korotkov que chamou bastante a atenção devido às suas conclusões e à técnica empregada. O pesquisador russo foi, inclusive, convidado para participar do 1º SIAT, mas não pode comparecer<sup>55</sup>. O experimento aconteceu no Monte Roraima, localizado na divisa entre Brasil, Venezuela e República Guiana, um dos raros espaços no Planeta que teve baixíssimo nível de interação com a atividade humana ao longo dos tempos, não tendo sido exposto a poluições e

---

<sup>54</sup> Refiro-me aos pesquisadores presentes no “2º Seminário Internacional Qualidade de Vida e Saúde Quântica”, que aconteceu no mês de Setembro em Recife, Pernambuco.

<sup>55</sup> No entanto, durante o “II Seminário Internacional Qualidade de Vida e Saúde Quântica”, pude assistir uma palestra de um de seus assistentes de pesquisa mais proeminentes, Dimitri Orlov, sobre o mesmo tema.

sendo praticamente inabitado por humanos, segundo o pesquisador<sup>56</sup>. Konstantin Korotkov coletou uma série de amostras de água dessa - em suas palavras - “territorialidade limpa”, ou seja, imune das vibrações diversas que são provocadas por poluições ou pela agitação urbana. Isso nos coloca uma questão implícita nestas pesquisas: de que as más e boas vibrações partem direta ou indiretamente do ser humano, já que os elementos desorganizadores da estrutura das águas ou são diretos (palavras, pensamentos, ações diretas) ou são indiretos (a poluição urbana – fumaça e sons, por exemplo). Na relação entre humano e natureza, o humano parece ser o agente da desarmonia.

O pesquisador russo expôs as águas coletadas a uma tecnologia de emissão de raios de luz, chamada GDV, mas conhecida como “photo kirlian”. Suas conclusões demonstram que as estruturas das águas do Monte Roraima possuem ligações fortes entre as moléculas, e as águas daquele local são bastante energizadas (“vivas”).

---

<sup>56</sup> Texto de apresentação do pesquisador Konstantin Korotkov retirado de seu sítio na internet: “Sua linha científica, conhecida como ‘Electrophotonics’, baseia-se na técnica de visualização da descarga de gás (GDV). É um avanço além da fotografia Kirlian, visão em tempo real dos campos de energia humanos. Essa nova tecnologia permite capturar através de uma câmera especial a energia física, emocional, mental e espiritual que emana para - e de - um indivíduo, plantas, líquidos, pós, objetos inanimados e traduz isso em um modelo computadorizado. Isso permite ao pesquisador e cliente ver os desequilíbrios que poderão influenciar o bem-estar individual, facilitando bastante o diagnóstico da causa de qualquer desequilíbrio existente, mostrando as áreas do corpo e o sistema de órgãos envolvidos. Um dos maiores benefícios é a habilidade de fazer medidas em tempo real de uma variedade de tratamentos para tais condições como câncer e para determinar qual deles é o mais indicado para o cliente. As incríveis implicações para o diagnóstico e tratamento de condições físicas, emocionais, mentais e espirituais e as aplicações na medicina, psicologia, terapia de som, biofísica, genética, ciência forense, agricultura, ecologia, etc. apenas começaram.” (Site do pesquisador Konstatin Korotkov, acessado em 6 de fevereiro de 2011, tradução do autor).

Aqui o texto original: “His scientific line, known as the Electrophotonics, is based on Gas Discharge Visualization technique (GDV), is a breakthrough beyond Kirlian photography for direct, real-time viewing of the human energy fields. This new technology allows one to capture by a special camera the physical, emotional, mental and spiritual energy emanating to and from an individual, plants, liquids, powders, inanimate objects and translate this into a computerized model. This allows researcher and client to see imbalances that may be influencing an individual’s well-being greatly facilitating the diagnosis of the CAUSE of any existing imbalances showing the area of the body and the organ systems involved. One of the greatest benefits to date is the ability to do “real-time” measurements of a variety of treatments for such conditions as cancer to determine which is the most appropriate for the client. The incredible implications for the diagnosis and treatment of physical, emotional, mental and spiritual conditions with applications in medicine, psychology, sound therapy, biophysics, genetics, forensic science, agriculture, ecology etc. have only just begun” (Site do pesquisador Konstatin Korotkov, acessado em 6 de fevereiro de 2011).



Imagem 4: Imagem retirada do filme “Water”. Esta é a estrutura molecular de uma “água viva” retirada através da tecnologia “photo Kirliam”. “Na língua dos índios Penom na Venezuela, Roraima é traduzido como ‘a mãe de todas as águas’” (Medvedeva, 2008).

A imagem acima demonstrada está repleta de raios de luz indicando a sua “vivacidade”. “Aquela água parece uma estrela!”, disse-me uma de minhas interlocutoras. O contato com o frescor das matas, com um ar livre de poluentes, num espaço no qual os sons são apenas aqueles emitidos pelos diversos animais e insetos que ali vivem seriam o motivo da energização. Compara-se essa “água viva” à vivência que os humanos têm quando passam por este tipo de espaço na natureza, sentindo-se mais “vivos” ao sair dali.

No que tange o tema, durante a apresentação de Thorton Streerter<sup>57</sup> no decorrer do “II Simpósio Internacional Saúde Quântica e Qualidade de Vida”, que ocorreu em Recife, Pernambuco, em Setembro de 2011, o palestrante chamou a atenção dos presentes para o conceito de “água viva” e “água morta” sob outro ponto de vista. Segundo ele, assim como o corpo é formado por 60 a 80% de água e é a água o melhor remédio 60 a 80% das vezes para curar doenças. Basta que saibamos energizá-la. Então o mesmo mostrou uma garrafa de água engarrafada de uma marca famosa e disse que a mesma estava morta. Para torná-la energizada deveríamos derramá-la em outro recipiente e deste retorná-la sucessivas vezes. Além disso, deveríamos direcionar nossas intenções positivas para a água. Lembrei-me nesta ocasião de um livro de Yoga que Shirley, membro do “Instituto Calliandra de Educação Integral e Ambiental e -

<sup>57</sup> Físico norte-americano que trabalha no campo da termografia médica e atua no campo da saúde quântica.

Ceia”, organização-membro do Centro, havia me emprestado chamado “Cura pela água” de Yogue Ramacharaca (1990). O mestre que escreveu a obra ensina a mesma técnica de energização da água, recorrendo, no entanto, aos conceitos de *prana* (energia vital primordial) para dizer que a água em contato com o *prana* do ar se energiza e se torna um medicamento. Ao derramar a água de um copo a outro sucessivas vezes a mesma se energiza com o prana presente no ar. O livro fala que o processo que ocorre é o mesmo que ocorre em rios e cachoeiras nos quais a água corre livre e mistura-se ao ar após bater em pedras ou realizar quedas. O mestre diz que o frescor que sentimos em paisagens de rios e cachoeiras é o mesmo que transportamos à água após a técnica. Shirley me disse que aplicou muitas vezes tal técnica, mas nem sempre se lembra de usá-la.

A idéia principal que está contida nestas pesquisas sobre a água estruturada é de que existe uma “realidade quântica” invisível. Anteriormente era impossível para a física moderna desvendar que está sendo descoberto aos poucos, afirmam esses pesquisadores (Goswami, 2010; Liimaa, 2011). De acordo com essas descobertas, a água representa um mediador especial das vibrações diversas e vem se descobrindo que palavras, emoções, pensamentos ditos e não ditos, músicas e até imagens possuem vibrações específicas que contêm informações quânticas que são absorvidas pelos elementos com quem interagem. A água absorve com mais intensidade essas informações e as transmite para os organismos com que interage. Como as águas compõem um sistema praticamente fechado dentro do Planeta Terra e o elemento participa de ciclos diversos, uma tese é de que as águas do Planeta carregam a memória de tudo o que já existiu na evolução, incluindo os conhecimentos dos seres que o habitam desde suas origens. Fala-se, inclusive que a água é um ser especial a partir da perspectiva de que tem uma inteligência própria. Existiria uma inteligência vibracional que promove trocas entre as “águas internas” do corpo humano e as águas externas, as águas do corpo do Planeta Terra, ditadas pelas próprias águas.

Em contato com o filme citado e com as pesquisas do pesquisador japonês Masaru Emoto, de que falo abaixo, pude observar que há a seguinte visão emergente, espiritual e afetiva para com o elemento: “água é um ser especial” – escutei algumas vezes. Dentro dessa perspectiva, o espiritual e o científico se unem demonstrando produzir conclusões similares ou análogas, o que vai de encontro com os pressupostos da transdisciplinaridade, a reunião dos saberes indicando conclusões similares por caminhos diferentes.

O primeiro relato de pesquisas sobre a estrutura molecular das águas data da década de 1980. A primeira pesquisa que indicou que o elemento seria portador de memória foi feita pelo cientista francês J. Benveniste. Este se dedicou a estudar vacinas e acabou, em laboratório, inesperadamente, encontrando os princípios básicos da homeopatia, medicina que parte do princípio da “medicina dos semelhantes” do filósofo grego Hipócrates, o oposto da prática médica moderna que se apóia na alopatia (medicina dos contrários). A homeopatia se configura, de forma geral, pela adição de uma pequena parte de uma substância idêntica à doença que se pretende tratar em muitas partes do elemento (método centesimal). Através de uma série de experimentos, Benveniste demonstrou que certos princípios agentes de algumas substâncias diluídas em água após vários processos de separação do conjunto água-sustância e após agitação intensa (sucção) permaneciam informadas nas estruturas moleculares dessas águas. Essas águas misturadas com substâncias diluídas eram, através de repetidos processos, separadas infinitesimalmente. Após esse processo o francês encontrou inúmeras vezes o princípio operatório da substância diluída nas águas inicialmente, mesmo não havendo rastro da composição química dessa substância<sup>58</sup>.

Segundo Catalão (2006), as pesquisas de Benveniste concluíram que:

- (1) A água é capaz de guardar e veicular uma informação molecular”;
- (2) É possível transmitir e amplificar estas informações.

A partir dessas pesquisas foi criado o conceito de “micro cluster of water” (a tradução pode ser de “rede operacional da água”), que sintetiza a noção de água como portadora de memória no âmbito de sua complexa rede estrutural molecular. A estrutura molecular da água, de acordo com este conceito, é uma rede “computacional” que armazena a informação recebida eletromagneticamente de um modo ainda a ser desvendado<sup>59</sup>.

---

<sup>58</sup> Após publicação na revista Nature em junho de 1988 dos resultados de seus estudos, J. Benveniste foi marginalizado pelos seus pares e suas conclusões consideradas não-científicas (Schiff, 1994; Catalão, 2006).

<sup>59</sup> “Um *cluster*, ou aglomerado de computadores, é formado por um conjunto de computadores, que utiliza um tipo especial de sistema operacional classificado como sistema distribuído. Muitas vezes é construído a partir de computadores convencionais (*personal computers*), os quais são ligados em rede e comunicam-se através do sistema, trabalhando como se fossem uma única máquina de grande porte” (Retirado da Wikipédia, acessado em 6 de fevereiro de 2011).

Dentro deste campo de pesquisas, como disse anteriormente, uma presença muito importante no histórico do CET - Água é a do pesquisador japonês Masaru Emoto. Contaram-me que Masaru Emoto conheceu o conceito de *micro cluster* na década de 1990 e a partir daí iniciou suas pesquisas. As pesquisas de Emoto utilizam uma técnica própria para demonstrar a influência de pensamentos, palavras e ações sobre as águas. São utilizadas águas poluídas e águas retiradas de regiões preservadas também. As águas são submetidas a diferentes vibrações e posteriormente são congeladas. Os cristais dessas águas congeladas são fotografados em um sistema de alta resolução. Essas fotografias demonstram uma lógica por trás da formação das estruturas moleculares das mesmas, em águas submetidas a boas vibrações ou más vibrações. As águas submetidas a boas vibrações apresentam um padrão harmônico de formas; “consideradas belas universalmente” (Emoto, 2004), e as águas submetidas a más vibrações e poluição apresentam um padrão de formas desarmônicas, com estruturas de cores marrons ou negras e com ligações moleculares mal feitas. Masaru Emoto chama o fenômeno das vibrações quânticas de *hado*. Na língua japonesa tal palavra é composta por dois ideogramas que significam conjuntamente “movimento” ou “onda”. A definição de *hado* retirada do sítio na *internet* da fundação na qual Emoto realiza suas pesquisas é a seguinte:

*Hado*: O padrão vibracional intrínseco ao nível atômico em toda matéria. A menor unidade de energia existente. Sua base é a energia da consciência humana <sup>60</sup> (Hado Institution, Acessado em 20/01/2011, tradução do autor).

Segundo o pesquisador japonês, a vibração infinitesimal seria produto da consciência, um conceito bastante difícil de definir, mas que indica claridade, ou entendimento luminoso sobre as verdades da existência. Tais noções nos direcionam para as similaridades que Emoto encontra entre o pensamento zen-budista e as mensagens da água, tal como me disse Fred Nassel, um dos poucos brasileiros que fez formação com Emoto no Japão sobre as técnicas, métodos e conclusões nas pesquisas com os cristais de água, pessoa com quem tive contato via o CET – Água, pois o mesmo contribuiu no diálogo com o pesquisador japonês nas origens do Centro, e com quem obtive mais informações sobre o pesquisador japonês. O trecho abaixo discorre sobre

---

<sup>60</sup> *Hado*: The intrinsic vibrational pattern at the atomic level in all matter. The smallest unit of energy. Its basis is the energy of human consciousness. (Hado Institution, Acessado em 20/01/2011, tradução do autor).

os resultados das pesquisas de Emoto e as implicações das vibrações emitidas para as águas em nossa realidade física.

Os resultados mostram que músicas, palavras, pensamentos e orações influenciam a estrutura dos cristais de água; isso indica que eles influenciam de fato nossa realidade física. A fotografia do cristal demonstra a hipótese, que a água pode guardar e carregar informação, visível para qualquer um. Mais do que isso, a beleza dos cristais de água em forma estável e harmoniosa é como uma grande obra de arte que toca o coração de muitas pessoas<sup>61</sup>. (IDEM: Acessado em 20/01/2011, tradução do autor)



Imagem 5: Fotografias em alta resolução de dois cristais de água. À esquerda um cristal exposto à palavra “Obrigado”; à direita um cristal exposto à frase: “Eu vou te matar”. Fonte: Hado Institution (Laboratório de Emoto no Japão)

A principal tese, portanto, é que palavras, pensamentos e orações influenciam em nossa realidade física. Por trás dessa tese está a tese de que intencionalmente o humano pode transformar sua realidade vibracional por analogia às próprias águas nas fotografias dos cristais. Sua vida pode se tornar harmônica tal como um cristal de gelo em forma de mandala ou desarmônica como na figura marrom acima da água exposta a frase “Eu vou te matar”. Para

<sup>61</sup> The results show that music, words, thoughts, and prayer influence on the structure of the water crystals; this indicates that they actually affect our physical reality. Crystal photography succeeded to make the hypothesis, that water can hold and carry information, visible for every one. Moreover the beauty of water crystals in stable and harmonious form is like a great artwork which touches many peoples heart.

Emoto (2004, 2009), o elemento água é apenas um mensageiro do funcionamento da realidade sutil do universo ao nosso redor e nos demonstra o poder de nossa consciência intencional. O ser humano pode se ver através do espelho d'água que os cristais revelam sobre a relação entre intenção/consciência humana e energia quântica ou sutil. Segundo ele, para direcionar nossa realidade para uma realidade mais harmônica, basta que vibremos aquelas palavras, emoções e pensamentos que alteram a estrutura das águas relevando formas harmônicas. Segundo ele, a principal mensagem das águas é de que com “amor” e “gratidão” a realidade é completamente transformada para melhor.

Nas pesquisas do pesquisador japonês a apresentação de uma forma harmônica dos cristais de gelo fotografados em imagens de alta resolução demonstraria, segundo o pesquisador, que tal água carrega a memória da vibração a que ela foi exposta. Além de ser uma “água viva”, pois está estruturada e energizada, literalmente, “vibrante”, o cristal demonstra que a mesma carrega em si uma vibração “positiva”, que promove saúde, pois demonstra harmonia, estabilidade e beleza. Prova disso é que estruturas moleculares das águas animadas por palavras como “Amor”, “Obrigado” ou expostas a estímulos musicais, como sinfonias de Bach, Beethoven ou Chopin – consideradas músicas com harmonia musical -, apresentam formas harmônicas e consideradas universalmente muito belas, tendo suas formas hexagonais análogas a mandalas budistas.

Para Emoto (2009) a beleza dos cristais expostos a determinadas vibrações, como no caso das vibrações das palavras “Amor” e “Gratidão” em conjunto, indica uma mensagem que a inteligência sutil da água estaria nos transmitindo. A mensagem de que viver segundo aquela vibração produz beleza e harmonia em nossas vidas. Ao nos expormos às vibrações do “amor” e da “gratidão” estamos seguindo o principal ensinamento das águas, que nos mostram, através dos cristais, o quê tais vibrações produzem nelas próprias: beleza e harmonia. O corpo da Terra e o corpo humano são formados em sua maioria pelo elemento água. Ao considerar que o elemento é portador de memória vibracional, para Emoto, a água é, portanto, o principal mediador das vibrações quânticas presente no Planeta. Trata-se de uma tese que não pode ser provada dentro de um paradigma racionalista; o próprio Emoto fala sobre isso em seus livros. Para ele, resta-nos a experimentação. O que podemos fazer é experimentar as mensagens da água e observar sua eficácia em nossa realidade. Viver o “amor” e a “gratidão” são ensinamentos provenientes de

várias escolas espiritualistas e religiões. Para ele, isso não ocorreu sem motivo. O autor diz que o saber produzido por suas pesquisas busca apenas demonstrar a universalidade da mensagem do amor e da gratidão, segundo ele, uma mensagem presente em toda a natureza e apenas captada pelos antigos mestres e religiosos em conexão profunda com ela. A água e outros elementos da natureza têm um papel primordial na compreensão humana desses ensinamentos, pois é a estrutura molecular das águas internas do humano, no âmbito das células, que vibram na frequência desses sentimentos proporcionando a experiência verdadeira do amor ou da gratidão, que são as duas vibrações mais intensas em termos de transformação da nossa realidade sutil – diz Emoto.

As diversas pesquisas citadas até aqui, incluindo as de Emoto, invertem o que a atual Cultura da água sugere: que o humano é soberano sobre a natureza. Para eles, a água, a natureza, está num nível superior de inteligência que o humano, a cultura. Portanto, é uma mestra.



Imagem 6: Fotografia em alta resolução de um cristal harmônico de água exposto às “boas vibrações” das palavras “Amor” e “Gratidão”. Segundo Emoto, este é o mais belo dos cristais, pois revela a síntese das mensagens da água a nós. Fonte: Hado Institution (Laboratório de Masaru Emoto no Japão)

Tanto as teses de Emoto quanto os conteúdos obtidos no filme *Water: The Great Mystery* (Medvedeva, S., 2008) são referências que passaram a fazer parte do repertório de conhecimentos do Centro de Estudos Transdisciplinares da Água (CET - Água) e, em alguma medida, influenciam ações, percepções e opiniões de meus interlocutores. Além disso, esses conteúdos fazem parte do repertório de saberes considerados relevantes de serem divulgados, segundo o

CET - Água, na intenção de contribuir com a complexificação dos olhares sobre a água, que não a reduzem apenas a um recurso para uso de uma perspectiva instrumental. De acordo com essa ótica, veicular as informações de que cientistas do mundo todo têm buscado demonstrar que a água é um elemento complexo, mediador de vibrações e capaz de memorizar e transmitir informações vibracionais se faz necessário. Mais do que isso, Como dito no Capítulo 3, foi a partir da iniciativa de replicação de um laboratório dos cristais de gelo tal como o de Masaru Emoto no Japão que se iniciou o movimento de encontros entre parceiros do CET - Água, que foi, posteriormente, tomando um novo desenho até a proposta de um Centro de Estudos Transdisciplinares da Água vir à tona e ganhar força. Isso indica, em alguma medida, a importância do pesquisador japonês para parte do grupo que compõe o Centro, pois antes de os “rios” se encontrarem para se formar o Centro uma de suas primeiras “nascentes” esteve engajada na disseminação dos saberes quânticos sobre a água.

Nos estágios iniciais do trabalho de campo um fato me chamou bastante a atenção quando tomei consciência do mesmo: a replicação das pesquisas de Emoto na atitude de alguns de meus interlocutores, através das palavras e também com o uso dos pensamentos, como veremos a seguir.

A maioria das reuniões do CET - Água ocorriam na sala de Educação Ambiental da Faculdade de Educação na Universidade de Brasília. Na sala uma série de objetos que compunham a decoração chamou a minha atenção desde os primeiros encontros com o grupo. Havia uma mesa redonda com cadeiras ao seu redor. Algumas mesas e estantes com livros e documentos. No centro da mesa alguém sempre lembrava de colocar uma garrafa de água para os presentes na reunião beberem. Quando o conteúdo acabava alguém logo tratava de encher a garrafa. Alguns lanches também acompanhavam o cenário e eram consumidos durante as reuniões. Havia ali, também, uma estatueta pequena de um anjinho sempre ao centro da mesa. Algo que passou despercebido por vários encontros foi um pequeno papel de folha de caderno que desde meu primeiro contato com esta sala esteve ali no centro da mesa, em baixo da garrafa com água. A princípio julguei ser apenas um objeto entre a garrafa e a mesa que impedia que o “suor” da garrafa que era preenchida com água gelada escorresse para a mesa. No entanto, neste aparentemente insignificante papel, duas palavras estavam escritas: “Amor e Gratidão”. A partir do que foi dito sobre a obra de Emoto e da interação de meus interlocutores com sua obra, o

simples objeto foi, aos poucos, para mim, transformando-se para o meu olhar em um “artefato”, ou seja, algo construído para funcionar no mundo e que tem agência nas relações entre as pessoas. Houve um momento em que alguém escreveu nele também o símbolo do *yantra* japonês *Cho Ku Rei*, uma espécie de L de cabeça para baixo com uma espiral saindo da extensão menor do L virado, como na figura abaixo.



Figura 8: Símbolo *Cho Ku Rei*, do Reike. O símbolo do reike é mentalizado e realizado como um mantra pelo aplicador silenciosamente durante a prática de sobreposição de mãos. Segundo os reikianos, praticantes de Reike, o *yantra* (conjunção de símbolo e mantra ao mesmo tempo) potencializa a energia de cura que é transmitida ao paciente. O reike é uma prática milenar de sobreposição de mãos e transferência energética sobre humanos, animais, plantas e objetos, segundo uma de minhas interlocutoras.

O termo artefato evoca discussões importantes no campo da antropologia da ciência e da tecnologia. O simples papel que ficava abaixo da garrafa d’água deixa de ser um mero objeto e se torna um importante artefato para o CET - Água a partir do momento em que foram introduzidas as palavras Amor e Gratidão. Aquele papel comunica a obra do japonês e a mensagem da harmonia entre o grupo. Há a expectativa de que a realidade do grupo seja ditada por esses sentimentos, mas, em primeiro lugar, tais sentimentos se expressem vibracionalmente no âmbito das “águas internas” daqueles que bebem daquela água. Juntamente com a água são aquelas palavras que vibracionalmente são bebidas pelos participantes durante as reuniões. Ou seja, o artefato sobreposto à mesa tem agência sobre o coletivo e deixa de ser um mero objeto. A própria água passa a ser um “actante” (Latour, 2004) desse coletivo, ou seja, um sujeito-objeto com ação.

A relação das águas com as palavras, como podemos ver no exemplo citado, tem grande centralidade para meus interlocutores. Sobre esse assunto, Masaru Emoto em sua obra “Mensagem da Água e do Universo” (2009) defende a seguinte tese:

No começo era a Palavra e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus”. Esta passagem no começo do Evangelho de João mostra que a palavra existia no começo, quando todas as coisas foram criadas. Um pouco difícil de compreender. O que vem a ser esta ‘palavra’? Acredito que represente, na verdade, ‘vibração’. É possível compreender esta passagem assim: Deus usou vibração para criar todas as coisas (...).

As palavras resultam das combinações de diferentes sons. O som é um tipo de energia, o mesmo que uma vibração. Deus combinou certas vibrações para criar palavras harmoniosas. Assim, em tempos antigos, palavras era a vibração que transferia energia. Deus mandou aquela vibração à Terra e criou este mundo maravilhoso. Pensando assim, a verdade ocultada na Bíblia torna-se visível (Emoto, 2009: 15).

É possível fazer uma analogia desse excerto do evangelho de João com os mantras para os budistas, palavras que tem o poder de criar. O Alcorão do islamismo fala da condição absoluta da palavra. E a palavra em sânscrito “Om” expressa a verdade universal. Para Masaru Emoto, a existência de palavras é uma condição primária para a própria existência. Maria do Socorro, coordenadora do projeto “Água como matriz ecopedagógica”, falou-me, em entrevista, sobre a importância das palavras de um ponto de vista espiritual ou energético para ela<sup>62</sup>.

O primeiro momento que eu entrei em contato com o trabalho do Emoto foi por intermédio de uma organização espiritualista, onde nessa organização prima-se muito o aspecto positivo das palavras, que nosso destino é governado pelas palavras. Os sons, pelos sons, pelas cores, pelos números, mas o mais forte é a palavra. Mas nessa organização, então, eles faziam alusão ao trabalho do Emoto como alicerce para enriquecer melhor essa idéia com a água. Se nós somos água e a água se expressa de acordo com os sons e que esses sons eles reverberam numa expressão de beleza ou não. Isso então ficou muito marcado. E num momento seguinte que eu entrei em contato com o trabalho do Emoto foi com a vinda dele no auditório da Embrapa, se não me engano em 2004. Então aí eu já estava, levei meus estudantes, participei. O grupo, eu vou chamar o grupo Calliandra, que ainda não era, mas já havia essa liga, também participou (Maria do Socorro, em entrevista).

Para a sociologia clássica o poder da palavra ou a agência das palavras, geralmente tem sido associada à intencionalidade humana. A agência das palavras é, portanto, uma espécie de agência secundária, que recebe, digamos assim, sua energia, seu poder, seu significado de alguém

---

<sup>62</sup> Em várias entrevistas realizadas com os interlocutores desta pesquisa pude observar que seu interesse pelos saberes sobre as águas influenciados pela física quântica interagem diretamente com sua afetividade e espiritualidade ligada ao elemento. As teses sobre a memória vibracional e a influência de palavras e sentimentos positivos sobre as águas e sobre nossa realidade sutil através das águas vieram a reforçar a afetividade e reverência anterior para alguns de meus interlocutores. O termo “reverência” é muito usado para descrever a atitude de tratar a água como elemento que atravessa a esfera do sagrado.

que a comunica e só faz sentido por ser um símbolo de comunicação comum a outra pessoa que a comunica. Ora, a experiência etnográfica que descrevi acima opera num contexto distinto. (1) Tanto o fato do poder das palavras não advir do ser humano, (2) quanto o fato de a palavra ser comunicada a um elemento não-humano como a água e a mesma captar esta informação são teses que estão implícitas na atitude de escrever as palavras Amor e Gratidão no papel embaixo da garrafa de água. As pesquisas citadas, como são o caso da pesquisa com os cristais de Emoto e das pesquisas com “photo kirliam” de Konstantin Koroktkov defendem, no entanto, a hipótese de que as palavras são composições de vibrações micro-físicas, independentes do ato humano de pronunciá-las. Antes mesmo de existir a linguagem tais vibrações já existiam na natureza. O humano as captou e isso foi transformado em diferentes línguas, já que foi captado em diferentes territórios energéticos.

Para meus interlocutores, no entanto, mais do que a crença na eficácia desse método de transformação da realidade a partir da água, toda esta discussão sobre a agência de palavras, pensamentos, imagens, músicas, entre outras coisas, nas águas contribui para olhar a água como “um ser especial”, “portadora de memória vibracional” e que este se desenvolva e se comunique com várias áreas disciplinares, principalmente, áreas da saúde. Ou seja, a água deixa de ser vista só como instrumento.

Além disso, tais pesquisas sobre a água estruturada e as derivações dessa hipótese têm feito as pessoas ligadas ao vetor saúde (ligadas à homeopatia, aos florais e a meditação) refletirem sobre o papel da água em suas práticas. Na entrevista abaixo, Marly fala sobre esta nova visão da água como um “elemento de cura”, dada sua natureza quântica, na prática de meditação atuando diretamente e transformando as nossas “águas internas”.

É ao mesmo tempo compreendendo que, para a saúde, este olhar da água como um elemento que não é somente um elemento que a gente utiliza para manter a nossa saúde porque nós precisamos tomar água, ou porque a gente precisa de água limpa, mas que a água é um elemento que ela, neste olhar desse Núcleo da Medicina Natural [refere-se ao Núcleo de Medicina Natural e Terapêuticas Integrativas – NUMENATI], ela traz uma mensagem, ela transfere informações, ela pode ser um medicamento não só como um diluente para diversos medicamentos como é, não só como algo que ela trata mesmo, a hidroterapia, tem vários trabalhos, ações de saúde assim, mas que ela, no meu olhar especialmente, que ela tem uma extrema relação com a meditação (...)

É bem nessa linha que eu acho que o Emoto começa a abrir as janelas, as portas, enfim. De compreender que a água, ela tem uma memória, ela tem uma... vamos chamar assim, uma mensagem. E que ela responde a estímulos, sejam ele verbais, sejam ele de pensamentos, enfim.

E que a água ela é a composição máxima do nosso corpo. Então essa compreensão de que eu posso influenciar na bioquímica do meu corpo a partir do meu pensamento, eu posso tender a uma bioquímica. Eu chamo de bioquímica mesmo, no sentido de todos os substratos, que ocorrem nas reações emocionais onde eu posso escolher estar mais com uma... assim potencializando alguns sentimentos mais positivos ou menos positivos dentro do meu corpo. E como que eu me sinto nessa relação, comigo mesmo e nessas escolhas? E como a água ela é mediadora disso? Então assim se ela enquanto molécula, enquanto fotografia dela lá nos seus átomos ela demonstra, imagine isso dentro do meu corpo? Imagine isso dentro de um trabalho em que a meditação cada vez mais está sendo confirmada, pesquisada e comprovada como uma ação de promoção à saúde, onde eu posso facilitar para que eu tenha um alinhamento maior, de uma limpeza entre aspas, em relação às formas que eu penso, que eu ajo e que eu sinto. Então, assim, tem uma relação muito estreita (Marly, em entrevista).

Particpei de algumas vivências de meditação desenvolvidas por Marly nas quais este olhar da “água como agente transformador da bioquímica do corpo” foi enfatizado. Durante o “1º Seminário Internacional Água e Transdisciplinaridade: Para uma ecologia de saberes”, Marly realizou o que chama de “mentalização” com o foco nas mensagens da água de Emoto. Ele pediu a todos que se sentassem em postura confortável e ereta. Pediu que todos respirassem profunda e calmamente. E colocou um vídeo com uma série de imagens e sons gravados da natureza de fontes diversas de águas: de ondas do mar, de cachoeiras, de chuva, entre outros sons. O vídeo chama-se “She’s alive!” (tradução: “Ela vive!”), referindo-se ao Planeta Terra como a Mãe Terra. Suas imagens evocam a respiração da Terra através dos ciclos das águas nos rios, mares, chuvas, secas, florestas. Todos, no entanto, permaneceram de olhos fechados durante um longo período, apenas escutando os sons do vídeo transmitido no Seminário. Durante esse processo ela convidou a todos os participantes da vivência: “Façamos um mergulho nessa imensidão azul de água” – disse ela, referindo-se ao Planeta Terra, evocado nos vários sons de águas que tocavam durante sua fala pausada. “Sintamos as águas que percorrem nossas veias e que jorra dos nossos corações e emitamos a gratidão que sentimos”.

Naquele contexto, Marly também pediu para todos imaginarem as palavras “Amor” e “Gratidão”. Ela então falou da obra “Mensagem da Água e do Universo” do pesquisador japonês Masaru Emoto (2009) na qual ele compara as palavras Amor e Gratidão com as moléculas de água (H<sub>2</sub>O) após ter retirado a imagem do cristal de água exposto as palavras Amor e Gratidão conjuntamente. Para ele, assim como a água possui duas moléculas de hidrogênio e uma de oxigênio, também possui duas parcelas de gratidão e uma parcela de amor. Segundo o pesquisador japonês, o amor é uma energia doadora e gratidão é uma energia receptora.

A água me ensinou que as palavras amor e gratidão têm um brilho maior. São as palavras mais importantes para a superação das crises (...) Viver no amor e na gratidão é o que originalmente era nosso destino – e o jeito mais lindo de viver (Emoto, 2009: 11, grifos do autor).

Segundo Marly: “meditar é voltar a condição de Um”. O contato com as águas é um meio que nos faz transitar para tal estado, que indica, para ela, uma ligação mais próxima com o cosmos, com a natureza e com as pessoas ao redor. Além disso, no âmbito interno de nosso corpo a prática ajuda a harmonizar a estrutura das “águas internas” provocando uma nova realidade para aquele que pratica a meditação. A meditação, portanto, evoca tantos os sentidos humanos (visão, audição, tato) em sua relação com os sons, visualização ou toque das águas, quanto a mudança vibratória das “águas internas”. A antropóloga Verônica Strang (2004) traça um paralelo entre os sentidos humanos, visão, audição, toque e sua interação com as águas buscando demonstrar como em alguma medida trata-se de experiências sensoriais universais e seu aspecto comum contribui no entendimento dos sentidos inscritos nas águas em diferentes contextos. A percepção sensorial é entendida como matriz de construção de sentido. No entanto, os sentidos diferem de contexto para contexto.

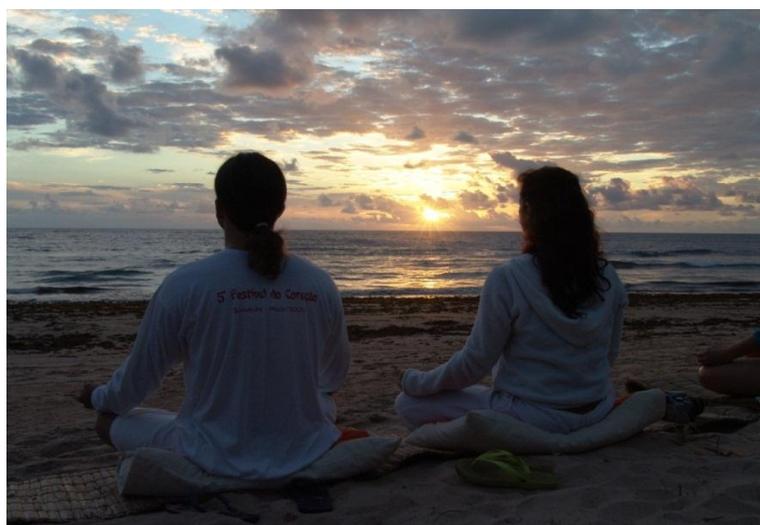


Imagem 4: Imagem cedida pela ONG Ararazul, organização-membro do CET - Água. Na foto, duas pessoas meditam à beira do mar ao nascer do sol. Essa meditação faz parte dos projetos de Marly.

Ingold apresenta tal interação como um engajamento holístico da pessoa biofísica e social simultaneamente com um ambiente particular. Dessa forma, a experiência sensorial é formada em interação com um contexto sócio-cultural e físico particular, mediada por práticas culturais e interpretada sob a luz das crenças e valores culturais. Isso cria uma considerável diversidade na experiência sensorial<sup>63</sup> (Strang, 2004:50).

As qualidades visuais da água, por exemplo, estão ligadas à luz e à cor disponíveis ao seu redor. Sua aparência muda rápida e constantemente. São comuns relatos de pessoas que ficam horas sentadas em frente a um rio, ao mar ou a uma cachoeira simplesmente olhando. Essa atitude contemplativa revela uma espécie de aspecto reconhecido como “mágico”, por alguns dos interlocutores de Strang em seu trabalho de campo em Dorset, Inglaterra. Algumas pessoas analogamente possuem tal atração, digamos, “magnética” pelo fogo.

Assim como observar a água é uma prática considerada terapêutica, a experiência auditiva é freqüentemente utilizada nas práticas de meditação. O som da água é geralmente repetitivo seguindo ritmos rápidos e tons leves. Algumas associações foram feitas por Strang (2004) tal como a associação dos sons rítmicos e circulatorios de uma cachoeira ou do mar à lembrança do estado pré-natal. A autora ainda diz que sons repetitivos são cruciais na indução a estados de transe ou estados alterados de consciência.

Parece que a água, experimentada através dos três sentidos primários, tem efeitos que são repetidamente descritos como ‘calmante’ e ‘meditativo’, capaz de focar a atenção e liberar a imaginação<sup>64</sup> (Strang, 2004: 58).

Esses mesmos significados dos sentidos atribuídos à água descritos por Strang (2004) são características que Marly descreve na relação entre água e meditação. Segundo relatos de Marly a mim, algumas de suas meditações são feitas usando o som da cachoeira como guia e em locais da natureza, como por exemplo, diante do mar, para que o praticante viva esse aspecto mágico em

---

<sup>63</sup> Ingold presents this interaction as a holistic engagement of the simultaneously biophysical and social person with a particular environment. Thus sensory experience is formed in development engagement with a particular socio-cultural and physical context, mediated by cultural practices and interpreted in the light of cultural beliefs and values. This create considerable diversity in sensory experience (Strang, 2004:50).

<sup>64</sup> It appears that water, experienced via the three primary senses, has effects that are repeatedly described as “soothing” and “meditative”, capable of focusing attention and releasing the imagination (Strang, 2004: 58).

relação à água. Para ela, o som repetitivo da água faz o praticante se integrar ao ambiente e retornar ao estado de Um, que pode ser traduzido por estado de integração ou de harmonia.

O encontro transdisciplinar de Marly com as pesquisas acima relatadas sobre os atributos quânticos da água ampliou suas percepções da relação entre humanos e o elemento dentro da prática da meditação. Para ela, a busca por uma explicação dos efeitos da meditação no âmbito das “águas internas” e da mudança da estrutura das águas no âmbito das células é fundamental para entender a eficácia da prática. A alteração das reações de emoção ou mesmo na bioquímica do corpo estão intimamente associadas à dimensão sutil da água, nas explicações de Marly. A partir dessa dimensão a água assume outros sentidos para o humano; sentidos extra-sensoriais, para além dos sensoriais e se torna mais que mero objeto, coisa da natureza, recurso, um ser especial responsável com capacidades curativas, um sujeito.

Por fim, esses sentidos que nos levam a uma percepção mais sutil da meditação, como Vera nos diz abaixo, são transformados, também, em metáforas que ensinam a agir.

A água é uma metáfora da meditação. As turbulências vêm e passam. A meditação nos leva a um estado de percepção mais sutil. Quando acontece isso você consegue enxergar para além das suas turbulências. A água só dá espelho quando está serena. Aí você olha o Céu através das águas (Vera, em entrevista).

## **5.2 ESPIRITUALIDADE E MULTIDIMENSIONALIDADE**

Como relatei no Capítulo 2, desde que conheci meus interlocutores observo que as pesquisas influenciadas pela física quântica do filme “Water” e as pesquisas de Emoto são para eles uma faceta importante dos saberes transdisciplinares sobre a água na atualidade. Para eles, tais saberes tocam numa zona misteriosa, não-determinística, holística e afetiva do conhecimento sobre as águas. Esses saberes “quânticos” formulam hipóteses próximas a saberes espirituais e filosóficos, o que mostra uma grande aproximação com a transdisciplinaridade, que afirma que diferentes tipos de conhecimento são passíveis de produzir conhecimento legítimo.

Estes saberes quânticos e espirituais têm em comum a noção de que a água é “um ser especial”, noção que confere uma definição ativa e relevante para a água; ela passa a ser sujeito e objeto para o conhecimento simultaneamente. De acordo com essas perspectivas, o elemento

pode ser visto como um “mensageiro” de vibrações sutis da realidade, uma “mestra”. Esse fato interessa ao CET - Água, pois produz um saber que contribui para construção de uma visão complexa sobre o bem, e que requer dos humanos uma atitude de cuidado. Por trás dessa visão da água enquanto um ser especial está um pressuposto bastante relevante: “a multidimensionalidade da realidade”, uma das principais confluências entre a física quântica e a transdisciplinaridade.

Esta seção busca problematizar duas questões. Por um lado, (1) a espiritualidade das águas para meus interlocutores no âmbito do CET - Água. Como se dá essa “espiritualidade” para eles? E porque espiritualidade “das águas”? Por outro lado, (2) a multidimensionalidade da realidade como intersecção entre transdisciplinaridade e saberes quânticos. Como se posiciona tal pressuposto por trás da noção de que a água é um ser especial. Como algumas derivações desse pressuposto são utilizados por meus interlocutores do CET-Água, tal como a noção de sincronicidade?

### **5.2.1 MULTIDIMENSIONALIDADE DA REALIDADE E COMPLEXIDADE DA ÁGUA**

Um dos fatores pelos quais o CET-Água apóia os saberes quânticos tem a ver com o alinhamento desses com um novo paradigma, que possui características muito próximas ou idênticas aos da transdisciplinaridade, esta mesma tendo sido desenvolvida por inspiração do físico quântico Basarab Nicolescu. Esse paradigma afirma que a produção de conhecimento deve ser menos racionalista, mais integrativa, mais afetiva, intuitiva e inclusiva, apontando para a complexidade dos fenômenos. Essas similaridades e identidades colocam a transdisciplinaridade e os saberes quânticos diante da Ciência moderna hegemônica como saberes marginais.

Segundo Fritjof Capra (1975), há, também, uma profunda relação entre os conhecimentos que a física quântica vem postulando desde seus primórdios e os saberes de algumas filosofias místicas orientais, tais como o budismo, o taoísmo e o hinduísmo. Em alguma medida, ambas as formas de pensamento buscam encontrar a realidade última, ou inteligência sutil, que governa o universo invisível. São basicamente duas as principais confluências entre esses saberes:

- (1) A tese da unidade e inter-relação entre todas as coisas;
- (2) A natureza intrinsecamente dinâmica do universo.

Ambas ajudam a compreender o que se pode entender por “multidimensionalidade da realidade”, uma hipótese complexa e sem definições precisas. O que separa o saber científico das filosofias místicas orientais basicamente é que os conhecimentos adquiridos pelo primeiro advêm e valorizam, acima de tudo, os pensamentos dedutivo e indutivo e o método científico. Já para as últimas é o pensamento intuitivo e espiritual que as orienta (Capra, 1975). Os místicos preocupam-se, em primeiro lugar, com a experiência direta da realidade, que transcende o pensamento intelectual e atravessa, em grande medida, as dimensões perceptivas e corpóreas do humano. Para esses, a realidade última não pode ser acessada pelo intelecto ou facilmente demonstrável. Dessa forma, a representação racional da realidade é muito mais fácil de alcançar do que a própria realidade.

No taoísmo há um termo para indicar a interligação complexa entre as coisas: *Ko Wu*. *Ko Wu* indica a não-dualidade. Coloca-se tudo em perspectiva, traz-se a tona todas as dimensões e conexões que explicam um processo. O olhar para um fenômeno vai depender da sua escala de análise, da dimensão para a qual se olha nele. Nas palavras de Fernando Bignardi<sup>65</sup> em sua comunicação oral no “II Simpósio Internacional Saúde Quântica e Qualidade de Vida”, que ocorreu em Setembro de 2011 em Recife, Pernambuco, a transdisciplinaridade é uma figura acadêmica que compreende justamente isso. Analogamente ao *Ko Wu*, ela busca ver em todo fenômeno a complexidade. “Plexo” significa “rede”. Os diferentes níveis de realidade acontecem nessa rede, do mais sutil ao mais denso, o nível físico ou material, e vice-versa. Dessa forma, o material só é material porque está numa forma de informação específica, mas é possível enxergá-lo a partir de outras dimensões. “A matéria é espírito condensado”, um participante do Simpósio me disse ao falar sobre o tema a mim. Dito disso, o pensamento sistêmico ou complexo abarca a multidimensionalidade.

A multidimensionalidade diz respeito aos níveis de composição tanto do humano, quanto da realidade como um todo, de um plano mais denso a um plano mais “sutil”. Segundo essa tese, o

---

<sup>65</sup> Fernando Bignardi é médico, professor da Universidade de São Paulo e pesquisa o desenvolvimento humano multidimensional através da meditação.

humano e toda a natureza, inclusive a própria Terra como um todo, estão compreendidos dentro da multidimensionalidade. Ouvi de um participante do “II Simpósio de Saúde Quântica e Qualidade de Vida” que podemos pensar esquematicamente a multidimensionalidade do humano como uma boneca russa. Temos vários corpos um contido dentro do outro. Assim, uma visão complexa da realidade humana é aquela que demonstra a boneca em suas várias dimensões entendendo as ligações entre as camadas. Esse princípio nos remete, mais uma vez, à Educação Integral. A integralidade do ser humano diz respeito as suas várias dimensões: corporal, mental, emocional, vital e espiritual, uma contida na outra e através da qual todo o processo de aprendizado deve passar segundo essa pedagogia. Nicolescu (2000) fala dessas dimensões como níveis de realidade. Para a transdisciplinaridade, portanto, existem níveis de realidade e o conhecimento se dá a partir da percepção dos fenômenos dentro de cada nível e na interação entre esses níveis. Por isso, um praticante de meditação, por exemplo, pode analisar num nível espiritual e energético provocado pela prática que a água da cachoeira produz mais energia e se torna viva; ao mesmo tempo, um pesquisador analisa a água a partir de um nível material e percebe que o pH da água da cachoeira é normalmente diferente do pH da água de uma água engarrafada e através de experimentos faz conclusões similares ao praticante de meditação. Numa perspectiva transdisciplinar, é possível ainda unir os dois níveis de análise e perceber como um está contido no outro.

Um novo princípio de relatividade emerge da coexistência entre a pluralidade complexa e a unidade aberta: nenhum nível de Realidade constitui um lugar privilegiado a partir do qual somos capazes de compreender todos os outros níveis de Realidade. Um nível de Realidade é o que é porque todos os outros níveis existem ao mesmo tempo. Esse princípio de Relatividade dá origem a uma nova perspectiva na religião, na política, na arte, na educação e na vida social. E quando nossa visão de mundo muda, o mundo muda. Na visão transdisciplinar, a Realidade não é apenas multidimensional, é também multirreferencial” (Nicolescu, 2000: 135).

A referência à multidimensionalidade dentro do Centro de Estudos Transdisciplinares da Água é feita, principalmente, pelas pessoas ligadas a seu vetor Saúde. Em geral, a idéia de que somos seres multidimensionais afeta a perspectiva de como as doenças podem ser curadas, e, principalmente, quais são as causas das doenças. Nesse sentido, uma dor no intestino não é vista somente como uma dor no intestino; ela tem, provavelmente, uma fonte que atravessa outros

níveis de realidade, talvez emocional, talvez, além desse, o nível energético ou “espiritual”. A seguir Marly comenta o assunto.

Marly: Que se faça do seu medicamento o seu alimento, né. Uma coisa assim. Então, o que eu compreendi foi que eu tava precisando e querendo um alimento a mais, quer dizer, num nível um pouco mais sutil. A compreensão da saúde dentro desta visão que - nesse núcleo hoje eu consigo ver -, é a compreensão de que somos seres multidimensionais, né. Então, em termos físicos você consegue ir até certo ponto, mas existem outras dimensões que você precisa considerar, incluir, não separar.

Lucas: E este é um princípio da transdisciplinaridade, não é?

Marly: Com certeza. Que a transdisciplinaridade também muitas vezes tem pessoa para não falar em transdisciplinaridade em alguns aspectos fala em multidimensionalidade.

No vetor Saúde do CET-Água, além da meditação, encontramos a presença de pessoas que produzem florais. Segundo Anna Luiza, representante da ONG Ararazul, as flores possuem energias vitais muito especiais. Os florais usam essas energias para a cura. Amit Goswami<sup>66</sup> durante palestra no II Simpósio Internacional Saúde Quântica e Qualidade de Vida, disse aos presentes que esta “energia vital” significa o mesmo que *Prana* para os indianos ou *Qui* para os chineses e japoneses, ou seja, uma energia infinitesimal que vivifica toda forma de vida e está presente nos elementos da natureza, principalmente na, terra, no fogo, na água e no ar. Nas palavras de Marco Menelau<sup>67</sup> também em palestra no mesmo Simpósio, “os florais são hologramas de bio-fótons que atuam na intimidade das células”, ou seja, vibrações infinitesimais das flores. Menelau disse que as flores carregam mensagens vibracionais de harmonia e saúde. Essas “mensagens” são passadas às águas através de vibrações. Nas águas essas atuam em dimensões sutis do ser humano curando-o de algumas doenças ou mal-estar. Há, portanto, a inter-relação da noção do elemento como portador de memória vibracional e elemento de cura dentro da perspectiva multidimensional de cura através dos florais. A presença da memória vibracional da flor no floral atua numa dimensão sutil do humano que ajuda a curar doenças de outras dimensões, em geral, emocional ou física.

---

<sup>66</sup> Amit Goswami é um físico quântico indiano internacionalmente conhecido por sua obra “O ativista quântico” (2010).

<sup>67</sup> Marco Menelau é um renomado médico especialista em florais.

Segundo Anna Luiza, a produção de um floral é aparentemente simples. Coloca-se uma vasilha de água com as pétalas de flores da flor escolhida sobre o Sol. Os raios de sol serão organizados como um “holograma” dentro da água. Eles serão organizados em “saltos quânticos”, que são formas peculiares de potencialização energética que, segundo ela, somente na dimensão “quântica” são possíveis e obedecem a lógicas complexas, as quais meus interlocutores não conhecem em detalhes. Enfim, os raios do Sol chegam em movimento caótico e desorganizado e dentro da água são organizados.

Lucas: E como é que funciona os florais assim de uma forma geral? Como é que você explica?

Anna: É, eles são... Essencialmente o efeito é vibracional. É a transferência da vibração daquela planta para a água. Os da Fisio Quantic [marca específica de floral] eu não sei qual é a preparação. Os de Back [outra marca] eu sei que tem um determinado dia mais favorável para a colheita e eles colhem lá numa fonte que é uma das únicas fontes que são de água pura de rocha. Então essas pétalas de flor são colocadas numa bacia de água num horário em que o Sol tem uma maior incidência e é esse processo que transfere a energia da planta para aquela água. E a partir dali é preparado com um pouco de... geralmente eles usam “brandy”, né, para a formulação, como conservante.

Lucas: E cada pessoa tem um tratamento diferenciado?

Anna: Isso. O de Back são 38 florais e para cada situação eles são, também atuam nos males que já são físicos, mas geralmente você chega a eles com base na pesquisa do estado emocional que provocou aquele sintoma.

Segundo Maria Ângela, a homeopatia, por exemplo, dentro dessa ótica vibracional ou quântica das águas capta a essência vital da substância diluída. Ela nos ajuda a curar o campo vital do humano, ou seja, o sistema energético do corpo, dentro de uma perspectiva multidimensional. Claramente, além dela precisamos estar atentos à nutrição, aos exercícios físicos. A técnica homeopática, no entanto, não é só diluição; é também sucção (ou agitação), processo que faz com que os componentes vibracionais da substância diluída se transporte energeticamente à água. Outra questão importante para a homeopatia é que quanto mais se dilui uma substância mais potente a medicação fica. Claro que há um limite para isso, mas as experiências têm demonstrado que essa é uma idéia básica da homeopatia: “o menos é mais”, segundo Maria Ângela, coordenadora do Instituto de Saúde Integral, organização-membro do CET - Água. Do ponto de vista quântico da “não-localidade” isso faz todo o sentido. Ou seja, a presença energética permanece mesmo que não exista a presença do substrato físico no local. Nas

palavras de Fernando Bignardi<sup>68</sup>: “a homeopatia é uma medicina informacional que age no campo do vital”.

Enfim, para os interlocutores do CET-Água a água deve ser vista, também, como um elemento de cura. No vetor saúde do coletivo, tanto a meditação, quanto a medicina dos florais e a homeopatia começam a se encontrar com as teses sobre a água captar e transmitir informações dentro de um encontro transdisciplinar. A multidimensionalidade é o princípio por trás disso tudo que ajuda a explicar como a memória vibracional pode atuar no nível físico, emocional ou mental do humano.

Vejamos abaixo uma boa imagem que nos ajuda a compreender a tese da multidimensionalidade. Trata-se de um círculo contendo vários círculos ou camadas internamente, tal como propôs o palestrante do Simpósio em Recife com a imagem da boneca russa de que falei acima.

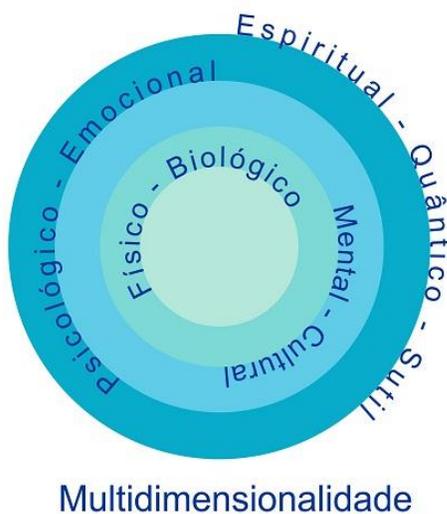


Figura 9: Multidimensionalidade: cada nível de realidade está compreendido dentro do outro.

Uma anedota significativa de minha incursão no “II Simpósio Internacional Saúde Quântica e Qualidade de Vida” se deu com Rosângela, reikiana<sup>69</sup> de Belo Horizonte, Minas

<sup>68</sup> Fernando Bignardi é médico, professor da Universidade de São Paulo e pesquisa o desenvolvimento humano multidimensional através da meditação.

Gerais. Eu a questionava sobre se ela acreditava plenamente nas idéias expostas nas palestras do dia, que haviam girado em torno do pressuposto da multidimensionalidade do humano. Rosângela riu com meu questionamento e me disse que não se tratava de uma questão daquele pressuposto existir ou não, “sim” ou “não” – indicando o dualismo de minha questão. Segundo ela, eu deveria me abrir a um lado mais intuitivo. “O que você ‘sente’ a respeito da multidimensionalidade, dessa realidade quântica que estão dizendo por aí?” – perguntou-me. Eu respondi que pensava ser uma tese interessante, mas que tem muito ainda a ser estudada. Sua reação foi inesperada para mim. Imediatamente, ao invés de continuar o diálogo sobre o tema, ela me perguntou a data de meu nascimento. Respondi sem entender muito o porquê da pergunta. Pensei: “Será que ela me acha novo demais, ingênuo?” Rosângela, então, fez uma leitura de numerologia cabalística da data de meu aniversário. Independentemente do conteúdo de sua fala, sua resposta me levou a refletir melhor sobre a própria tese da multidimensionalidade. Estávamos abordando o tema a partir de dois níveis de realidade diferentes, eu num plano intelectual ou mental, ela num plano vibracional e intuitivo. Esse plano tem outras lógicas, mas não é menos lógico que aquele plano em que eu abordei o tema. Independentemente da minha crença da eficácia da numerologia cabalística, Rosângela acionou um nível de realidade com o qual eu não estava lidando e, numa clara postura transdisciplinar, pôs-me diante de um saber que considerou não somente passível de explicar a realidade objetiva, mas horizontal ao próprio saber antropológico que eu buscava evocar naquele momento com minhas interrogações: a numerologia cabalística. Posteriormente, esse evento iria me fazer refletir sobre a necessidade de uma atitude transdisciplinar no enfrentamento do pressuposto da multidimensionalidade. Essa atitude foi um exercício que minha própria prática antropológica buscou experimentar: uma dimensão mais intuitiva do saber na interpretação de informações do trabalho de campo.

As pesquisas discutidas na seção 1 deste capítulo apontam para a água enquanto mediadora especial das vibrações sutis infinitesimais. Essa mediação faz da água uma mensageira dentro e fora do corpo humano, através dos diferentes níveis de realidade. Para o elemento ser compreendido como um “ser especial”, portanto, deve ser entendido multidimensionalmente. No seu plano quântico ela capta e transmite mensagens que são transmitidas, por exemplo, dentro do

---

<sup>69</sup> O Reike é uma prática de origem japonesa de sobreposição de mãos sobre o corpo humano, plantas, animais e objetos, bem como mentalização de situações, pessoas distantes sobre as mãos com vistas a transmissão de cura. O método acontece através da mentalização de yantras, a mentalização conjunta da figura de alguns ideogramas e seu respectivo mantra, em geral, em japonês.

corpo humano, num plano físico-químico que vai reverberar nas dimensões emocional e mental do próprio ser humano.

Na hipótese da multidimensionalidade da realidade e da integralidade do humano os domínios da natureza e os domínios social e cultural, bem como o domínio psicológico, o domínio quântico não são domínios separados ou opostos, mas estão contidos uns nos outros. Para Edgar Morin (2002), teórico da transdisciplinaridade, os seres humanos são simultaneamente 100% natureza e 100% cultura, nem mais um domínio ou dimensão do que o outro. Desse ponto de vista, a multidimensionalidade da realidade requer que entendamos tanto o humano quanto a realidade como fenômenos complexos – ou seja, em rede. Além disso, a multidimensionalidade requer a lógica do terceiro incluído, uma lógica não necessariamente linear ou dual, mas que compreenda fenômenos aparentemente contraditórios. Sem tal lógica não é possível entender que a água é ao mesmo tempo um recurso hídrico, uma coisa ou objeto para lazer, transporte, usos diversos humanos e um elemento de cura, uma mestra que ensina a agir e um ser especial, se lidamos com ela apenas em sua dimensão física estrita. Mas se evocamos uma dimensão quântica ou espiritual a água é também, além de recurso, um ser especial, que capta e transmite vibrações, podendo ser vista como mensageira ou mestra que ensina a viver. Na “transdisciplinaridade das águas”, o elemento é, portanto, ao mesmo tempo, “recurso” e “um ser especial” - definições aparentemente contraditórias. O que se busca é a tomada de consciência de que a água pode ser vista a partir de outras dimensões e que essa visão complexa nos convida a lidar com ela com mais “cuidado” e “reverência”, nos termos nativos.

O pressuposto da multidimensionalidade da realidade e os saberes quânticos dão suporte a alguns conceitos usados por meus interlocutores entre si e também na sua interpretação de determinados eventos e situações ligadas ao Centro. Os conceitos de sincronicidade e ressonância, dos quais falei no Capítulo 2, estão entre esses. Selecionei abaixo alguns trechos de entrevistas onde meus interlocutores se apropriaram desses conceitos para se referir a fenômenos e questões que dizem respeito ao CET-Água ou à própria água como elemento complexo, referindo-se direta ou indiretamente ao princípio da multidimensionalidade.

Abaixo Yara fala da água como elemento interconector entre Céu e Terra e como transmissor de informações entre o Cosmos e a Terra baseada nos conhecimentos de Schwenk (1962). Para Yara, a água “faz a grande rede”.

Sim. É interessante. Você vai ver no *Sensitive Chaos* que não é só nos cursos d'água, né. Nos rios aéreos também. Então, nos rios do nosso corpo, na seiva das árvores, esses rios estão por toda a parte, né. E ele chega, o Teodor Schwenk chega a dizer que a água é o interconector entre o Céu e a Terra. Ela leva informação da Terra para o Cosmos e traz informações do Cosmos para a Terra. Então é ela que faz a grande rede (Yara, em entrevista).

Essa perspectiva da água como responsável por fazer a grande rede carrega implícita a idéia de sua ação invisível, fazendo acontecer coincidências aparentemente impossíveis ou raras. Segundo Sérgio, por exemplo, o filme “Water” foi lhe mostrado por acaso, mas veio em boa hora, demonstrando que esforços de se revelar uma complexidade do elemento água estão sendo feitos ao redor do mundo simultaneamente. “Seriam as próprias águas que estariam promovendo tal sincronicidade?” – refere-se ao fato de várias pesquisas e esforços estarem sendo realizadas ao redor do mundo no sentido de compreensão da água como um elemento complexo. Tal indagação de Sérgio após nossa conversa deste dia também foi usada em outros momentos para descrever eventos ligados ao CET-Água por seus participantes.

A idéia de sincronicidade deriva da teoria do caos, uma teoria que diz que todos os seres e energias estão interligados numa “grande rede”. A ação de um fenômeno é sentida a grandes distâncias. Escuta-se falar das asas da borboleta que batem na América do Sul e provocam um furacão do outro lado do Planeta. Em termos quânticos, escutei durante o Simpósio de Saúde Quântica e entre meus interlocutores, que o conceito de sincronicidade indica que uma vibração feita em um lugar do Planeta pode se deslocar invisivelmente para outra parte que apresente complementaridade com aquela, tese originária de Jung (1991). Dessa forma acontecimentos simultâneos ou ligações entre fatos ocorrem, mesmo com uma probabilidade ínfima de acontecer. Um exemplo pode ser alguém pensar em uma pessoa que há muito tempo não encontra e o telefone simultaneamente tocar e ser essa mesma pessoa dizendo que sentiu saudades. Assim, o fato de vários projetos sobre a estrutura molecular das águas estarem sendo feitos ao redor do mundo é, sem dúvida, “sincrônico” para os membros do coletivo e “reverberou” no sentido de os fazerem confiar na missão do Centro. Note-se que nessa ocasião Sérgio usa a idéia de sincronicidade, no entanto, para afirmar, também, a capacidade de comunicação das águas, como Yara apontou acima, dentro de uma grande rede entre Cosmos e Terra, Terra e Céu. Sua pergunta, na minha interpretação, tomou o seguinte sentido: “Seria o próprio elemento que estaria

nos comunicando e promovendo estas várias descobertas sobre sua natureza quântica e também esse encontro de saberes, no qual atitudes como a do CET-Água estão sendo empreendidas aqui no Brasil, mas encontramos ações similares em outras partes do mundo num mesmo momento histórico?”

Aquilo que a Marly te falou do movimento das águas...delas estarem fazendo a gente discutir, se mexer. Nossa! Claro! Por que não?! Ela, a água, tem consciência! É mensageira. Ela entra no nosso corpo, permeia todas as formas do Planeta, molda tudo! O Sol no céu, a água na Terra = Vida. Tudo é energia. A pedra tem vida. A gente está chegando perto da água... acho que não vai demorar muito e vamos escutar o que os outros elementos tem a nos dizer (Shirley, em *email* após uma entrevista).

Shirley acima aponta para o Centro como sendo mais que a soma das próprias vontades individuais dos humanos presentes no coletivo. Para ela o Centro é, também, a vontade das próprias águas agindo misteriosamente para que o projeto exista. A idéia básica por trás disso é: Todo objeto e toda ação emite uma vibração própria. Há um campo vibracional em tudo o que existe, vivo e não vivo, que vai da Terra até o Cosmos. É uma grande rede complexa. As vibrações emitidas pelos objetos e ações modificam a composição dessa rede.

Quando a pessoa não está afinada com o movimento que a água gostaria de estar realizando, vamos chamar assim, se considerarmos que ela é um ser, e que ela somos nós, a gente é a água. Mas... é como se isso desse um movimento não muito harmônico, né, então assim, em alguns locais que era para acontecer um determinado tipo de parceria e não acontece. (...) Mas eu... estou dizendo isso para falar que nesta visão que aí eu acho que tem um olhar transdisciplinar também as pessoas passam a se encontrar dentro de um processo vibratório. Então assim dentro dessa linguagem da física quântica, da ciência quântica, em que os semelhantes vão se atraindo, eu penso que tenha sido um pouco disso, né [fala das origens do CET - Água]. Então a gente meio que foi encontrando pessoas e instituições, né, que tinham um pensamento e atitudes ou ações semelhantes, mas que é uma pequena amostra dentro de um grupo maior. Isso falando nas instituições que a gente agregou, que são 4 instituições públicas e 6 ONGs (Marly, em entrevista).

A associação entre as águas e o “processo vibratório” da sincronicidade foi usada freqüentemente pelos interlocutores de campo. Vejo essas associações como encontro de saberes dentro de uma atitude transdisciplinar. Ao levar à sério os saberes de Masaru Emoto, Konstantin Korotkov e os pesquisadores do filme “Water”, entre outros, como é o caso dos palestrantes do “2º Simpósio Internacional de Saúde Quântica”, os participantes do coletivo desnaturalizam os saberes da Cultura hegemônica da água e experimentam novas possibilidades de ótica, e ética,

para com o bem. Maria do Socorro dá o exemplo da vinda de Emoto a Brasília para realizar uma palestra no Museu da República em 2009. Segundo ela, foi uma “liga espiritual”, uma sincronicidade que possibilitou, através da água, a base para esse encontro acontecer e ter tido tantos participantes.

Então eu fui, já para mim já havia uma aceitação e isso foi se ampliando nesse evento mágico que aconteceu de propiciar a vinda do Emoto em 2009, que foi aquele grande evento. Que aí se tornou muito claro para o grupo a força das redes. Que nós não dispúnhamos de recursos, nós não dispúnhamos de meios midiáticos, espaço de tempo muito e nós conseguimos mobilizar muitas pessoas, que encheram aquele auditório do Museu da República, até ocupando as escadas e gente vindo de Goiânia. Então havia não só comunicação de redes, havia o que o grupo também chama de uma “liga espiritual”, uma, como se diz, uma sincronicidade. O nosso desejo de levar essa visão mais ampliada da água, aquilo reverberou. A água foi a propulsora desse encontro. Permeou, permeou. Deu a base para esse encontro. E isso nos deu muita coragem para seguir adiante. Seria essa minha percepção. (Maria do Socorro, em entrevista).

## 5.2.2 “ESPIRITUALIDADE DAS ÁGUAS”

Caros amigos, neste dia de Iemanjá, dia de Nossa Senhora das Candeias e dia Mundial das Áreas Úmidas encaminho mensagem que recebi de uma amiga que trata da cultura e da religiosidade ligada à água. Abraço, Sérgio

Grata, Sérgio. Importante para nós - que bem conhecemos o poder das águas sobre os nossos corações - não passar este dia sem uma oração à bela das águas. Como diz a tradição: ‘nenhum marinheiro que a visse resistia a se lançar ao seu encontro no mar’... Abraço, Joselita (Grupo de *e-mails* do CET - Água)

Vera, coordenadora do projeto “Água matriz ecopedagógica” foi uma interlocutora especial para mim durante este trabalho de campo. Foi principalmente através de seus olhares e percepções que conheci os fundamentos epistemológicos da transdisciplinaridade em aulas, conversas e vivências. É claro que pude observar a replicação desses fundamentos na própria prática dos membros do Centro de Estudos Transdisciplinares da Água e perceber a coerência do enquadramento de Vera sobre o assunto com as falas e práticas dos demais. No entanto, chamo a atenção para esse fato, pois foi ela, durante o trabalho de campo, quem guiou meu olhar etnográfico para um aspecto específico da transdisciplinaridade: a presença do sagrado ou espiritualidade em relação ao saber. Para os participantes do Centro, em geral, a espiritualidade é um princípio transversal a todos os vetores que se encontram no Centro, como vimos no Capítulo

3. No entanto, como tive mais contato com Vera, pude perceber com mais clareza um “algo mais” que ela chama de “espiritualidade” na sua prática. E foi partir da percepção da sua “ligação profunda” para com o elemento água que busquei, em interação com o grupo, ampliar meu olhar para explorar o tema, tanto no âmbito do coletivo como um todo, quanto em cada um de seus membros.

Latour (2004) nos chama a atenção para trabalho de “purificação” elaborado pela Ciência com C maiúsculo na produção de conhecimento. A purificação é um processo importante para o conhecimento científico, pois entre outras coisas, a Ciência separa, marginaliza, oculta, invisibiliza e esquece o teor das crenças espirituais ou adesões religiosas, bem como de outros aspectos “subjetivos” da pessoa do cientista em prol do princípio da “objetividade” do conhecer. Para o paradigma moderno de ciência, o sagrado, o religioso e o espiritual não são relevantes na produção de conhecimento legítimo, pois não passam pelo crivo dos métodos, replicações, não são avaliados por uma comunidade científica, entre outras coisas. Com isso um axioma se tornou chave na metodologia científica: as crenças, afetividades e afinidades do cientista devem ser apartadas de sua produção. No entanto, os estudos em antropologia das ciências problematizam esse princípio, ao demonstrar que cientistas carregam seus valores para o seu olhar, ouvir e para sua produção de conhecimento, mesmo que, por critérios de imparcialidade, não revelem isso aos seus pares em seus textos.

Uma das facetas da transdisciplinaridade mais clara em relação à sua quebra com a produção de conhecimento científica hegemônica diz respeito ao lugar do sagrado e da espiritualidade na produção do saber. No pensamento transdisciplinar um elemento essencial para o conhecimento é o sagrado. Segundo Basarab Nicolescu (2000), existe uma zona dos saberes a qual o intelecto, a razão e a ciência não são capazes de atravessar, zona essa que cabe ao mistério, território do “emocionar” e do inconsciente, espaço a que Nicolescu chama “zona de não resistência da Realidade”. O sagrado é aquele espaço que atravessa e está além dos níveis de realidade perceptíveis ao humano.

A zona de não-resistência corresponde ao sagrado – aquilo que não se submete a nenhuma racionalização. Proclamar a existência de um único nível de Realidade elimina o sagrado e esse nível inevitavelmente se autodestrói. O conjunto dos níveis de Realidade e sua zona complementar de não-resistência constituem o que chamamos de Objeto Transdisciplinar” (Nicolescu, B.:2000: 132).

Para Vera, não existe transdisciplinaridade sem espiritualidade, já que este é um assunto latente à zona de não-resistência da realidade, zona que não deve ficar de fora da produção do conhecimento, segundo os teóricos da transdisciplinaridade.

Lucas: Eu vou fazer uma pergunta. No meu entendimento eu vejo que a espiritualidade não existe o conceito, uma experiência só. Mas ela está muito presente em todos os membros do CET - Água e uma, eu visualizo, que talvez seja a própria constituição dessas “pessoas transdisciplinares”. Daí eu fico me perguntando se é possível uma transdisciplinaridade sem espiritualidade?

Vera: Olha, você fez uma pergunta muito interessante. Eu vou pegar Nicolescu de novo, porque ele continua sendo a pessoa que mais é... formatou esta visão mais contemporânea da transdisciplinaridade, onde ele fala que nós podemos, a transdisciplinaridade envolve, entendeu?, esta dimensão espiritual. Porque ele considera que a realidade é tudo o que resiste as nossas investigações. Então nós quando fazemos um trabalho com um conhecimento mais racional, digamos, é não só científico, mas dentro de uma racionalidade. Pode ser uma racionalidade mais sensível, pode ser até, mas de qualquer maneira o conhecimento, nós esbarramos com a resistência da realidade. Nós nunca podemos dar conta de explicar a realidade, ela sempre nos ultrapassa. Mas ele diz que tem um conhecimento que é o espiritual e que ele trabalha com a zona de não-resistência. A zona de não-resistência é exatamente aquela que a gente pode acessar por um sentimento profundo de uma experiência, vamos dizer, de religião e que vai para além dos, digamos, esquemas racionais que nós usamos para gerir, conhecer, e mesmo manejar o real no nosso dia-a-dia. Então ele diz que é um nível de percepção diferente. Então para essa zona de não-resistência, é uma percepção também diferenciada. Uma percepção que se aproxima do que podemos falar de um pensamento intuitivo, de um sentimento de mundo e um sentido de pertencimento que ultrapassa essas fronteiras da racionalidade. A gente se sabe pertencente. Isso é uma espiritualidade. É uma religiosidade sem religião, sem dogmas, sem todos os regulamentos, não é? Não codificada. Ela não trás esses códigos. Porque ela passa por uma experiência única que o sujeito é capaz de fazer. Então a gente desloca o sentido da espiritualidade das grandes religiões, onde alguém de fora é que me conduz para eu entrar em contato com isso. Assim vendo, eu acho que a espiritualidade está presente nas pessoas que trabalham, que se envolveram e criaram o CET - Água.

O processo de “religação” a que Vera se refere encontra-se ancorado nas emoções sentidas pelo sujeito diante de determinada experiência não baseada na dimensão apenas física ou material da realidade. A pessoa acessa um nível de realidade que a faz experimentar uma conexão com “algo mais” do que a realidade lógica. Essa experiência pode ser simples, como a de “estar na presença do mar” ou mais complexa como uma intuição de que se deve ir para um lugar nunca antes visitado aonde se receberá respostas para indagações difíceis. O nível de realidade espiritual que é, em alguma medida, inexplicável atravessa também outros níveis, tal como é a dimensão

psicológica, emocional e racional da pessoa, pois, como mostra a figura 9, todos os níveis estão contidos uns nos outros e se comunicam. Em conversas com pessoas ligadas ao vetor saúde do Centro escutei associações sobre a cura do nível emocional a partir do nível espiritual ou energético que atua num medicamento homeopático, por exemplo.

Esse “algo mais” na relação com a água orienta a ação de alguns de meus interlocutores. Sua ligação mais profunda com o elemento influencia sua relação de defesa ecológica deste bem. Além disso, esse algo mais gera o que eles chamam de “reverência”, uma atitude de respeito, que gera cuidado.

E aí assim em termos pessoais a minha ligação com a água é a ligação com o mar. Eu nasci em Ilhéus e nasci praticamente na beira da praia, né. E morei até os 18 anos em Ilhéus de frente do mar. Eu me lembro assim que bem pequenininha, minha mãe no verão me levava para tomar banho de mar, né. Então assim uma vez que eu fiz um, quando eu estava fazendo o curso de pedagogia Waldorf. E aí a gente teve uma vivência lá. Na pedagogia Waldorf também se trabalha sempre com vivência, o professor sempre vivenciar aquilo que ele vai trabalhar com os alunos, mesmo que sejam alunos do Jardim de Infância. Você primeiro traz a vivência para si. Então perguntaram: qual foi a sua primeira experiência com o divino? Qual a primeira experiência que você tem como registro, a memória da sua primeira experiência com o divino? Aí me veio isso. Aí faça um desenho. Me veio essa cena: eu devia ter uns 4 anos, indo para a praia com minha mãe, vendo o mar. A minha primeira experiência com o divino. O divino para mim era o mar. Aquela praia assim cedo, né.

Então é isso. Essa coisa da espiritualidade para mim hoje assim não tem assim, eu não tenho religião. Não tenho religião e ao mesmo tempo gosto de todas. Percebo assim que quando você vai na raiz de cada religião você encontra realmente, você encontra o divino. Agora, no meio do caminho, as coisas, as estruturas religiosas é que vão distorcendo as coisas. Você vai no judaísmo você encontra lá o hassidismo na origem, se você vai nos mulçumanos, você encontra lá os dervixes estão lá na origem. Todas as religiões quando você vai na origem. Os chineses, essa coisa maravilhosa que eles têm. Os japoneses eles têm essas coisas maravilhosas, os indianos têm essas coisas maravilhosas, né. Qualquer um que você vai. O candomblé, aquela coisa maravilhosa também. Então assim, essas cenas do quê é essa religiosidade, essa espiritualidade, e a água está lá (Joselita, em entrevista).

A arte, por exemplo, é capaz de nos conectar com sensações, emoções e intuições que dão significado aos fenômenos que a razão não consegue conectar. Considerando que a razão humana jamais será capaz de dar conta da complexidade sistêmica da realidade como um todo, o pensamento transdisciplinar confere ao “sagrado” e à “espiritualidade” um *status* muito importante na composição das narrativas sobre a realidade, colocando-os como produtores de saber tão legítimos quanto os saberes considerados científicos. Para todos os meus interlocutores

essa é uma esfera do saber muito relevante na explicação de sua relação com a transdisciplinaridade e com a água. “O sagrado é uma compreensão ancestral da complexidade”. “Eu respeito o que eu não conheço” (Maurício).

O sagrado é o que liga. O sagrado que une, pelo seu sentido, à raiz etimológica da palavra ‘religião’ (religare – ‘tornar a atar’), mas ele não é atributo de uma única religião. Certa vez Mircea Eliade afirmou em uma entrevista: ‘O sagrado não implica em acreditar em Deus, em deuses, ou espíritos. É... a experiência de uma realidade e a origem da consciência de existir no mundo’. O sagrado é antes de tudo uma experiência, portanto é traduzido por um sentimento – o sentimento ‘religioso’ – daquilo que liga seres e coisas e, conseqüentemente, induz das profundezas do ser humano um absoluto respeito pelos outros, com os quais ele está ligado por estarem todos compartilhando uma vida comum numa única e mesma Terra.” (Nicolescu, B., 2000: 137).

Para alguns a ligação com a água adentra essa dimensão, como outros preferem dizer, da “espiritualidade das águas”. Para o CET - Água, como um todo, enquanto projeto transdisciplinar se evidenciou a importância da valorização do aspecto sagrado das águas durante o “1º Seminário Internacional Água e Transdisciplinaridade: Para uma ecologia de Saberes” ocorrido em Novembro de 2011 em Brasília. Na composição das mesas foi muito importante para os membros a presença da mãe de santo do Candomblé, Railda de Oxum, e da mestra de Santo Daime e médica em florais, Maria Alice, que fizeram o cortejo final do evento e estiveram presentes em mesas durante o 3º dia do Seminário, que representou o estado gasoso, sutil, do elemento água. Além disso, para os interlocutores desta pesquisa a água, o ser especial que ela é, faz parte de seu coletivo, formado não só pelas pessoas, instituições e organizações, mas pela própria água que tem influência sobre tais pessoas, instituições e organizações e vice-versa. A presença da garrafa de água durante as reuniões no centro da mesa sobre o papel com os escritos “Amor e Gratidão” só foi me fazer sentido quando se findou o 1º SIAT com a cerimônia de bênção das águas citada no final do capítulo 4. Por mais que vivamos em um contexto ontológico naturalista, no qual há uma clara separação entre natureza e cultura, coisas e idéias, em alguns contextos, para meus interlocutores a agência de palavras, pensamentos e ações em relação as águas nos coloca diante de um hibridismo entre natureza e cultura nessa relação entre humano e água. A água capta a mensagem, inclusive, num nível interno ao humano, nas águas internas do corpo, e esse processo energético, ou quântico, ou espiritual, altera a realidade momentânea. A se ver o mar ou se meditar ao som das águas um processo similar ocorre, a barreira entre a água enquanto um objeto e enquanto um sujeito se borra e ela se torna as duas coisas ao mesmo tempo para

aquele para o qual vive - e faz sentido - a experiência. Tal hibridismo é ele mesmo um exemplo da lógica do terceiro incluído demonstrando que duas coisas aparentemente opostas – de acordo com a lógica linear predominante na Cultura da água com “C” maiúsculo – podem na verdade agir simultaneamente sem conflito num mesmo fenômeno. A água tornou-se, portanto, um “sujeito-objeto” para meus interlocutores, naqueles momentos em que eles mesmos levam à sério numa perspectiva transdisciplinar as hipóteses sobre a memória vibracional da água. Tudo isso contribui com a “relição” que muitos sentem em relação com o elemento.

Eu posso ir até determinado ponto, porque jamais eu vou conseguir determinar o real. Como eu posso pensar em pensamento crítico só na base racional. É preciso pensar o biológico, o emocional, o inconsciente, o sagrado (...).

São tantas as especificidades da água. Para mim ela é uma revelação enquanto essa dimensão espiritual que é possível, que eu enxergo na água, sem dúvida. Então a minha espiritualidade está muito ligada a essas formas de sentimento de reificação com a vida, de sentir que toda a vida é uma rede relacional, que nós somos afetados por esta rede relacional, e a afetamos também, e a modificamos. (...) Eu não sou do Candomblé ou Umbanda, mas eu nunca entro na água sem reverenciá-la. Eu acesso o nível do extraordinário. É verdade para mim, é importantíssimo e significativo. Tem gente que é com o fogo. No meu Lattes não tem isso (Risos) (...) As metáforas da água é a minha contribuição neste mundo de meu Deus.

Eu diria que é uma espiritualidade laica, do mundo, que está aí nos conduzindo para o que transcende e que nós não conhecemos. Quer dizer: é do mundo e não é do mundo. Porque não se esgota no mundo visível aparente. Então é e não é ao mesmo tempo, mas nos permite perceber isso com a observação e com um sentimento de encantamento com a vida, por tudo o que vive, não é? (Vera, em entrevista).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A maior crise que vivemos é a crise de percepção” (Pierre Wiesel).

Este texto descreveu e discutiu a proposta de uma nova relação entre água e humanos agenciada pelo Centro de Estudos Transdisciplinares da Água (CET-Água). A etnografia configurou-se como um estudo de caso do Centro, descrevendo e problematizando suas dinâmicas e ações, o que chamei de sua “política epistemológica” da “transdisciplinaridade das águas”. Estão presentes no Centro as áreas (vetores) da Cultura, Gestão, Saúde, Educação e Ecologia e a Ética e Espiritualidade como âmbitos transversais aos demais. Adentrei neste texto mais especificamente os vetores Educação e Saúde ao descrever a organização do “1º Seminário Internacional Água e Transdisciplinaridade: Para uma Ecologia de Saberes”, que ocorreu em Novembro de 2011 na cidade de Brasília (DF), bem como destrinchando questões inerentes ao grupo, tais como a “linguagem hidrológica” acionada pelo coletivo em muitos momentos, as idéias de circularidade e integralidade do aprendizado, o princípio da multidimensionalidade da realidade e as hipóteses sobre a água como portadora de memória vibracional e suas derivações para algumas terapêuticas de Saúde presentes, tais como a meditação, a medicina dos florais e a homeopatia.

Durante quase 1 ano de trabalho de campo participei das atividades do grupo, dentre as quais se destacaram as várias reuniões de organização do 1º SIAT. Da qualidade de “pesquisador associado” fui sendo reconhecido e me reconhecendo como um “membro” do Centro, às vezes também chamado de ING, “indivíduo não-governamental”. O acordo formalmente é entre instituições e organizações não-governamentais, mas as dinâmicas, ao longo dos dois anos de acordo, formataram-se também entre pessoas isoladas articuladas às instituições e organizações-membro.

A metodologia de ação do coletivo na execução das várias etapas de organização do Seminário parte do pressuposto de que a água é “uma mestra que ensina a agir”. Ao longo de 2011, pude constatar que várias estratégias de ação foram inspiradas em seus padrões de comportamento na natureza. Tal fato enfatiza o valor e reverência dada às águas por este grupo

que se vincula a esse bem enxergando nele, também, uma espiritualidade, ou seja, uma ligação profunda que transcende as explicações lógicas e que aciona o inconsciente e o emocional. Em seu aspecto mais profundo, a visão do grupo é contribuir com o resgate de visões milenares que enxergaram a água e os humanos de modo intimamente ligado; “híbridos” ou misturados, nos termos de Latour (2004). Dentro dessa ótica, nós, humanos, somos compostos em sua maioria por água e o Planeta também. Portanto, “a água somos nós e nós somos a água” – nas falas de uma de minhas interlocutoras.

A proposta maior do grupo é divulgar saberes provenientes não somente do universo acadêmico, mas de tradições culturais, de matrizes espirituais diversas e, também, saberes científicos marginais, desconsiderados pela Ciência (com “C” maiúsculo). Dentre esses saberes, ganhou destaque para o coletivo, desde suas origens, alguns estudos baseados na física quântica sobre a estrutura molecular das águas que disseminam a hipótese de que a água é portadora de memória vibracional; incluindo-se aí, principalmente, as pesquisas de Masaru Emoto. De modo resumido, o pesquisador japonês demonstra que palavras como, por exemplo, “Amor” e “Gratidão” são captadas pelo elemento e alteram sua estrutura molecular, formatando-se em belas formas harmônicas. Através desses conhecimentos o CET-Água busca disseminar a idéia de que “a água é um ser especial” e não apenas uma “coisa” ou um “objeto”. Dentro dessa perspectiva, não há separação entre cultura e natureza, pois a água e nós humanos, numa visão sistêmica, somos a mesma coisa. Como ouvi Vera dizer algumas vezes citando Edgar Morin “somos 100 % natureza e 100 % cultura ao mesmo tempo”. A compreensão dessa mensagem pode ter implicações significativas no que tange à preservação e à cultura de paz no Planeta.

A missão do Centro é contribuir com uma maior consciência de cuidado dos humanos para com as águas, através da percepção mais profunda de que esse cuidado é um auto-cuidado. Como diz a epígrafe inicial desta Conclusão: “vivemos uma crise de percepção”. Para o coletivo a “crise da água” é, principalmente, uma “crise de percepção”. A política do CET-Água para que a percepção humana para com a água se expanda se dá através do encontro de saberes inspirado pela transdisciplinaridade, epistemologia que visa construir um panorama que “vá além” da soma de vários saberes unidos, entre outras coisas.

Observei ao longo do tempo que o grupo de pessoas mais ativo nas várias atividades de que participei no trabalho de campo comungam de uma linguagem metafórica baseada no

comportamento das águas na natureza, a que chamei de “linguagem hidrológica”. “Água mole em pedra dura tanto baste até que fura, “a água é a senhora das brechas”, “a água é senhora da flexibilidade, da obstinação, da constância”, entre outras metáforas, são um linguajar que se tornou comum entre os pares do coletivo, construindo identidades e reconhecimentos recíprocos. Mais do que isso, construindo uma orientação para o agir do grupo em muitas situações e que foi determinante para o 1º SIAT. Por exemplo, a “circularidade da água”, metáfora e fenômeno concreto que aponta para a natureza dinâmica da água de apresentar um padrão universal de movimentos espiralares e circulares, tema discutido e analisado no livro *Sensitive Chaos*, de Teodor Schwenk (1962), foi o símbolo maior do Seminário organizado pelo coletivo. Tal símbolo não foi somente figurativo para o evento, mas descreve a visão pedagógica bastante influente no Centro, a visão da Educação Integral e Ambiental tributária do Instituto Calliandra e do projeto “Água como matriz ecopedagógica”, da Universidade de Brasília, organizações-membro do Centro. Para tal pedagogia o aprendizado se dá nas várias dimensões humanas - física, mental, emocional e espiritual -, de modo circular e orgânico. A palavra “integral” é, inclusive, sinônimo de “transdisciplinaridade” para meus interlocutores. E tal percepção de que o aprender se dá em várias dimensões aponta para um dos pilares essenciais da transdisciplinaridade e abre espaço para a discussão da água sob um ponto de vista espiritual ou quântico: a multidimensionalidade, a noção de que existem várias dimensões em todo fenômeno da nossa realidade ontológica e epistemológica. Conclui-se que a água pode ser percebida em diferentes níveis de realidade, assim como nós, humanos, apreendemos a realidade de modos distintos a partir das diferentes dimensões da realidade. As principais dimensões são, sinteticamente, a física, a mental, a emocional e a espiritual; esta última também chamada de sutil ou quântica, pois diz respeito ao universo infinitesimal e invisível das vibrações e energias do universo ao nosso redor; considerado, também, campo do mistério.

Aliada a linguagem hidrológica, pude perceber na análise das entrevistas realizadas com os atores-chave engajados na execução original do projeto sobre a memória do Centro a presença de “imagens hidrológicas” ou “hidrográficas”. Trata-se de figuras do comportamento das águas que apontam para o comportamento de meus interlocutores e do próprio Centro como um todo. Tais imagens sintetizam-se em uma “confluência” ou “encontro das águas” entre rios, nascentes e córregos que se unem e se tornam um rio maior, o próprio Centro, em prol da construção de uma

nova cultura da água. Tais imagens sugerem o passado, o presente e o futuro do Centro; este último se ligando à imagem de “fluir até se fundir ao mar”. Essa fusão simboliza “a utopia da gota d’água”, que surge pequenininha, flui por diversos caminhos até se encontrar e se fundir a outras tantas gotas, tornando-se, ela mesma, o próprio mar, tão grandioso. Na prática, atualmente o Centro vem discutindo a proposta de se ramificar em uma rede unindo-se a novos parceiros e estendendo a proposta original. A última informação que recebi de meus interlocutores é de que a rede, de nome REATA (Rede Internacional de Estudos e Ações Transdisciplinar das Águas), atualmente em discussão e elaboração, será lançada na Cúpula dos Povos, evento paralelo à Conferência Rio +20, encontro internacional ambientalista que ocorrerá no Rio de Janeiro em Junho de 2012.

Neste texto discuti, também, como as hipóteses sobre a multidimensionalidade da realidade aliada as hipóteses sobre a memória vibracional da água contribuem para uma visão ampliada da água como elemento de cura. Saberes e práticas tais como a meditação, a homeopatia e os florais começam a ser vistos sob essa ótica, influenciadas pelas pesquisas que buscam comprovar que a água é portadora de memória vibracional. Os interlocutores desta pesquisa, portanto, demonstram através de variados saberes que têm acesso e de sua própria prática cotidiana que existem múltiplas relações para com as águas; relações que podem nos ajudar a resgatar o reencantamento para com elemento que algumas tradições milenares e culturais tiveram, mesmo hoje nas sociedades capitalistas e ocidentais, que sofreram o fenômeno de uma “desmagificação” da vida através da predominância paradigmática de um racionalismo, dualismo e instrumentalismo exacerbados. O grupo não nega a noção de que a água é também um recurso instrumental, apenas procura expandir a percepção sobre o elemento, acreditando que tal ampliação de percepção terá (e já tem) profundas conseqüências na atitude dos humanos para com as águas. Inclusive, após leitura deste texto o grupo me lembrou da importância da dimensão do cuidado com a água dentro de sua visão política e participativa. A água para eles é também recurso instrumental, mas um recurso instrumental que deve ser garantido como direito humano frente aos Estados e aos organismos internacionais como as Nações Unidas. A todo o momento esta bandeira foi levantada por meus interlocutores durante o trabalho de campo. Aqui apenas optei, como já explicitado, adentrar os vetores Saúde e Educação, e não Gestão, já que existe uma ampla literatura sobre o tema.

Considerando que para a transdisciplinaridade o conhecimento é, em primeiro lugar, um auto-conhecimento, faço aqui, também, o meu relato sobre o entrecruzamento entre a transdisciplinaridade das águas e antropologia, tendo a minha pessoa como ponte, durante esta pesquisa de mestrado. Ao longo do trabalho de campo, e, principalmente, no processo de escrita etnográfica, tenho certo de que não só muito aprendi sobre mim mesmo durante esse tempo de formação quanto fui profundamente transformado de modo a não poder “voltar atrás” e, em alguma medida, ser um pesquisador que já é também um “comum” para meus interlocutores no projeto de construção de “uma nova cultura da água”.

Em primeiro lugar, quero falar da escrita antropológica como processo de aprendizado para mim. É na linha do que diz Cardoso de Oliveira (1998), e, para usar a linguagem das águas, que posso dizer que esta dissertação foi escrita em muitas “ondas”. Foi preciso a paciência, a constância, a obstinação e a flexibilidade da água para construir esta reflexão. Foi preciso muitas vezes permitir o “remanso”, o silêncio, o aquietamento das reflexões, para saber posteriormente quais rumos tomar, quais discussões e quais informações permitiam uma “confluência” entre o que era importante para meus interlocutores e o que era importante para o meu fazer antropológico. Foi preciso às vezes esperar a água turbulenta e os vendavais passarem e deixarem seus rastros no processo de pensar-escrever-pensar.

É na escrita o momento no qual a intersubjetividade entre o pesquisador, a comunidade acadêmica de que faz parte e seus interlocutores de campo se complexifica e cria pontos de contato e trocas conceituais delicadas. Pode-se realizar um trabalho de campo longo e árduo com bastante êxito, construir um bom banco “dados” e vivenciar experiências especiais, mas é ao escrever que o pesquisador pensa e repensa inúmeras vezes as categorias nativas e se vê diante de dilemas no que tange a que tipo de recortes dar aos inúmeros fenômenos em que pode se focar para promover uma reflexão substantiva, bem como naquilo em que não se deve ater no que diz respeito à veiculação de informações sobre seus interlocutores por respeito aos mesmos.

Para eu realizar um trabalho etnográfico como o que realizei foi um grande desafio e um grande aprendizado. Durante a graduação em Ciência Política fui orientado a perceber a vida social a partir da dicotomia básica sujeito *versus* objeto, além de ter participado de uma série de pesquisas onde métodos sociológicos como o “distanciamento do objeto de estudo” e a invalidação de dados devido à poluição dos mesmos por noções ou “desvios” quali ou

quantitativos no percurso por parte do pesquisador orientaram o norte das mesmas. As limitações de interação com os “objetos” de estudos me fizeram procurar um lugar onde pudesse me misturar mais com as realidades estudadas e me ancorar menos nas teorias correntes e a partir do empírico produzir um teórico mais inovador de alguma forma. Tal foi minha intenção ao migrar para a antropologia. Desde que procurei a antropologia estive, portanto, interessado nesta mudança de paradigmas que via ocorrer, nas discussões epistemológicas advindas da assimilação por parte das ciências sociais de vários conhecimentos emergentes, entre eles, os advindos da física quântica, que põe em xeque dualismos e essencialismos e constroem um universo mais sistêmico, relacional, incerto, complexo. No campo das ciências sociais, a sociologia das ciências e a teoria do ator-rede e toda sua cadeia de complexidade que contribui para um olhar antropológico mais relacional e micro-sociológico, junto com alguns escritos de Latour, começaram a chamar mais ainda a minha atenção para o assunto, de forma a me definir buscar o tema de estudo orientado pela vontade de não reproduzir a ciência social canônica. Então, ao me deparar com o CET - Água, que é uma “comunidade de aprendizagem” que está interagindo diretamente com o paradigma emergente da transdisciplinaridade e um olhar multidimensional para o elemento água, vi ali solo fértil por onde cultivar aquele interesse que me levou até a antropologia, o dos debates epistemológicos das ciências sociais, e tornei-me um aprendiz de tal comunidade ao arriscar-me exercitar a sua transdisciplinaridade ao falar dela mesma.

Como diz ainda Roberto Cardoso de Oliveira (1998) a escrita etnográfica é a continuação do confronto intercultural entre o pesquisador e seus interlocutores; momento em que tal confronto se complexifica e toma contornos minuciosos, quando é preciso selecionar o que será escrito e discutido e selecionar o que não deve ser citado por respeito às fontes e talvez pela necessidade de deixar um tema amadurecer por mais tempo antes de ser problematizado. Deve se ter o cuidado de que referência do campo antropológico pode ser usada para contribuir com uma análise de fenômenos que se dão dentro de uma teia de significados próprios. É preciso dar agência aos próprios termos nativos dentro da cadeia argumentativa do texto, como tentei fazer aqui, até na divisão de suas partes - não sem dificuldade -, e um enquadramento pessoal desses termos. Por exemplo, para meus interlocutores, a circularidade das águas, um padrão da natureza das águas, é fundamental para a construção de suas teorias de conhecimento. A circularidade das águas é comparada a circularidade do aprender numa perspectiva de educação integral ou

transdisciplinar. A noção influenciou a comunidade de aprendizagem que se formou no CET-Água e foi o símbolo não só visual, mas prático da proposta pedagógica do “1º Seminário Internacional Água e Transdisciplinaridade: Para uma Ecologia de Saberes”, a ação-chave na sua política epistemológica de agenciar o tema de uma nova cultura da água a partir da transdisciplinaridade nos últimos dois anos. Para mim tal noção era completamente nova, mas alterou e continua, pouco a pouco, alterando profundamente minha ótica em relação à água. Não posso olhar para água sem olhar para seu padrão de movimento espiral e circular. Não só isso. Ao escrever e me munir da metáfora como norte para organização desse texto, também vivenciei na prática etnográfica durante o trabalho de campo todo o processo circular de aprender sobre o - e apreender - o Centro em diferentes níveis de realidade. Em alguma medida, precisei viver na prática os princípios da complexidade, a lógica do terceiro incluído e a multidimensionalidade junto a meus interlocutores para lhes levar à sério. Vejamos como foi.

Vivenciei o CET-Água nos níveis físico e mental durante bastante tempo. Foram-me sugeridas várias referências entre textos e vídeos. Visitei atas e documentos, bem como a lista de *emails* do Centro desde sua origem. Durante algum tempo, tempo em que me envolvi com o grupo apenas como um “pesquisador associado” e o era reconhecido como tal pelos mesmos, quando apenas chegava às reuniões e me mantinha a maior parte do tempo observando – “pessoa de poucas palavras” -, ia, pouco a pouco, apreendendo o quê era a transdisciplinaridade que o Centro se propunha praticar e ia observando como o Centro a colocava em prática nos vários eventos que ocorriam. Nesse primeiro momento, observava, também, suas dinâmicas e comparava com o que os documentos diziam, problematizava e criticava as ações e dinâmicas do grupo a partir do que as referências que os mesmos me falavam dentro do que eu conseguia enxergar com meus quadros pessoais.

Aos poucos, fui tendo contato pessoal com algumas figuras do Centro de modo mais contínuo e íntimo; adentrando, digamos, novas camadas do processo de observação e participação do universo nativo. Matriculei-me na disciplina “Fundamentos Epistemológicos da Transdisciplinaridade”, ministrada por Vera Catalão, no Departamento de Educação da Universidade de Brasília. Ali, sem saber, iniciava meu processo de apreensão do CET-Água numa dimensão emocional. Durante as aulas me envolvi com os demais estudantes e com Vera, referência que me encantou por sua relação poética, espiritual e política para com as águas. Até

meu contato mais profundo com ela, de um modo um tanto quanto inconsciente, eu comungava das críticas do saber estabelecido à transdisciplinaridade. Fui percebendo em diálogos com meu orientador através de sua leitura esporádica de meus escritos que eu considerava a transdisciplinaridade um conceito – palavras minhas - “subjetivo demais” e o projeto do CET-Água “muito romântico”, e não me permitia vivenciar o projeto de uma maneira mais implicada, “de dentro” e não de fora. Eu sentia a necessidade, enquanto antropólogo em formação, de analisar a “cultura” do grupo necessariamente a partir dos quadros teóricos da disciplina antropológica. Não me passava pela cabeça, por exemplo, que conceitos como “água matriz”, “água motriz” e “água nutriz”, entre outros que viriam a ser assim utilizados, iriam nortear meu olhar e este texto, como de fato aconteceu. Através de Vera, que é professora, ambientalista e considerada por muitos uma “mestra” – não apenas no sentido acadêmico, mas por sua sabedoria na arte da Educação -, percebi que para realizar um trabalho de campo dentro da minha disciplina Antropologia com o “Centro de Estudos Transdisciplinares da Água” eu deveria ser, também, transdisciplinar e para ser transdisciplinar, em primeiro lugar, eu deveria levar à sério os princípios da transdisciplinaridade.

Em algum momento, para complexificar as discussões, e através do embate entre os diálogos que eu tinha com meu orientador e com Vera separadamente, dei-me conta de que a proposta paradigmática da transdisciplinaridade é simultânea a uma transição paradigmática que também vem ocorrendo na Antropologia (Tosta, 2010). Muitas das discussões sobre complexidade de Morin (2001) ligam-se profundamente com as discussões de teoria ator-rede e das políticas da natureza de Latour (2005), se considerarmos o princípio sistêmico por trás das propostas de ambos os autores. Com palavras diferentes ambos apontam para um entrelaçamento entre cultura e natureza na relação humana com determinados objetos, coisas ou “actantes” (Latour, 2004, 2005).

Em continuação ao que vinha dizendo, impliquei-me emocionalmente com Vera e também com Sérgio – com ele por outras vias fora do trabalho de campo, pois acabamos descobrindo que fazemos parte de espaços de interação comuns em outros âmbitos em Brasília. Ambos se tornaram referências privilegiadas dentro do trabalho de campo e dentro dessa aproximação fui percebendo, observando seus discursos e práticas, e em conversas diversas com os mesmos nas quais pude tirar dúvidas, que a proposta do Centro é menos alternativa do que

meu enquadramento pessoal e acadêmico julgava. Na verdade, até este momento eu via o uso das metáforas da água como algo corriqueiro e não como uma mensagem central que indica por si mesma que para meus interlocutores a água é uma mestra que ensina a agir e demonstra que os mesmos praticam “uma nova cultura da água” em seu projeto considerando a água “algo mais” que um recurso.

Junto ao Centro pude adentrar mais um nível de apreensão da realidade da relação humano e água, a “espiritualidade da água”. Foi um momento de muita emoção estar de mãos dadas com várias pessoas ao redor do espelho d’água em frente ao Museu da República em Brasília após participar de todo o processo de organização do evento, dos momentos de tensão e dificuldade e das saídas de flexibilidade, constância e obstinação dadas pelo grupo em relação ao Seminário. A cerimônia, para mim, que havia acompanhado todo o processo circular de produção de conhecimento no Seminário foi uma síntese do que meus interlocutores chamam de nível espiritual, sutil ou quântico do aprendizado e da própria água. Pude sentir sua reverência e alegria em se virar para as águas e cantar, agradecer e orar por sua preservação no Planeta, por sua cura.

Ao escrever, em alguns momentos, tornei-me eu mesmo um de meus interlocutores ao dar vida a suas teorias neste texto. E com isso vivi a tensão explícita descrita por Cardoso de Oliveira (1998) de confrontar os termos nativos à reflexão antropológica com a comunidade de cientistas sociais de que começo a ser parte no momento em que me vinculo a um projeto de dissertação como este. Essa necessidade de diálogo com os pares, da construção de um horizonte de entendimento comum é, ao mesmo tempo, bela e perversa. Bela, pois permite o acúmulo de saberes sobre aspectos da diversidade humana e sua interação com práticas, hábitos, culturas que ganham contornos de universalidade em processos comparativos ou mesmo revelam ângulos novos sobre a universalidade da diversidade humana. Perversa, pois o próprio linguajar antropológico está em processo de mudança e contemporaneamente muitos antropólogos já abrem mão de enquadrar o que o “outro” está nos dizendo, em palavras e em ações, de acordo com um quadro de análise que não é comum ao universo desse “outro”, distanciando aquilo que se vê daquilo que se escreve sobre, de modo a, às vezes, tornar a antropologia um ato de invenção.

O uso da linguagem hidrológica como norte de organização deste texto me reportou a uma nova ótica do próprio processo de escrita etnográfica, pois vivi o que Cardoso de Oliveira

(1998) descreve quando problematiza o encontro intercultural que ocorre com o etnógrafo como ponte entre dois universos em seu processo de escrita. Enfim, “devagar e sempre” cheguei até aqui, na constância das águas e tendo, eu mesmo, que ter tido a obstinação e flexibilidade de me abster de seguir determinados caminhos antes planejados e tomar rumos completamente diferentes do que havia previsto. Nesse ínterim, percebi em determinado momento que as palavras escritas neste texto jamais iriam conseguir explicar ao leitor certas vivências e informações observadas, experimentadas em tantos níveis de realidade.

Além do que foi dito, continuando o relato das implicações do trabalho de campo sobre o pesquisador, no caso dessa pesquisa, vi-me diante do que chamo de “dilema de proximidade aparente” ao universo estudado. A noção de transdisciplinaridade surge no meio acadêmico, do qual eu mesmo faço parte. É uma proposta epistemológica bastante alternativa para o campo acadêmico hegemônico. Somado a esse fato, a maioria de meus interlocutores têm formação universitária e engajamentos variados com a Universidade de Brasília (UnB). Até mesmo os espaços físicos de interação onde ocorreu o trabalho de campo foram aparentemente muito próximos. Muitas vezes eu saía do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, localizado no centro do Minhocão da UnB para caminhar cerca de 1 quilômetro até a sala de Educação Ambiental da Faculdade de Educação da mesma Universidade, onde ocorreram a grande maioria das reuniões do CET-Água ao longo de 2011. O próprio SIAT tinha a UnB como palco físico em seu projeto original e grande maioria do público foi de estudantes da Universidade. Muitos membros do CET-Água são acadêmicos e estão acostumados, eles mesmos, a fazerem pesquisa e entrevistas como eu o fiz tendo eles como os sujeitos sobre os quais reflito. Muitos referenciais teóricos das Ciências Sociais são referências para eles. Desde os clássicos até autores com discussões contemporâneas sobre movimentos sociais, participação política, pós-modernidade, ecologia política, gestão pública, entre outros, referências comuns à formação de um pesquisador em ciências sociais.

Além de tudo o que foi dito, sou inequivocamente um defensor das águas e desde os primeiros contatos com o grupo, identifiquei nos parceiros do coletivo estudado agentes de transformação, ou seja, pessoas engajadas e preocupadas com a preservação das águas e articulando isso com a promoção de uma cultura de paz, valores os quais orientam a minha ação no mundo, seja antropológica ou não. Assim, encontrei uma alteridade não tão diferente assim de

mim mesmo, com quem poderia trocar experiências variadas dentro de uma perspectiva de uma pesquisa minimamente engajada com o tema que a fomenta, ou seja, que tem a agenda do cuidado com as águas no mundo contemporâneo como preocupação central de seu autor. Orientei-me, também, pelo que Tosta (2010) chama de “enriquecer-se a partir do contato antropológico”.

Dentro disso, a simultaneidade do que era familiar em relação aos meus interlocutores e a mim, portanto, chocaram-me às vezes, causando-me nós internos que, somente aos poucos, foram sendo desamarrados e ainda o são. Como dito, um dos espaços de observação participante que me foi propiciado realizar foram duas disciplinas extras da Faculdade de Educação da UnB que me conferiram créditos exigidos para a formação em Antropologia. Nesse contexto, o papel de observador era também o papel de aprendiz, e o papel de participante era simultaneamente o papel de estudante. Ao mesmo tempo, que o papel de participante era o papel de pesquisador sobre o próprio professor e o papel do professor era o papel de interlocutor. Esses entrelaçamentos me foram bastante produtivos, não tenho dúvida.

Por fim, tenho certeza de que nesse processo de formação antropológica e ritual de iniciação que representou o mestrado na minha incursão ao trabalho etnográfico me nutri de grande enriquecimento a partir do contato com “as pessoas transdisciplinares” (conceito que pretendo desenvolver em artigo futuro) do CET-Água. Tornei-me uma dessas pessoas transdisciplinares ao mesmo tempo que antropólogo ao ser iniciado neste campo disciplinar. Aliar as duas coisas, creio, será sempre um desafio.

Para finalizar, uma anedota antropológica interessante ocorreu-me ao ler Teixeira e Quintela (2010) na fase final de escrita deste texto sobre a trajetória de Franz Boas e sua tese de doutorado sobre a água.

Franz Boas em sua tese de doutoramento observou que cada um via as cores da água de forma diversa, cada olho, cada cor, cada água. E essa constatação levou-o a estudar antropologia e apostar no olhar da diversidade cultural. Ou seja, natureza e cultura cruzaram-se (Teixeira e Quintela, 2010: 19).

Assim como Franz Boas viu na água uma mensagem sobre a diversidade de olhares para a diversidade cultural concluiu esta dissertação apostando que o estudo da relação entre água e

humanos pode nos revelar uma miríade de possibilidades, o que uma atitude transdisciplinar de inclusão de vários pontos de vista, abertura e tolerância em relação a diferentes saberes, de acordo com uma sociologia das ausências e das emergências (Santos, 2002) pode contribuir e ser bastante frutífera. Além de importante ecologicamente num contexto de “crise”, desta pesquisa ficou o aprendizado de que a água tem muito a nos ensinar, quem o diga é o próprio Franz Boas. Que as cores que os interlocutores desta pesquisa vêm nas águas contribua no projeto que eles mesmos desenvolvem: promover uma relação entre humanos e águas baseada na ética do cuidado e na cultura de paz.

## REFERÊNCIAS

- AEM (Avaliação Ecológica do Milênio/Millennium Ecosystem Assessment). 2005. **Ecosystems and Human Well-being: Synthesis**. Washington, D.C.: Island Press; (<http://www.maweb.org/en/index.aspx>).
- AGUDO, Pedro A., 2010. **Crisis Global Del Agua: Valores y Derechos en juego**. Cuadernos CJ, nr. 168, Zaragoza, Espanha.
- AMARAL, L. A. 2009. **Fazendo política com a natureza: Água e Ambientalismo no Distrito Federal**. Monografia de Graduação em Ciência Política. Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, Brasília.
- ANTHROPOLOGY NEWS. 2010. **Water Governance and Management**. Vol. 51, Nr. 1. American Anthropological Association (AAA).
- ANTHROPOLOGY NEWS. 2010. **The Meaning of Water**. Vol. 51, Nr. 2. American Anthropological Association (AAA).
- BACHELARD, Gaston. 1942. **L'eau et les rêves: essai sur l'imagination de la matière**. Paris: Librairie José Corti.
- BARBIER, R. & PINEAU, G. (Coord.). 2001. **Les Eaux Écoformatrices**. L'Harmattan: Paris.
- BECK, U. 1998. **La sociedad del riesgo. Hacia una nueva modernidad**. Madrid: Paidós.
- BIGNARDI, F. 2011. **A atitude transdisciplinar aplicada a saúde e sustentabilidade, uma abordagem multidimensional: a importância da meditação**. Revista Terceiro Incluído. UFG: Goiás.
- CAPRA, FRIJOT. 1983 [1975]. **O Tao da Física. Um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental**. São Paulo: Cultrix.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. 1998. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp.
- CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE. In: Educação e transdisciplinaridade. Brasília: UNESCO/USP, 2000. In: O manifesto da transdisciplinaridade. São Paulo: Triom, 2001
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. 1986. **Araweté: os deuses ca-nibais**. Rio de Janeiro: Zahar/Anpocs.

CATALÃO, Vera. 2002. **L'eau comme métaphore eco-pédagogique: une recherche-action auprès d'une école rurale au Brésil**. Tese de doutorado, Universidade de Paris VIII (Vincennes, Saint-Denis).

CATALÃO, V. & RODRIGUES, M. S. (org.). 2006. **Água como matriz ecopedagógica: um projeto a muitas mãos**. Brasília: Edição do Departamento de Ecologia, Universidade de Brasília.

CATALÃO, Vera. 2008. **Sustentabilidade e Educação: uma relação polissêmica**. In: PÁDUA, José Augusto (Org.). Desenvolvimento, Justiça e Meio Ambiente. S.Paulo:Peirópolis.

CET-ÁGUA, 2010. **Carta de Princípios**, Brasília.

\_\_\_\_\_, 2010. **Plano de Trabalho**, Brasília.

\_\_\_\_\_, 2012. **Acordo de Cooperação Técnica**, Brasília.

CHRISTOFIDIS, D., 2006. In CATALÃO, V. & RODRIGUES, M. S. (org.). 2006. **Água como matriz ecopedagógica: um projeto a muitas mãos**. Brasília: Edição do Departamento de Ecologia, Universidade de Brasília.

DESCOLA, Philippe. 1992. **Societies of Nature and the Nature of Society**. In: KUPER, A. (org): Conceptualizing Society, pp. 107-126. London: Routledge.

ELIADE, Mircea. 1994 [1949]. **“As águas e o Simbolismo Aquático”**. In:ELIADE, M. 1994. Tratado das Religiões. pp. 243-275. Lisboa: ASA.

\_\_\_\_\_, 1963. **Aspects du Mythe**, Paris, editions Gallimard, collection folio-essais.

\_\_\_\_\_, 1977. **O sagrado e o profano**, Lisboa, edições Livros do Brasil.

EVANS, Peter et al. (2002). **Livable cities? Urban struggles for livelihood and sustainability**. London: University of California Press Ltda.

GOETHE. 1949. **Canto dos Espíritos Sobre as Águas**. In: Poemas. Tradução: Paulo Quintela.

GOSWAMI, AMIT. 2010. **O ativista quântico**. São Paulo: Editor Aleph

GRAMAGLIA, C. 2005. **River Sentinels: Finding a Mouth for the Lot River**, IN: LATOUR, B. & WEIBEL. P (ed.). 2005. Making Things Public. Atmospheres of Democracy, Cambridge: ZKM, MIT Press.

JUNG, Carl Gustav. 2007. **Sincronicidade**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Vozes.

LAO-TZU. 2002. **Tao Te Ching**. São Paulo: Martins Fontes

LATOUR, Bruno. 2004. **Políticas da Natureza: como fazer ciência na democracia**. Bauru, São Paulo: EDUSC.

LATOUR, B. & WEIBEL. P (ed.). 2005. **Making Things Public. Atmospheres of Democracy**. ZKM, MIT Press, Cambridge.

- LIIMAA, Wallace (org.). 2011. **Pontos de Mutação na Saúde II**. Recife: Editora Salto Quântico.
- LOVELOCK, James. 1987. **Gaia, um novo olhar sobre a vida na Terra**. Lisboa: Edições 70.
- KUHN, Thomas. 1962 [2003]. **A estrutura das revoluções científicas**. 7.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Perspectiva.
- MACEDO, Valéria. 2009. **O homem como xamã de seus significados. A invenção de cultura de Roy Wagner e o campo aberto para a reinvenção da antropologia**. Revista Eletrônica Wiki NanSi: Núcleo de Antropologia Simétrica. Campinas: Unicamp
- MAGALHÃES, Yara. 2006. **A relação Ecologia e Educação Integral**. In: Água como matriz ecopedagógica: um projeto a muitas mãos. CATALÃO, V. & RODRIGUES, M. (orgs.). Brasília: Departamento de Ecologia.
- MATURANA, H.; VARELA, F. 1995. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Editorial Psy.
- \_\_\_\_\_. 1997. **De máquinas e seres vivos: autopoiese – a organização do vivo**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- MAUSS, M. 1990. **The Gift: The Form and Reason for Exchange in Archaic Societies**. London: Routledge.
- MORIN, 2001. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez
- MORIN, Edgar. 2002. **Ciência com consciência**. Bertrand Brasil
- MOSCOVICI, Serge. 2007. **O reencantamento do mundo**. In: Natureza: para pensar a ecologia. pp. 80-149. Rio de Janeiro: Instituto Gaia.
- NICOLESCU, Basarab. 2000. **Um novo tipo de conhecimento: transdisciplinaridade**. IN: Educação e Transdisciplinaridade. Brasília: UNESCO.
- ONU-PNUD. 1988. **Nosso futuro comum**. Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.
- PEIRANO, Mariza. 1999. **A Alteridade em Contexto: A Antropologia como Ciência Social no Brasil**. In: **Série Antropologia**. 255. Brasília.
- PFRIMER, M. H. 2008. **A Guerra da Água em Cochabamba, Bolívia: a desconstrução de um conflito**. IV Encontro Nacional da ANPPAS, Brasília, DF, Brasil.
- QUINTELA, Maria Manuel, 2012. **Cure and leisure in spa settings: an ethnographic dialogue between Portugal (Termas de São Pedro do Sul e Termas da Sulfúrea) and Brazil (Caldas da Imperatriz)**. Anuário Antropológico, 2010, volume 2. pp. 169-195

- RAMACHARACA, Yogue. 1990. **Cura Prática Pela Água**. São Paulo: Editora Pensamento
- RAMALHETE, C., 2009. Reportagem sobre o CET-Água. Encontrada em: <http://www.ana.gov.br/aguaecultura/>
- RIBEIRO, M. A. 2010. **Conservação da biodiversidade: legislação e políticas públicas**. In: Roseli Senna Ganem (org.). Série Memória e Análise de leis; n. 2. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara.
- RIBEIRO, Sérgio. 2012. **Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade na Mudança do Paradigma Instrumental do Uso da Água**. Dissertação de mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília.
- SÁ, Guilherme José da Silva. 2005. **“Meus macados são vocês”**: Um antropólogo seguindo primatólogos em campo. Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 9, volume 16 (2): 41-66.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. 2002. **Para uma sociologia das ausências e das emergências**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, 237-280.
- \_\_\_\_\_. 2006. **A ecologia dos saberes**. In *A Gramática do Tempo. Para uma nova cultura política*. pp. 137-165. São Paulo: Cortez
- SCHIFF, Michel. 1994. **Un cas de censure dans la Science: l’affaire de la mémoire de l’eau**. Paris: Albin Michel.
- SCHWENK, Theodor. 1962 [1996]. **Sensitive Chaos: The creation of flowing forms in water and air**. Londres: Rudolf Steiner Press.
- STRANG, Veronica. 2004. **The Meaning of Water**. Oxford: Berg
- \_\_\_\_\_. 2012. **Representing Water: visual anthropology and divergent trajectories in human environmental relations**. Anuário Antropológico, 2010, volume 2. pp. 213-241
- TARDE, Gabriel. 1893 [2007]. **Monadologia e Sociologia e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Cosacnaify.
- TEIXEIRA & QUINTELA, 2010. **Dossiê Antropologia e Água**. Anuário Antropológico, volume 2. Rio de Janeiro. Editora Tempo Brasileiro
- TOSTA, Lena. 2011. **Iogues Dissidentes: Pedagogia de uma (in)disciplina emancipatória**. Tese de Doutorado. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- VARGAS, Eduardo Viana. 2000. **Antes Tarde do que nunca. Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais**. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria.

WAGNER, J, 2009. **Water governance today**. Anthropol. News Vol. 51 Nro. 1.

WAGNER, Roy. 2010. **A invenção da cultura**. São Paulo-SP: Cosac Naify.

WEBER, Max. 1920 [2004]. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Rio de Janeiro. Companhia das Letras

WWF, 2010. **Relatório Planeta Vivo 2010**

WWF, 2010. **Relatório Planeta Vivo 2012**

### SITES

ANA: <http://www.ana.gov.br/aguaecultura/>

Auroville: <http://www.auroville.org/>

Casa Sri Aurobindo: <http://www.casasriaurobindo.com.br/>

CET – Água: <http://cetagua.org/>

Cultivando Água Boa: <http://www.cultivandoaguaboa.com.br/>

Dr. Korotkov's Lab: <http://korotkov.org/>.

Hado Institution: <http://www.masaru-emoto.net>

Rios Voadores: <http://www.riosvoadores.com.br/>

Sociedade Antroposófica do Brasil: <http://www.sab.org.br/antrop/>

Youtube: <http://www.youtube.com/>

Wikipédia: <http://www.wikipedia.org/>

### FILMOGRAFIA

MEDVEDEVA, Saida & ANISIMOV, Vasiliy. 2008. **Water: The Great Mystery**. Rússia. (<http://www.youtube.com/watch?v=2rI4YK823mI>)

MARK, V.; CHASSE, B.; ARNTZ, W. 2004. **What the Bleep Do We Know!?** USA.

BOFF, L. 2008. **Ética e Ecologia: desafios do século XXI**. DVD. Bahia: INGÁ

SANCTUARIA ASIA. **She's alive**. (<http://www.sanctuaryasia.com>).

CMI. 2010. **Sagrada Terra Especulada: A luta contra o Setor Noroeste**. Brasília, Brasil.